Relatos *espirituais* de Ênio Wendling

Breves registros do outro plano da vida

FEIG
FRATERNIDADE ESPÍRITA IRMÃO GLACUS

Relatos espirituais de Ênio Wendling:
breves registros do outro plano da vida

Belo Horizonte
FEIG
2016

1ª edição

ISBN

FRATERNIDADE ESPÍRITA IRMÃO GLACUS - FEIG
R. Henrique Gorceix, 30 - Padre Eustáquio, Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil
CEP 30720-416
www.feig.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F844r Fraternidade Espírita Irmão Glacus
Relatos espirituais de Ênio Wendling: breves registros do outro plano da Vida / Fraternidade Espírita Irmão Glacus ; Assessoria de Comunicação. – 1 ed. – Belo Horizonte: FEIG, 2016.

p.

Inclui índice onomástico.

ISBN:

1. Relatos espirituais. 2. Exteriorização. I. Fraternidade Espírita Irmão Glacus. II. Ênio Wendling – médium. III. Assessoria de Comunicação – FEIG. IV. Título.

CDU: 133
CDD: 133.9

"QUANDO duvidares de tudo, até de tuas próprias convicções, e o cepticismo te avassalar a alma, recorre a mim: eu sou a CRENÇA, que te inunda de luz o entendimento e te habilita para a conquista da Felicidade [...]"

(Rubens Romanelli - O primado do espírito)

A todos que buscam consolo e esclarecimentos, para que encontrem nas palavras do Sr. Ênio conforto e orientações para a vida.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer, primeiramente, ao Sr. Ênio, pela "peleja" diária, pela dedicação de vida à Fraternidade Espírita Irmão Glacus e pela sua generosidade de compartilhar conosco tantas mensagens de vida.

Nosso reconhecimento a todos os amigos que prontamente se dedicaram para que este projeto pudesse se concretizar.

Agradecimento especial à família do Sr. Ênio Wendling, pela autorização desta publicação.

Sumário

Apresentação 11

Atendimento fraterno no plano espiritual 15
Flamínius Crasso 18
O desencarne do irmão Weston 21
Auxílio a espíritos desencarnados 23
Alguns registros do plano espiritual 25
A visita de Anselmo 27
Elvira, da Cidade da Fraternidade 28
A intuição de Joseph Gleber no Cine Acaiaca 31
Sadu Ramar na FEIG 34
Notícias do plano espiritual 36
Os riscos da brincadeira do copo 38
15 anos da Fraternidade 41
Desobsessão no plano espiritual 43
Ação e reação 45
Novas oportunidades 48
Reencontros possíveis 49
O reencontro de Vitória 51
Efeitos físicos 54
Fraternidade com os irmãos 56
Cooperadores da Seara Espírita 58
A oportunidade de Alarico 60
Visitantes e cooperadores 62
O restabelecimento de Paulo 64
O trabalho de Elizabete 66
A importância da visita aos enfermos 68
Unidos pelo coração 69
Unidos rumo à libertação 71
O encontro com Eurípedes Barsanulfo 73

Novos mentores na Casa de Glacus.....75
A reencarnação que nos redime.....77
A realidade da vida após a morte.....80
O reencontro com o irmão Nilo 82
Visita ao médium Chico Xavier 84
Intrincados elos dos encontros e reencontros.....86
O amparo da Misericórdia Divina.....88
A importância da visita aos enfermos.....89
Vivendo e recomeçando.....91
A luz da amizade 93
20 anos da Fraternidade 97
O compromisso com a mediunidade.....100
O compromisso da assistência espiritual.....103
Coração a serviço 106
Como conhecemos D. Glória 109
A importância da organização das tarefas.....112
Tarefeiros em nome de Jesus.....114
Reencontro de apóstolos.....115
O amparo aos desencarnados 117
O campo espiritual da FEIG.....119
Bendita é a reencarnação 121
Irmã Scheilla 123
Um pouco sobre dois mentores da FEIG 134
Notícias do irmão 137
No livro das nossas boas ações.....141
Na esfera do recomeço 145
A visita do Padre Germano.....148
A programação das nossas encarnações.....150
Onde está o tesouro, está o coração.....153
Grupo Scheilla.....157
Espíritos tarefeiros no campo espiritual da Fraternidade.160
A importância da sintonia vibracional no ambiente.....163
Uma semente plantada não se perderá 166

A visita dos americanos 170
22 anos da Fraternidade 172
O desencarne de Cleomar 176
Perseverança 180
Renascer e aprender 183
No Instituto Chapot Prevóst 186
O Tuté voltou! O dever cumprido! 190
Nova aprendizagem redentora 193
Comprometidos com o passado 196
Livro de Irradiações 199
Recordações de tarefeiros 201
O perdão que tranquiliza 205
Não importa a crença 207
Ajuda por coletividade 211
Nosso mentor Glacus 214
Reencontros além da vida 217
José dos Lotes 221
A sobrevivência do espírito 224
Intencionados na prática do bem 227
Médicos pedem para acompanhar passes no hospital 230
Vilas espirituais (?): descobrindo e acontecendo 232
Socorro Divino 235
Bendita evolução 237
Simbiose e organização espiritual 239
Reencontros com Glacus 242
Todos somos de Jesus 245
O reencontro da família Wendling 250
Orientação para o bem 253
25 anos da Fraternidade 254
A inteligência a serviço do amor 257
Disciplina e operosidade 260
O amparo da espiritualidade amiga 262
O passe na cabine e nos lares 264

As reuniões de materialização e efeitos físicos 267
Aparelhos no campo espiritual da FEIG 272
Mensagem do Hélcio 275
O desencarne de Terezinha Maia 279
O reencontro com o Lucas 282
A Justiça Divina 285
Irmão Jucai 287
O campo de ação das reuniões de efeitos físicos 289
A tarefa do Livro de Irradiação 292
A organização no plano espiritual 294
Homenagem ao Cabete 297
Homenagem ao Clovis 299
A Doutrina Espírita e as coisas da evolução 300
O amparo espiritual 302
Encontros espirituais 304
Preparando para a mediunidade 305
Mais reencontros 308
O reencontro com Milton Fonseca 310
Reunião de efeitos físicos 312
Refazimento espiritual 314
Na sala 11 316
O encontro com Rubens Romanelli 317
Culto Cristão no Lar 319
O entendimento no plano espiritual 322
O reencarne de Ady 325
Encontro com Grolic 327
A visita de Bezerra de Menezes 329
Preparação espiritual para a reencarnação 331
Reuniões de trabalho no campo espiritual 333
30 anos da Fraternidade 335
Pedra fundamental 337
Encontro com Acácia 340
O retrato de Léo 341

O acolhimento no plano espiritual 344
Ministério do Conhecimento 346
Menino João 348
Encontro com os amigos 351
Reencontros para a tarefa 354
Irmãos colaboradores nas tarefas 356
O desencarne do irmão Toninho 358
Encontro com Anôr 360
Abençoada oportunidade 362
O socorro a espíritos durante o Culto no Lar 364
Reencontro com o Jarbas 367
O início do receituário mediúnico 369
O trabalho espiritual na reunião de efeitos físicos 370
O amparo na recuperação do Ênio 372
O encontro com Lelete 374
O mergulho para o socorro 376
O tempo passa 378

Índice 380

Apresentação

Junto com o jornal Evangelho e Ação, periódico hoje mensal da Fraternidade Espírita Irmão Glacus, nasceu também a coluna que deu origem a esta coletânea de Relatos Espirituais de Ênio Wendling.

Nas cinco primeiras edições do jornal, a coluna chamava-se "Flashes Espirituais" (1988-1989) e, por orientação da espiritualidade, a partir de julho/agosto de 1989, passou a ser chamada de "Relatos Espirituais" (1989-2014).

Os relatos aqui reunidos compartilham experiências do médium Ênio Wendling, a partir dos registros do seu espírito exteriorizado em suas atividades mediúnicas e, principalmente, na realização do Receituário Mediúnico[1] nas reuniões públicas do Centro Oriente e na Fraternidade Espírita Irmão Glacus.

Sr. Ênio era muitas vezes convidado pelos dirigentes das reuniões a relatar os registros espirituais e, ainda no Centro Oriente, irmãs que o assistiam tomaram a iniciativa de escrever o que era por ele contado e reunir esses registros. O mesmo aconteceu na Fraternidade.

Por volta de 1987, tarefeiros envolvidos com a implantação do jornal tomaram a iniciativa de registrar e organizar os relatos e, por conta dessa atividade, passaram a ser feitas reuniões nas quais o médium detalhava as experiências e, em um trabalho de equipe – formato definido pelo Sr. Ênio –, eram elaborados os textos dos relatos e publicados na coluna do jornal "Evangelho e Ação".

Os registros eram feitos pelo espírito do médium durante as atividades mediúnicas quando se exteriorizava do corpo físico e, sob o amparo de instrutores espirituais, vivenciava experiências no plano

1 Hoje Orientação Espiritual na FEIG.

espiritual na Casa e também fora dela. Os relatos eram complementados, por meio da intuição do próprio médium.

Para melhor esclarecer as faculdades mediúnica que possibilitaram os relatos, explica Martins Peralva[2] que registrar as experiências quando o espírito se desprende do corpo trata-se de mediunidade de desdobramento, uma de tantas outras desenvolvidas e vivenciadas pelo Sr. Ênio. Peralva afirma que "[...] médium de desdobramento é aquele cujo Espírito tem a propriedade ou faculdade de desprender-se do corpo, geralmente em reuniões. Depreende-se e excursiona por vários lugares, na Terra ou no Espaço, a fim de colaborar nos serviços, consolando ou curando". E continua "[...] há condições, de ordem moral especialmente, das quais não pode o médium de desdobramento prescindir [...]", sendo que nem todos se recordam do que acontece durante as experiências do espírito exteriorizado do corpo físico.

Os relatos, já publicados no jornal "Evangelho e Ação", associados à trajetória do Sr. Ênio Wendling revelam muito sobre as suas posturas pessoais: a sua humildade quando quase sempre se refere a ele como "nós" e sua dedicação constante ao trabalho na seara espírita, descrevendo-se sempre gratificado por estar na tarefa e ter a oportunidade desses contatos tão fraternos no outro plano da vida. Junto a ele nos apresenta muitos amigos e amigas caros ao seu espírito.

Desencarnado no início de 2016, ano em que a Fraternidade completa 40 anos, esteve sempre na "peleja" diária, como dizia, a ponto de sua história se confundir com a da Casa de Glacus. Surge, portanto, a ideia de uma singela homenagem ao médium Ênio e, consequentemente, à história da instituição.

---

2 PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*: segundo a obra "Nos domínios da mediunidade" de Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010. cap. 15.

O trabalho de consolidação dos relatos [3]começou com a seleção daqueles já publicados, mas logo se percebeu ser impossível escolher alguns em detrimento de outros. A decisão tomada foi a de publicar todos, sempre com o cuidado de manter a originalidade dos textos, com linguagem mais coloquial para não perder a identidade com o autor.

Nas leituras e formatações, fomos percebendo que mais que uma homenagem, tratava-se da criação de uma robusta fonte de ensinamentos que terá agora o acesso facilitado.

Uma novidade foi a atribuição, pelos organizadores, de títulos à maioria dos relatos, a fim de garantir a possibilidade de um sumário e facilitar a identificação dos assuntos. Os títulos originais foram mantidos pelos organizadores.

Ao longo do livro, notas dos organizadores serão identificadas pela sigla N.O., para que o leitor possa diferenciar das notas originais e dos acréscimos desta publicação.

As notas da redação são originais. Foram registradas em nota de rodapé quando se referiam a algum nome, termo ou expressão contidos no relato e, no final do relato, quando se tratava de texto complementar que auxiliaria no entendimento de todo o texto.

Para muitos, este livro será uma grande oportunidade de relembrar histórias já ouvidas que irão minimizar a saudade do amigo Ênio. Em conversas com algumas das pessoas envolvidas com a tarefa da coluna "Relato Espiritual", foi possível identificar a importância de cada uma dessas páginas também para os seus espíritos, tanto pela riqueza do aprendizado – que mesmo as mais breves possibilitam

3 Os relatos originais encontram-se também disponíveis nas edições do Jornal Evangelho e Ação, no endereço eletrônico <www.feig.org.br>.

–, quanto pela beleza e o significado dos contatos com o plano espiritual, relatados de forma tão natural, de maneira a sempre confortar, consolar e inspirar.

Fica, assim, o convite para a leitura destas páginas cheias de simplicidade, mas ricas em reflexões para todos nós.

E, como parte das comemorações dos 40 anos da Fraternidade Espírita Irmão Glacus, o que podemos fazer é rogar ao Mais Alto que esta Casa continue na vida de todos nós, sempre representando oportunidades de aprendizado, de consolo e de realizações na seara do bem.

Os organizadores

Atendimento fraterno no plano espiritual[4]

O relato que ora publicamos foi feito pelo médium Ênio Wendling na reunião pública de 13 de agosto de 1970 no Centro Espírita Oriente e transcrito por nossa irmã Diana Dias Souza que cuidadosamente colhia e conservava as experiências relatadas pelo médium. O dirigente da reunião foi o Sr. Jair Soares.

Quando assentados no cumprimento de nossa tarefa habitual junto ao Glacus, no desempenho da psicografia, acercaram-se de nós duas entidades do plano em que muitas vezes temos a felicidade de ter alguns momentos de intercâmbio. Era o nosso irmão Tobias e a sua esposa D. Clotildes, ambos de aparência radiosa e simpática, amparavam-nos bondosamente.

Após essa primeira acolhida, penetramos em sala ampla, onde a decoração feita com extremo bom gosto e arte fazia-se notar. Cadeiras em caviúna trabalhadas com flores de alto relevo se dispunham em ângulos mais favorecidos. Uma mesa oval completava o ambiente, exibindo em jarra flores de vários formatos e matizes, dando um toque feminino e familiar ao local.

Em um canto mais discreto, confortavelmente acomodado, encontrava-se venerável entidade aparentando 60 anos: era o instrutor Rogério. Seus cabelos brancos e brilhantes realçavam-lhe as poucas rugas. Sua fisionomia deixava transparecer vitalidade mesclada com tranquilidade e o seu ar otimista exalava extrema simpatia. Seus olhos de um azul penetrante irradiavam bondade. Nesse momento, sentimo-nos envolvidos por místico respeito e admiração. Nota-

4 Publicado pela primeira vez na edição de abril/maio de 1988, quando a coluna ainda se chamava Flashes Espirituais.

mos que fazia as suas anotações em uma escrivaninha arrumada com distinção e ordem.

Vimos, então, aproximar-se uma senhora de singela aparência, cabelos puxados em coque, em que as mechas encanecidas davam-lhe um toque de severidade. Possuía lábios finos e um rosto onde a beleza não se apagara de todo, dizia:

- Instrutor Rogério, eu estou apreensiva.

Vi nesse momento que de seus lábios saiam pequenas fagulhas de luz. Senti que a minha audição se dilatava.

- Osiris e Sérgio, os filhos que deixei ainda na infância, hoje adultos, se envolvem em trama fatal, aceleram para crimes inevitáveis, em que todo o programa evolutivo sofrerá graves consequências.

A nossa irmã aflita deixava nesse apelo transparecer grande dor, pois de suas faces rolavam lágrimas reluzentes. Bondosamente o nosso irmão Rogério estendeu-lhe a mão. Lamentei não ter conseguido acompanhar o diálogo. Porém o instrutor fez anotações e a nossa irmã, mais tranquila, deixou o recinto agradecida, louvando a ajuda dada por ele com preces fervorosas a Jesus.

Outra criatura penetrou a sala para ser atendida, embora em condições diversas. Irritadiça, sem muita cerimônia foi logo dizendo, num tratamento inadequado para a seriedade do momento:

- Irmão Rogério, preciso que o Senhor ajude o Cláudio, ele precisa voltar para a Terra, mas não quer de modo algum! Não suporto mais a sua presença ao meu lado, ele tem que reencarnar no ambiente de seu desafeto. Alberto espera-o.

Notamos, ao seu lado, um espírito pouco simpático, um tanto alheio ao diálogo que se fazia. Obeso, de feições avermelhadas e grosseiras, era o nosso Cláudio que fora na Terra seu esposo.

Não pude acompanhar o resto do diálogo.

Outro dia divisamos o nosso José Grosso a segurar-nos firmemente o braço. Do outro lado, outro amigo espiritual amparava-nos... Deixamos essa Casa. Volitamos. Senti agradável sensação de liberdade. Acompanhava-nos mais seis entidades, que não tive a curiosidade de observar em maiores detalhes. Passados alguns rápidos instantes, penetramos pequeno Hospital que identificamos ser o Prontocor. Entramos em um dos quartos, depois de percorrer pequeno corretor. Deparamo-nos com a nossa querida e dedicada companheira Ló, que se encontrava hospitalizada. Seu rosto como alabastro, pouca diferença fazia das alvas fronhas, onde deixava em abandono a sua cabeça grisalha. Seus olhos estavam semicerrados, parecia cansada. Era como se ela acabasse de deixar um campo de luta imensa de onde sairia ilesa. Embora sem forças, registrávamos a sua preocupação com o lar e com os filhos amados.

Ló é uma criatura suave e meiga ligada profundamente às obrigações familiares. Vimos em sua cabeceira a Irmã Clotildes, que em vida fora sua genitora. Mais distante a nossa Irmã Sheilla encontrasse em preces. Vimos também a enfermeira espiritual Ilka e todas na mesma atitude fervorosa. Fluidos vitalizantes caíam como salutar garôa que de imediato eram absorvidos pela enferma.

Como vimos, a espiritualidade quis que registrássemos esses acontecimentos, transmitindo aos familiares conforto e confiança.

Que esse exemplo de abnegação e amor aos encarnados, possa tocar-nos. "Aqueles que se propõem a bem viver, muito recebem de Jesus, quantas vezes forem necessárias."

Flashes Espirituais, abr./maio 1988.

Flamínius Crasso

O encontro espiritual do médium com os espíritos a serem enforcados deu-se em outubro de 1978, na reunião pública no Centro Espírita Amor e Caridade. Esse encontro é hoje relembrado com muito carinho pelo irmão Ênio para todos os nossos leitores.

Passemos ao relato.

A reunião daquela noite transcorria tranquila. O receituário se desenvolvia normalmente.

Quando exteriorizei, de pronto fui convidado pelo mentor Calimério[5] a me deslocar da reunião. No campo espiritual da casa, o relógio marcava 20h55min.

Senti mãos fortes a segurar-me os braços, tive a sensação de que voava alguns metros sobre Belo Horizonte. Em segundos constatei estar acima das luzes da cidade.

Sempre acompanhado de Calimério, senti que nos deslocávamos rumo a algum lugar mais distante. Notei uma pequena aglomeração de luzes logo abaixo e percebi que estávamos sobre uma cidade do interior. Nos deslocamos mais um pouco e descemos rapidamente em um pátio, nos fundos de uma casa de fazenda.

Olhei em torno e vislumbrei mais ao fundo do pátio um cômodo bastante extenso, com várias divisões internas.

---

5 Calimério: instrutor espiritual que assiste e orienta o médium Ênio Wendling durante suas exteriorizações.
N.O.: Optou-se pela grafia "Calimério", pois é a grafia mais utilizada nos relatos publicados no jornal Evangelho e Ação. No entanto, alguns deles traziam a grafia Kalimerium, conforme relato do próprio médium Ênio para o site da Fraternidade.

Permanecíamos do lado de fora do cômodo. Vi que pelas frestas da porta e das janelas saíam intensos raios de luz.

A porta se abriu. O nosso irmão Calimério colocou a sua mão em minha cabeça e eu reconheci o espírito de Numa Tarquínius que nos convidou a entrar naquele recinto. Entramos e reconheci de imediato outros espíritos. Tratava-se de Quinto Varros e Pompílio Severus.

Todos os espíritos presentes usavam vestes e túnicas romanas, incluindo Calimério e a mim. Reunimo-nos os cinco e passamos a orar junto a uma criatura agonizante. Esta pessoa vivia na fazenda em que nos encontrávamos, por ser portador de grave distúrbio mental, ele era conhecido na região pela alcunha de Jerônimo, o Bobo.

Enquanto fazíamos a prece, Numa Tarquínius e Quinto Varros faziam gestos magnéticos sobre o agonizante. Percebemos quando Jerônimo desencarnou e o seu imediato desligamento, que se deu da seguinte maneira: primeiro, foram desligados os pés, em seguida veio o tronco. Passamos a ouvir um leve ruído que vinha do cérebro do enfermo. Nessa altura do desligamento, o espírito já desencarnado, olhou-nos e pronunciou em latim uma frase que dizia:

"Liberto, enfim"

Nesse momento Calimério falou-me ao ouvido: "– Esse é o nosso Flamínius Crasso, o que foi pró-cônsul romano nas regiões da Dalmácia, onde hoje se situa a Albânia".

O nosso irmão recém-desencarnado assemelhava-se a um romano e vestia-se como tal.

O humilde recinto onde nos encontrávamos transformou-se de repente em ampla e luxuosa sala. Vimo-nos então como outrora no ano 79 da era cristã.

Em meio a objetos e relógios de tempo, vislumbramos um jovem, Vinicius Lúcius, que correu ao nosso encontro. Abraçou alegremente a Flamínius Crasso e disse: "– Pai querido, redimistes com galhardia as penas a vós designadas." Ao que Flamínius Crasso respondeu:

"– Fui poderoso, déspota, tolhi a liberdade de muitos, levei à loucura e à idiotia a inúmeros. Dilapidei patrimônios. A experiência do poder, para quem não está preparado, filho amado, não é boa coisa. Graças a Deus a reencarnação nos deu condições de redimir tudo isso. Estou entre amigos queridos e espero mais uma vez refazer através da reencarnação muitas coisas boas".

Alegria em todos os rostos. Calimério se deu pressa do retorno. Abraços e despedidas. Flamínius Crasso estava entre braços amigos.

O nosso amigo espiritual nos explicou que Vinicius Lúcius é um dos espíritos que compõem a equipe espiritual da FEIG.

Retornamos à reunião. Acordei. Eram exatamente 21h20min. Jerônimo, o Bobo, era Flamínius Crasso...

Vale completar, informando que hoje, anos após esse encontro, já identificamos Flamínius Crasso e Quinto Varros entre os espíritos que estão ao nosso lado nas tarefas espirituais da Fraternidade.

Flashes Espirituais, p. 3, set./out. 1988

O desencarne do irmão Weston

Ao exteriorizar, na reunião pública do dia 19 de outubro de 1989, encontrei-me com o espírito do meu irmão Weston Wendling, desencarnado em 1984 aos 25 anos de idade. Seu desencarne se deu por afogamento, na lagoa da Pampulha. Weston e mais dois senhores passeavam de barco na lagoa quando este virou, não dando tempo de salvá-lo. Os outros dois ocupantes do barco foram salvos por um soldado e por outro irmão nosso, Herbert, que se encontravam às margens da Lagoa.

Cinco anos após a sua morte, tivemos notícias suas através de uma médium que nos relatou várias passagens importantes de uma de suas encarnações anteriores. Os dados eram, porém, incompletos, por isso ao encontrar-me com meu irmão em espírito ele passou a contar mais detalhes sobre essa sua encarnação anterior.

O espírito de Weston pediu-me que assentasse para que ele pudesse dar início à sua narrativa. Assim o fiz, e ele iniciou o seu relato.

O espírito contou que viveu na Alemanha e nasceu no ano de 1791. A sua família pertencia a uma orgulhosa elite alemã, denominada "*Junker*" e possuía muitas propriedades na região de Conesburg. O seu nome era Ernesto e tinha dois irmãos: Leopoldo e Conrado.

Uma tarde, acompanhado de seu irmão Leopoldo, o Conde Ernesto fazia um passeio de carruagem por suas propriedades. Ao contornar um lago ali existente, viu dois de seus criados, Hans e Yoquim debatendo-se no meio das águas. Fritz, o cocheiro da carruagem parou imediatamente e quis correr para salvá-los, sendo imitado por Leopoldo, porém o Conde Ernesto não permitiu que eles salvassem aquelas duas criaturas, deixando que elas se afogassem. E não sentiu o menor ressentimento por ter feito isso.

Passado algum tempo, o Conde Ernesto bateu-se em duelo de espada com um outro nobre seu vizinho, o Conde Guilherme Frederico, tendo ficado o seu pulmão direito dilacerado pela lâmina. Seguia o ano de 1841.

Inconformado com a morte do irmão, Leopoldo também bateu-se em duelo com o Conde Guilherme eliminando-o com um tiro, o que deixou os pulmões do Conde cheios de chumbo.

Em 1923 renasce no Brasil o Conde Ernesto agora com o nome de Weston Wendling, tendo novamente como irmão Leopoldo, agora Hebert.

Ele explicou que o Conde Ernesto teria que viver 75 anos, mas isso não aconteceu devido ao duelo. Ele viveu apenas 50 anos, ficando os 25 anos de programa reencarnatório para serem completados.

Ao renascer novamente e desencarnar aos 25 anos ele cumpriu o seu programa e resgatou a culpa na morte dos dois criados.

Weston contou ainda que os outros dois ocupantes do barco eram os seus criados que morreram afogados, reencarnados também no Brasil. Herbert, que na reencarnação passada como Leopoldo não teve oportunidade de salvar Hans e Yoquim a tem agora ao ajudar Fritz reencarnado também no Brasil e exercendo a profissão de policial a salvá-los.

Fica-nos então desse relato, mais uma lição de sabedoria e justiça do Mestre maior, Jesus. Que Ele possa nos ajudar a confiar e a ter fé hoje e sempre.

Evangelho e Ação, p. 3, nov./dez. 1989.

Auxílio a espíritos desencarnados

Relato feito pelo médium Ênio Wendling, na reunião pública de sete de setembro de 1989, quinta-feira, na Fraternidade Espírita Irmão Glacus (FEIG).

Ao exteriorizar, adentrei amplo salão no plano espiritual semelhante ao salão de reuniões públicas da Fraternidade.

O salão estava apinhado de espíritos que nos atormentam em nossos lares. Um desses espíritos aproximou-se de mim e rindo muito disse que estava conseguindo criar sérias dificuldades em lares espíritas.

Calimério explicou-me que os espíritos reunidos nesse salão do plano espiritual foram selecionados para receber auxílio e não perturbar mais. Eles encontravam-se ali para ouvir os comentários acerca do Evangelho Segundo o Espiritismo.

Em seguida passei a outro salão também no plano espiritual da FEIG e encontrei-me com o Professor Rubens Romanelli que me disse: "Ênio, esse encontro com você nos traz grande alegria".

Ao entrar no salão, notei que estava sendo realizada uma reunião. Ela era presidida por Eurípedes Barsanulfo, que fazia neste instante a prece inicial, de seu tórax saiam raios de luz que se esparramavam a sua volta.

Terminada a prece, aparelhos de reprodução sonora foram ligados para que os espíritos pudessem ouvir o orador que no plano material proferia uma palestra sobre materialismo. Eram 48 espíritos que faziam anotações sobre o que ouviam.

O instrutor Calimério colocou a sua mão sobre a minha cabeça e pude ver outros espíritos. Romanelli olhando para mim disse: "olha

o nosso Camilo Flamarion", e o disse em francês [6], sendo perfeitamente entendido por mim.

Após estes encontros fui levado para outro andar e pude me refazer, ficar mais tranquilo.

Durante essa experiência, fui acompanhado também pelos espíritos de Eric Wagner, Ferens, Hellen Mayer, dentre outros.

Decorrido algum tempo, voltei novamente ao nosso salão de reuniões públicas, o receituário chegara ao fim naquela noite...

Evangelho e Ação, p. 5, set./out. 1989.

6 O médium não fala o idioma francês.

Alguns registros do plano espiritual

Temos alguns quadros interessantes para contar hoje.

A reunião pública do dia 9 de fevereiro de 1989 transcorria normalmente. Exteriorizei e vi imediatamente o nosso instrutor Calimério, que deixou-me tranquilo.

Vi um corredor, no plano espiritual, de aproximadamente 15 metros de extensão. Segui por ele e entrei numa sala a minha direita. Nessa sala havia uma fila de espíritos sendo atendidos por uma jovem que fazia anotações. Caminhei mais um pouco e aproximei-me do espírito de uma senhora. Ela me disse: "– Lá em casa ninguém me ouve. Meu esposo está tão diferente e minhas filhas nunca as encontro no lar. Ninguém me ouve... Eu vim aqui ao Centro em busca de uma orientação". Nesse instante Calimério pediu-me que não aprofundasse no assunto.

Segui adiante. Pude observar que espíritos tarefeiros da FEIG ligavam aparelhos semelhantes a alto-falantes para que todos do plano espiritual pudessem ouvir a música cantada pelo Coral da nossa Casa.

Notei que perto do coral estavam sete espíritos alemães ladeados por Euzébio[7], espírito tarefeiro da Fraternidade. Esses espíritos se encontravam em visita ao Brasil e a nossa FEIG, e ao mesmo tempo estavam sendo preparados para se reencarnarem aqui.

Pude perceber também um espírito nimbado em luz. Esse espírito era o de uma jovem de aproximadamente 19 anos, cabelos anelados que se chamava Rita. Ao mesmo tempo percebi o espírito do nosso

7 Instrutor Euzébio: espírito que tem por tarefa primordial recepcionar os espíritos que vem a Casa de Glacus.

instrutor Venâncio também resplandecendo em luz. Venâncio é o espírito responsável por mais 22 espíritos que trabalham no auxílio aos nomes constantes no livro de radiação.

Divisamos ainda mais alguns espíritos, mas Calimério, bondosamente, avisou que o receituário estava no fim e que precisava voltar.

Evangelho e Ação, p. 3, jul./ago. 1989

A visita de Anselmo

Há pouco tempo atrás, estando exteriorizado em dependência espiritual já conhecida, aproximou-se o espírito de nosso irmão Euzébio trazendo Anselmo com ele.

O irmão Euzébio tem como uma de suas tarefas no campo espiritual recepcionar os visitantes. Anselmo hoje é um visitante. Quando encarnado ele foi diretor do Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla. Foi trabalhador assíduo nas tarefas de visita a enfermos e campanha do quilo.

Anselmo chegou bem próximo a mim e disse: – Ênio, sei que você não está desencarnado, sei muito bem. Tirou um lenço do bolso do paletó, enxugou as lágrimas e disse que ainda não havia visitado sua mãe – D. Maria – também desencarnada. Pediu-me, ainda, para abraçar Osmar Assad do Grupo Scheilla, Nida, irmã dele, o Jarbas e o Cristóvão.

Nesse instante, fiquei surpreso e lhe disse: – Anselmo, o Cristóvão já está desencarnado. Anselmo então pede que eu lhe dê o endereço de Cristóvão. Fiquei ainda mais surpreso. Foi então que Calimério, espírito amigo que me assiste, fez sinal para Euzébio e este nos diz que possui os elementos necessários para localizar Cristóvão.

Após esse pequeno diálogo, recebi um abraço fraterno de Anselmo e retornei ao receituário.

Reunião pública de 17 de maio de 1990 na FEIG.

Evangelho e Ação, p. 3, nov./dez. 1990.

Elvira, da Cidade da Fraternidade

Em julho de 1970, fui com uma caravana de companheiros do Grupo Scheilla, visitar a cidade da Fraternidade no Estado de Goiás. Lá ficamos conhecendo uma garotinha de cerca de quatro a cinco anos, de nome Elvira, filha de um homem humilde, pai de dez filhos conhecido pelo nome de Mil Réis.

Entre Elvira e eu estabeleceu-se logo grande afinidade. Passamos os dias passeando e conversando muito. Pensei em trazê-la para Belo Horizonte para morar conosco, para que ela tivesse oportunidade de estudar. Conversei com ela sobre isso e até pedi autorização a seu pai para fazê-lo. Combinamos que eu voltaria no final do ano para busca-la. Ao retornar a Belo Horizonte, conversando com minha esposa sobre o assunto, concluímos que não seria conveniente trazer Elvira, uma vez que já possuíamos cinco filhos e a situação financeira era apertada. Não voltei para busca-la, mas sempre me lembrava dela com muito carinho.

Nessa mesma visita, passeando pela Cidade da Fraternidade, juntamente com D. Edith Horta e seu sobrinho Carlinhos, após atravessarmos o Rio Piçarrão e caminharmos por muito tempo, deparamos com uma casa humilde à beira do caminho. Como o sol estava quente, paramos nessa casa para cumprimentarmos os moradores e bebermos um pouco de água. Antes de entrarmos, porém, chamou-nos a atenção uma cruz de madeira à frente da casa.

Fomos conduzidos ao interior da residência por uma senhora que trazia ao colo uma criança de cerca de três anos. Percebemos um machucado na perna da criança, na altura do tornozelo. Era uma mancha escura, parecia que o local havia sido queimado.

Assentamos num banco no interior da casa, bebemos água e começamos a conversar com a dona da casa. Ela contou que a criança

que trazia ao colo – o Dito – havia sido mordida por um "bicho bravo" (cobra). Ela o socorreu enchendo-lhe a boca com pimenta malagueta e fazendo-o engolir. Ele desmaiou, após recobrar os sentidos, estava bom. O local da picada, porém, infeccionou lesando os tecidos.

Perguntei à dona da casa sobre a cruz de madeira na entrada. Ela contou-nos que era sua filha de nove anos que estava enterrada lá e que ela havia morrido de "gagazo". Sentiu dor de garganta e dificuldade de respirar por dois dias, depois faleceu. Antes de ser enterrada, perceberam placas brancas saindo do nariz e boca da criança. Deduzi que ela havia morrido de crupe.

Despedimos dos moradores e voltamos para a Cidade da Fraternidade, comentando que a mulher salvou seu filho ao ser intuída a dar-lhe pimenta, mas a morte da menina intrigou-nos. No rincão do Brasil, a 1.300 metros de altitude, morrer de crupe era realmente estranho.

Como a doença havia chegado lá num local tão isolado?

Muitos anos depois (1986), voltando da Cidade da Fraternidade fiquei sabendo que Elvira havia desencarnado prematuramente, em situação dolorosa. Senti uma tristeza muito grande. Cheguei mesmo a pensar se essa tragédia teria sido evitada caso ela estivesse vindo estudar em Belo Horizonte.

Passaram-se 20 anos desde o dia em que conheci Elvira na Cidade da Fraternidade. No dia 27 de setembro próximo passado, na reunião pública de quinta-feira, estando eu exteriorizado, encontrei-me com Elvira. Ela estava tristonha, aparentava mais ou menos 16 anos. Deslocamos para fora do campo espiritual da FEIG. De repente, estávamos em frente à casa do Dito, próxima a Cidade da Fraternidade. Percebi novamente a cruz em frente à casa e uma

moça ao seu lado – era o espírito da criança que havia sido enterrada lá. A moça aproximou-se de nós, minha visão foi ampliando-se e vi com nitidez, no local onde havia a casa humilde, surgir um convento amplo. Na fachada do convento havia uma inscrição em latim onde se lia: Convento de Monza – 1643. Olhei para Elvira e para a moça – que chamaremos por Maria – e as vi de hábito. Maria aproximou-se de mim e começou a narrar.

– Ênio, está tudo certo. A lei funcionou. Em tempos distantes, os fidalgos, que eram considerados hereges, sucumbiam. Suas esposas e familiares eram acolhidos nesse convento, por algum tempo, até que pudessem doar seus bens para a igreja. Após as coações, seguindo ordens minhas – que era priora do convento – muitos sucumbiam sufocados ou estrangulados. Por isso desencarnei assim. A mamãe e o Dito foram contemporâneos.

Voltei ao receituário. Numa próxima oportunidade, com toda certeza, nossa irmã Maria continuará a sua narrativa.

Evangelho e Ação, p. 3, set./out. 1990.

A intuição de Joseph Gleber no Cine Acaiaca

Há cerca de 25 anos atrás, numa quarta-feira à noite, resolvi ir ao cinema assistir a um filme francês. Passei pela casa de minha mãe e de lá me dirigi ao Cine Acaiaca a fim de assistir à seção das 20h. Comprei o ingresso, passei pelo *hall* de entrada do cinema, entreguei o bilhete ao porteiro, dei alguns passos e detive-me um pouco a frente para pentear os cabelos num espelho existente ao fundo do hall de entrada. Ao olhar no espelho vi, além da minha própria imagem, a figura de Joseph Gleber – mentor de vários grupos de fraternidade no Brasil – que balançava a cabeça de um lado para o outro, querendo dizer-me para não entrar no cinema. Tentando ignorar essa visão, fui ao *toilete* antes de entrar na sala de projeção. Senti contrariedade por ser advertido pelo espírito amigo a não entrar. Nesse instante, profundo desânimo apoderou-se de mim, por essa razão, saí do cinema, desistindo de assistir ao filme.

Fui até o Café Nice, tomei café pensando em como aquela noite estava monótona. Saí do café e segui pela Av. Afonso Pena em direção ao cinema novamente. Neste momento, vi uma jovem senhora aparentando 25 anos mais ou menos com uma criança de uns cinco anos. Junto as duas havia um espírito de uma criança nimbada de luz que puxava a mão da mulher, tentando impedi-la de prosseguir seu caminho. Senti vontade de dizer-lhe o que eu via. Apesar do acanhamento, aproximei-me e disse-lhe: – A senhora não deve ir aonde pretende. Notei que eu a havia assustado, pedi-lhe desculpas e afastei-me. Voltei para casa preocupado pensando em como pude abordar uma pessoa estranha daquela maneira.

Ao chegar em casa, recebi um comunicado de que deveria fazer uma visita a uma criança de dez anos, filha de um companheiro

de um grupo espírita, que estava com problemas espirituais. Nesse instante senti alívio por ter sido advertido a não entrar no cinema, pois a tarefa de visita era urgente.

Passados 25 anos desses acontecimentos, encontrava-me em um banco comercial, ao lado do café Nice, preenchendo um formulário, quando uma jovem morena de uns 30 anos mais ou menos, aproximou-se de mim e pediu licença para oferecer-me um livro. Entregou-me o livro "Minutos de Sabedoria" e foi embora. Achei o fato interessante apesar de não entender a razão do presente.

Mais ou menos dois anos se passaram. Numa quinta-feira à noite, por volta do ano de 1980, encontrava-me na reunião pública na Casa de Glacus, a época à Av. do Contorno em frente ao Hospital Arapiara. O dirigente da reunião era Geraldo Apolinário. A tarefa do receituário ainda não havia começado, pois eu ainda estava separando as receitas para os médiuns. Olhei para o público e vi uma senhora de uns 55 a 57 anos olhando para mim e sorrindo. Voltei o olhar para a esquerda da mesa e vi sobre ela o livro "Minutos de Sabedoria".

Terminando o receituário, já no fim da reunião, vi novamente o espírito da mulher que nesse momento disse-me: – Muito obrigada por aquela noite. O livrinho fui eu, através de minha filha, quem lhe presenteei, naquela casa bancária. Graças a Deus estou bem. Aquela criança é meu amparo nessa nova situação onde me encontro há dois anos. Disse-me, ainda, que aquela criança que eu havia visto há muitos anos atrás nimbada de luz é um espírito de um velho amigo que vem amparando-a na vida espiritual. Após dizer essas palavras a mulher desapareceu.

Novamente pensei na intuição de Joseph Gleber no Cine Acaiaca. Deixando de assistir a um filme, que não traria a mim nenhum bem-estar espiritual, foi possível ajudar a essa senhora e ainda realizar a visita àquela criança enferma.

Há cerca de um ano atrás, encontrava-me exteriorizado no campo espiritual da FEIG, quando vi novamente o espírito dessa senhora. Ela estava na cabine de passes aprendendo a exercitar suas possibilidades nessa tarefa. Provavelmente, no futuro, ela terá condições de intuir as pessoas da mesma forma como foi orientada naquela época. Que Jesus nos abençoe!

Evangelho e Ação, p. 3, jul./ago. 1990.

Sadu Ramar na FEIG

Há anos atrás, ao visitar o Grupo da Fraternidade Henrique Diniz em Manhuaçu, Minas Gerais, tive a oportunidade de divisar, no plano espiritual, um espírito moreno, de cabelo pretos, olhos grandes e expressivos, sobrancelhas espessas, nariz afilado, trajando túnica e turbante característicos dos hindus. Seu nome era Sadu Ramar.

Sadu orientava diretamente o senhor José Luiz Ribeiro, que por esse motivo era conhecido como "Sadu", na criação de novos Grupos da Fraternidade.

Desde essa data, passaram-se anos sem que eu tivesse notícias do senhor José Luiz Ribeiro ou do espírito de Sadu Ramar.

Recentemente, ao me exteriorizar em reunião pública da FEIG, vi, novamente no plano espiritual, Sadu Ramar que acompanhava o senhor José Luiz Ribeiro já desencarnado.

O senhor José Luiz encarregou-me de pedir notícias de seu filho, Jesiel, e Jarbas, seu amigo. Nesse momento Calimério, meu instrutor espiritual, disse que eu voltaria outro dia com as informações a respeito de Jesiel.

Voltei-me a Sadu Ramar. Quando ele se aproximou de mim ouvi a canção de Luna ao fundo, sua música predileta, e fiquei sabendo um pouco mais a seu respeito.

Sadu Ramar hoje integra o quadro de trabalhadores espirituais da FEIG tendo tarefas em várias frentes de trabalho. Podemos citar duas tarefas desse abnegado amigo do plano maior da vida; uma delas é na Creche Irmã Meimei junto às crianças e outra é a de colher substâncias das plantas para tratamento dos enfermos.

Foi para nós gratificante saber que esse estimado espírito encontra-se também na Casa de Glacus. Oportunamente teremos maiores informações a seu respeito.

Evangelho e Ação, p. 4, maio/jun. 1990.

Notícias do plano espiritual

O relato deste mês tem por objetivo dar notícias a parentes de algumas pessoas já desencarnadas e que tivemos a felicidade de encontrar no plano espiritual. Alguns desses espíritos foram nossos conhecidos em vida, outros não tivemos a felicidade de conhecer.

Passemos aos pequenos recados mandados por eles.

Ao exteriorizar, encontrei-me com espírito de Antônio Vasconcelos que me cumprimentou e disse ter sido médium em São João da Boa Vista, São Paulo, e que poderia ter feito mais na tarefa espírita, mas estava bem.

Presentes também os espíritos de José Travassos, de Campinas, e Zózimo, de Mogi-Guaçu, que contou já estar integrado a tarefas no plano espiritual e mandou um grande abraço para o Sr. Jair Soares, de Belo Horizonte.

Em 1938 tivemos o prazer de conhecer o Antônio Cavalieri, de Pinhal, São Paulo. Hoje ele está desencarnado e nos reencontramos novamente. Ao conversarmos, ele mandou um abraço para os familiares, para os irmãos do Grupo Flácus, de Pinhal, também para Nuncíata e o Acassio Cassiofi.

O Júllio, de Guaratinguetá, informou que desencarnou na hora certa e que já estava tudo muito bem.

Dentre os vários espíritos a quem nos reunimos no plano espiritual encontrava-se ainda o Orlando, médium do Grupo João Ramalho que nos transmitiu saudoso abraço para sua esposa e para os filhos. Ele nos informou que o seu sogro, Bruno, já estava na tarefa e isto lhe proporcionava agradável alegria. Orlando pediu ainda que os médiuns continuassem firmes na tarefa. Pediu também que a Rosa e o Toni não desanimassem.

O Afonso Bittar, também de São João da Boa Vista, que foi médium, estava feliz, tranquilo e operoso nas tarefas. Mandou dizer que com ele a coisa não era fácil. Aproveitou para mandar um abraço para Rosinha, Lila e José Afonso. Pediu para dizer ainda que o Simão estava muito bem assistido pelo José Grosso.

Esperamos que com esses aspectos carinhosos tenhamos transmitido aos amigos alegria e bom ânimo.

Evangelho e Ação, p.2, jan./fev. 1990.

Os riscos da brincadeira do copo

Eu estava exteriorizado no campo espiritual da Fraternidade, na reunião do dia 2 de outubro de 1991, quando uma cena chamou-me a atenção. Vi que o nosso Otto Franz Schorr, amigo espiritual que receita através do médium Hélcio Wendling, assinava sua presença, após a tarefa cumprida, num livro de atas que media cerca de um metro de comprimento mais ou menos. Achei interessante comentar que também no campo espiritual a disciplina é importante para o bom andamento de todas as tarefas. Percebi que todos os espíritos que atuam no receituário assinam uma lista de presença após cumprirem sua tarefa.

Após presenciar esses fatos, encontrei-me com o espírito de Aderbal Ramos, velho amigo das tarefas espíritas na casa do senhor Jair Soares. Fiquei surpreso e lhe disse:

– Há quanto tempo não o vejo?

Ele respondeu-me:

– Nem quando encarnado.

Ele me disse ainda:

– Você não me viu antes, mas há cinco anos eu tenho trabalhado nas reuniões públicas de quarta e sexta-feira.

Aderbal me perguntou:

– Você se lembra daquele dia?

Rapidamente lembrei-me dos seguintes fatos:

Quando encarnado, Aderbal convidou-me, certo dia, para fazer uma visita com ele. Respondi que, naquele dia, não era possível de maneira nenhuma pois eu tinha um compromisso inadiável.

Na sexta-feira seguinte, ele convidou-me novamente dizendo que o caso era sério.

Fomos então à casa de suas sobrinhas. Duas jovens de 26 e 28 anos respectivamente.

As jovens já vinham, há algum tempo, realizando reuniões em casa utilizando um copo para receberem mensagens de espíritos. A partir de então, todos os dias, impreterivelmente, às 18h, as mesas flutuavam independente da vontade delas, causando graves transtornos para toda a família.

Nesse tipo de reunião podem acontecer problemas sérios gerados por espíritos brincalhões ou zombeteiros que se aproveitam dessas oportunidades para perturbarem o ambiente doméstico e as pessoas envolvidas, na maior parte das vezes, não têm como controlá-los.

Quando entramos na casa, encontramos as jovens rezando e percebemos, na sala, uma mesa flutuando. A mesa estava quase encostando no teto. Vimos ainda dois espíritos que queriam se comunicar no interior da casa. Imediatamente, espíritos tarefeiros na seara de Jesus providenciaram para que a harmonia fosse restabelecida.

Fizemos o culto cristão no lar com toda a família e recomendamos, através da intuição da espiritualidade, que a família fizesse o culto com frequência.

Com todo esse desequilíbrio no lar, as jovens já estavam bem debilitadas e cansadas fisicamente, pois os espíritos utilizavam os fluidos delas para produzirem os fenômenos.

Continuamos o nosso trabalho de assistência através de preces e orações e, com o tempo e o estabelecimento do culto cristão no lar pela família, tudo se normalizou.

Logo após esse fato, Aderbal mudou-se com a família para outra cidade e eu nunca mais o vi. Somente hoje, no campo espiritual, tivemos a oportunidade desse reencontro agradável entre velhos companheiros da tarefa espírita, onde pudemos relembrar momentos tão valiosos para nossos espíritos.

Evangelho e Ação, p. 3, nov./dez. 1991.

15 anos da Fraternidade

Na reunião de quinta-feira, dia 12 de setembro de 1991, eu me encontrava exteriorizado quando ouvi dos nossos mentores espirituais, principalmente o irmão Calimério, alguns comentários sobre os preparativos para o evento de domingo, dia 15 de setembro de 1991, quando a Fraternidade completaria seus 15 anos de atividades e realizações.

O nosso mentor espiritual Calimério nos informou que, em todas as reuniões da semana anterior à festividade, os mentores e cooperadores espirituais foram avisados de que deveriam prestigiar o evento.

Domingo, dia da comemoração, por volta das 12h, fui à Fraternidade, encontrando lá alguns tarefeiros que preparavam o recinto e aguardavam a equipe que projetaria no telão o documentário das realizações da Fraternidade.

Nesse momento, percebemos a chegada dos primeiros espíritos que iriam participar da comemoração. A princípio vimos três espíritos. Orlando Brito, médium excelente, que criou vários grupos espíritas em São Paulo e atuou ativamente no Grupo João Ramalho de São Bernardo do Campo. Orlando Costa, que cooperou no início do Grupo Scheilla em Belo Horizonte, e, ainda, Orlando Riso do Grupo Batuíra de São Carlos.

Quando, por volta das 13h30min, fui para casa, já divisava outros espíritos conosco. Luiz Sobreira, de Montes Claros, irmão Garcia e Nair, de Juiz de Fora, Joaquim Portugal, de Teófilo Otoni, e Alaor, de Divinópolis. Percebemos, ainda, a presença de Joseph Gleber, Scheilla, Grupo Scheilla de BH e toda a equipe diretiva espiritual da nossa Fraternidade.

Ao retornar à Fraternidade, às 15h30min, para o evento, o salão já estava repleto de convidados. Fui percebendo aos poucos os visitantes espirituais. Os mentores dirigentes das equipes de visita a enfermos, das reuniões mediúnicas e dos demais departamentos estavam a postos, operosos. A nossa irmã Hellen Mayer dava instruções quanto aos aspectos das vibrações, da preparação do ambiente, da musicalidade, dos hinos e das flores. Percebemos, inclusive, dois vasos ornamentais que brilhavam sobre a toalha posta na mesa. Esse cenário magnífico tranquilizava a todos os presentes.

A espiritualidade nos despertou a atenção para outros grupos espirituais que chegavam como: Afonso e Simão Bittar, Jatir e Wanda, de São João da Boa Vista, Cavalieri e Arlanche, de Pinhal, irmão Travassos, de Campinas, Francisco, do Grupo Batuíra, da cidade de São Carlos, Júllio, de Guaratinguetá, e Lídio Diniz, presidente da Organização Social Cristã André Luiz (OSCAL).

Nesse momento, os companheiros encarnados da primeira hora foram convocados a ocuparem seus lugares na corrente e logo após teve início o pronunciamento da espiritualidade amiga.

Após as palavras da espiritualidade, ouvimos hinos no campo espiritual. Percebemos que a alegria dos dois planos da vida se misturavam. Havia muito contentamento na esfera espiritual, abraços efusivos e agradecimentos dos instrutores espirituais a todos que participaram ativamente da festividade. Em seguida, ouviram atentamente o documentário valioso do testemunho do trabalho e determinação dos tarefeiros da casa e, às 18h30min, o evento encerrou-se.

Evangelho e Ação, p.3, set./out. 1991.

Desobsessão no plano espiritual

Relataremos alguns recados fraternos de irmãos desencarnados para Jarbas Franco de Paula que foi o orador na reunião da noite de 19 de julho de 1990 na Fraternidade.

Aproximou-se de mim, no campo espiritual, o irmão Campos Vergal. Apresentou-se com uma luminosidade intensa. Registramos pelas suas vibrações o seu compromisso com os irmãos hansenianos e percebemos, ainda, que esses compromissos foram adquiridos na Judéia há dois mil anos. Nosso irmão Campos aproveitou a oportunidade da presença do Jarbas na Fraternidade para abraçá-lo e agradecê-lo pela reconstrução do Centro Espírita Campos Vergal na Colônia Santa Izabel.

No dia seguinte, em conversa telefônica, Jarbas confirmou-me que havia reconstruído o Centro, pois o mesmo havia desmoronado durante um temporal.

João Pipoca foi outro espírito a se apresentar. Quando encarnado, foi tarefeiro na Colônia Espírita Santa Izabel, onde desencarnou. Percebi que havia luz no local das sequelas deixadas pela doença. Em oportunidade anterior, registramos o espírito de João Pipoca como Alexandre IV da Macedônia.

O espírito que se apresentou em seguida foi Ormindo, cuja tarefa hoje é na cidade de Campos. Ele também deixou seu abraço para o Jarbas.

Após esses encontros, fui conduzido a uma sala no campo espiritual onde havia 112 espíritos. Eles estavam sendo tratados das obsessões de que foram vítimas na última encarnação. Identifiquei entre eles dois espíritos: Custódia e Lourdes. Custódia, cujo apelido era Camponesa, já possuía maior desenvoltura espiritual.

Ela abraçou-me e mandou abraços para Cleomar, jovem cooperadora da Casa Espírita André Luiz, hoje atuante na Fraternidade. As irmãs Custódia e Lourdes quando encarnadas receberam tratamento de processo obsessivo na Casa Espírita André Luiz, época em que conheceram nossa irmã Cleomar.

Após essa conversa, Calimério, espírito que nos assiste, nos deu outras informações a respeito dos 112 espíritos. Disse-nos que 81 eram homens e 31 mulheres e que o período de refazimento do processo obsessivo de que foram vítimas era de cerca de dois anos. Naquele momento, esses espíritos já se encontravam equilibrados e muito agradecidos.

Ao sair dessa sala, recebi ainda um último recado.

O espírito de um rapaz aparentando cerca de 34 anos aproximou-se e cumprimentou-me. Identificou-se como Geraldo Rabelo. Percebi luz em seu pescoço. Intuitivamente soube que aquela área havia sido afetada pela doença com a qual desencarnou. Geraldo dirigiu-se a mim dizendo saber que sua sobrinha frequentava a Fraternidade. Mandou abraço para ela. Após o encontro, fiquei na dúvida se o nome dela era Thaís ou Laís até que, ao término da reunião, fui procurado por uma moça que se identificou como sobrinha de Geraldo Rabelo e se chamava Laís.

Evangelho e Ação, p. 3, jul./ago. 1991.

Ação e reação

Numa tarde de domingo de 1970, a nossa equipe de visitas saiu em direção ao lar do nosso irmão Acácio.

Quando nos aproximamos da residência, vimos um espírito que parecia ser o chefe de uma equipe. Assim que ele percebeu nossa chegada adentrou a casa em correria para alertar os outros do grupo que a turma estava vindo para importuná-los.

Fomos recebidos por Acácio e esposa e, após alguns instantes de conversa fraterna, fomos conduzidos ao quarto das filhas enfermas do casal.

O quadro que presenciamos então foi desolador. As três jovens de nome Lúcia, Ana e Alice sofriam com a epilepsia que desde os 11 anos roubavam-lhes a juventude. Há quase dez anos nossas irmãs estavam sob tratamento fazendo uso de narcóticos fortíssimos. As crises eram violentas e diárias não permitindo a elas o repouso reparador de energias.

As visitas prolongaram-se por alguns meses. As enfermas melhoravam sensivelmente a ponto de conseguirem ficar de pé e caminharem ainda que com alguma dificuldade, necessitando, nesses instantes, da ajuda fraterna dos familiares.

Numa dessas visitas, Lúcia, a jovem que nos pareceu estar em melhores condições, levantou-se com segurança e, estando exteriorizada, relatou a todos nós alguns aspectos de sua vida em outra encarnação.

Lúcia fez o relato em castelhano. Disse-nos que ela e as irmãs haviam vivido como freiras num convento em Cuenca no Equador. Ela era priora e, como tal, ordenava que os desobedientes fossem

castigados e torturados, como era costume na época. Muitas vezes, os castigos eram tão violentos que as vítimas desencarnavam, tendo seus membros esmagados. Contou-nos, ainda, que aqueles espíritos sinistros que as obsediavam eram suas vítimas do passado. Eram aquelas pobres criaturas que estavam agora infringindo-lhes terríveis sofrimentos. Continuou seu relato, dizendo-nos que a enfermidade delas era proveniente dos atos que praticaram naquele convento. Seus pais também viveram naquela época e foram coniventes com a situação, por isso todos reencarnaram na mesma família para que reparassem juntos o mal que praticaram.

Eu e os outros membros da equipe ficamos surpresos com o relato de Lúcia. Os detalhes sobre a localização do convento no Equador nos impressionaram bastante. Achamos por bem conferir essas informações. Para nossa alegria, achamos a localidade de Cuenca no Equador o que veio confirmar a veracidade do relato de Lúcia.

Alguns meses sob tratamento de passes e nossas irmãs já se encontravam bem melhores. A família estabeleceu o culto cristão no lar e após a conclusão de nossa tarefa elas ficaram entregues ao processo de reajuste de cada uma.

Após algum tempo, recebemos, certa noite, duas delas, no Centro Oriente, para assistirem à reunião pública, em companhia dos pais. Logo que chegaram, pude ver que os mesmos espíritos que estavam no lar de Acácio as acompanhavam. Foram recebidos e conduzidos para tratamento pela equipe de José Grosso.

Alguns meses se passaram. Certa noite, estando eu exteriorizado na reunião pública de 19 de junho de 1970, no Centro Oriente, estive com alguns espíritos obsessores das filhas de Acácio. O chefe da equipe, aquele que vimos primeiro no portão da casa, apresenta-se e diz que era o Gonzales. Diz que as moças haviam contraído sérias dívidas com ele. Outro espírito de nome Idígoras se apresentou.

Possuía aparência *balufa* (sic), olhos vermelhos um tanto sobressaídos, rosto redondo, nariz vermelho, vestes em andrajos, apesar de ser possível perceber as rendinhas dos punhos. Ele volta-se para mim e diz: – Olhe as minhas mãos. Observando, notei que os seus punhos estavam separados das mãos que pendiam sem gestos ou articulação. Ele prosseguiu: – Fui esticado em cama de torturas preso pelos pulsos. Sofri horrores. Vi meus ossos estalarem-se um a um. Achas pouco? Foram elas, impiedosas e indiferentes a nossa dor. Não as perdoamos. É necessário sofrerem. Outro espírito de nome Josefa apresenta-se. Parecia ser a mais necessitada integrante do grupo de espíritos sofredores. Possuía cabelos crespos e brancos, tez escuras, lábios carnudos. Cerrando os punhos dizia: "– Não alargarei! Sei que se encontra nesta casa, terá que morrer, saiam da nossa frente!" Esses espíritos sofredores não haviam percebido ainda que não se encontravam mais na casa de Acácio. Neste momento, veneráveis entidades envolveram o grupo de espíritos encaminhando-os a local apropriado onde seriam esclarecidos, conscientizados e tratados.

Esses aspectos demonstram o cuidado que devemos ter com nossos atos. A lei de ação e reação é sempre justa e a cada um será dado conforme a sua obra. Se o amor organiza e constrói nossas vidas para a eternidade, o ódio, com a mesma intensidade, pode destruí-las e escraviza-las. Ambos, além do sepulcro, continuam sendo a razão de nossas alegrias ou dores, dando-nos corretamente o resultado de nossas ações em qualquer ponto do universo.

Reunião pública no Centro Oriente em 19 de junho de 1970. Apontamentos feitos por Diana.

Evangelho e Ação, p. 3, jan./fev. 1991.

Novas oportunidades

Há muitos anos, na tarefa de visitas a enfermos, fui visitar uma criança de três anos, com Síndrome de Down. Ela ardia em febre e tinha a respiração alterada pelo peitinho muito cheio.

No momento em que o passe era ministrado, percebi que o espírito José Grosso colocou as mãos sobre a minha cabeça. A criança aquietou-se e minha visão espiritual se dilatou.

Vi o espírito do menino sair do seu corpo e a sua fisionomia modificar-se imediatamente. Ele tentava de todas as formas desvencilhar-se do seu corpo.

José Grosso, ainda com as mãos sobre a minha cabeça falou:

– O nosso amigo, agora abrigado no corpo dessa criança, foi um caudilho espanhol que exerceu autoridade, poder de mando no México e, pelas bênçãos da reencarnação, ganhou esse corpo acometido pela Síndrome de Down, para esconder-se de muitos espíritos que não perdoaram os sofrimentos a eles infringidos por ele.

30 anos se passaram desde essa minha visita àquele menino. Ao exteriorizar-me em reunião pública da Fraternidade, encontrei-me com um espírito claro, calvo, parecendo ser de origem italiana. De repente a sua fisionomia se modificou e relembrei daquela criança que eu visitara. Voltando novamente à aparência anterior, o espírito disse: – Hoje eu estou aqui para realizar um trabalho, uma tarefa. Eu tive essa oportunidade e quero cooperar. Basta de erros.

E o antigo caudilho enfileira-se hoje, no plano espiritual, nas tarefas de auxílio junto aos espíritos mais necessitados.

Dessa forma, podemos perceber a generosidade do nosso Mestre amado se mostrando inteiro para a nossa elevação espiritual.

Evangelho e Ação, p. 3, nov./dez. 1992.

Reencontros possíveis

Há muitos anos estávamos na casa espírita nos preparando para a tarefa do receituário quando vimos entrar no salão de reuniões um homem abatido, trajando roupas simples e calçando sandálias de borracha. Notamos que ele estava envolto por tênue névoa de luz.

Para nossa admiração, vimos o espírito de Glacus sair da mesa e encontrar-se com esse homem abraçando-o fraternalmente.

Ao término do receituário espiritual, Glacus solicitou-nos empenho na assistência espiritual e material àquele homem. Ele nos esclareceu que eles haviam sido médicos contemporâneos no ano 79 em Roma e que laços de amizade o prendiam a ele.

Após a reunião, fomos conversar com Soreano, era esse o seu nome. Ele encontrava-se sem recursos e estava muito doente.

Os companheiros do Centro Oriente reconstruíram o seu barraco e assistiram-no até o seu desencarne. Ficamos sabendo através do Glacus que Soreano estava nessa encarnação em missão, ajudando a abrandar os corações de seus parentes. Ele voltou à Terra após ter assumido esse compromisso no plano espiritual.

Em 28 de fevereiro de 1991, estávamos exteriorizados durante o receituário e vimos Soreano acompanhado do instrutor espiritual Calimério e de Euzébio, espírito anfitrião que recebe os espíritos em visita à FEIG. Nessa ocasião, Soreano estava disposto a cooperar em tarefa mais especializada no plano espiritual da Fraternidade. Estava com ótima aparência.

Na noite de 29 de setembro de 1992, vimos novamente o Soreano. Ficamos sabendo que a sua tarefa era junto ao nosso irmão Fritz. Novamente, algum tempo depois entramos numa sala no campo

espiritual da Fraternidade e vimos que lá estavam o Fritz e o Soreano, ambos vestindo avental branco, juntamente com Hellen Mayer e outros espíritos coordenados pelo Fritz.

Eu fiquei a certa distância observando-os. Eles recolhiam material para a reunião de tratamento ou de efeitos físicos, que é realizada no último sábado do mês. Me senti nesses instantes muito à vontade e recordei a primeira vez em que vimos Soreano e hoje estamos felizes em tê-lo conosco, integrando a equipe espiritual da Fraternidade, que é tão atuante. Tudo isso é muito reconfortante para nós.

Agradecemos a Jesus mais essa oportunidade de reencontro.

Vimos pelo relato acima que os laços de amizade que são estabelecidos com os espíritos são muito fortes. Que eles estão sempre atentos às nossas necessidades.

Soreano passava por sérias dificuldades em sua saúde e em sua vida material e nosso Glacus, carinhosamente, intercede por ele. E assim também com todos nós. Podemos ter essa certeza, Glacus e toda sua equipe estão sempre atentos às nossas solicitações e problemas.

Confiemos!

Evangelho e Ação, p. 3, set./out. 1992.

O reencontro de Vitória

Ao exteriorizar-me em reunião pública, encontrei-me com o espírito de Vitória. Ela sorriu e cumprimentou-me com alegria.

De súbito, o quadro espiritual se modificou. Vi-me em uma aldeia a beira-mar, na Espanha do século XVII.

Passei por um acampamento cigano. A certa distância dele, pude ver um enorme castelo medieval.

Chamou-me a atenção, nesse instante, três ciganas que conversavam. Uma delas, a mais velha, fazia gestos bruscos e rudemente exigia que as outras duas a acompanhassem.

Segui-as. Elas tomaram o rumo do castelo. Percebi que o relógio marcava aproximadamente 2h da madrugada. De repente, uma das janelas do castelo se abriu e dela foi atirada uma escada de cordas.

A mais velha das ciganas subiu pela escada e apanhou a pequena criança que lhe foi entregue. A escada foi recolhida e a janela fechada. Do ponto onde me encontrava podia perceber os propósitos do grupo de ciganas: roubar a criança e vende-la por um preço compensador. As três partiram dali rapidamente com a criança envolta em panos.

A velha cigana, de nome Vita, voltou ao acampamento e recolheu-se à sua tenda. As outras duas, Carmensita e Pristila, seguiram caminho rumo ao cais do porto. Lá chegando, Pristila entregou o pequeno, de nome Juanito Queiroga, a um homem que as aguardava. Após pagar a Carmensita pelo roubo, o homem entrou com a criança numa embarcação. Não sei por que fiquei preso àquela cena e principalmente à cigana Vita.

Na manhã seguinte o castelo era todo alvoroço. Prenderam-se ciganos, castigaram-nos muito. Porém, as praticantes do crime caíram em severo mudismo.

Eu estava aflito, pois reconhecia em Vita alguém que eu não conseguia identificar.

De repente, o espírito de Vitória e a imagem de Vita se fundiram na mesma pessoa. E eu pude entender finalmente tudo o que se desenrolara aos meus olhos.

Lembrei-me da história de Vitória.

Aos quatro anos ela foi abandonada na praia do rio São Francisco em Pirapora, Minas Gerais, por alguém que presumiram ser um cigano.

Meus avós paternos, Salvador e Nhazinha, pegaram a menina para criar. O casal já tinha na época três filhos e mais duas meninas sob sua guarda. Juntou-se a eles a nossa Vitória.

Vitória cresceu no seio dessa família. Casou-se, teve três filhos e, de quando em vez, a sua história era recontada por alguém da família. O que se contava era que ela havia sido roubada em São Romão por ciganos.

Já com 56 anos e morando em Corinto, Vitória contou a sua história para uma vizinha. Tempos depois, essa vizinha foi passar alguns dias em Sete Lagoas. Lá conheceu duas senhoras: D. Maria José e sua filha. D. Rosa.

Rosa contava 60 anos e D. Maria José 80 anos, já padecia com uma deficiência visual.

D. Maria José contou à vizinha de Vitória que teve uma filha de quatro anos roubada em São Romão. Assustada a vizinha de Vitória falou que sua amiga de Corinto contava história semelhante.

De volta a Corinto, ela procurou Vitória e narrou-lhe sobre o seu encontro com as duas senhoras de Sete Lagoas.

Vitória veio até Sete Lagoas. Ao entrar na casa de D. Maria José e cumprimentar Rosa ouviu D. Maria gritar do quarto: - É minha filha! Elas se abraçaram e o quadro foi comovente.

D. Maria José faleceu logo após esse reencontro. Vitória retornou a Corinto e faleceu pouco tempo depois vitimada por moléstia cardíaca.

Hoje, no plano espiritual, se reencontraram Salvador e D. Nhazinha, pais adotivos de Vitória nesta encarnação. D. Maria José, sua mãe, que foi Carmensita na encarnação na Espanha e Pristila, reencarnada como Augusta, irmã adotiva de Vitória.

- Estou satisfeita, disse Vitória, a minha vida em São Romão, Pirapora e Corinto foi muito boa. Tive a oportunidade de reencontrar-me com todos os companheiros de outrora.

E todos se abraçaram.

Retomei à reunião com a certeza de que a Lei Divina fora cumprida.

Evangelho e Ação, p. 3, jul./ago. 1992.

Efeitos físicos

Eu e Jair Soares formos convidados pelo senhor Atílio para fazermos uma visita à Rua Suassuí, no bairro Carlos Prates, às 15h.

Chegando lá, fomos recebidos pela dona da casa, uma jovem senhora que se encontrava muito abatida. Ela narrou-nos, então, os problemas que vinha enfrentando com o esposo nos últimos três meses.

O primeiro problema surgiu quando sua filhinha de poucos meses desaparecera de seu berço sendo encontrada mais tarde, debaixo da cama do casal, sem nenhum arranhão. Esse fato repetiu-se por diversas vezes mudando apenas o local onde a criança era encontrada. Às vezes dentro do guarda-roupa, outras vezes, em cima dele.

A princípio, a jovem senhora acreditou tratar-se de brincadeira de uma garota de 13 anos que trabalhava na sua casa, mas, com o passar do tempo, outros transtornos foram acontecendo. Pedras eram atiradas no quintal e nas vidraças.

A jovem informou-nos ainda que, de vez em quando, recebia a visita de um padre da igreja de seu bairro que orava em sua casa. Numa dessas oportunidades foi atirado nas costas do próprio padre um crucifixo que, segundo ele, havia deixado em sua igreja.

Durante a narrativa, vimos vidros quebrados e um pires rodando no chão da cozinha para sala onde nos encontrávamos. Percebemos que um espírito negro, magro, aparentando uns 27 anos rodava o pires. Quando ele nos viu e percebeu a presença de espíritos junto a nós, saiu correndo.

No quintal da casa, havia um policial de plantão, com o objetivo de averiguar aqueles acontecimentos, e uma lavadeira. Ambos viram o espírito passar correndo, chegando a assustá-los.

Retornamos a este lar, muitas outras vezes, para as preces e o passe na criança. Numa dessas oportunidades, percebemos que a jovem de 13 anos que ajudava nas tarefas domésticas da casa era causadora desses transtornos. Espíritos brincalhões utilizavam os fluídos que ela possuía para produzirem os fenômenos.

Nossa tarefa de assistência prosseguiu por mais algum tempo, até que tudo se equilibrasse naquele lar.

Recomendamos que o casal estabelecesse o culto cristão no lar e eles alegaram ser difícil fazer isso, porque a jovem senhora era sobrinha de uma autoridade eclesiástica.

Em nossa última visita, soubemos que o casal havia levado a menina de 13 anos de volta para a companhia dos pais que residiam em Conceição do Galho, com medo de que os fenômenos voltassem a acontecer.

Tivemos a oportunidade de nos lembrarmos desses fatos na reunião pública de 2 de outubro de 1991, porque os assuntos estudados e as palestras proferidas referiam-se basicamente a fenômenos mediúnicos.

Percebi, ainda, nessa noite, que um grupo de espíritos que se divertiam em produzir esse tipo de fenômeno estava ali, no campo espiritual da Fraternidade sendo reeducado.

Evangelho e Ação, p. 3, mar./abr. 1992.

Fraternidade com os irmãos

Temos encontrado, no campo espiritual, quando exteriorizado, durante as tarefas do receituário amigo, nas reuniões públicas, com diversos espíritos. Todos eles, quando encarnados, foram atuantes cooperadores na Seara Espírita do Brasil. Faremos o relato de alguns desses encontros.

Tenho visto em tarefas já definidas, no campo espiritual, os irmãos Augusto e Luiza (Gepp) e as irmãs Maria Vieira, Naná e Judite (as três foram professoras no interior, quando encarnadas).

Recordo minha infância, por volta de 1930, quando em Buenópolis eu conheci o casal de alemães Gepp por quem sentia grande simpatia. As irmãs Naná e Judite são também conhecidas, pois foram professoras de meus irmãos mais velhos. Hoje os vejo saudáveis, no plano espiritual e colaborando nas tarefas junto ao Glacus.

A nossa alegria de rever esses irmãos é imensa. Fica claro para todos nós que os laços de afinidade entre os espíritos permanecem no outro plano da vida.

Por volta de 1946/1947, mesmo não gozando de boa saúde, participávamos de uma reunião reservada, no Centro Espírita Oriente. Essas reuniões aconteciam no sábado e eram dirigidas por nosso irmão Araújo. Ele era o dirigente, médium principal e também orador. Ficávamos assentados em círculo e o nosso irmão recebia, nesses momentos, os seus mentores. Após as instruções dos espíritos, fazia a palestra. O nosso irmão Araújo, quando incorporado, mantinha os olhos abertos, sugestionando as pessoas, pois ele era médium magnetizador. Como não me sentia à vontade nessas reuniões, fiz chegar ao nosso irmão as minhas preocupações quanto à direção e ao andamento das reuniões, mas o nosso Araújo não me dava ouvidos.

Nos últimos tempos, tenho visto, quando exteriorizado, o nosso irmão Araújo. Ele continua preso àqueles métodos e ainda influenciado por aquelas criaturas espirituais que já o envolviam nas reuniões, dirigidas por ele, quando encarnado. Percebo, ainda, que ele se encontra em instituição de refazimento desde que desencarnou há mais de 30 anos.

Desencarnada recentemente, a nossa irmã Cacilda França, dedicada obreira do Grupo Scheilla, encontra-se no lar espiritual da nossa irmã Rita de Cássia, dependência localizada na Colônia Nosso Lar.

Estive lá lhe fazendo uma visita juntamente com nosso irmão Calimério.

Percebi a alegria da nossa irmã quando, após a prece, Calimério nos lembrou de que precisamos ter mais fraternidade com os nossos irmãos do caminho. Nesse momento, nos lembramos desajeitados que a nossa irmã Cacilda, quando encarnada e em idade avançada, residia em local próximo a nós e não recebeu, de nossa parte, uma única visita, em seus últimos anos de vida.

Nossa irmã Cacilda, com alvo lenço, enxugou as lágrimas e nos falou de seu anseio de reencontrar a filha Meire. Ficamos sabendo depois, por intermédio de Calimério, que ela se refaz rapidamente, em casa muito próxima ao lar da nossa irmã Rita de Cássia.

Evangelho e Ação, p. 3, nov./dez. 1993.

Cooperadores da Seara Espírita

Temos nos encontrado no campo espiritual, quando exteriorizado durante as tarefas do receituário amigo nas reuniões públicas, com diversos espíritos. Todos eles, quando encarnados foram atuantes cooperadores na Seara Espírita do Brasil. Faremos o relato de alguns desses encontros:

Há cerca de um ano e meio, identificamos o espírito de uma irmã, relativamente jovem e com aspecto espiritual saudável. Aproximou-se o amigo espiritual Calimério e nos apresentou a nossa irmã Ady informando-nos que ela tem cooperado no campo espiritual do nosso Glacus.

Ela permaneceu em silêncio enquanto Calimério esclarecia:

- "A nossa Ady foi mãe do nosso Adiraldo Vieira. Já se passaram seis décadas, desde o seu desencarne, mas ela não reencarnou novamente. Após estágio no nosso campo de ação, foi a nossa irmã designada como assistente espiritual do nosso irmão Vieira e, posteriormente, como mentora da família cuja missão abraçou com zelo, colhendo belos frutos, pois sente o filho, a nora e os netos dentro do padrão de harmonia em reencarnação produtiva".

Após o esclarecimento do nosso irmão Calimério, nossa irmã Ady solicitou permissão para agradecer por essa oportunidade tão gratificante e pela alegria de ver o filho em tarefa no Glacus. A nossa irmã, hoje, é mentora da Sala de Costura da Fraternidade.

Encontrei-me, também, nas mesmas condições, com o nosso irmão Orlando Riso e com Francisco Fiorentino sempre acompanhado de sua filhinha Alcione, que desencarnara aos dez anos de idade aproximadamente.

O Orlando Riso já está integrado às tarefas porque, quando encarnado, foi um espírita ativo no Grupo Irmão Batuíra em São Carlos, São Paulo.

O Francisco, quando encarnado, foi esposo de uma colaboradora também do Grupo Batuíra. A sua filhinha Alcione também é nossa conhecida, pois, durante a sua enfermidade, tivemos a oportunidade de visita-la, na tarefa de passes, algumas vezes, em São Carlos.

Temos também encontrado, com maior frequência, a nossa irmã Januária, mãe do nosso irmão Petrônio – um dos dirigentes da reunião de Educação Mediúnica de segunda-feira.

Lembro-me de certa ocasião, quando estávamos em visita ao Grupo Irmão Otto, em Corinto, sentimos forte a presença da nossa irmã. Quando ela foi convocada a se sentar à mesa, percebemos a concordância dos amigos espirituais. Nessa oportunidade, ela transmitiu a seu filho e aos companheiros do Grupo Irmão Otto a sua alegria e satisfação pela intuição dada e aceita pelos familiares para a doação de um lote que ela havia deixado. A doação foi recebida com alegria e nesse lote foi construída a sede do Grupo Irmão Otto.

Temos visto também, muitas vezes, atuando como cooperador ativo, o nosso irmão Jucai (apresenta-se como índio). Sabemos que esse irmão atuava, quando necessário, na disciplina da tarefa do passe junto ao Chico (Francisco Xavier), quando o mesmo vivia em Pedro Leopoldo.

Percebemos que esse irmão atua na tarefa diretiva dos passes junto ao Glacus.

Evangelho e Ação, p. 3, set./out. 1993.

A oportunidade de Alarico

No princípio da década de 50, estávamos eu e Jarbas fazendo visita a um irmão enfermo, na parte velha da Santa Casa. Esse irmão era de extrema magreza, negro e chamava-se Alarico. No momento do passe ele estava passando muito mal. O José Grosso incorporou e dirigiu-se ao enfermo: – Alarico, eu estou te aguardando do lado de cá. Após esse passe o Jarbas nos esclareceu que o nosso irmão José Grosso já conhecia Alarico e que estava ali para assisti-lo no seu desencarne. Alarico ficou satisfeito.

Algum tempo após o passe o nosso irmão teve uma crise e desencarnou.

Ficamos sabendo de seu desencarne no dia seguinte.

Passaram-se mais de 40 anos sem nos lembrarmos do Alarico.

Nos últimos dois anos, temos registrado a presença do nosso irmão e para nossa alegria ficamos sabendo que Alarico é um dos colaboradores nas equipes de visitas da Fraternidade.

No dia cinco de agosto passado, deparamo-nos no plano espiritual com um espírito claro, alto, robusto, aparentando 45 anos, assemelhando-se a um italiano. Ele cumprimentou-me sorrindo. Eu percebi que não era um espírito estranho. Calimério permitiu que eu me aproximasse dele.

O espírito apertou a minha mão e disse: – Ênio, eu estou com essa aparência, mas sou o Alarico, me sinto melhor apresentando-me assim. Vim a saber porque desencarnei na última existência vomitando sangue. É que no passado eu fui pró-Consul romano no norte da Itália e permitia que meus subordinados eliminassem as pessoas de maneira que elas se esvaíssem em sangue.

Hoje agradeço a Jesus a oportunidade de estar na tarefa junto aos irmãos que têm tido para comigo boa vontade. Muito obrigado pelas visitas que vocês me fizeram naquela época.

Evangelho e Ação, p. 3, jul./ago. 1993

Visitantes e cooperadores

Na noite de primeiro de junho de 1993, achava-me exteriorizado em reunião pública de terça-feira, na FEIG, quando entrei numa sala ampla e arejada, de quatro metros por cinco, decorada com poltronas confortáveis. Na porta da sala havia uma placa: Visitantes e Cooperadores. Ao transpor a porta, tive uma grata surpresa: encontrei um velho amigo, o espírito do Sr. Aderbal Ramos, que, de 1948 a 1950, participou e colaborou nas reuniões de efeitos físicos na casa do Sr. Jair Soares. Após 1950, ele mudou-se para uma cidade do interior vindo a desencarnar lá.

Sua aparência era saudável e Aderbal me informou que já estava apto, para a sua felicidade e por misericórdia de Jesus, a participar das tarefas espirituais da Fraternidade. Logo a seguir, vimos a nossa direita, na sala, as nossas irmãs Maria Rothéia e sua filha Angelina. Angelina nos disse que havia intuído fortemente o filho Hélcio para que ele viesse às reuniões públicas.

Junto às nossas irmãs, um espírito se identificou, me dizendo: – Ênio, vou colocar os óculos para que você se lembre de mim. Eu sou a Mariquinha e vou indo com a graça de Deus. Transmita à minha nora o meu abraço e diga a ela que eu tenho orado a Jesus pelo Orlando, o meu querido filho.

Surpreso e feliz, vi entrar na sala um outro irmão que foi me cumprimentando e dizendo que a coisa do outro lado era difícil. Era o Amadeu, cooperador do Centro Oriente em Belo Horizonte e na cidade de Vitória, Espírito Santo, recém desencarnado.

Logo após, desloquei-me para outra dependência de cooperadores ativos do plano espiritual. Encontrei-me com Abdul Simas e com a nossa irmã Aurora. Estávamos conversando quando a nossa irmã

disse ao Simas: – Olha Simas, eu não sabia que me chamava também Izabel. Agora me chamo Aurora Izabel.

Retornei ao plano físico e passei a relatar o que apreendi no plano espiritual quando o orador da noite esclareceu de público que, ao se referir à nossa irmã Aurora, trocou o seu nome por Izabel. Por isso, a nossa irmã no plano espiritual fez o comentário da mudança do seu nome, mas o fez de maneira alegre, pois as lembranças agradáveis a respeito dos nossos irmãos desencarnados os sensibilizam gratamente.

Isso nos mostra que comentários ou conversações edificantes são registrados imediatamente pelo plano superior.

Evangelho e Ação, p. 3, maio/jun. 1993.

O restabelecimento de Paulo

Ao exteriorizarmos em reunião pública de quinta-feira, fomos recebidos pelo instrutor Calimério, como de costume.

Logo após os cumprimentos, vimos aproximar-se de nós um espírito. Reconheci o nosso irmão Paulo. Imediatamente relembrei de como o conheci.

Há 22 anos, em reunião pública no Centro Oriente, identificamos através da vidência, um espírito no meio do salão de reuniões. Ao perceber que estava sendo visto, o espírito abriu o paletó de jaquetão cinza e mostrou-nos que tinha um ferimento feito a bala, na altura do estômago. O ferimento sangrava aos nossos olhos. Ele olhou-nos e esclareceu que havia sido conduzido àquela casa, passando a contar-nos o que acontecera: – Dei um tiro no estômago. A bala não saiu e o sangue não para de correr. Essa situação me incomodava muito, mas pelo menos, fiquei livre daqueles espíritos. E continuou: – Após o momento trágico, homens disformes, vestindo roupas escuras conduziram-me a lugares de triste escuridão.

Esse espírito que nos falava era o nosso irmão Paulo.

Passamos a tarefa do receituário e o espírito desapareceu de nossas vistas. Tínhamos, porém, consciência de que só de estar ali, naquela casa, o nosso irmão já estava sendo amparado.

Há quatro anos nós o vimos na FEIG já refeito do ferimento. Tornamos a vê-lo hoje, junto a Calimério.

Calimério preparou-nos: iríamos fazer uma visita. Deslocamo-nos do recinto da Fraternidade. Sentimo-nos descer suavemente num jardim bem cuidado. Vimos a nossa frente um solar. Identificamos o Instituto Chapot Prevóst. Fomos recebidos por nossa irmã Mariangela e por D. Cacilda. Percebi que a nossa irmã Cacilda era a

mãezinha do nosso Paulo. Ela havia desencarnado logo após o ato impensado do filho.

D. Cacilda transmitia paz, esperança e tranquilidade, e dela saía uma luz suave. Paulo e D. Cacilda reencontravam-se pela primeira vez após o desencarne de ambos.

Passados alguns minutos de emoção, subimos larga escada composta por seis degraus e entramos no hall do edifício.

Mais no fundo, vimos familiares nossos. Werley, um de meus irmãos abraçou-me e disse: – Ênio, eu estou me refazendo. Já estou entendendo toda essa mecânica. Estou me refazendo do problema que tive no fígado. Eu sei que nossa mãe já se encontra no plano espiritual, mais ainda não me visitou.

Calimério nos esclareceu mais tarde que o irmão Calimério nos esclareceu mais tarde que Werley é que ainda não percebia, mas nossa mãe vinha visitando-o havia algum tempo.

Retornamos ao campo espiritual da Fraternidade. Ouvimos a voz do palestrante da noite que ecoava através de alto falante ligado no plano espiritual. Ele falava sobre os vários mundos habitados.

Chamou-nos a atenção naquele momento 20 espíritos com características japonesas. Fomos informados que esses espíritos reencarnarão pela primeira vez na Terra e essa reencarnação se dará no Brasil. São dez espíritos masculinos e dez femininos que vêm com a missão de ajudar o desenvolvimento da área científica. A visita desses espíritos à Casa de Glacus tem alguma finalidade que será esclarecida mais tarde pela espiritualidade.

Logo após, retornamos à tarefa do receituário.

Evangelho e Ação, p. 3, mar./abr. 1993.

O trabalho de Elizabete

Em 1950, participando de reuniões de efeitos físicos na casa do Sr. Jair Soares, ficamos conhecendo o Sr. Augusto Santos.

Augusto Santos era dirigente espírita e nos fez convite para participarmos das reuniões, realizadas em sua residência, na rua Rio Grande do Sul.

Tive oportunidade de estar presente a uma de suas reuniões. Na ocasião, conheci, dentre outras pessoas, a sua família. Chamou-me atenção a jovem Elizabete, sua filha. Alguns anos depois, tive notícias do desencarne de uma das filhas do Sr. Santos, a Elizabete.

Passaram-se mais alguns anos. Numa manhã de sábado, já na FEIG, recebemos a visita do nosso irmão Ivan Prieto. Após os cumprimentos, ele falou-nos da possibilidade de doar-nos a área em que se ergue hoje a FEIG. Enquanto ele expunha suas ideias, percebi um espírito junto dele a incentivá-lo. Era o espírito da nossa irmã Elizabete. Ela desencarnara aos 17 anos, na época em que a vi, o espírito tinha a aparência de aproximadamente 30 anos.

Elizabete Santos é hoje mentora da Cruzado do Bem em Belo Horizonte.

Quando exteriorizado, tenho visto frequentemente a nossa irmã Betinha ou Elizabete no campo espiritual da Fraternidade.

Além da assistência que ela presta ao seu grupo, ainda participa de tarefas espirituais junto aos espíritos que desencarnaram em consequência da hanseníase.

Quando em vez, ela nos transmite notícias de seu pai, Augusto Santos, desencarnado aos 94 anos, desempenhando ativamente tarefas na Seara Espírita.

Que a nossa irmã possa continuar diligente e firme nas tarefas que abraçou.

Evangelho e Ação, p. 3, jan./fev. 1993.

A importância da visita aos enfermos

Em exteriorização na tarefa mediúnica da terça-feira, ausentamos da FEIG, em companhia do amigo Calimério, tendo sido conduzidos a um hospital espiritual.

Fomos recebidos pelo irmão Sebastião Lasnout, atuante poeta espírita carioca. Quando o nosso irmão, que fora cego quando encarnado, retirou os óculos escuros, vi que tinha os olhos perfeitos!

Num dos alpendres do hospital, encontramos o irmão Josias, que foi logo dizendo:

– Você está aí.... Reconheci sua voz, o pessoal não me sai da lembrança... Minha cachola melhorou muito e minhas vistas estão ficando cheias!

Ficamos satisfeitos e lembramo-nos de anos atrás, quando visitávamos o nosso amigo em seu lar na Nova Suíça. Era idoso, havia sofrido em acidente de carro que o deixara tetraplégico, com distúrbios neurológicos e sem a visão, durante 25 anos.

Quando nossa equipe de visita o encontrava, ele reconhecia cada uma de nossas vozes. Visitamo-lo durante vários anos. Calimério nos disse que, após desencarnado, Josias sempre se recordava de nossas visitas.

Reencontros assim nos deixam felizes e seguros da importância da visita aos enfermos, quando conquistamos amizades duradouras neste e no outro plano da vida.

Evangelho e Ação, p. 3, nov./dez.1994/ jan. 2005.

Unidos pelo coração[8]

Quando exteriorizado na tarefa do receituário mediúnico da Casa de Glacus, fui conduzido à sala seis. De todos os lados, filetes de luz cortavam o recinto.

Vi um espírito aparentando uns 50 e poucos anos. Era moreno, sobrancelhas espessas e usava bigode. Trajava um jaquetão cinza. Tinha a fisionomia cansada.

O mentor Calimério me disse (sem mover os lábios, o que me deixou surpreso):

– Este é o nosso irmão Fernando. Era ateu, sente-se ainda ateu e acredita que tudo acaba com a morte.

Fernando dirigiu-se a mim, dizendo:

– Você está cheio de energia. Eu ainda tenho energia, mas sei que ela está acabando. Eu sou o eco da minha existência. Vivi 56 anos.

Enquanto o irmão Fernando falava, percebi que fora médico. Conhecendo suas condições de saúde, abreviou sua existência. Ele continuou:

– Sei que morri e estou esperando terminar minha energia. Com minha mãe também foi assim, não a vejo desde que ela morreu, o que prova que eu tenho razão. Tudo termina, tudo se esgota...

O irmão Calimério colocou a mão em minha cabeça e pude ver o espírito de nossa irmã Tereza, mãe do Fernando, que o acariciava e dizia:

8 N.O.: Título original.

– Ore, meu filho, ore. Chega de sofrimento. Ore a Jesus...

Fernando não via sua mãe. Quando ela o beijou, ele disse:

– Que saudades daquela que foi minha mãe!

Naquele instante, aproximaram-se dois espíritos, o Dr. Gastão e o Dr. Chapot Prevóst, que magnetizaram carinhosamente o Fernando, fazendo-o adormecer.

Fomos informados de que a nossa irmã Tereza já deveria estar encarnada como neta do Fernando. Preferiu, entretanto, ficar no plano espiritual para ajudá-lo.

Sabemos que espíritos familiares ajudam aqueles ligados aos seus corações. E mais uma vez se confirma: o amor verdadeiro vence todas as dificuldades.

Desvelados amigos espirituais, em nome do Mestre Jesus, estão atentos às nossas necessidades.

Evangelho e Ação, p. 3, out. 1994.

Unidos rumo à libertação[9]

Estando exteriorizado no campo espiritual da FEIG, entrei numa sala ampla, sendo recebido pela irmã espiritual Rita de Cássia.

De repente, um espírito transpôs uma das paredes da sala. Era a irmã Karina. Atravessando rapidamente em minha direção, ela me disse.

– Olha as minhas pernas...

Pude então notar que o corpo espiritual da nossa Karina estava perfeito. Ela continuou:

– Vou pedir permissão para contar porque vivi esta situação nesta minha última existência. Sei que o problema remonta há 1.000 anos atrás.

Sorriu para mim e para Rita e fez uma linda prece como algumas vezes fazia quando estava encarnada, nas reuniões da Fraternidade.

Relembremos: Karina foi aquela menina de dez anos encaminhada à Casa de Glacus por companheiros de tarefa de visita a enfermos. Era filha de companheiros espíritas e vivia em Betim.

Tinha um tumor na perna direita. Esteve em várias reuniões de tratamento, durante as quais conversava com naturalidade com nosso mentor Fritz Schein, além de outros.

Agravado o seu estado de saúde internou-se para tratamento e a equipe médica recomendou seccionar a perna.

No dia da cirurgia eu estava presente junto à Karina. Ao ser encaminhada para o bloco cirúrgico, ela disse ao médico terreno que ia operá-la:

9 N.O.: Título original.

– O Dr. Fritz está aqui. Ele é alto, claro, tem os olhos azuis iguais ao do senhor. Só que o cabelo dele é liso e o seu ondulado.

O médico sorriu e respondeu:

– Ele vai te ajudar.

Retornei à minha casa, enquanto durava a cirurgia. Meu percurso durou 40min. Quando cheguei o telefone tocou (pensei: más notícias).

Ao atender, ouvi a voz da própria Karina, que já estava em seu leito, sem a perna direita. Dizia que estava bem.

É importante acrescentar que os médicos encontraram grande facilidade na cirurgia.

Algum tempo depois, a nossa irmã Karina desencarnou. Hoje se encontra no plano espiritual refeita e perfeita! Que Jesus a abençoe.

Queridos leitores deste relato, alegremo-nos: os amigos espirituais estão sempre presentes durante nossas dificuldades, rumo à libertação espiritual.

29 de agosto de 94

Evangelho e Ação, p. 3, set. 1994.

O encontro com Eurípedes Barsanulfo

No dia 26 de maio de 1994, colaboramos, como de costume, no receituário mediúnico. Em desdobramento (fenômeno que nos ocorre frequentemente), é possível observarmos que existem diversas dependências ou salas no campo espiritual da FEIG invisíveis ao plano material.

Naquela noite, vimo-nos em um corredor, conduzidos pelo amigo espiritual Calimério até a sala quatro. Uma intensa luminosidade saía do interior da sala. Observei ainda a instalação de instrumentos – como autofalantes – que são estrategicamente posicionados para que determinadas áreas do plano espiritual possam ouvir a palavra do orador da noite.

A palestra ministrada era sobre a vida de Eurípedes Barsanulfo, um renomado médium de Sacramento. Fomos cumprimentados pela irmã Rita de Cássia, que nos convidou a entrar na sala quatro.

Encontramos o Eurípedes Barsanulfo de pé, acompanhado de vários espíritos. Ele contou, denotando grande humildade:

– Que coisa! Escreveram tanto a meu respeito! Excederam-se, não tenho tanto conhecimento.

Vi-o então se transformar em uma figura venerável, parecendo-se com um dos Profetas: alto, forte, traços bem acentuados, nariz proeminente. Senti um grande bem-estar.

Sobre a mesa da sala, havia alguns livros sobre a vida desse apóstolo do Cristo. O interessante é que tais livros irradiavam intensa luz.

O nosso Eurípedes Barsanulfo é mentor de uma reunião de tratamento espiritual na FEIG. Integra também a equipe de vibração na

prece das 21h, a qual beneficia os presentes encarnados e desencarnados.

É com grande alegria que temos este nosso irmão no quadro dos nossos mentores. Rogamos a Jesus que o abençoe e que possamos contar sempre com a sua proteção e carinho.

Fomos a seguir conduzidos até a sala cinco. Sobre a porta da sala, vimos a inscrição "Recepção de Espíritos em outras tarefas". Entramos com o amigo Calimério. Reconhecemos o Gastão que nos cumprimentou dizendo:

– Vim primeiro que você, Ênio.

Vimos também o Bayard, o Dr. Rubens e o Dr. Veraldino. Percebemos uma ausência, o Gastão esclareceu:

– Ênio, estou no seu pensamento. O Mozart não pode vir. Estamos cuidando dele carinhosamente e ele está se refazendo.

Recordamo-nos de uma época, 1943, quando todos esses médicos, em diferentes momentos, cuidaram da nossa saúde. Após uma cirurgia, ainda sob efeito parcial da anestesia, pudemos ouvir um deles dizer:

– Esse rapaz não vai aguentar, está bem complicado.

Resistimos. Aqueles médicos, porém, se acham todos desencarnados...

Acreditamos, a julgar pela visita à Fraternidade, que os nossos irmãos possivelmente integrarão no amanhã a equipe da Casa de Glacus.

6 de junho de 1994

Evangelho e Ação, p.3, maio/jun. 1994.

Novos mentores na Casa de Glacus

Exteriorizados em reunião pública, adentramos à sala de número quatro pelas mãos do instrutor Calimério.

Esta sala, no plano espiritual da Casa de Glacus, tem grande magnetismo, como se fosse uma câmara de refazimento dos amigos espirituais operosos da Casa.

Identificamos numa dessas oportunidades vários espíritos que têm sob sua coordenação equipes de visita aos enfermos. Ficando mais à vontade, buscamos vê-los e ouvi-los nas suas narrativas.

O nosso irmão Cairbar Schutel falava de suas tarefas. Também o espírito de Terezinha Flores. Ela dizia: – Minha equipe é unida e estou muito feliz.

Luiz Sobreira nos narrou que tem como colaboradores junto a ele os irmãos José Grosso e Palminha, na cidade de Montes Claros.

Aproximou-se de nós a irmã Nair, baixa, forte, morena e nos apresentou o irmão Garcia, de um núcleo espírita em Juiz de Fora. Também se fizeram presentes dois outros espíritos, Arlanche e Cavalieri. Na tarefa de visita, integrada com José Grosso, Palminha e demais mentores da Fraternidade, na cidade de Pinhal, São Paulo, estavam bem à vontade. E Orlando Rios, de São Carlos, São Paulo, claro, cabelos branquíssimos. Junto a ele estava o espírito da jovem Alcione, menina de mais ou menos dez anos.

Quando Calimério já nos convocava ao retorno do espírito ao plano material, para finalização da tarefa do receituário, vimos chegar o nosso irmão José Travassos, de Campinas, São Paulo, que se pôs à disposição para compor também uma equipe de visita aos enfermos.

Calimério nos informou: – Reunimos todos esses nossos amigos aqui nessa oportunidade, como mentores para dirigir equipes de visitas e assistência aos lares dos enfermos, pela afinidade ao trabalho que a Fraternidade vem desempenhando junto aos encarnados, o qual propusemos ampliar.

Posteriormente teremos equipes de visitas aos enfermos na Casa de Glacus tendo como mentores esses irmãos referidos acima.

Graças a Jesus, contaremos com eles para ampliar nosso quadro de tarefas de visitas aos enfermos.

25 de janeiro de 1995

Evangelho e Ação, p. 3, dez. 1995.

A reencarnação que nos redime

Em reunião pública, exteriorizado no campo espiritual da Fraternidade, fui levado pelo dedicado irmão Calimério para a sala 14, onde nunca tinha estado antes, muito ampla. Percebi que eram acolhidos espíritos em regime de assistência emergencial, como num pronto socorro para atendimento de urgência. Espíritos aflitos, outros lamentando, chorando, nas macas, vindos de mortes violentas de origens variadas como suicídios, crimes, acidentes variados, recém-desencarnados de várias partes do país.

Espíritos dedicados, trajando jalecos brancos, desfilavam no ambiente como enfermeiros no socorro a cada um.

Permaneci tranquilo, dirigi meu olhar mais ao fundo dessa sala e divisei o nosso irmão Altair. Ele encontrava-se vestido de branco como enfermeiro, auxiliando ativamente os espíritos necessitados recém-chegados ao plano espiritual em macas.

Logo que me viu, veio em minha direção e bateu no meu ombro. O mentor Calimério estava tranquilo e eu pude relaxar, ficando mais à vontade.

Altair falou: – Ênio, solicitei aos mentores espirituais realizar essa tarefa de assistir em nome de Jesus esses nossos irmãos, pois, como já é do seu conhecimento, eu fui um orgulhoso oficial alemão de alta patente e atuei indiferente no cenário da primeira guerra mundial, de 1914 a 1918.

Conheci o nosso irmão Altair como componente do Coral Scheilla, sempre alegre, forte, pele clara, saudável.

Surgiu a enfermidade no Altair, que passou a apresentar grande dificuldade cardio-respiratória. Viemos a saber, mais tarde, que ele

tinha um comprometimento no coração que fazia misturar o sangue arterial com o venoso.

Doença rara que o obrigou a se afastar de todas as suas atividades.

Tempo depois, fomos visitá-los juntamente com alguns de seus companheiros do Coral, na residência de seu sogro em São João Del Rey. Já o encontramos com aspecto cianótico, com grande falta de ar, apresentando a pele com uma tonalidade bem escura.

Durante a visita, fizemos hinos e preces em seu favor.

No momento do passe, o recinto se transformou, levando-me a uma paisagem mediúnica em pleno campo de batalha. O nosso irmão Altair estava numa pequena fortaleza subterrânea que percebi ser do alto comando alemão na região de Flandres, no norte da França, quando vimos e ouvimos um general dando as instruções para que fosse feito o primeiro ataque de gases venenosos contra as forças chamadas inimigas, já no final de 1918. Alguns oficiais, junto àquele general, tinham as fisionomias preocupadas, já antevendo as consequências daquele ato. E o General K. tinha uma grande semelhança física com o nosso irmão Altair no seu tempo mais saudável. O quadro espiritual então se desfez aos meus olhos.

Notamos que um de seus parentes ali presente fora outrora um dos oficiais participantes daquele difícil momento de decisão.

De retorno a Belo Horizonte, relatei então para a comitiva a cena vista no momento do passe.

Tempos depois dessa visita a São João Del Rey, viemos a saber do desencarne do nosso Altair, mais ou menos aos 31 anos.

Notamos pelo relato, que não há efeito sem causa e que nosso irmão Altair cumpriu com muita resignação, seu resgate de dor e terrível falta de ar.

Abençoada a reencarnação que nos redime perante a Justiça Divina.

26 de janeiro de 1995 – quinta-feira

Evangelho e Ação, p. 3, nov. 1995.

A realidade da vida após a morte

Exteriorizado, estivemos com o atencioso irmão Calimério, na sala quatro, que é a segunda sala à direita no corredor, de acordo com o traçado espiritual da FEIG. Tais salas se ampliam de acordo com a necessidade das tarefas espirituais.

Fomos recebidos e convidados pela nossa irmã Rita[10] a entrar na sala. Junto à nossa irmã estava o espírito de uma senhora morena – Sra. Augusta Lemos – que aparentava mais ou menos 78 anos, de estatura baixa, porém bem ereta, firme.

Acompanhando-a estava uma de suas filhas que se encontra desencarnada. A Sra. Augusta nos disse: – Vim para assistir a palestra da minha filha Ruth[11] e ainda ficarei durante 72h junto aos meus familiares encarnados. Demonstrava alguma expectativa em sua expressão. Em dado momento, o nosso Calimério pousou a mão sobre minha cabeça e, então, pudemos ver e ouvir a nossa irmã Ruth – oradora da reunião pública da noite, na Fraternidade – em sua palestra, cuja temática versava sobre o Natal. Com surpresa, vimos junto à Ruth, numa bela simbiose, o espírito de nossa irmã Maria Dolores, irmã essa que, através da psicografia, nos tem ofertado belas páginas através do nosso Chico Xavier, exaltando o "Natal com Jesus". Em dado momento, observando a nossa irmã Augusta Lemos, verificamos que ela tirou de uma pequena bolsa, um "colar espiritual" assemelhando-se a um rosário, com o qual ela informou que vinha rezando em favor de seu genro Henrique.

---

10 A irmã Rita tem a tarefa de nos assistir durante a exteriorização, permitindo acesso às salas específicas, de acordo com as instruções do nosso irmão Calimério. É um espírito que tem a tarefa de recepcionar os visitantes às dependências espirituais da Fraternidade. Apresenta-se com aproximadamente 19 anos, morena. Quando em prece permanece nimbada de luz.

11 Ruth Birman é médium dedicada no campo da psicografia e psicofonia, recebendo mensagens de espíritos como a Scheilla e outros mentores.

De volta ao ambiente material da reunião, relatamos aos assistentes a nossa experiência durante a exteriorização. Logo em seguida, a nossa irmã Ruth confirmou publicamente que sua mãezinha, antes de seu desencarne, presenteara-lhe com um cordão de contas parecendo um rosário, o qual havia pertencido à sua tetravó.

Nessa mesma noite, vimos com muita alegria, o nosso irmão João Cabete, que quando encarnado, foi cognominado o "médium da musicalidade espírita". Ele se sentia feliz em ouvir o hino "Fim dos tempos", de sua composição, entoado pelo órgão, na prece vibracional das 21h. Naquele momento, observamos as divisórias da sala quatro se afastarem, ampliando as suas dimensões, transformando-se num grande salão, onde percebemos mais de 200 espíritos, em terapia espiritual, surpresos, que se aquietaram ao ouvir os hinos Jesus, Alegria dos Homens e Fim dos tempos, tocados durante a reunião pública. Mais reconfortados, os mesmos sentiram como se fosse um presente de Natal. Fomos informados que haviam sido retirados de seus lares, onde causariam grandes transtornos por ocasião das comemorações do Natal, devido às dificuldades de adaptação ao plano espiritual, após o desencarne.

São sempre muito gratificantes esses encontros com amigos e mentores no plano espiritual, que sempre nos trazem grandes ensinamentos, mostrando-nos a realidade da vida após a morte. Agradecemos aos nossos mentores por mais essa oportunidade.

Evangelho e Ação, p. 3, out. 1995.

O reencontro com o irmão Nilo

No ano de 1987, eu e mais um companheiro de tarefa J. S. adentramos o escritório de uma empresa. O administrador, já sabíamos de antemão, se propôs a ajudar financeiramente a FEIG. Escritório amplo. Nos assentamos. O assunto versou sobre a divulgação da Doutrina Espírita. Encontrávamo-nos em expectativa e mesmo tensos. Eram 15h45min., divisamos, então, o nosso amigo espiritual Palminha. Junto dele, um jovem espírito aparentando 17 anos. Ouvimos o irmão Palminha falando com o jovem espírito: – Lambari, abrace seu irmão!. Esse, então abraçou o empresário com muita alegria.

Logo em seguida, recebemos do mesmo uma doação significativa para obras assistenciais da Fraternidade.

Nesse instante, percebemos o períspirito de Lambari a se modificar para uns 35 anos de idade, homem feito, demonstrando um maior amadurecimento espiritual e grande contentamento por estar junto ao nosso Palminha e pela oportunidade de rever o seu irmão M. S.

Nisso o nosso acompanhante perguntou: – Ênio, você está vendo alguma coisa? Eu disse: – Não.

Despedimos. No elevador, informamos ao nosso companheiro de tarefa o que observamos quanto à presença do Lambari.

Chegamos em casa, J. S. telefonou para o M. S. contando o acontecimento. E fomos cientificados de que, em verdade, o empresário teve um irmão com o nome de Nilo, que desencarnou com 17 anos, de acidente de carro, na cidade de Santa Bárbara, Minas Gerais, MG, há 37 anos passados com relação à data da visita.

Atualmente, o Nilo é mentor de uma equipe de visita aos enfermos na Casa de Glacus.

Que possamos continuar com a ajuda espiritual do irmão Nilo no auxílio aos nossos irmãos necessitados e que ele vele por todos nós na caminhada que ora empreendemos.

Evangelho e Ação, p. 3, set. 1995.

Visita ao médium Chico Xavier[12]

Formamos um pequeno grupo de companheiros da FEIG e fomos a Uberaba, MG, visitar o nosso amigo Chico. Chegamos por volta de 17h30min do dia 3 de junho de 1995.

Fomos conhecer a cidade com os nossos anfitriões, pois a visita estava marcada para as 20h.

Aguardamos um pouco mais, pois ele estava sendo visitado por repórteres da Venezuela. Observamos inúmeras caravanas da região sul do Brasil, que aguardavam uma oportunidade para falar com o Chico. Mas nós sabíamos que o Chico não poderia recebê-los por motivos sérios de saúde.

Fomos convocados pelo dedicado Cidão, soldado cedido pela Corporação para cuidar do nosso Chico.

Aos meus olhos ele se transformou num antigo centurião da guarda romana, que trabalhava sob as ordens do senador Publius Lentulus (nome que o nosso querido Emmanuel tinha quando esteve encarnado na Roma antiga).

Fomos levados também à presença do nosso irmão Eurípedes, o qual nos guiou até o Chico. Aguardamos um instante. Para alegria nossa, o Chico estava sentado bem à nossa frente, de boina, com paletó, cachecol e óculos. Apesar da idade, esperávamos encontrá-lo mais debilitado. Beijamos e abraçamos o Chico. Falamos ligeiramente de sua perseverança na Seara Espírita e da nossa alegria em estar com ele. Estava como sempre amável, dizendo-nos palavras de incentivo, ânimo na tarefa. Falamos da finalidade da nossa visita: vê-lo, cumprimentá-lo, apresentar o presidente da FEIG e os de-

12 N.O.: Título original.

mais companheiros que nos acompanhavam. O presidente da Casa de Glacus teve o ensejo de abraçar Chico e de falar sobre as aspirações da FEIG. Recebeu incentivo assim como todos os demais componentes do grupo. Tiramos algumas fotos com o Chico.

Divisamos o nosso Emmanuel, com todas as características espirituais, bem como a nossa irmã Maria João de Deus, mãe de Chico, desencarnada. Ela estava junto do Chico ali e dando assistência à filha mais velha, recém-desencarnada.

Junto à mesa, um pequeno grupo de cooperadores encarnados fazia anotações, solicitadas pelo Chico, de todos os pedidos que chegavam às suas mãos.

O Emmanuel estava translúcido, velando intensamente pelo Chico e buscando atender aos anseios dos que ali vinham. Foi quando, atento a todos os detalhes da visita, ouvimos os nossos veneráveis Bezerra de Menezes e André Luiz, dando fraternas instruções à espiritualidade maior, para assistirem às caravanas dos ônibus, que ansiavam por estar com o Chico. Percebi então que muitos companheiros das mesmas foram guiados intuitivamente aos núcleos espíritas de Uberaba, recebendo orientações e as vibrações carinhosas da espiritualidade amiga, sentindo em seu íntimo muita alegria por estarem ali falando a respeito de nosso irmão Chico, esse missionário da luz.

Retornamos a Belo Horizonte, por volta das 22h, todos intimamente renovados na fé, com os corações cheios de júbilo, agradecemos a Deus pela oportunidade do congraçamento com o nosso irmão Chico.

Evangelho e Ação, p. 3, ago. 1995.

Intrincados elos dos encontros e reencontros

Por volta do ano de 1984, recebemos um telefonema em nossa residência. Era o Sr. Dirceu Prado Moreira, funcionário da repartição pública onde trabalhei, que pedia uma visita para seu sogro do segundo casamento. Seu nome era Arlindo e estava doente, no balão de oxigênio. Era uma emergência. Fomos com o companheiro de tarefa, Sebastião.

Adentrando o lar do Arlindo, fomos recebidos pelos familiares do enfermo, estando presente também o nosso Dirceu. Em volta do doente, nos preparamos para o passe. A prece foi feita e divisamos alguns espíritos familiares. Vimos o espírito da Miriam, esposa do Arlindo. Também percebemos o espírito de uma irmã do Arlindo que o criou como filho. O que nos chamou mais a atenção foi a presença de um espírito negro, velho, cabelos grisalhos e crespos e de olhos verdes.

Após o passe, fizemos o relato sobre esses espíritos, o que, em seguida, foi confirmado pelo Dirceu, sua esposa e a filha do doente.

Após breve conversação, uma das filhas do Sr. Arlindo nos chamou para a copa e mostrou-nos um retrato. Que surpresa! O retrato lá nos fundos da copa do preto velho e no quadro ele tinha olhos verdes. Esse quadro havia sido pintado pela nossa Miriam quando encarnada e sempre chamava a atenção pelos olhos verdes do preto velho. Percebemos que era um protetor da irmã e seus familiares.

Fomos informados posteriormente que a nossa irmã Miriam, quando encarnada, fazia pinturas e pressentia intuitivamente a presença desse espírito.

Visitamos o nosso querido enfermo Arlindo durante dois meses e ele teve uma acentuada melhora, vivendo ainda alguns anos.

No dia 9 de fevereiro de 1995, quinta-feira, acordei lembrando-me do Dirceu. À noite, na tarefa do receituário mediúnico, fomos levados pelo irmão espiritual Calimério à ampla sala de número quatro. Na sala estavam dois espíritos: o Ballesteros e o Felipe Santiago. Atendendo ao convite de Rita, cooperadora espiritual da Casa de Glacus, adentrou na sala a irmã espiritual Olívia, dedicada médium do Centro Espírita Felipe Santiago, quando encarnada, esposa do primeiro casamento do nosso irmão Dirceu, que, após nos saudar disse: – Que bom que você lembrou hoje, pela manhã do Dirceu! Lembre sempre dele em suas preces! De seus olhos correram lágrimas que brilhavam e seriam ofertadas ao seu esposo como flores espirituais, conforme nos informou o mentor espiritual.

Fomos levados, então, para a sala número oito. Lá estavam o nosso Arlindo, agora desencarnado, e sua esposa Miriam, que nos disse: – Veja quem está aqui. Vi então o espírito do preto velho com seus olhos verdes. Todos se abraçaram, o que nos deixou sensibilizados.

Ficamos admirados, pois os familiares do nosso Dirceu estavam em salas diferentes no campo espiritual. Foi quando a nossa Rita considerou: – Esse fato, Ênio, é em razão dos familiares espirituais ainda não estarem afinizados. Pois, como você sabe, o nosso irmão Dirceu foi casado duas vezes.

É gratificante, quando estamos na tarefa da mediunidade, reencontrar amigos, conhecer os intrincados elos dos encontros e reencontros e saber que, no plano espiritual, continuamos lutando para acertar, crescer e evoluir.

Graças a Jesus!

Evangelho e Ação, p. 3, jul. 1995.

O amparo da Misericórdia Divina

Em exteriorização na tarefa do receituário, com a aquiescência do nosso irmão Calimério, nos dirigimos ao fundo do corredor.

Olhando na sala 12, percebemos ao lado do instrutor espiritual Euzébio, um relógio que marcava 21h.

Ao entrar na sala, distinguimos então 30 espíritos de enfermeiras, os quais se encontravam em refazimento. Trajavam uniforme e estavam com touca de enfermagem que tinha como emblema uma cruz vermelha com a palavra Fraternidade.

Em seguida, paramos em frente à porta da sala de número 11, a última a esquerda do corredor. O irmão Euzébio saiu da sala 12 e nos pediu para aguardar. Nesse instante, sentimos nosso espírito sendo envolvido com uma roupa especial para proteger-nos contra as vibrações ambientais da sala 11. A um sinal de autorização do irmão Euzébio, adentramos. Este então procurou nos tranquilizar ante a cena que se nos deparava. Diante de nossos olhos espirituais, vimos numerosos espíritos com deformações dos seus perispíritos, alguns assemelhando-se a répteis. Dois se destacavam, porque estavam juntos e não se viam, pois só emitiam vibrações de ódio, dificultando suas percepções espirituais. Outros soltavam uivos sinistros.

Fomos informados que alguns desses espíritos infelizes têm ligações espirituais com cooperadores encarnados e desencarnados da FEIG, mas que, mesmo em tão difícil situação, já se encontravam amparados pela misericórdia de Deus sob a tutela dos amigos espirituais da Casa de Glacus.

Evangelho e Ação, p. 3, jun. 1995.

A importância da visita aos enfermos[13]

Participamos todas as quartas-feiras da equipe número 20 de visita aos enfermos, cuja mentora espiritual é a nossa irmã Alpha Boaretto.

Fomos à casa de uma criança de seis anos, Rodrigo. Era a segunda visita no lar. A mãe do enfermo comunica que a avó do Rodrigo estava vindo para participar. Acontece que a avó não visitava a família havia muitos anos, porque se encontravam brigados. Ela tinha 12 filhos e todos com problemas.

Solicitamos a avó, quando chegou, que fizesse a prece porque ela tinha autoridade para isso, por ser mãe de 12 filhos. Fez uma prece de perdão e amor, harmonizando a família, informando-nos que a partir de então iria se aproximar dos seus outros 11 filhos.

Do apartamento do Rodrigo telefonamos para outro lar a ser visitado, atendendo um reiterado pedido do companheiro de Doutrina, Jadir. Dirigimo-nos para lá. Eram 21h30min. Chovia bastante. Na porta do edifício encontramos uma senhora com um semblante sofrido com uma criança no colo. Apresentamo-nos. Chegando ao sexto andar, fomos recebidos pelo marido, Rogério. Nesse instante, vimos um espírito que disse: – Graças a Deus, sou o Ver. Adentramos. O ambiente do lar estava carregado.

Vimos grande semelhança do espírito desencarnado com o dono da casa, pois o mesmo era filho do Ver.

Em seguida, Rogério foi buscar a enferma a ser visitada, sua mãe, D. Evangelina, para o passe. Já em idade avançada, veio até a sala com certa dificuldade. Imediatamente a reconhecemos. Demos o passe em equipe, cantamos hinos, o que proporcionou a higieniza-

13 N.O.: Título original.

ção do ambiente, pois verificamos os espíritos infelizes saírem pelas janelas e pela porta. No momento do passe, identificamos melhor nosso irmão Alexandre Ver, que mais uma vez cruzou as mãos em sinal de agradecimento e disse: – Graças a Deus, ela precisa tanto!

E nesse instante percebemos outro espírito com aparência forte, claro, alto, cabelo branquíssimo, que nos disse: – Eu sou Valadão. Devemos muito a essa nossa irmã.

Quando terminou o passe, ao narrar o fato, a nossa irmã visitada informou-nos que tinha trabalhado como médium durante 30 anos na instituição Tenda do Silêncio, onde o nosso Valadão foi presidente durante longos anos.

Nos lembramos da senhora visitada, porque há 31 anos atrás, D. Evangelina encaminhou uma certa mãe com sua criança para ser adotada até o casal D. Laura e Cristo Horta, conhecidos nossos de Doutrina e que haviam adotado muitas crianças. Na impossibilidade de adotar mais uma, pediram-nos ajuda para encaminhá-la, o que fizemos então, solicitando a um casal amigo que a orientasse. Observamos, na época, que a criança possuía um defeito no pé.

Passados muitos anos, viajando pelo interior de São Paulo, hospedados em casa de um casal amigo, que belo reencontro! Nos apresentaram uma jovem bonita, recém-formada em medicina. Era a criança adotada há muitos anos atrás. Olhamos com surpresa para seu pé, pois andava normalmente. Informou-nos que tinha feito uma cirurgia corretiva. Foi uma grande alegria!

Esses relatos confirmam a importância das visitas a enfermos nos lares, onde aprendemos e conquistamos grandes amizades sob as bênçãos de Jesus.

Visitem os enfermos!

Evangelho e Ação, p. 3, maio 1995.

Vivendo e recomeçando[14]

O fato aqui narrado ocorreu-me há cerca de 42 anos. Morava então no bairro Santa Tereza, na casa de meus pais.

Naquela noite fria, deitara-me e começara a cochilar, quando subitamente despertei, com um grande desejo de sair.

Discretamente, evitando acordar a família, saí de casa e sentei-me ao portão, do lado de fora. Senti-me imediatamente preso ao solo, incapaz de me levantar.

Ouvi um ruído ligeiro. À direita, na esquina da rua, divisei uma figura pequenina, que se deslocava em minha direção. Parecia admirar-se com a luz que vinha do poste próximo à casa.

Uma singular criatura postou-se finalmente diante de mim. Parecia estar curioso. Girando a cabeça, olhou novamente para a luz do poste, voltando a fixar-me, no tórax. Com as mãos juntas, parecia rezar, emitindo ruídos peculiares.

Era um espírito com características extraterrenas. Tinha estatura aproximada de 1,10m, a cabeça era grande, desproporcional ao corpo, os cabelos pareciam raízes de plantas rentes ao crânio. A testa era larga, os olhos fundos, com sobrancelhas que pareciam escamas. Um bigode de escamas cobria o que me pareceu ser a boca.

O resto do corpo era igualmente bizarro. Tinha os braços colados ao tronco, apenas o antebraço se movimentava. O mesmo ocorria com as pernas. Usava um traje colado ao corpo, de difícil descrição.

Olhou-me uma vez mais e para a luz do poste. Parecia encantado,

14 N.O.: Título original.

como se estivesse em algum lugar especial. De repente, meu pai abriu a janela, desligando-me da visão.

Dias depois, em reunião especial, nosso amigo espiritual José Grosso nos informou que se tratava de um espírito habitante de um mundo inferior à Terra, que se encontrava exteriorizado durante o sono. Tinha méritos conquistados e podia visitar o nosso planeta. Informou-me ainda que o sono dos habitantes daquele mundo, pelo tempo terrestre, durava 72 horas.

Em 1990, estava exteriorizado no campo espiritual da FEIG, em companhia do amigo Calimério, quando surgiu junto a nós um espírito de cor escura, com aparência gelatinosa.

Minha primeira reação foi afastar-me, mas a figura foi se modificando, até que me lembrei do nosso extraterrestre. Fiquei surpreso. Tentando fixar a visão, nada mais vi, a não ser Calimério a me dizer:

– Este espírito, Ênio, recebeu a benção de reencarnar na Terra, em um pais da África Central, na região do Kalahari, será um pigmeu. Espíritos encarregados o trouxeram aqui para se fortalecer para a nova oportunidade.

É reconfortante saber que a vida é um eterno recomeçar, em nossa Terra e em todos os planos da Criação Divina! Rejubilemo-nos: o melhor, não importa a aparência atual dos fatos, sempre estará por vir, quando fizermos por merecer!

Evangelho e Ação, p.3, abr. 1995.

A luz da amizade

Em reunião pública do dia 8 de novembro de 1988, me encontrava na sala seis, situada no plano espiritual da FEIG.

Um espírito de origem judaica, que se identificou como S. Z., desejando falar ligeiramente a respeito de seu desencarne foi levado a sala seis por dois espíritos também de origem judaica, com os sobrenomes Scemisch e Klinkliewnisk. Percebi que o irmão Calimério conversava com os dois espíritos visitantes no idioma "ichi" (judaico).

O irmão S. Z. então passou a nos contar sobre a experiência do seu desencarne:

Morava numa cidade do interior do Rio de Janeiro. Conhecido escritor na Europa Central. Por circunstancias desejou morrer e, numa noite, recolheu-se ao quarto com a esposa. Abriu o gás do aquecedor do banheiro que inundou toda a casa. Voltando ao leito, dormiu. Acordou com a campainha tocando e, como a empregada não tinha chegado ainda, decidiu ir até o alpendre recolher o pão e o leite que o padeiro havia entregado. O padeiro insistiu na campainha. Ele, no alpendre superior em que se encontrava, gritou e gesticulou para o padeiro, que não o percebeu, e, ao debruçar-se na balaustrada da varanda, acabou por cair lá embaixo.

Retornou ao recinto e viu a esposa inerte. Sacudiu-a, olhou e se viu deitado ao lado dela. Aí foi que se lembrou de ter aberto o gás para se suicidar. Ele ouviu barulhos. A empregada batia na porta do quarto insistentemente. Ela abriu a porta e viu os dois e começou a gritar. S. Z. percebeu, então, que havia morrido. Viu os telefones sendo usados para providencias, viu familiares, vizinhos aflitos. À tarde, acompanhou o féretro. Não foi enterrado em cemitério para

judeus, mas em cemitério comum. Presenciou o enterro. O sol já se punha quando retornou à sua residência. Ouvia comentários. Disse para si mesmo, então: – Cometi uma grande besteira. Desconhecia o paradeiro espiritual de sua esposa. Condolências, pensamentos dos familiares saudosos que vibravam por eles, mas se sentia consciente de seus atos.

Após alguns dias, passou a ficar mais no cemitério do que em seu lar, porque ainda se encontrava preso às vibrações do corpo terreno, além de nada ter a fazer em sua residência. Em determinada noite, teve um receio muito grande, quando, de um túmulo vizinho ao dele, ouviu alguém chamar – Psiu, psiu!. Estavam lhe chamando pelo nome e então ele olhou. Um espírito de nome Antônio, brincalhão, falou: – Três meses faz que você, como dizem os espíritas, desencarnou. Todas as segundas, quartas e sextas-feiras eu vou às reuniões de um núcleo espírita e, de vez em quando, me manifesto através de uma médium dando instruções.

S. Z. ficou curioso. O Antônio percebeu isso. Depois de muita insistência, deslocou-se junto ao Antônio numa sexta-feira, para um subúrbio do Rio de Janeiro. Adentrou ao barracão simples onde se realizava a reunião. Os trabalhos mediúnicos iniciaram-se. Antônio incorporou-se em uma médium dedicada, mas que ainda não apresentava o desenvolvimento mediúnico completo. O dirigente foi logo falando com Antônio: – Meu irmão, teremos aqui o irmão X., médico que está muito interessado em ouvir os detalhes do que você tem a nos transmitir.

Nisso, o médico pôs em dúvida o relato de Antônio através da médium que estava na tarefa da caridade. Ele então ficou bravo. S. Z. que estava do lado, disse: – Vou ajudar meu amigo. E avançou numa senhora, incorporando-se nela. Quando quis rebater, recebeu uma bolada de luz na cara e viu que Antônio também a tinha recebido.

Após receberem a bola de luz, foram projetados para outro local, afastado da área espiritual da Terra, onde não havia luminosidade e de onde se podia divisar a Lua e a Terra. Nessa situação, encontraram um espírito de nome Francisco, que, por algum mérito, possuía uma lanterna e do qual receberam boa acolhida e palavras de ânimo.

Meses se passaram sem que eles percebessem e esse espírito amigo continuou sempre lhes dando apoio. Numa oportunidade, os três se encontravam envolvidos em uma oração sentida. Presumia-se, pelo horário terreno, serem por volta de 18h. Ao terminarem a prece, Francisco disse: – Vamos descansar, pois precisamos estar lá na Terra às 20h.

S. Z. e Antônio se sentiram felizes, numa tranquilidade confortadora. No processo da prece, três bolas de fogo começaram a vir da Terra em direção a eles. Os três amigos logo se viram transportados para o mesmo barracão das reuniões espíritas, no Rio de Janeiro.

No barracão melhorado, olhando a folhinha, percebeu que três longos anos haviam se passado. As pessoas se preparavam para a reunião mediúnica de sexta-feira. Os médiuns eram os mesmos. As duas médiuns que receberam os dois naquela época continuavam lá, agora mais preparadas por sua dedicação ao trabalho mediúnico.

Lá se encontravam mais duas médiuns desenvolvidas, a postos para a tarefa da caridade. O nosso S. Z. viu o espírito de sua esposa na reunião e a beijou, pedindo-lhe perdão.

Diante de seus olhos espirituais, viu a esposa e seu amigo Francisco incorporarem-se nas novas médiuns que se encontravam à direita do dirigente da reunião. S. Z. e o colega Antônio incorporaram-se, então, nas mesmas médiuns de três anos atrás, que estavam assentadas à esquerda do dirigente.

Houve, naqueles momentos, uma conversação entre o dirigente da reunião e os quatro comunicantes, na qual foram focalizados os sofrimentos e as necessidades passadas, a finalidade da lanterna e os projetos de resgate, possibilitando a eles renovadas esperanças de realizações futuras.

O dirigente ficou satisfeito por ter conseguido conduzir a bom termo o diálogo entre aqueles espíritos, o qual foi muito enternecedor.

Antônio, S. Z. e Francisco, após a manifestação, foram recolhidos para departamentos em colônia espiritual.

Os três amigos que se encontravam carentes de paz, foram encaminhados à reunião com a finalidade de abrir os corações para o entendimento e refazer energias.

A esposa, naquela ocasião, estava já em preparo para nova encarnação e retornaria como descendente do casal no Brasil, devido ao mérito já conquistado, (ela não tinha conhecimento, na época da sua morte, dos planos do marido).

O nosso irmão S. Z. nos lembrou, após o relato, que inúmeras entidades benfeitoras estiveram a postos nessa reunião, no núcleo espírita.

Verificamos assim que, apesar dos nossos erros, nunca estamos desamparados; que a mediunidade é benção de Deus em favor de tantos corações desalentados; que os médiuns são verdadeiros instrumentos do bem e da caridade; e que, em qualquer situação, encontraremos amigos encaminhados por Deus para iluminar nossos destinos com a lanterna da amizade.

Evangelho e Ação, p. 3, dez. 1996.

20 anos da Fraternidade

Relato da visão espiritual da reunião comemorativa do aniversário de 20 anos da FEIG, realizada no terceiro domingo.

Após preces, hinos, comentários e palavras dos mentores espirituais presentes e antes do encerramento da reunião, o presidente da FEIG, Alfredo, solicitou-nos que falássemos a respeito do quadro espiritual daquela tarde.

Relatamos:

Vimos o espírito Joseph Gleber. Ouvimos o seu sotaque marcante do português misturado com o alemão. Quando Joseph se manifestava por nosso intermédio, podíamos sentir um perfume forte que identificava a sua presença.

Junto ao nosso Joseph, divisamos a nossa irmã espiritual Scheilla, com seu perfume também característico, espalhando doce suavidade no ambiente.

Vimos também Ferens, espírito dedicado, operoso, sempre o tivemos presente junto à equipe espiritual da nossa Fraternidade. De origem húngara, apresenta fortes ligações com os espíritos Scheilla, Joseph, Glacus, etc. Tem a tarefa específica da condução assistencial de espíritos que tiveram, quando reencarnados, muita determinação, postos diretivos e de comando na área militar, desde a época de Átila que ele tem essa tarefa, quando desencarnado.

Bem junto à mesa, identificamos o nosso Glacus, que se fez presente aos nossos olhos. Estava emocionado, envolto em suave claridade.

Também observamos a irmã Hellen Mayer, espírito de tarefa diretiva da FEIG, com belas conquistas espirituais, no campo da organização cristã e da ciência.

Os espíritos da tarefa diretiva de todos os departamentos da Fraternidade, cada qual portando a sua identidade, foram se posicionando. Vimos 60 espíritos mentores de equipes, constituídas e a se formarem, da tarefa de visita aos lares e hospitais.

Em determinado momento, a nossa irmã Scheilla, juntamente com a nossa Hellen Mayer, envolveram o nosso irmão Glacus em suas vibrações carinhosas se formando nesse instante um imenso buquê de flores amarelas, cuja disposição das flores formava os dizeres: Vinte anos.

No recinto espiritual se formou uma faixa luminosa imensa com as palavras: – Fraternidade Espírita Irmão Glacus, aberta carinhosamente pelos mentores Palminha e José Grosso.

O nosso irmão Glacus sensibilizou-se até às lagrimas. Percebemos também nesse instante que todos os espíritos das tarefas diretivas também se encontravam emocionados. O ambiente espiritual se encontrava em perfeita harmonia.

Identificamos junto a nós, ainda, outras entidades, entre elas: o Professor Rubens Romanelli, diretor espiritual do Colégio da Fundação Espírita Irmão Glacus, que felicitou-nos pelo veículo de divulgação, o jornal "Evangelho e Ação", o qual portava em suas mãos. Chamou-nos a atenção o fato de que o exemplar apresentava modificações no cabeçalho. Sorridente, nos lembrou do jornal "O Verbo Moço", da Mocidade Espírita Maria João de Deus, do Centro Espírita Oriente, do qual foi fundador.

Palminha nos disse – Ênio, observe. Nesse instante o espírito de Calimério colocou a mão sobre minha cabeça e potencialidades ou-

tras nos fizeram ver no recinto da Fraternidade, que se ampliou, se transformando em um grande anfiteatro, cinco mil espíritos presentes em tarefas vibracionais.

Percebemos por forte intuição que esse número elevado de espíritos, hoje colaboradores disciplinados, em sua grande maioria aportaram na Fraternidade ao longo desses 20 anos, como enfermos, em busca de socorro espiritual, muitos deles possuindo parentesco com os colaboradores da Casa.

Esses espíritos encontravam-se presentes na reunião de aniversário da Fraternidade por afinidade e para demonstrarem sua gratidão pelo muito que receberam por parte das atividades espirituais desenvolvidas na Casa. Atualmente todos se encontram integrados a tarefas assistenciais.

Podemos verificar a extensão do trabalho realizado nas casas espíritas levando assistência a um grande número de necessitados, que nelas encontram o socorro e também o caminho para a sua melhoria espiritual.

Agradecemos a espiritualidade amiga que, durante esses 20 anos da FEIG, vêm nos proporcionando a oportunidade e o aprendizado da caridade nos dois planos da vida.

Evangelho e Ação, p. 3, nov. 1996.

O compromisso com a mediunidade

Na reunião de quinta-feira, três de outubro de 1996, iniciada a tarefa do receituário, de imediato me vi no campo espiritual junto aos espíritos Calimério e Euzébio.

Logo acima da sala dez, cujo espaço se altera de acordo com a necessidade espiritual, nos deparamos com uma sala que me chamou atenção, pois a mesma tinha as características de ser uma sala reservada. Estava hermeticamente fechada e suas paredes externas eram revestidas de bronze opaco. Nosso irmão Euzébio convocou a irmã espiritual Elizabeth, de aproximadamente 50 anos, que já nos aguardava. Esta se aproximou, retirou uma chave de um recipiente e abriu a sala dez. Euzébio convidou-me a entrar. Me vi dentro da sala com Calimério. Euzébio e a irmã Elizabeth. Logo ao entrarmos, fomos revestidos de um uniforme branco. Essa sala era nova para mim, assemelhava-se a uma câmara fechada, toda esterilizada, ionizada. No centro havia uma ampla mesa de granito esverdeada, linda, translucida. Vi 17 espíritos, dez femininos e sete masculinos.

Ficamos a distância. Calimério esclareceu-me: – Temos aqui esses 17 espíritos que estão atualmente reencarnados no corpo de jovens de sete a 14 anos e que, no momento, se encontram no sono do corpo físico. Todos eles apresentam a forma do perispirito da reencarnação anterior.

Esses espíritos estavam ali para serem fortalecidos e se refazerem, para cumprir a função precípua da tarefa da mediunidade com Jesus. Todo o cuidado com que estão sendo preparados tem como objetivo o fato de que não podem falhar em sua futura missão.

Junto à mesa, vimos oito cadeiras de cada lado, não havendo cadeiras nas cabeceiras nem instrutores. Cada um daqueles espíritos uti-

liza aquelas horas para exercitar em tarefas dentro de suas aptidões, tais como estudos variados, desenhos, ciência, pois o ambiente já proporciona os elementos que lhes faculta o desempenho de suas atividades, as quais virão mais tarde desempenhar nessa encarnação.

Dentre aqueles espíritos, um se sobressaia, Ismael, reencarnado atualmente com a idade de dez anos e já possuidor de muitas aquisições espirituais. No próprio recinto havia uma pequena câmara reservada, onde tinha uma cadeira na qual se assentava Ismael, que possui responsabilidade sobre os 16 outros. Euzébio esclareceu ainda que quando esse espírito acordar irá dizer à mãezinha que havia sonhado que estava em um laboratório.

Em determinado momento, nos convocaram à prece e, então, pude avaliar quantas novidades foram apreendidas por mim naquela sala[15]. Logo após, Euzébio e Elizabeth fizeram a prece de Cáritas e ficaram nimbados de luz. A irmã Elizabeth, a guardiã daqueles espíritos, é a guia espiritual dos dez espíritos femininos e também do espírito Ismael; e o irmão Euzébio, o guia dos outros seis espíritos masculinos.

Já nos corredores do campo espiritual, o nosso irmão Calimério nos esclareceu: – Essa sala que visitamos também é utilizada para trazermos os médiuns do receituário ostensivo, como também os médiuns em desenvolvimento no exercício da psicografia da Casa de Glacus.

Nessa noite tivemos ainda a previsão de que só cinco médiuns estariam presentes, devido ao fato de que os demais se encontravam envolvidos em outras preocupações, mas, mesmo assim, os espíritos comunicaram que se encontravam satisfeitos.

15 O assunto será alvo de maiores explicações em outra oportunidade.

Gostaríamos de esclarecer que essa sala só permanece hermeticamente fechada quando os espíritos estão fora do corpo, buscando protegê-los, tendo em vista a tarefa missionária dos mesmos. A espiritualidade nos mostra assim que, no plano espiritual, nada fica ocioso.

Verificamos mais uma vez, o cuidado da espiritualidade com o planejamento e a organização das nossas encarnações e, principalmente com as reencarnações daqueles que vêm com a missão da mediunidade, com o compromisso de propagar a Doutrina Espírita, levando o seu aprendizado a um grande número de pessoas.

Evangelho e Ação, p.3, out. 1996.

O compromisso da assistência espiritual

Há mais ou menos três anos atrás, durante a tarefa do receituário, em exteriorização, fui conduzido pelo irmão Calimério à sala seis, uma das dependências espirituais da FEIG, que gentilmente foi aberta pela irmã Rita. Lá havia uma mesa com três jarras que continham variadas flores.

Que surpresa! Vi minha mãe, Maria Wendling, Tia Alzira, e, entre elas, o espírito de uma moça loura apresentando uns 22 anos. Tia Alzira, que tinha olhos azuis, estava com um terço na mão. De repente, a jovem transformou-se espiritualmente, apresentando-se com a aparência de uma criança de dez anos. Reconheci a menina que se apresentou à minha visão espiritual em dezembro de 1937. Tia Alzira disse: – Esta é a Ana Luíza, é a minha irmã, aquela que você viu em 1937.

Revivi então aquela época. Aproximava-se o Natal. Eu estava com 12 anos. Recebemos na nossa casa a tia Alzira, que morava na cidade do Rio de Janeiro e nessa época tinha aproximadamente 51 anos. Todos nós da família aguardávamos sempre essa tia, pois trazia presentes de natal para todos da nossa enorme família, 13 irmãos, além de presentear também aos empregados. Era sempre uma grande alegria, um Natal farto.

Numa dessas noites que antecederam o Natal, com Tia Alzira já presente conosco, estávamos na copa espaçosa. Eram 21h. A maioria dos irmãos já se encontravam recolhidos e havia na copa uma suave tranquilidade. Neste instante, soou o chamado de minha mãe, me avisando que a hora já passava dos limites. Me repreendeu, dizendo que estava abusando da presença da tia Alzira para ficar acordado até aquela hora. Olhei para minha tia e percebi que estava com um terço na mão e orava. Fui então à cozinha, peguei uma caneca que me

pertencia e que tinha sua peculiaridade, o seu bordo dentado. Lavei na pia a caneca. Neste exato momento, na porta da copa que dava acesso à cozinha, surgiu uma menina aparentando dez anos. Loura, cabelos na altura do pescoço, enrolados para dentro, com dois cachos anelados na fronte, olhos azuis. Trajava um vestido branco de mangas compridas, com rendas e babados na gola e mangas. Sorriu para mim. Caminhou na minha direção e me deu um abraço pelo lado direito. E antes de desaparecer, sorriu ainda. Me senti todo envolvido por essa menina. Dei um grito. Assustei-me. A minha mãe, que estava no fogão, virando em minha direção, me acudiu, percebendo que tinha havido alguma coisa. Levou-me à copa. Narrei então o fato. Surpresos, ouvimos a Tia Alzira: – Mariinha, estou com o terço rezando pela alma de Ana Luíza, que morreu quando tinha dez anos de idade e hoje está fazendo 50 anos do seu falecimento. Na época eu contava apenas um ano de idade, só me lembro dela pelos retratos. Ah, ela deve estar no purgatório. Precisamos mandar celebrar missa.

Dias depois fomos todos à missa na Igreja Nossa Senhora das Dores, na Floresta. O padre dessa igreja já havia tomado conhecimento dos fenômenos que ocorriam na Rua Silva Jardim, 140, no bairro Floresta, onde eu me residia. Mais tarde ficou como Monsenhor.

Na mesma noite, ocorreu outro fato singular. Antes de dormir, do quarto que dava acesso à copa, ouvimos um pequeno estrondo, como se uma pedra tivesse quebrado a cristaleira. Minha irmã e tia correram e vimos, dentro da cristaleira com os copos de cristais virados, um pedaço de tijolo com cimento de uns quatro quilos. Mas nada havia sido quebrado. No dia seguinte, a empregada tirou a pedra e a jogou no quintal.

Acordei pela madrugada e a cama em que eu estava dormindo estava acima do piso, fenômeno presenciado pela Tia Alzira, que dormia no mesmo quarto que eu.

A minha Tia Alzira veio a falecer em 30 de novembro de 1965, aos 79 anos. Em seu velório, vi a menina loura dos olhos azuis, sorridente. Quando do desencarne da minha mãe, Maria Wendling, em 7 de setembro de 1973, ao fazer a prece, momentos antes de seu enterro, divisei, não a menina loura, de olhos azuis, mas a moça de 22 anos, Ana Luíza, entre as irmãs Alzira e Maria Wendling. Eis que esta mesma cena retornou aos meus olhos há três anos atrás, na sala seis, da FEIG, exatamente.

Após tais recordações, minha mãe então informou: – A Ana Luíza não reencarnou novamente, porque tem um compromisso de assistência espiritual a todos os seus familiares encarnados, se apresentando como uma moça de 22 anos pela sua dedicação e belas conquistas espirituais. Vamos incorporar nossa irmã em vibrações de carinho.

Gostaríamos de esclarecer que a Ana Luíza se apresentou aos nossos olhos sorridente, feliz e de suas vestes brancas fluía uma luminosidade azul que provinha de suas conquistas espirituais. Durante aquela aparição, todo o ambiente se transformou, mostrando detalhes da época em que Ana Luíza contava seus dez anos de idade, como a mesa grande, o ladrilho diferente, etc.

Vale a pena registrar ainda que aqueles demais fenômenos ocorridos na mesma noite, na rua Silva Jardim, eram oriundos da mediunidade que, naquela época, já se manifestava.

Agradecemos a Jesus pela oportunidade do trabalho na Casa Espírita, que nos transforma, redime e instrui, e através do qual tantas dádivas recebemos dos nossos amigos espirituais.

Evangelho e Ação, p. 3, set. 1996.

Coração a serviço

Tivemos como orador, nosso irmão Manoel Tibúrcio, da região do Triângulo Mineiro. Durante a palestra encontrávamo-nos exteriorizados na tarefa do receituário e tivemos a felicidade de não só ver, mas ouvir, o nosso irmão espiritual Jerônimo Mendonça que quando encarnado deu grandes testemunhos, pois paraplégico, só movimentava os lábios, pregava o Evangelho e a real fraternidade nas casas espíritas em que era convidado a falar. Esse espírito missionário demonstrava aos meus olhos, suave luminosidade espiritual, expôs bela dissertação das coisas espirituais de onde ele, por misericórdia de Deus, como dizia, se situava. E ali estava também para ouvir a palestra do seu grande amigo de tarefas espirituais, o nosso Manoel Tibúrcio.

É bom lembrar que o Manoel Tibúrcio também havia feito uma palestra no dia anterior, quarta-feira, onde foi registrada a presença do nosso venerável Bezerra de Menezes e de muitos outros espíritos, dentre eles, o Jerônimo Mendonça.

Nessa quinta-feira, tivemos a presença do nosso irmão João Cabete, que foi intitulado pelo Chico Xavier, "seresteiro do Evangelho", e autor de centenas de hinos hoje cantados por vários corais espíritas em Belo Horizonte e no Brasil. O Cabete apresentava-se tranquilo, feliz, com a sua simpatia natural. E feliz ainda por ter contribuído com a mediunidade da musicalidade espírita. Por compromissos espirituais e sintonizados com a tarefa da FEIG por afinidade, estavam presentes a nossa irmã Scheilla, Joseph Gleber, Fritz Schein e mentores diretivos de nossa Fraternidade, como o nosso irmão Glacus. Fato singular – por alguns segundos, identificamos o espírito do nosso irmão Glacus, cumprimentando os visitantes da reunião. O nosso irmão Calimério esclareceu-nos que por frações de segundos, o nosso Glacus deixou o receituário, paralisando a tarefa, para cumprimentar os visitantes, o que nos chamou a atenção.

O Cabete disse: – Estou fixado nas dependências muito agradáveis da Colônia Espiritual Nosso Lar[16]. Tenho dado um jeitinho, e estou sempre junto das músicas cantadas e que foram por mim recebidas de dedicados espíritos na área musical.

Temos divisado sempre ao final das reuniões, junto à apresentação do Coral ou do órgão, a presença espiritual do nosso Cabete. Está integrado na tarefa. Continuando, Cabete esclareceu-nos ainda que não pretende ficar parado; sente-se integrado mais e mais junto às equipes espirituais na FEIG.

A nossa irmã espiritual Scheilla, ouvindo, disse: – Perfeitamente. E sorrindo, Cabete colocou: – Não precisei vestir a camisa. Já me sinto integrado.

Ainda nessa mesma noite, Calimério e Euzébio, aproximaram-se e me deslocaram do campo espiritual da FEIG.

Descemos num amplo jardim. Vimos luzes espirituais. Divisamos todo o jardim, apesar de ser noite, pois as luzes emanavam do solo. Entrei num hospital com o nome Carlos Chagas, que se encontrava numa sóbria luminosidade. Subi três andares, tudo rápido. Segui o corredor à direita. Vi uma inscrição com os seguintes dizeres: "Residência Provisória de Dedicados Obreiros Muitas Vezes Anônimos". Deslizei, abri a porta. Encontramos com o nosso irmão recém-desencarnado, o nosso irmão Zacarias de Castro, que se encontrava em pé, e foi dizendo: – Eu sabia que você viria, você não morreu, não é? Chorou. Senti abraçar-me. Falou aos meus ouvidos: – Visite aos meus.

Aí, então recordei. Uma vez fomos em equipe visita-lo, pois estava muito enfermo. Tivemos que aguardá-lo, pois estava, apesar de do-

16 André Luiz, através de seus livros psicografados, foi quem definiu e esclareceu sobre a cidade de Nosso Lar, na área espiritual do Brasil.

ente, também em visita ao lar de outro enfermo. Fizemos o passe no Zacarias. Poucos dias depois desencarnava.

Eis uma noite na tarefa espiritual em que, quando colocamos o nosso coração a serviço do Evangelho de Jesus, recebemos dádivas do Pai de Amor.

Evangelho e Ação, p. 3, ago. 1993.

Como conhecemos D. Glória[17]

Por volta de 1958, tomamos posse no Instituto IAPFESP. Fomos encaminhados para a Contabilidade e lá o irmão Jarbas já era funcionário da instituição. Percebi que todos os colegas do setor não tinham conhecimento da Doutrina Espírita. Apenas o Jarbas. Passei a colocar sobre as mesas dos colegas mensagens mediúnicas. Alguns deles nos censuraram. Trocamos ideias com o Jarbas a respeito. Uma tarde, saindo para o café, coloquei a mensagem na mesa de um colega. Na volta, o chefe do setor nos informou que o diretor queria ter uma conversa comigo sobre o folheto deixado por mim. Fiquei um pouco preocupado. Antes do expediente encerrar, fomos ter com o diretor geral. O Sr. Acrísio mandou que me assentasse e me inquiriu sobre as mensagens. Então falamos que cooperávamos no Centro Espírita Oriente. Para surpresa minha, solicitou que eu e o Jarbas visitássemos a mãe dele que se encontrava doente. Ele sabia de antemão que o Jarbas era espírita. Ficou acertado que na primeira ocasião faríamos a visita, o que ocorreu no domingo próximo. Ficamos sabendo da satisfação do Sr. Acrísio e sua mãe, D. Glória com a nossa visita em seu lar. Essas visitas continuaram por algum tempo. Outras equipes visitaram também a D. Glória. Ela era uma pessoa agradável, simpática, de cabelos grisalhos e as visitas estavam fazendo bem à toda a família. Ficamos sabendo que ela tinha sido educadora. Discutia com as autoridades, buscando melhorias para o ensino. Liderou uma campanha em Belo Horizonte para instalação do curso primário noturno. Possuía um porte austero, tinha imenso magnetismo pessoal e autoridade na área da educação.

Queremos destacar que em todas as visitas, nós, os componentes, recebíamos das mãos generosas de D. Glória, pés-de-moleque e pães de queijo envoltos em alvos guardanapos, que ela mesmo pre-

17 N.O.: Título original.

parava com muito carinho e todos os familiares vibravam com a visita e com aquela doação de D. Gloria, mesmo com seus 87 anos. Pelo avançado da idade, a nossa irmã veio a falecer.

Passados alguns anos, em novembro de 1984, exteriorizado durante a tarefa do receituário mediúnico, fomos convidados pelo nosso irmão Euzébio a nos dirigir à sala sete, que é o anexo da sala três para assuntos de tarefas administrativas, ligadas às atividades diretivas. Ao adentrarmos a sala, divisamos o espírito da nossa irmã D. Glória, rejuvenescida. Imediatamente ao me cumprimentar, percebendo a minha surpresa, ela me respondeu: – Oh Ênio, eu ouvi o que você falou. Não fiz plástica, nem tingi o cabelo. Mas estou realmente me sentindo mais jovem.

Nessa sala, ficamos à vontade. O nosso irmão Euzébio se aproximou. Em dado momento, a nossa irmã dirigiu-se para as duas cantoneiras existentes na sala. Ela apanhou dois guardanapos recheados: um com pés-de-moleque, que depositou na minha mão esquerda; o outro, recheado de pães de queijo, depositou na minha mão direita. Fiquei surpreso! Calimério fez um sinal afirmativo para que eu os recebesse. Aproximei-me mais. D. Gloria disse ainda: – Ênio, eu os fiz pessoalmente. Mais surpreso ainda fiquei. Frente à aquiescência do nosso irmão Euzébio, aproximou-se de mim o nosso irmão Calimério que, colocando a sua mão sobre minha cabeça, permitiu-me perceber algo muito interessante. Meu espírito foi ficando revitalizado. Os pés-de-moleque à esquerda e os pães de queijo à direita, como que se derretiam e a energia do amor com que foram plasmados, penetrava meu espírito, me revigorando. Aos olhos espirituais de D. Glória tudo permaneceu do mesmo jeito. Ela não percebeu a transformação fluídica daqueles elementos.

Antes de D. Glória se retirar, ela nos informou que iria juntamente com o Prof. Rubens Romanelli colaborar no Colégio da Fundação

Espírita Irmão Glacus, cujo mentor é o próprio professor Romanelli. Ela se integraria nessa tarefa pela afinidade que possuía com a área da educação. Ainda nos disse: – A todos que me visitaram e que sei que ainda estão encarnados, o meu grande reconhecimento. Passei então o presente às mãos de Euzébio, pois seguiria o irmão Calimério em direção à outra sala.

Percebemos pelo relato acima, que devemos procurar sempre perseverar na tarefa, proporcionando oportunidade para que a espiritualidade amiga busque recursos para nos auxiliar, demonstrando o carinho com que assistem a todos os colaboradores nas tarefas. Devido a problemas físicos, quase não compareci aquele dia à tarefa e, consequentemente, não teria recebido os fluidos do amor que prontamente me restabeleceram.

Evangelho e Ação, p.3, jul. 1996.

A importância da organização das tarefas

Relato espiritual da reunião do dia três de agosto de 1995 – quinta-feira.

Ao exteriorizarmos durante a tarefa da reunião, nos vimos de pronto numa sala não especificada, mas que ficava logo acima da sala dez e fomos apresentados ao irmão Leonardo Pôncios, que nos convidou a assentar. Percebemos de pronto que ele executava uma tarefa específica dirigindo uma equipe de seis espíritos, os quais já conhecíamos, mas não sabíamos que realizavam essa tarefa.

Foi levado ao nosso conhecimento pelo dedicado irmão Leonardo, que ele tinha a tarefa precípua de coordenar a feitura das atas das reuniões públicas.

O irmão Leonardo nos apresentou a relação dos cooperadores na realização das atas: – O irmão Antunes faz a ata de segunda-feira, o irmão Francisco a de terça-feira, o irmão Patrocínio faz a de quarta-feira, a irmã Juliana faz a de quinta-feira e o irmão Pedro Alcântara a de sexta-feira. No sábado, a ata da reunião da Mocidade é feita pela irmã Ponciana Sorriento, ligada à mentora Joanna de Ângelis.

Um a um, esses irmãos foram se apresentando e se identificando.

Todos os apontamentos realizados nas atas da equipe do irmão Leonardo têm a finalidade de se observar o aproveitamento e as providências a serem tomadas pela direção espiritual.

Em seguida, o nosso irmão Calimério mencionou um dispositivo informando que estava quase ao término da tarefa do receituário.

Nesse instante, o nosso irmão Leonardo se levantou e ouvimos dele uma linda prece de agradecimento, na qual enfatizava a relevância desta tarefa desenvolvida pela sua equipe na FEIG.

Vimos pelo presente relato, a importância conferida pelos espíritos à organização das tarefas, transmitindo-nos o exemplo de responsabilidade e seriedade no trabalho.

Evangelho e Ação, p. 3, jun. 1996.

Tarefeiros em nome de Jesus

Em exteriorização durante a tarefa do receituário, na reunião pública do dia 13 de junho de 1996, percebemos que estávamos em amplo salão situado nas dependências espirituais da Casa de Glacus, em cima das salas no plano espiritual enumeradas de dois a quatro e parte da mesa do receituário. Os móveis do salão eram singelos, cadeiras almofadadas, confortáveis e simples. No fundo da sala, sentado numa poltrona junto da mesa ovalada, estava um espírito que logo identificamos como Zilda Gama. Quando encarnada, foi a médium que psicografou várias obras, romances do espírito escritor Victor Hugo. Fomos informados de que ambos vieram originalmente do campo espiritual da Rússia e Europa, tendo sido casados em encarnações anteriores. A Zilda Gama foi uma dedicada médium, sempre fiel à mediunidade.

Apesar de ter desencarnado com mais de 90 anos, no plano espiritual apresenta-se com aproximadamente 50 anos. Com o auxílio do irmão Calimério elevando a nossa capacidade de percepção, pude então divisar, dentre outros espíritos, o nosso irmão Victor Hugo, intensamente iluminado, projetando maior intensidade de luzes no ambiente.

O que nos deixou forte impressão foi que o casal de espíritos forma, junto a outros espíritos, uma equipe de tarefeiros em nome de Jesus, que tem se integrado fraternalmente à FEIG. Zilda Gama diz: – O irmão Ênio sabe que quando nós, em nome do Pai, nos designamos a uma visita é porque integramos efetivamente nas tarefas programadas e a serem realizadas nesta Casa". Ela se referia a tarefas específicas de obras psicografas através dos médiuns.

Evangelho e Ação, p.3, maio 1996.

Reencontro de apóstolos

Durante a tarefa do receituário, em exteriorização, na reunião de quinta-feira, 13 de julho de 1995, onde transcorria a palestra efetuada pelo irmão Manoel Tibúrcio, orador espírita do Triangulo Mineiro cujo tema era a vida de Jerônimo Mendonça, percebemos materializando aos nossos olhos uma claridade que tomou a forma de uma grande flor, cujo desenho assemelhava-se a uma concha entreaberta. Ela foi se abrindo e ficando mais clara, desprendendo uma luz suave – era o espírito Bezerra de Menezes que estava lá dentro. Desapareceu a flor em forma de concha e o Bezerra de Menezes tomou a sua personalidade, cumprimentou o Sr. Jerônimo de Mendonça e o abraçou. Ampliou-se a área de luminosidade da sala dois, situada no plano espiritual da Casa de Glacus.

Calimério informou: – Já está presente na Fraternidade a personalidade do venerável espírito Bezerra de Menezes, em toda a sua plenitude. Na casa espírita tudo acontece dentro de uma harmonia impressionantemente dirigida. A presença de qualquer personalidade espírita, quer ela seja luminar ou das trevas, está assinalada para tirarmos lições e grandes proveitos. Nada acontece, pois, meu amigo, sem a razão consciente e superior dos amigos espirituais.

Percebendo as minhas indagações interiores, Calimério apressou-se a me responder: – Na casa espírita e na prece bem sentida, em que irmãos de fé se interligam em nome de Jesus com sinceridade e amor, se processa misericórdia como essa, pois, meu amigo, um grande volume de nossos irmãos infelizes e desajustados aqui se dirigiram, após tanto sofrerem, para receberem algo. Nesse reencontro de apóstolos, como Bezerra de Menezes e Jerônimo Mendonça, se processa bênçãos de recursos espirituais para os sofredores. A postos, um número considerável de espíritos do bem coordenam, aproveitando a oportunidade, para que todos aqueles que se apor-

taram à Fraternidade, nessa noite, possam receber as bênçãos de luz, aliviando os seus espíritos, Ênio, a palestra nos preceitos do Evangelho e o templo do trabalho amigo e respeitoso, formam gigantescos suportes de amor e salvação.

Evangelho e Ação, p. 3, abr. 1996.

O amparo aos desencarnados

Em exteriorização na reunião pública do dia 15 de fevereiro de 1996, na semana que antecedeu o carnaval, os irmãos Calimério e Euzébio, juntamente com nossa irmã Rita, nos conduziram ao andar de cima das dependências espirituais da FEIG, onde se situa as salas numeradas de seis, oito e dez e o salão superior.

Na sala seis, fomos apresentados a vários casais de espíritos entre os quais se destacavam dois: o casal Jatir e Wanda e o casal Omar e Wanda. Já conhecíamos o casal Jatir e Wanda, que desencarnaram em acidente de automóvel em Aguaí, perto de São João da Boa Vista, São Paulo. E Omar e Wanda de São Paulo, cujo desencarne foi por acidente quando eles iam visitar familiares de Wanda em Curitiba, Paraná.

O Jatir que foi médico por longos anos, na última existência, na cidade de Itanhomi, Minas Gerais, deslocando-se depois para a cidade de São João da Boa Vista, São Paulo, foi falando: – Ênio, nós estamos para uma tarefa com muito amor. É a de ampararmos e trazermos para o recinto da FEIG, espíritos que desencarnarão por imprudência e outros por reajustes, em acidentes durante o carnaval. O número será grande em Minas Gerais, sendo que alguns deles de alguma forma estão ligados à Casa de Glacus.

Estes dados se confirmaram ao verificarmos a incidência, no período do carnaval, do excessivo número de acidentes com mortes, dentre os quais, alguns realmente tinham ligações com pessoas que frequentam a Fraternidade, e vieram procurar a Casa em busca de conforto e esclarecimento.

Pedimos a Jesus que continue fortalecendo os espíritos dedicados a essa tarefa e agradecemos pelo carinho com que eles recepcionam

e instruem os espíritos que chegam ao mundo espiritual nesta difícil situação. Pedimos ainda que fortaleçam os familiares e amigos desses espíritos, neste momento tão difícil. Que Jesus vele por todos nós.

Evangelho e Ação, p. 3, mar. 1996.

O campo espiritual da FEIG

Em exteriorização durante a tarefa do receituário, nos encontramos no campo espiritual com o mentor espiritual Calimério.

Assinalamos que no campo espiritual da FEIG existem várias salas que se encontram dispostas – utilizando-se como referência a mesa de reunião, onde se realiza a tarefa do receituário – da seguinte maneira: à direita estão situadas cinco salas identificadas com os números pares de zero a dez; à esquerda, seis salas identificadas com os números ímpares, de um a 11.

Estávamos na sala quatro, quando a parede divisória entre a sala quatro e seis do lado par começou a subir. Então percebemos que todas as outras também começaram a subir. E as do lado ímpar, excetuando-se a sala 11, efetuavam o movimento contrário, como se descessem para o subsolo.

Observamos que a sala 11 é uma sala especial que recebe espíritos muito necessitados que ali são atendidos e amparados.

As salas mencionadas têm mobiliário próprio, juntamente com instrumentais, ou seja, aparelhos espirituais.

Através de um processo que ainda não recebemos orientação a respeito, formou-se então um salão amplo e destituído do mobiliário particular à cada sala.

Verificamos que o mesmo estava repleto de espíritos, mais ou menos em torno de 500, como um auditório e então se fez ouvir, através de delicados aparelhos de som, a voz do orador encarnado da reunião da noite, o nosso irmão Jarbas, que palestrava com propriedade, versando sobre o capítulo do livro Nosso Lar, do espírito de André Luiz, psicografado pelo médium Chico Xavier. Observa-

mos que apesar de perceber os espíritos, estes não viam nem a mim, nem ao mentor Calimério, devido à sintonia espiritual.

O assunto versava sobre a alimentação dos espíritos na Colônia Espiritual Nosso Lar.

Os espíritos que estavam assistindo a palestra eram recém-desencarnados e foram levados pelas equipes espirituais. Tinham vínculos com muitos dos encarnados que estavam presentes à reunião.

Como recém-desencarnados, todos ainda sentiam no seu perispírito necessidades de fome, higiene, sede, bem como a ausência de respostas de seus parentes e entes queridos, devido ao seu desconhecimento do processo desencarnatório.

Após a palestra, se fez um hino de agradecimento. Os espíritos foram conduzidos a instituições de amparo para receberem tratamentos de higiene e a alimentação necessária ao seu refazimento espiritual.

Calimério comentou: – Nós somos atraídos não só pela nossa vibração, como pela palavra, ou seja, pela sintonia a que estamos vinculados. O assunto tratado com seriedade ampara e corrige.

6 de novembro de 1995 – terça-feira.

Evangelho e Ação, p. 3, fev. 1996.

Bendita é a reencarnação

Terça-feira, dia 28 de novembro de 1995, em exteriorização durante a reunião pública, percebemos o espírito de um rapaz de 42 anos, com roupa de oficial da corte do Czar dos Romanoff, Rússia. Ele se apresentou com o nome de Dimitri. Dois espíritos estavam junto ao irmão, de pronto reconhecidos – era nossa irmã Palmira, médium de Poços de Caldas, e também irmã Lola, tarefeira já desencarnada, ambas do mesmo grupo espírita.

Observamos que a nossa irmã Palmira estava diferente, difusa, o que nos fez ficar em dúvida se estava desencarnada ou em estado de sono.

Quando o irmão Calimério se aproximou, colocando a mão sobre a nossa cabeça, de pronto recordamos que há 32 anos atrás, em visita ao núcleo espírita da cidade Poços de Caldas, fomos visitados pelas irmãs citadas para fazer uma prece às 6h da manhã, no parque próximo ao hotel. Tivemos a oportunidade de ver várias entidades espirituais em tarefa de assistência e revitalização espiritual a outros espíritos necessitados ali no parque.

Após a prece, nos deslocamos em direção ao núcleo espírita, onde seria servido um café da manhã à caravana visitante. Ao passarmos por uma das avenidas próximas, visualizamos uma casa senhorial, na qual uma criança se mostrava na janela entreaberta, protegida por grades e cortinas, com um semblante pálido e muito triste. Uma das irmãs que nos acompanhavam disse conhecer o menino e que se sentia muito penalizada por ele, que se chama André, tinha dez anos de idade e vivia como prisioneiro naquele casarão de muros e portões altos. Devido à posição social dos pais, André só saía protegido pelos criados e não se misturava com as outras crianças. Ao olharmos mais detidamente para a criança, essa se transfigurou

num jovem saudável, bonito, com roupas dos czares da Rússia – era Dimitri, descendente da corte dos czares de São Petersburgo.

Calimério retirou a mão que estava sobre nossa cabeça e em seguida o quadro desapareceu. Não vimos mais as duas irmãs que acompanhavam Dimitri. José Grosso, que pediu licença e entrou na sala seis, falou: – O Dimitri é um irmão de longas datas ligado ao meu coração. Ficará junto a nós no campo espiritual da Fraternidade, participando de tarefas como assistente de espíritos recém-desencarnados em acidentes e residirá na Colônia Alvorada Nova.

O nosso irmão Dimitri ainda se trajava com as características dos czares, por ter sido essa uma encarnação marcante para ele, na qual adquiriu muitas conquistas, apesar de ainda apresentar sentimentos de vaidade e orgulho. José Grosso colocou que, como o trabalho e o estudo na espiritualidade, o espírito Dimitri, na última existência André, irá aos poucos modificar o seu períspirito, apresentando-se com mais simplicidade.

Queremos observar, ainda, que identificamos durante a prece da manhã no parque, o espírito de Sadu Ramar, sobre o qual falaremos mais pormenorizadamente em outro relato e que, naquela ocasião, tinha compromisso junto ao núcleo espírita, visitado pelos companheiros de Belo Horizonte. De algum tempo para cá, o nosso irmão se encontra bem identificado nas tarefas da Casa de Glacus.

Bendita é a reencarnação, que nos oferece a oportunidade de, aos poucos, nos redimirmos dos erros do passado. Que Jesus continue sempre nos iluminando na nossa caminhada espiritual e que o nosso irmão Dimitri receba os nossos votos de paz e luz.

Evangelho e Ação, p. 3, jan. 1996.

Irmã Scheilla [18]

I PARTE
Informações retiradas do Anuário Espírita – capítulo sobre Scheilla

Com informações de sua atuação benéfica em vários núcleos espíritas do nosso país, há várias décadas, agindo especialmente na área de socorro aos enfermos, compreendemos a sua presença e agradecemos sua importante participação em nossos trabalhos.

Temos notícias apenas de duas encarnações de Scheilla: uma na França, no século XVI, e outra na Alemanha, onde ela desencarnou em 1943.

Na existência francesa, chamou-se Joana Francisca Frémiot, nascida em Dijon a 28 de janeiro de 1572 e desencarnada em Moulins a 13 de dezembro de 1641. Ao entrar na história, ficou mais conhecida como Santa Joana de Chantal (canonizada em 1767) ou Baronesa de Chantal.

Casou-se aos 20 anos com Barão de Chantal. Teve quatro filhos, tendo muito cedo, perdido o seu marido. Em 1604, tendo vindo pregar em Dijon o bispo de Genebra, São Francisco de Salles, submeteu-se à sua direção espiritual.

Fundaram em Annecy a Congregação da Visitação de Maria (1610), que contava à data de sua morte, 87 conventos e, no primeiro século, 6500 religiosos. A Baronesa de Chantal dirigiu, como superiora, de 1612 a 1619, a casa que havia fundado em Paris, no bairro de Santo Antônio.

18 N.O.: Título original.

Em Paris, instalaram-se em pequena casa alugada em bairro pobre.

Passaram por grandes necessidades. A Ordem da Visitação (de Paris) foi aumentando e superou as dificuldades. Em 1619, São Vicente de Paulo ficou como superior do Convento da Ordem da Visitação. Joana de Chantal deixou o cargo de superiora da Ordem da Visitação e voltou a Anecy, onde ficava a casa-mãe da Ordem. Várias vezes tornou a ver São Vicente de Paulo, seu confessor e diretor espiritual.

A 13 de dezembro de 1641 ela veio a falecer [19]. Foi o Padre Vicente de Paulo a primeira pessoa que teve conhecimento do tão triste trânsito.

Deus lhe anunciou através de uma visão, a única em sua vida, como bem diz o Padre.

Alguns dias depois, chegou a Paris a notícia do falecimento da Baronesa[20].

No momento em que soube do falecimento de Joana de Chantal, encontrava-se o Padre Vicente de Paulo ajoelhado. Nesse instante, registrou-se um fenômeno em que várias luzes se fundiram em uma só.

Compreendeu que era a alma de Joana. Também no momento de oficiar a missa dedicada a ela, repetiu-se a mesma visão.

A outra encarnação conhecida de Scheilla, verificou-se na Alema-

---

19 A Encyclopaedia Britannica registra os seguintes livros biográficos de Joana de Chantal: Ste.J. F. de Chantal (1874-79), nove volumes, de F. M. de Changy: Sainte Chantal (1912) de H. Bremond; Tehe Spirit of St. F. de Chantal as shown in her Letter (1922).

20 São Vicente de Paulo (O Sacerdote Exemplar), Messias Gonçalves Teixeira, páginas 29 a 32, com Aprovação Eclesiástica, Campinas, São Paulo, 1986.

nha, sabendo-se apenas que ela foi enfermeira e desencarnou durante a II Grande Guerra, em consequência de ataque aéreo (segundo informação do médium Peixotinho, quando ainda encarnado, transmitida a Chico Xavier), "o mais violento ataque de todo o conflito, realizado nos meses de julho e agosto de 1943, durante o qual foi destruída mais da metade das edificações"[21].

Tudo indica que Scheilla vinculou-se, algum tempo após sua desencarnação em terras alemãs, ao trabalho espiritual em nome do Cristo, no Brasil.

Conta-nos Ranieri[22] que, numa das primeiras reuniões de materialização, realizadas através da mediunidade de Francisco Lins Peixoto ou Peixotinho, das quais tomou parte, iniciadas em 1948, já surgiu a figura caridosa da Scheilla.

"[...] em Belo Horizonte, marcou-se uma pequena reunião que seria realizada com a finalidade de submeter a tratamento Dona Ló de Barros Soares, [...] no silêncio e na escuridão surgiu a figura luminosa de mulher, vestida de tecidos de luz e ostentando duas belas tranças. Era Scheilla, entidade que na última encarnação animou uma moça alemã. Nas mãos trazia um aparelho semelhante a uma pedra verde-clara e ao qual se referiu dizendo que era um aparelho ainda desconhecido na Terra, emissor de radioatividade. [...] fez aplicações com o aparelho em Dona Ló. [...] a simplicidade e a beleza do Espírito nos falavam das regiões benditas da perfeição [...]. Depois de alguns minutos, levantou-se da cadeira e fez uma belíssima pregação evangélica em que repetia a necessidade urgente de que nos "identificássemos com o Evangelho de Cristo". Com sotaque alemão e voz absolutamente de mulher".

21 Enciclopédia Mirador.
22 N.O.: RANIERI, Rafael A. Materializações luminosas: depoimento de um delegado de polícia. São Paulo: LAKE, 2003. p. 21-22.

Alguns anos depois, também em Belo Horizonte, formou-se um novo grupo com trabalhos de materialização realizados através da mediunidade de Fábio Machado, "orientado pelo Espírito luminoso de André Luiz que dera à irmã Scheilla o encargo de dirigi-lo. Passou assim o pequeno Grupo a denominar-se: Grupo Irmã Scheilla"[23].

Em vários grupos espíritas brasileiros, além de sua atuação na assistência à saúde humana, ela sempre se caracterizou em trazer às reuniões certos objetos (fenômenos de transporte) e distribuir no recinto éter ou perfume.

Lembro-me de que em reuniões de Uberaba, com a presença de Chico Xavier, quando se sentia ondas de éter ou perfume, os mais assíduos frequentadores exclamavam: – Scheilla está chegando.

O Hino Scheilla é uma das músicas preferidas de muitos núcleos espíritas, cantada com entusiasmo e gratidão pelos seus corais.

II PARTE

Relato do médium Ênio Wendling baseado em sua observação pessoal e íntima na convivência nas reuniões no lar do Sr. Jair Soares, a partir de 1949 (logo após a saída do médium Fábio Machado da tarefa mediúnica do grupo e do retorno definitivo do médium Peixotinho ao Rio de Janeiro).

Pelas informações dos espíritos, sabemos que a irmã Scheilla teve

23 N.O.: RANIERI, Rafael A. Materializações luminosas: depoimento de um delegado de polícia. São Paulo: LAKE, 2003. p. 77.

uma encarnação na França, em Dijon. Casou-se em 1610 com o Barão de Chantal com quem teve quatro filhos. Passou a se chamar Baronesa de Chantal. Se dedicou a tarefas no seio do catolicismo. Criou a Ordem da Visitação São Vicente de Paulo. O Padre Vicente de Paulo era o seu confessor e em homenagem ao amigo, deu à Ordem o seu nome. Criou 87 instituições – conventos, preocupada com a assistência aos jovens. Teve também como amigo espiritual São Francisco de Salles. Espíritos que atualmente participam da equipe da irmã Scheilla foram, durante sua encarnação como Baronesa de Chantal, seus filhos.

Sua última encarnação foi na Alemanha, na qual foi enfermeira. O que sabemos da espiritualidade é que desencarnou em 1943, num Hospital de Berlim, que se situava na Av. Underlinden, em conjunção com a Praça Wilhelm Platz, sob o bombardeio aéreo inglês da Royal Air Force (RAF).

Na época era noiva de Joseph Gleber, que era um cientista alemão.

A primeira reunião em que o espírito da irmã Scheilla se manifestou foi em Belo Horizonte, em 1949, quando da primeira visita do médium de efeitos físicos, Peixotinho, vindo do Rio de Janeiro.

Estávamos em desenvolvimento na mediunidade, há três anos e meio, nas reuniões mediúnicas realizadas na residência do Sr. Jair, na Rua Paraisópolis, 658, em Santa Teresa, tentando melhorar a saúde que na época era precária. A esposa do Sr. Jair, D. Ló, era portadora de doença incurável. No ano de 1949, o irmão Peixotinho participou de três reuniões de tratamento em favor de D. Ló.

Em um sábado, Peixotinho, chegando do Rio de Janeiro, adentrou na casa do Sr. Jair, às 23h. Estava de passagem para Pedro Leopoldo, para uma reunião com o médium Chico Xavier. No momento do café, antes de ir se deitar ele disse: – Seu Jair, sua Sra. está muito

doente e o meu guia espiritual – Araci – está convocando para uma reunião de tratamento em favor de D. Ló. A reunião foi marcada para o dia seguinte com poucos elementos. O Sr. Ranieri estava presente e nos relatou o seguinte: após alguns instantes, a porta se abriu – era a irmã Scheilla. Se apresentou materializada ante os presentes. Estava translúcida, iluminou todo o ambiente. Veio deslizando. Ela dirigiu-se ao Sr. Jair, ao Sr. Ranieri, com o sotaque alemão. D. Ló estava deitada. Na mão esquerda da irmã Scheilla estava uma pedra de tonalidade verde clara.

Começou a fazer aplicações de radioterapia na irmã Ló. Esse tipo de tratamento, na época, ainda era desconhecido. Na segunda reunião, terça-feira, fui para a reunião do meu desenvolvimento de efeitos físicos, próximo da residência do Sr. Jair vi alguns espíritas contentes e alguns já se encontravam na porta da casa do Sr. Jair. Fiquei admirado, Ranieri então me disse: – Ênio, hoje você não precisa participar desta reunião. Insisti para falar com o Sr. Jair. Ranieri esclareceu: – Vamos ter uma reunião com o médium Peixotinho e na lista apresentada ao guia espiritual, 'a Araci', o seu nome foi cortado[24]. Não entendi, pois, havia me preparado convenientemente para esta reunião e sabia que outros irmãos que foram convocados através da lista tinham velhos hábitos. No dia seguinte demonstrei grande contrariedade com o fato e então dias depois, numa terça-feira, após a volta do Peixotinho de Pedro Leopoldo, fui convocado para mais uma reunião de tratamento em favor da D. Ló. Nesta reunião a irmã Scheilla materializou-se e fez um movimento como se rasgasse a túnica de que estava vestida, da qual surgiram fragmentos semelhantes a lenços luminosos, os quais foram colocados no tórax da nossa irmã Ló, que ficou todo iluminado, sendo em seguida absorvidos pelo organismo.

24 Araci foi quando encarnada filha do Peixotinho, faleceu ainda criança com apenas dois anos.

Esclareço que depois desta reunião fiquei ausente da reunião de desenvolvimento de terça-feira, na qual participava há três anos, aproximadamente dois meses. Em uma terça-feira disse aos meus familiares que iria à reunião, mas fui para uma praça pública próxima. Lá parei e fiquei olhando a torre da Igreja, nesse instante senti alguém bater em meu ombro esquerdo, olhei e não vi ninguém, bateram novamente, olhei e ouvi uma voz que me disse: – Ênio aqueles irmãos precisavam daquela reunião, nós precisamos de sua mediunidade. Silenciei minhas preocupações e dirigi-me à casa do Sr. Jair, lá chegando cinco minutos antes das 20h e continuei...

A cura de D. Ló se deu com apenas três reuniões de tratamento, com aplicações efetuadas pela irmã Scheilla, através do médium Peixotinho. D. Ló viveu mais 22 anos, apesar dos médicos terem lhe dado apenas três meses de vida, vindo a falecer de problemas cardíacos.

O médium de efeitos físicos Fábio Machado frequentou as reuniões na casa do Sr. Jair durante nove meses, por volta de 1949 e 1950. Em uma das reuniões em que o médium estava presente, cuja vibração ambiental, não estava favorável, a irmã Scheilla chegou a se materializar, porém percebemos metade do seu rosto coberto com um véu. Notamos, por debaixo do véu, lesões causadas por estilhaços de bombas, reflexos do acidente sofrido na sua última encarnação, na Alemanha, que veio a causar seu falecimento. Isto ocorreu devido à dificuldade vibracional da reunião, que não forneceu ectoplasma suficiente para que ela se mostrasse totalmente, o que não impediu que a finalidade da reunião fosse atingida.

Numa outra ocasião, o irmão Palminha chegou a colocar: – Gente, só eu pude materializar. Nem a Scheilla, nem Joseph, conseguiram. Vocês estão como se estivessem num matadouro, emitindo um forte odor. A vibração está pesada.

Esclarecemos que a dificuldade encontrada pelos espíritos na materialização ocorria quando algumas pessoas deixavam de fazer o regime necessário para a reunião (fumo, álcool e carne).

Em uma outra reunião na casa do Sr. Jair, o Dulmar, estudante de medicina, que na época participava da Mocidade Maria João de Deus, fazia um comentário. O médium Chico Xavier estava presente. A irmã Scheilla materializou-se, avançou da cabine, atravessou a copa. O piano estava fechado, mas ouvia-se tocar uma rapsódia húngara (era o compositor Liszt).

Percebi que os meus braços estavam distendidos até o piano, como se fossem de borracha. O Dulmar parou o comentário. A irmã Scheilla falou: – Meu Jovem, continue a sua oração. Eu desejo ouvi-la e te ouvir. E o Dulmar continuou. A irmã Scheilla falou depois: – O jovem visitará e se especializará no meu país. Tempos depois o Dr. Dulmar fez o doutorado na Alemanha.

Numa outra reunião na cada do Sr. Jair, o médium Chico Xavier, presente, fez uma prece cheia de sentimentos, com os braços estendidos, na qual se colocava pronto para doar tudo de si, como uma mãe doando leite para a sua criança, dando vida ao espírito da irmã Scheilla. A espiritualidade estava presente. O irmão José Grosso e a irmã Scheilla se materializaram.

O médium Peixotinho, após dois anos, retornou a Belo Horizonte para participar pela terceira vez das reuniões no Sr. Jair. Nessa reunião, ficamos na frente. O Sr. Virgílio de Almeida, que estava à nossa esquerda, levantou-se e pediu para ficar mais atrás. A irmã Scheilla saiu da cabine, depois da aplicação feita na D. Ló e ficou na nossa frente. O rosto ficou mais visível, se elevou uns 15 cm do chão, pousou, pediu licença e sentou-se ao nosso lado. O braço que lhe ficou próximo, permaneceu com substâncias luminosas durante uma semana.

Em outra ocasião, a irmã Scheilla rasgou um pedaço de véu ectoplasmático, entregando-o para D. Ló. O Sr. Jair o guardou entre duas lâminas de vidro. Com o correr dos anos aquela espécie de tecido foi se desvanecendo.

No início dos anos 50, um dos objetivos da espiritualidade diretiva do movimento do Grupo Scheilla era a construção do Hospital Espírita André Luiz. Houve uma divergência de ordem administrativa e a espiritualidade orientou, então, que se construísse uma casa para cuidar de doentes mentais e crianças. Foi construída então a Casa Espírita André Luiz, na Rua Rio Pardo, no bairro Santa Efigênia, onde foram realizadas inúmeras reuniões de materializações e efeitos físicos para tratamentos e curas, nas quais a irmã Scheilla se apresentava com a sua luminosidade espiritual e, através de seus gestos e palavras carinhosas, mostrava grande amor pelos doentes, proporcionando maravilhosos fenômenos espirituais. Essa casa ficou sendo um departamento operoso do Grupo Scheilla, na sua parte de assistência social e de reuniões mediúnicas, passando, após um período, para casa assistencial de crianças carentes.

Pronta a área do salão na Casa Espírita André Luiz, as reuniões mediúnicas da casa do Sr. Jair foram para lá transferidas.

Nesse período, o Centro Espírita Oriente, tradicional núcleo espírita de Belo Horizonte, tinha a sua Diretoria e o Conselho formados pelos mesmos elementos do Grupo Scheilla. Obedecendo instruções da espiritualidade, houve reunião da Diretoria e Conselho, em que foi determinado que o Centro Oriente se integrasse como departamento do Grupo Scheilla – tudo isso pelo vigor e presença constante desse espírito valoroso que é a irmã Scheilla.

A irmã Scheilla, juntamente com os irmãos Joseph Gleber, José Grosso e Palminha, se apresentaram com a finalidade da formação de Grupos da Fraternidade, com a tarefa precípua da formação de

grupos específicos de materialização, "tratamento amor". Criaram o Movimento da Fraternidade – Organização Social Cristã André Luiz (OSCAL), quando formaram 102 grupos de fraternidade. Oficialmente 88 grupos ativos em diversas cidades do Brasil, formados aos longos dos anos. Instituíram os hinos nas reuniões, a visita aos enfermos nos lares e hospitais. Os espíritos direcionaram a tarefa, orientaram a divulgação do Evangelho e a ação na caridade.

Certamente, em muitos grupos espíritas, existem médiuns através dos quais, a irmã Scheilla se manifesta. Observamos que a sua tarefa primordial é ainda o Grupo Scheilla, porém, por afinidade de médiuns, a irmã Scheilla e o irmão Joseph Gleber têm se identificado junto a outro grupo, que vem executando as tarefas que eles sempre almejaram e, no qual, espíritos continuam se congregando para a realização desse ideal diretivo, nas lides espíritas com Jesus, no Brasil.

Percebemos a irmã Scheilla com as seguintes características espirituais:

Clara, alta, olhos azuis, testa ampla, cabelos loiros bem claros, partidos ao meio, penteados com duas tranças grossas, até a altura do pescoço, se apresentando com grande simplicidade e sempre feliz.

É possível que alguns médiuns a vejam sobre outros aspectos espirituais. Mas, desde a sua primeira manifestação, até as últimas na nossa presença, temos percebido a nossa irmã sempre com as mesmas características. Quando, em atividades de assistência, ela se mostra com os trajes de enfermeira alemã.

O incipiente grupo que mais tarde se tornou Grupo Scheilla, nos seus primórdios em Belo Horizonte (1945 até por volta de 1948), se constituiu do tenaz diretor mediúnico, Sr. Jair Soares, e sua esposa, D. Elvira (D. Ló), Sr. R. A. Ranieri, os médiuns D. Efigênia

França, D. Alzira (D. Zizi), Sr. Levy Guerra, Sr. Amauri e os jovens Ênio Wendling e José Persilva Filho (Tuté). Os primeiros espíritos que começaram a se manifestar foram: José Grosso ("Sou folha caída, vento do norte"), Palminha, Oscar Wilde, Charles Baudelaire e outros. Essa equipe de espírito europeus que vieram para o Brasil, encontraram-se nessas reuniões na casa do Sr. Jair, o início.

Essa é a entidade irmã Scheilla, missionária espiritual no Brasil, junto aos nossos corações.

Evangelho e Ação, p. 4, dez. 1997.

Um pouco sobre dois mentores da FEIG[25]

Laura Cristo Horta

Tivemos o prazer de conhecer a D. Laura, esposa de José Cristo Horta.

Constituíram uma família de 14 filhos adotivos.

D. Laura residia na Rua Flórida, 52, Sion. Irradiava uma grande simpatia e dava, de fato, prazer conviver com eles.

Algumas filhas e netos se encontram atualmente integrados na tarefa espírita.

Quando do seu falecimento, estivemos presentes no seu velório. Momentos antes do enterro, parte do Coral Scheilla cantou. Divisamos espíritos amigos como a Scheilla, Meimei, José Grosso, Palminha. No momento do hino "Prece", cantado pelo Coral, a espiritualidade nos chamou a atenção.

Então observamos que o corpo da nossa irmã, da cintura até os pés, já se encontrava desligado. Após alguns instantes, vimos o seu perispírito totalmente liberto do corpo e então, foi se elevando devagarinho, ficando mais ou menos 1,40m acima do corpo material. Notei que estava sobre um colchão de matéria fluídica. Nesse instante, o espírito de D. Laura fez um movimento rotativo com todo o corpo, virando-o para a direita, suavemente, na direção do Coral. Observando que percebíamos a sua presença espiritual, disse-nos: – Agradeça. Queria tanto no meu desenlace ouvir pelo menos um hino do Coral!.

25 N.O.: Título original.

Demonstrou muita serenidade, sorriu feliz e então, as mãos poderosas do irmão José Grosso e da irmã Scheilla a envolveram, elevando-a aos planos espirituais.

Sentimos que nossa Laura, pelas suas conquistas espirituais, não teve nenhuma dificuldade para desencarnar. A presença dela até aquele momento junto ao corpo, somente se justificou para o seu envolvimento pela espiritualidade superior, na preparação carinhosa para o seu desligamento, permitindo inclusive que fosse satisfeito o seu desejo de ouvir o Coral.

A nossa irmã Laura é hoje mentora de equipe de visitas da FEIG. Teve uma existência de méritos, aos quais poderíamos acrescentar muito mais dados, porém, quando a vimos no plano espiritual, nos disse: – A turma da minha equipe de visitas quer saber muita coisa a meu respeito. Diga apenas que sou a Laura.

Podemos acrescentar que este é mais um traço que identifica o seu espírito valoroso que nos permitimos respeitar em atenção ao seu grande coração.

Célia Travassos

Mentora de equipe de visitas da FEIG.

Era morena, de baixa estatura, cabelos ondulados curtos, partidos ao meio.

Se apresenta ainda com o olho esquerdo estrábico, resquício de sua última encarnação que lhe é desnecessário, mas que identifica o seu espírito. Sua progenitora, D. Hilarina Travassos, parteira dedicada e conceituada, fez o parto da D. Maria Wendling e o de sua filha Marise. Possuidora de grandes conquistas espirituais, permanece ainda no plano espiritual, sem reencarnar.

O médium Ênio Wendling teve a oportunidade de conhece-la em 1936, quando contava 12 anos e ela, em torno de 54 anos.

A irmã Célia foi, dento da Doutrina Espírita, assídua irmã de tarefa no final da década de 30 e durante as décadas de 40 e 50.

Cooperadora do Centro Espírita Amor e Caridade, onde participou de tarefas junto ao médium Antônio Loureto Flores até o desencarne do mesmo. Flores era considerado o médium dos pobres e é atualmente mentor da Campanha do Quilo da FEIG.

D. Maria Wendling recebeu uma receita em favor do filho Ênio, através do médium Antônio Flores, pelo espírito de Bezerra de Menezes.

A irmã Célia atualmente faz parte da equipe espiritual de Uruguaiano (Aarão Reis) e Bezerra de Menezes.

Participou também dos primórdios do Centro Espírita Oriente.

A irmã Célia Travassos deu grande testemunho na tarefa de visita aos enfermos naquela época em que os espíritas eram muito perseguidos.

Evangelho e Ação, p. 3, out. 1997.

"Entretanto, auxiliando aos outros, perante as leis de Deus, ninguém conseguirá alterar o benefício que fizeste a ti mesmo" (Emmanuel – Pronto Socorro – Chico Xavier).

Notícias do irmão

Ao comparecermos à reunião de terça-feira, dia 29 de julho de 1997, sentíamos grande felicidade, pois retornávamos de um período de refazimento físico.

Adentramos o recinto da FEIG, víamos a movimentação das pessoas, cada um se posicionando nas cadeiras, bem como percebemos a presença de numerosos espíritos que se acomodavam também no recinto da reunião.

Regozijavam-se encarnados e desencarnados. Dispomos os médiuns à tarefa do receituário. Observamos a prece, a música. Todos se acomodaram, se aquietaram. Divisamos ainda os espíritos superiores e outros dedicados à tarefa, comprometidos com as atividades programadas para a noite.

Exteriorizamos. Nas salas administrativas numeradas de um, três, cinco, sete e nove, os instrutores também iam e vinham com anotações e instrumentos de recursos para o tratamento da multidão de espíritos que já se fazia presente também na área em que nos encontrávamos, bem como nas salas dois, quatro, seis, oito e dez, espíritos visitantes e outros se inscrevendo para as tarefas que se propuseram a realizar.

Pelo nosso irmão Calimério fomos conduzidos à sala seis. 15min. para às 21h. Se fez ouvir uma prece simples, porém com grande sentimento. Era o nosso irmão Otto, que tinha as suas mãos segurando as mãos da nossa irmã Scheilla. Divisamos de imediato o

nosso irmão Euzébio. Não vimos mais a mesa nem móvel algum na sala seis. Adentraram José Grosso e Palminha. O nosso instrutor Calimério segurou com a sua mão esquerda o nosso braço direito. O instrutor Euzébio segurou com a sua mão direita o nosso braço esquerdo[26]. Notamos que a sala foi se dilatando, ganhando novas proporções. Percebemos que estávamos volitando, nos retirando do recinto espiritual da FEIG. Vislumbramos uma maior claridade na noite enluarada.

Após alguns instantes, ouvimos de nosso irmão Calimério o seguinte: – Ênio, vamos parar, olhe. E vimos o núcleo da FEIG como se estivesse coberto de uma neblina suavemente iluminada, num formato que lembrava uma flor ou um cogumelo. De cima, com a visão espiritual, a Casa demonstrava uma altitude maior que a apresentada, como se fosse um anfiteatro aberto, um oásis de bênçãos para aquelas pessoas que havíamos deixado momentos antes.

Avançamos mais na horizontal. Vimos a lua. Os instrutores Calimério e Euzébio ficaram bem mais próximos de nós. Pudemos ver, flutuando nos ares, pequenas montanhas ou arquipélagos luminosos, de várias cores brilhantes, na extensão do infinito, consoante a nossa percepção espiritual.

O irmão Calimério disse: – São núcleos da espiritualidade – pequenas colônias. Quando fizemos uma curva, vimos uma colina verdejante à nossa frente, à direita. Estendendo o olhar, vimos outra colina à esquerda. Antes de descer, percebemos que estávamos em um vale entre as colinas.

O Euzébio disse: – Depois vamos ditar o poema – O Grande Monte. O irmão Calimério disse: – Após o vale, estaremos nos aproxi-

26 Os dois instrutores permaneceram ao lado do médium devido ao fato deste ainda não possuir permissão para avançar por conta própria fora do recinto da FEIG.

mando do Bosque das Árvores[27]. No centro do vale, vimos extensa claridade que se assemelhava a um rio de água cristalina, mas se tratava de uma via de acesso com luz própria – seus elementos eram luminosos, clareando de baixo para cima. Pousamos. Sentimo-nos em solo firme. Andamos alguns passos. Percebemos estar diante de um portal transparente. José Grosso já estava à direita do Calimério e Otto à esquerda do Euzébio. A presença desses quatro espíritos fez com que portal se abrisse magneticamente para as extremidades.

Fomos cumprimentados já dentro do jardim pela irmã Scheilla, que nos adiantou para o andar de cima. Verificamos rapidamente que todo o cenário emanava luzes – flores, pedras, o verde do gramado. Adentramos o salão de um prédio que devia ter por volta de 80m de fachada, a qual tinha características da Europa do século XVIII. De imediato, passamos apressados pelo corredor. Subimos uma escadaria de 11 degraus e no segundo pavimento, num salão maior do que o de baixo, vimos o nosso irmão Hélcio Wendling. Paramos, surpresos. Estava de pé e junto dele estavam, do lado esquerdo o irmão Otto, do lado direito, o irmão Joseph Gleber. Tanto o irmão Joseph, quanto o irmão Hélcio trajavam calça e blazer de um tecido parecido com linho, na cor cinza, muito delicado. A Scheilla aproximou-se e disse: – O nosso irmão Otto foi um servidor da Medicina, no campo da ginecologia. Formamos um círculo de oração, José Grosso fez uma prece e, para surpresa minha, a prece era de gratidão a Jesus por eles ali terem o amparo de dignitários de Mais Alto na tarefa da assistência aos encarnados, na crosta terrena, trazendo a solidariedade vibracional daqueles espíritos, numa homenagem de respeito à participação do Hélcio Wendling na tarefa bem realizada. Em seguida, Hélcio arregalou os olhos e disse: – Ô Ênio, o que vocês estão fazendo aqui?. Os olhos dele encheram-se de lágrimas.

27 Bosque das Árvores: é a denominação do recinto onde o nosso irmão Hélcio Wendling está agasalhado no plano espiritual.

Deslocou-se de onde estava e pôs a mão no meu ombro. Falou: – Lastimamos algumas falhas, mas fizemos muitas coisas boas. – D. Mariinha (sua mãe) já veio me visitar, Weston, Paulo (irmãos), D. Alzira (tia). Ficou emocionado... O Otto informou: – O Hélcio está sob nosso severo controle, nos seis meses e oito dias do seu desencarne[28]. José Grosso complementou: – Vamos aguardar porque dentro de três anos e quatro meses, ele estará integrado novamente na tarefa, junto à equipe espiritual da FEIG. Antes do quadro desaparecer, a espiritualidade informou que o nosso irmão Hélcio estava indo bem. Divisamos entre a névoa seca distante, ao fundo do salão, os irmãos Cabete, Barbosa e Ranieri, que conversavam a respeito de tarefas. Voltamos ao campo espiritual da FEIG, com outros acontecimentos que serão objeto de outro relato.

Sentimos que fomos levados à essa região também com a finalidade de recebermos um tratamento de saúde especializado, no qual a espiritualidade amiga buscou canalizar os recursos da natureza em nosso próprio favor, objetivando um refazimento perispiritual mais rápido.

Nota de redação:

Agradecemos à espiritualidade amiga pela oportunidade de vislumbrarmos o outro lado da vida, facultando-nos verificar a Misericórdia Divina em todos os estágios de nossa evolução espiritual.

Agradecemos também pelas notícias dadas do nosso querido médium Hélcio Wendling, desencarnado há pouco tempo, e pedimos a Deus que o abençoe porque nestes 21 anos da FEIG é o primeiro ano que não está entre nós.

Evangelho e Ação, p. 3, set. 1997.

28 O irmão Hélcio se encontra em severo controle porque ainda está em convalescença e em período preparatório para assumir novas tarefas no plano espiritual.

No livro das nossas boas ações

O campo espiritual da FEIG é dividido em salas, de acordo com a necessidade dos trabalhos realizados na Casa.

A sala um é reservada para reuniões dos espíritos da tarefa diretiva para assuntos ligados às reuniões públicas e tarefas espirituais da FEIG.

A sala três é reservada para assuntos ligados às tarefas de assistência. Nela são realizadas as reuniões dos mentores das tarefas de equipes de visitas aos lares, assim como as reuniões do irmão Venâncio e seus colaboradores, que têm a tarefa de socorro e da prece àqueles que recorrem ao Livro de Irradiação, como também de atender às solicitações dos corações aflitos nas reuniões públicas, em favor de criaturas encarnadas e desencarnadas.

Percebemos que a espiritualidade tem propósito de nos mostrar o funcionamento, no plano espiritual, das tarefas de assistência desenvolvidas pela Fraternidade e desejam iniciar esse trabalho com relação à equipe de visitas e seus mentores.

Foi assim que adentramos à referida sala. Vimos, com muita naturalidade alguns espíritos da tarefa como mentores de equipe de visita. Havia uma mesa com cinco cadeiras de cada lado e duas na cabeceira. Nos aproximamos da mesa e vimos nossos irmãos Leonardo Baumgratz e Deumitina Baumgratz, que foi sua esposa na última encarnação. Recebemos cumprimentos. Sobre a mesa havia um livro de atas, simples, porém volumoso, de mais ou menos, 20 cm de largura, por 10 cm de altura, parecendo uma Bíblia grande.

Permanecemos em pé. A nossa irmã Deumitina fez uma prece à Maria. O seu semblante irradiava alegria. Nos cumprimentou. Ela disse: – Paz e alegria. Ele: – Olá, meu querido irmão. Continuamos em nome de Jesus nos nossos compromissos espirituais.

Após a prece de nossa irmã, que se assentava na lateral da mesa, à esquerda do irmão Leonardo Baumgratz, o mesmo nos disse que a Deumitina estava feliz, integrando a equipe de visitas aos lares, como mentora.

Nesse instante, ele abriu o Livro de Atas. O curioso é que ele virou 80% das páginas do final para o princípio, pois as informações vão sendo acrescentadas, sempre a mais recente por cima. A apresentação era com uma caligrafia bonita e brilhante, pois mesmo no plano espiritual, os métodos de anotações dos dados evoluem, se modernizam. Pudemos ler: "1945 – dez de setembro – Visita de três irmãos ao lar dos Baumgrhatz na Rua Raul Pompéia, 479, Belo Horizonte, 15h45min, fim de semana – sábado. Visitada: enferma Deumitina Baumgratz. Sérios problemas em todas as juntas dos membros superiores (atualmente diagnosticado como artrite reumatóide)".

Aí, rememorei: primeira visita da nossa equipe: Sr. Jair, D. Ló e Ênio. Preces, passes, alegria, agradecimentos. Os componentes da equipe ficaram felizes com a tarefa iniciada. O nosso irmão Leonardo Baumgratz reportou: – No campo espiritual, o que fazemos com amor é guardado em nossos corações, é anotado, e nos enriquece intensamente.

Verificamos que na ata havia não só o registro, como também o agradecimento.

O irmão então pediu licença, fechou o livro de ata. Dos punhos e dos membros de nossa Deumitina saiu uma tênue luz. Sorriu e nos agradeceu.

Percebemos que os espíritos, na medida do possível e das nossas condições, estarão mostrando atividades dos demais mentores das equipes de visitas aos lares.

Em seguida, o irmão Calimério nos chamou a outra realidade. Logo que fomos nos retirando da sala, no corredor de saída, vimos o nosso irmão Jorge Braga. Cumprimentou-nos e entrou na sala. Relembramos quando, há uns 25 anos atrás, no sábado, quase às 18h, fizemos-lhe uma visita junto com o Persilva, na Rua Jacuí, 559, Floresta, pois se encontrava acamado. Na época, Jorge contava 25 anos. Adentramos o lar. Os pais nos acolheram e nos conduziram ao quarto. Percebemos pela assistência espiritual, que o jovem estava prestes a desencarnar. Havia uma janela lateral aberta que dava para a casa vizinha. Fizemos a prece. Iniciamos o passe. Divisamos o espírito da nossa Scheilla, José Grosso e outras entidades espirituais. Quase ao término do passe recebemos uma intuição dos amigos espirituais: – Alencar, faça a prece (pai do Jorge). Ficou emocionado. Solicitamos ao Persilva, que também emocionado, não conseguiu. Solicitamos então ao enfermo: – Jorge, faça a prece de agradecimento. Os amigos espirituais estão te envolvendo. Eram 18h. Da casa vizinha, também com a janela aberta, ouvimos tocar o disco da Ave Maria de Schubert, que inebriou todo o ambiente, com uma vibração suave. O Jorge começou a dizer: – Pai nosso, que estais nos céus.... Apertou a minha mão. O jovem, percebendo a sua situação, disse: – É duro, mas vou muito bem. Terminou a música da Ave Maria, o jovem terminou sua prece, desfaleceu e desencarnou.

Ficamos no abraço aos pais que choravam. Notamos que desencarnara de grave problema renal, oriundo de reajustes de encarnação pretérita.

O irmão Calimério nos informou que o Jorge está programando, juntamente com os amigos espirituais, o seu retorno ao campo físico.

Verificamos o valor da tarefa da equipe de visita aos lares, que tanto ajuda quando conforta aos irmãos que se encontram necessitados.

E nada passa desapercebido no campo espiritual. Tudo fica registrado no livro das nossas boas ações que contribuem com a nossa própria evolução espiritual.

Evangelho e Ação, p. 3, jul. 1997.

Na esfera do recomeço

Numa das reuniões de quinta-feira do mês de outubro de 1978, quando a FEIG se situava no Centro Espírita Amor e Caridade, logo após a nossa exteriorização, divisamos o espírito da nossa irmã N., oradora e profunda conhecedora do Evangelho, que, quando encarnada, residia no estado do Rio de Janeiro.

Aproximamo-nos. Ela apresentava uma fisionomia triste, parecia que algo a preocupava. Com o auxílio do irmão Calimério, dilatando a nossa percepção, verificamos que a grande oradora do Evangelho tinha, junto de si, as silhuetas de cinco espíritos – sendo três mais acentuadas. Estes três espíritos estavam mais visíveis, pois já haviam readquirido suas personalidades anteriores às frustradas tentativas de reencarnação. Reclamavam com palavras surdas, inaudíveis aos meus ouvidos, as quais, no entanto, percebemos serem de ressentimento. Um deles – o "G." – trazia grande mal-estar à nossa irmã, tentando asfixiá-la.

Os outros dois espíritos estavam na altura do ventre, formando uma imagem tênue de embriões, ainda imantados ao perispirito da nossa irmã.

Quando se fizeram presentes as nossas irmãs Scheilla e Carmem Cinira, a irmã N. se sentiu reconfortada. Ambas deram as mãos e oraram.

Ficamos olhando aquele quadro dessas três irmãs.

No princípio do ano de 1980, tivemos a oportunidade de rever a nossa irmã N. no campo espiritual da Fraternidade, com o semblante menos tristonho. Os dois espíritos em forma embrionária não se alojavam mais no corpo perispiritual da irmã. Ela se aproximou e esclareceu-nos que havia reencarnado com o compromisso de ser mãe e, também, com a tarefa da exposição do Evangelho.

Quando da solenidade de inauguração da FEIG, em 24 de março de 1984, sendo o orador convidado o Prof. Newton de Barros, de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, através da faculdade da vidência, pudemos divisar numerosos espíritos. Vimos, junto aos mesmos, a nossa irmã N., mais feliz, integrada na tarefa da assistência às crianças desencarnadas no campo espiritual, junto aos espíritos de Meimei e Maria Dolores. E então, nos disse: – Vou ter a oportunidade, meu amigo, de falar ligeiramente da minha última reencarnação.

Já em 20 de abril de 1995, 11 anos após a inauguração da Fraternidade, adentrando, a convite de Calimério, a sala oito, para nossa surpresa, ela surgiu novamente. E começou a dizer: – Meu amigo, devo esclarecer quanto às minhas tristezas, desapontamento, por gesto impensado. Nunca fraquejei, entretanto. Tinha, meu amigo, o compromisso e a missão da oportunidade de reencarnar junto ao meu lar, seis espíritos como filhos. Tive apenas um. Os cinco restantes, impedi-os de reencarnar, pois atrapalhariam a minha dedicação integral na tarefa da oratória espírita, como era meu desejo. Sei, hoje, que dois desses espíritos já se encontram reencarnados como marido e mulher. E é certo que reencarnarei num lar espírita como filha desse casal, para refazer o compromisso, graças a Deus. E por graça, a espiritualidade nos esclarece que um dos filhos desse novo casal formado será adotivo: o "G.". E quando, na minha futura juventude, terei ainda por graça dois filhos adotivos.

Observamos que os dois adotivos anotados na programação reencarnatória da nossa irmã N., serão aqueles que, na primeira visão da mesma, se apresentaram como embriões, bailando em seu ventre.

Esclarecemos que o único filho da irmã N. se encontra reencarnado, já caminhando para a velhice, integrado nas lides espíritas, executando a mesma tarefa que a mãe professava, simbolizando um guia espiritual da mesma.

É importante acrescentar que a nossa irmã, logo após o amparo que recebeu das nossas irmãs Scheilla e Carmem Cinira, se dispôs, sem desfalecimento, às tarefas espirituais no campo afeto ao seu processo de refazimento. Nunca desanimou.

Quando em vez, exteriorizado, vemos a nossa irmã na tarefa de socorro em departamentos da FEIG, junto a espíritos de irmãs que desencarnaram prematuramente, através do processo do aborto provocado.

Está assídua na tarefa.

Nota de redação:

É interessante atentarmos para o fato de que, por ocasião do retorno do espírito ao plano terreno, é feito, com o auxílio da espiritualidade superior, um programa de tarefas e provas retificadoras e necessárias ao seu progresso espiritual. Porém, a principal missão do espírito se encontra no lar, junto aos entes mais próximos, cuja responsabilidade não poderá ser transferida para outras tarefas, mesmo referendadas na caridade cristã.

Mas pelas bênçãos da reencarnação, volveremos à "Esfera do Recomeço" contando sempre com a misericórdia e o amor de Deus que brinda a nós outros, espíritos informados, porém tardios na exemplificação, com a oportunidade de reparar o nosso equívoco, aprendendo a técnica de não errar mais.

Citando André Luiz, no livro Missionários da Luz: "[...] a existência humana não é um ato acidental e, no plano da Ordem Divina, a justiça exerce o seu ministério, todos os dias, obedecendo ao alto desígnio que manda ministrar os dons da vida 'a cada um por suas obras'".

Sugerimos a leitura deste livro, psicografado por Chico Xavier, que mostra claramente toda a preparação que envolve a reencarnação de um espírito.

Evangelho e Ação, p. 3, jun. 1997.

A visita do Padre Germano

Em reunião pública de seis de março de 1997, exteriorizado, encontrei-me junto do instrutor Calimério. Percebi numerosas salas separadas por divisórias. O nosso amigo espiritual Calimério fez a prece, juntamente com o instrutor Euzébio. Sentindo as mãos do Calimério pousadas no meu ombro, percebi suave deslocamento das divisórias, que foram descendo, como se estivessem afundando, sumindo no subsolo espiritual, e o salão se transformando em um grande anfiteatro. Estava repleto de espíritos. Percebi ainda que muitas das entidades tinham uma vestimenta da época do século XV, XVI, da Península Ibérica (Espanha).

Verifiquei ainda, em uma das galerias, sob um vidro opaco, outros tantos espíritos. Fato que me chamou a atenção, pois se tratava de espíritos encarnados desligados temporariamente do corpo através do sono físico.

Interessante acrescentar que se apresentavam com os perísspiritos de adultos, portanto vestimentas do estilo da época citada acima, sendo que, na presente encarnação, ainda eram crianças.

Notei que não só Calimério, mas Euzébio e outros amigos espirituais da Casa de Glacus se fizeram presentes e se postaram em posição silenciosa de grande respeito e admiração. Se fez ouvir no recinto a Ave Maria de Gounod. Onde se situa a mesa, no parlatório, surgiu no meio e de dentro desse Parlatório, para surpresa nossa, o grande espírito do Padre Germano, de belas conquistas espirituais, trajando uma batina preta. Estava nimbado de luz, principalmente onde as partes de sua indumentária estavam rôtas, gastas. Importante acrescentar que o espírito era pura luz, o que se delineava pelos contornos de sua batina surrada, pela qual se identificava, se

fazia reconhecer. À sua direita, se apresentou a missionária, médium, Amalia Domingo Soler[29].

Naquele silêncio, após a prece e a visão iluminada desses dois espíritos, divisamos um espírito feminino. Se apresentou vagamente como uma mulher já feita ao lado esquerdo do Padre Germano. E ele falou para todo o auditório espiritual:

– Irmãos, Jesus, o Divino Amigo e Cordeiro, resplandecerá como guia espiritual da Terra aos nossos corações, hoje e sempre, e brilhará nos esplendores dos séculos aos nossos espíritos redimidos, libertados para a vida maior. Que o exemplo do Mestre Jesus possa hoje, pelo nosso esforço, nos guindar a essa esperança do porvir através dos milênios. Jesus conosco. E que assim seja.

O espírito da irmã à sua esquerda apresentou com mais nitidez e identificamos, então, a alma afim e gêmea do nosso Padre Germano. Era a jovem pálida dos olhos grandes e negros.

Calimério rompeu silêncio: – Graças a Deus, todos nós recebemos a visita desse missionário da luz. E junto do seu coração espiritual, dois espíritos sublimados: Sóler e a jovem de cabelos e olhos negros e pálida. Certamente espíritos missionários na missão do nosso sublimado amigo. Percebeu? Unamo-nos nós para um dia resplandecermos e fazermos juz da bondade e misericórdia de Jesus.

Sorrimos e tudo voltou ao normal.

Evangelho e Ação, p. 3, maio 1997.

29 Amalia Domingo Soler foi a médium que recebeu as comunicações do espírito do Padre Germano, que relata episódios sob a forma de novela, de sua última encarnação terrena, consagrada aos pobres e humildes e na qual sofreu perseguições dos falsos religiosos da Igreja Romana. Sua vida foi um exemplo de fé, resignação e determinação no exercício do apostolado.

A programação das nossas encarnações[30]

O receituário prosseguia normalmente em uma das reuniões de quinta-feira, setembro de 1988, quando, já exteriorizado, encontrei-me com um espírito que cumprimentou-me algo risonho e referiu-se a um incidente ocorrido na II Guerra Mundial entre um soldado japonês e ele.

Prosseguiu dizendo que felizmente o problema aflitivo que o acompanhava desde então havia sido sanado.

Ele conversava com naturalidade e tinha a consciência da sua condição de desencarnado.

Demonstrava estar feliz por encontrar-se no Brasil, embora não soubesse o motivo pelo qual se encontrava aqui.

Salientou ainda que se sentiria muito bem se pudesse reencarnar no Brasil.

Nesse instante, o Mentor Calimério colocou a sua mão sobre a minha cabeça e eu pude recordar do espírito que ora conversava comigo.

Tratava-se de Jean Michel Borgot, um francês, que no ano de 1954, ainda em vida, me foi apresentado pelo irmão Pedro Braichi, no Centro Espírita Oriente.

Na ocasião Jean Michel contou-me que foi expedicionário, junto ao exército francês, na região do sudoeste asiático e que as tropas francesas se encontravam em combate com as tropas japonesas.

30 N.O.: Publicado pela primeira vez na edição de janeiro/fevereiro de 1989, quando a coluna ainda se chamava Flashes Espirituais.

Transcorria o ano de 1944...

Os franceses procuravam eliminar os focos de resistência em plena selva.

Em meio a um combate, Jean Michel vê, no alto de uma árvore, um soldado japonês a espreita-los, e atira de pronto. O soldado cai, ele se aproxima e pode perceber que mesmo ferido ele tenta atingi-lo.

Imediatamente o soldado francês toma de sua baioneta e acaba de matá-lo.

Em seguida passa a procurar a identificação do guerrilheiro.

Para a sua surpresa, o soldado japonês era uma mulher.

Chamava-se Mickiko Onada Kachisaburu.

Aquele fato o impressiona sobremaneira. Terminados os conflitos da II Grande Guerra, Jean Michel retorna à França, mas as cenas da morte "da soldado" japonesa passam a perturbá-lo seriamente.

Tempos depois ele transfere-se para o Brasil, mas as lembranças continuavam a atormentá-lo.

Por volta de 1954 o amigo Jean Michel procurou-nos no Centro Oriente para pedir uma orientação espiritual para o seu problema.

Os espíritos amigos orientam-no e o seu problema foi resolvido.

Desde essa época não tornei a vê-lo, reencontrando-o somente agora, quando ele já se encontra no plano espiritual.

O nosso mentor Calimério nos informou que em 1973 a "soldado japonesa" reencarnou em São Paulo, no bairro da Liberdade. Ele

nos informou ainda que ao completar 20 anos, essa nissei receberia como filho Jean Michel Borgot e um poderá auxiliar ao outro em suas enfermidades.

E terão também oportunidade de se reconciliarem e se ajudarem mutuamente para o crescimento espiritual de ambos.

Nota da redação:

Como esse relato data de 1988, a nissei nasceu em 1973, hoje está com 24 anos e já é mãe do nosso Jean Michel que deve estar com quatro anos.

Desejamos a eles sucesso nesta nova empreitada de amor e reajuste. Esses fatos, nos encorajam a narrar nossas experiências, pois pensamos poder assim esclarecer um pouco sobre a perfeição como são programadas as nossas encarnações.

Evangelho e Ação, p. 3, abr. 1997.

Onde está o tesouro, está o coração

Em exteriorização na reunião pública de quinta-feira, dia 27 de março de 1997, identificamos um espírito feminino – personalidade austera, aparentando por volta de 70 anos, serena, hábitos da vestimenta espiritual atualizados, mais consciente atualmente dos aspectos espirituais que vem vivenciando.

Aproximamo-nos. Ela então confidenciou-nos com alegria que já vem participando de atividades de assistência e socorro aos lares, sob a orientação do instrutor Venâncio, no plano espiritual de trabalho da FEIG.

Sobre Venâncio, percebemos que, em existências anteriores em Portugal e Estado do Rio de Janeiro, já possui compromisso de assistência espiritual, junto à nossa irmã e seus familiares.

Relembro, frente à presença de nossa irmã, de fato mediúnico singular. Durante uma reunião pública, no Centro Espírita Oriente, em Belo Horizonte, em 1965, em exteriorização na tarefa do receituário, me vi em uma sala na qual havia uma mesa com cinco confortáveis poltronas junto à mesma. Na cabeceira à minha direita estava o instrutor Venâncio[31]. À direita do instrutor, estava o nosso irmão José Grosso e a irmã Carlota. À minha direita, o irmão Calimério, que se situava entre eu e o Venâncio.

O instrutor Venâncio orou a prece do "Padre Nosso"[32], suavemente. José Grosso caminhou em minha direita, colocou a mão sobre minha cabeça, em atitude de passe. Foi quando percebi que eu

31 Venâncio: instrutor espiritual que coordena 48 equipes de espíritos operosos no campo espiritual da FEIG, na tarefa de assistência aos lares, atendendo às solicitações de irradiação.

32 O instrutor, sabendo que a irmã Maria Carlota era muito católica, fez a prece buscando sensibilizar mais o coração da mesma.

ali me encontrava como médium, para receber o espírito da nossa irmã Maria Carlota, que se situava à minha frente.

Após o passe, me tranquilizei. Vi a nossa irmã se levantar. O José Grosso estava em pé, ao lado e com grande surpresa percebi que a nossa irmã se vestia do meu períspirito, se apossando de todo o meu veículo perispiritual[33]. Ela começou a escrever com uma bela caligrafia de estilo gótico. Quando permanecia sereno, eu a percebia fazendo a escrita da mensagem utilizando uma caneta de pena de ave. Quando eu ficava tenso, a caneta se mostrava tinteiro comum.

Durante o fenômeno, pude sentir a transformação exterior do espírito da nossa irmã, que passara a trajar uma vestimenta da época, com rendas e babados nas mangas.

Percebi que ela escrevia uma carta saudosa para o seu esposo, a qual transcrevemos a seguir:

"Saudoso Bulhões. Lhe escrevo esta, pois a sua ausência junto a todos nós está deveras excessivamente prolongada, total silêncio, nenhuma lembrança. As recordações se intensificam a cada instante. A sua presença me fará grande bem, pois estou um pouco aturdida frente a fatos que ocorreram e ocorrem. Os velhos amigos,

33 Sugerimos a leitura do livro Trilhas da Libertação do espírito de Manoel P. Miranda, psicografado por Divaldo Pereira Franco, no qual está transcrito um fenômeno semelhante, no capítulo "A luta prossegue", em que é explicado que, na comunicação períspirito a períspirito, o períspirito do médium encarnado, absorve parte da energia cristalizada oriunda do estado obsessivo ou mesmo adquirida por desencarnação violenta, diminuindo-a no espírito, e ele, por sua vez, recebe uma alteração vibratória que abala as camadas sucessivas das ideias condensadas, melhorando-lhe a condição psíquica e predispondo-lhe a próximo despertamento. Também no livro "Materializações Luminosas", de autoria de R. A. Ranieri, esse fenômeno é abordado na "Última parte", capítulo III – Superincorporação.
N.O.: RANIERI, Rafael A. Materializações luminosas: depoimento de um delegado de polícia. São Paulo: LAKE, 2003

ou filhos dos nossos corações e do nosso amor, se ausentaram. O panorama de nossa própria vivenda, já não é efetivamente o mesmo. Me encontro amparada por Deus, mas de fato não reconheço mais aquele tempo, aquela época e as alegrias que compartilhávamos com tanta alegria, responsabilidade e, em sonhos novos, recebi notícias da baronesa Antonieta. Caso interessante: 'a baronesa está rejuvenescida, nova'. O fato curioso: fomos até ao seu enterro. Então, fatos como este estão a me confundir e o Padre João de Dom Bosco, quando em vez me pede para orar, mas também já morreu. Sonho muito com você, querido, e relembro em sonho o nosso Tio Venâncio – o conselheiro amigo e ele foi que me sugeriu fazer essa missiva e providenciou o encaminhamento aonde você se encontra que é desconhecido para mim. Preciso de você. Quero estar junto de você. Outros de minha família os vejo em sonho sobre outra vestimenta física, orgânica; outras vezes, é um pesadelo.

Venha, esqueci tudo que pudesse nos magoar.

Da esposa fiel, saudosa, o abraço.

São Sebastião do Rio de Janeiro 1885.

Maria Carlota Silveira de Bulhões."

Nota do Venâncio:

"A nossa irmã Maria Carlota, que desencarnada, permaneceu 80 anos junto à sua fazenda no sul do estado do Rio de Janeiro, foi bisneta dela própria, pois que em reencarnação anterior, como sua bisavó, em 1785 – 100 anos antes – havia sido fazendeira na mesma propriedade. Muito apegada ao tesouro que era seu patrimônio".

Após a mensagem, a nossa irmã disse: – Graças a Deus, escrevi ao Bulhões".

José Grosso aduziu: – Essa página da nossa irmã é uma manifestação de sua própria comunicação mediúnica onde ela mesma percebeu, nessa hora, que havia desencarnado há mais ou menos 80 anos.

Voltando novamente ao presente, 27 de fevereiro de 1997, nossa irmã esclareceu-nos que, graças aquela comunicação naquela ocasião, ela despertou para a sua realidade espiritual e está atualmente se preparando para reencarnar. Mas, até então, está ajudando aos seus familiares reencarnados – alguns deles presentes na Casa de Glacus.

Podemos verificar todo o sofrimento porque passou a nossa irmã em consequência de seu apego aos bens materiais "Onde está o tesouro, está o coração".

Evangelho e Ação, p. 3, mar. 1997.

Grupo Scheilla

Nos anos de 1947 e seguintes, nos primórdios das reuniões na casa do Sr. Jair Soares, exercitávamos a mediunidade juntamente com outros companheiros. Sentíamos que, naquele conjunto de irmãos, o núcleo iria se desenvolver. Persistíamos em nosso desenvolvimento da mediunidade em vários aspectos, inclusive de efeitos físicos.

Pouco a pouco, crescia o núcleo, o ideal e as esperanças.

Quando da visita do médium do Rio de Janeiro – Peixotinho – tivemos por seu intermédio, algumas reuniões ectoplasmáticas. Registramos que o médium, relativamente jovem, tinha também um processo de asma.

Na primeira visita do Sr. Peixotinho à casa do Sr. Jair Soares, já foi convocada pela espiritualidade, uma reunião para tratamento de sua esposa, Elvira Soares "Dona Ló".

Se processou a reunião. A irmã Scheilla materializada, iniciou o tratamento da irmã Ló, cuja doença era incurável.

O espírito materializado da irmã Scheilla deslizou em nossa direção – estava translúcida, iluminou todo o ambiente. Fez aplicações magnéticas na irmã Ló – substâncias semelhantes à lenços luminosos foram colocados sobre o tórax da enferma, sendo em seguida absorvidas pelo seu organismo.

O médium Peixotinho, pelos seus compromissos, tinha dificuldade para retornar ao Grupo, em Belo Horizonte, que já era da Fraternidade. Com a sua permanência no Rio de Janeiro, o nosso irmão Fábio Machado, que já tinha se aproximado do grupo, proporcionou-nos grandes alegrias, pois, muitos espíritos se manifestaram nessas reuniões, através da sua mediunidade de efeitos físicos.

O nosso querido irmão Fábio permaneceu conosco durante nove meses, se desobrigando, então, da tarefa.

Como a espiritualidade é pródiga, alguns outros médiuns desabrocharam suas faculdades mediúnicas de efeitos físicos, psicografia, vidência.

Recordamos uma das vindas do médium Peixotinho a Belo Horizonte, a qual coincidiu como dia do desabrochar do meu desenvolvimento mediúnico, que se encontrava em processo há uns cinco anos, período durante o qual eu vivia com problemas graves de saúde – mas sempre presente às reuniões.

Chegando para a reunião, observei, no quarteirão da Rua Paraisópolis, 658 – residência do Sr. Jair – várias pessoas que também se dirigiam à mesma. Quando cheguei, o Sr. Ranieri abriu a porta e disse para mim: "– Ênio, você hoje está dispensado da reunião".

Estranhei terrivelmente, pois outros que iam chegando eram conduzidos ao recinto da reunião. Frente à minha insistência em participar, Sr. Jair e o Ranieri, desconcertados, informaram-me que haveria reunião com o médium Peixotinho e que o guia do mesmo havia apresentado uma relação na qual não constava o meu nome.

Deixei de comparecer à reunião por dois meses. Mas nas noites de terça-feira sentia um vazio. Em uma delas dirigi-me à praça Santa Teresa, próxima a minha casa, ouvi música da Ave Maria que tocava na Igreja – eram 19h50min. – quando senti alguns toques fortes no meu ombro esquerdo. Virei à esquerda – não vi ninguém. Fiquei arrepiado. Fiquei atento à espiritualidade e ouvi uma voz: "– Ênio, meu amigo. Vá à reunião. Aqueles irmãos precisavam daquela reunião. Nós precisamos da sua mediunidade".

Frente a isso, desloquei-me para a reunião. Cheguei aproximadamente três minutos para 20h. A acolhida dos dirigentes foi fraterna, porém reservada.

D. Ló continuou recebendo aplicação dos espíritos com os médiuns em Belo Horizonte, por algum tempo, permanecendo por mais 22 anos no corpo físico junto à família, apesar dos médicos terem lhe dado apenas três meses de vida.

Em uma dessas reuniões de tratamento, a irmã Ló muito emocionada, relatou-nos que o irmão Fritz, como sua grande humildade, lhe osculou as mãos, deixando-as luminosas durante algum tempo.

Durante 31 anos, nas reuniões oriundas da casa do Sr. Jair – Grupo Scheilla – inúmeras pessoas receberam tratamento nas reuniões de materialização amor, que eram realizadas na terceira terça-feira e último sábado de cada mês.

Essas reuniões assinalaram o que seria para nós o Movimento da Fraternidade, propagando-se através de muitos grupos pelo Brasil, cujo departamento mediúnico espiritual proporcionava orientação para os demais grupos interligados a essa espiritualidade amiga – Scheilla, Joseph Gleber, José Grosso, Palminha, Uemoto, Fritz Schein e tantos outros espíritos. Essa mesma equipe de espíritos atua no Brasil inteiro hoje, em tarefas de assistência espiritual, inclusive na FEIG.

Naquelas reuniões na casa do Sr. Jair, realizavam-se fenômenos espirituais e criavam-se grupos de assistência, diversificando-se a prática do Evangelho em tarefas voltadas para a assistência social.

Evangelho e Ação, p. 3, fev. 1997.

Espíritos tarefeiros no campo espiritual da Fraternidade

No desenrolar das reuniões da FEIG, quando, em exteriorização, durante a tarefa do receituário, temos observado vários espíritos conhecidos e outros identificados com as tarefas da Casa.

Notamos que a sala seis, no plano espiritual da Fraternidade, tem a peculiaridade de ser ponto de referência para reunião desses espíritos, e, quando convidados, adentramos a mesma.

Passaremos a seguir, a fazer referência de alguns desses contatos no plano espiritual.

Percebemos numerosas vezes, o Professor Rubens Romanelli, tranquilo, seguro, cheio daquela bondade peculiar ao seu espírito. Nos fala sobre o contentamento por ter seu nome não só na livraria, mas também no Colégio, ambos administrados pela Casa de Glacus. E ele nos fala: "– Meu caro, quanta bondade de todos pela lembrança, me agasalhando em seus corações". Fala ainda de seus projetos espirituais. O Professor Rubens Romanelli é um espírito de grande inteligência e perspicácia. Quando encarnado dominava vários idiomas.

Temos identificado o espírito do Monsenhor Horta, que fala ao nosso coração com o seu "Pai Nosso", psicografado pelo Chico Xavier.

O nosso irmão João Cabete, pela afinidade com as músicas cantadas pelo Coral da Fraternidade, tem agasalhado o seu espírito nas tarefas da Casa. Com muita satisfação, vem ouvir as suas músicas, se misturando ao Coral, e, por vezes, o divisamos junto à nossa irmã Vanessa, que toca o órgão nas reuniões de terça-feira. A pre-

sença do irmão Cabete na sala seis, em muitas das reuniões, junto ao Coral, às quintas-feiras e ao órgão, às terças-feiras, demonstra a aprovação e o respeito que o seu trabalho na área musical dentro da Doutrina Espírita tem merecido da parte da espiritualidade diretiva da FEIG, que vê as suas músicas cantadas e tocadas nas reuniões com muita alegria e satisfação.

Temos tido contato também com o irmão Sebastião Lasnout, velho amigo, que, quando encarnado, residia no Rio de Janeiro, mas vinha à Belo Horizonte fazer palestras. Teve vários problemas na área visual. Compunha versões evangelizadas para músicas que faziam sucesso na época, como o "Hino a Ipacaraí". Agora desencarnado, com a visão já refeita, está ligado ao irmão Eugênio Monteiro, espírito sobre o qual falaremos oportunamente, na tarefa de assistência aos deficientes visuais.

Temos também registrado a presença do poeta Cornélio Pires, que fazia poemas utilizando sempre a temática sertaneja. Sua tarefa na Casa de Glacus tem sido alegrar e distrair com seus contos espirituosos, espíritos enfermos que são trazidos à Fraternidade para tratamento, asserenando-lhes o espírito, a fim de possibilitar o recebimento do amparo espiritual.

Já na sala quatro, quando também somos convidados, deparamos com espíritos conhecidos e outrora companheiros de militância espírita, com os quais ficamos muito à vontade.

Um desses espíritos é o irmão Djalma Alvarenga, que, mesmo com sua longa enfermidade, quando encarnado, deu belos testemunhos de perseverança em tarefas como na farmácia do Centro Espírita Oriente, na visita aos enfermos e nos passes aos necessitados, demonstrando que é dando que se recebe. Esse espírito tem o seu nome como mentor na tarefa de equipe de visitas aos enfermos.

E o nosso irmão Abdul Simas, o qual também, quando encarnado, tinha sérios problemas respiratórios e visitava os enfermos nos morros, sempre em seu veículo, um Ford antigo. De vez em quando, diz que tem o protótipo desse veículo no plano espiritual, colocando-nos que falará a respeito, oportunamente. Também se encontra na tarefa da Casa de Glacus como mentor de equipe de visita aos enfermos.

Nosso irmão Orlando Brito foi médium de efeitos físicos, quando encarnado, em São João da Boa Vista, São Paulo, no Grupo Espírita Joseph Gleber. Depois, durante longos anos, médium principal e organizador do Grupo da Fraternidade João Ramalho, de São Bernardo do Campo, São Paulo. Desencarnado, vem, não só colaborando na assistência a esse grupo, como também, pela afinidade, integrando o quadro de tarefeiros espirituais da FEIG, como mentor de equipe de visita aos enfermos.

Esses são alguns espíritos de longa dedicação no campo da seara espírita cristã no Brasil.

Sentimos que a espiritualidade deseja identificar os espíritos tarefeiros no campo espiritual da FEIG, frente às numerosas tarefas de assistência espiritual junto aos encarnados.

Podemos concluir que a oportunidade do aprimoramento espiritual é aqui e agora, para que possamos colher no além, os frutos da nossa presente encarnação. Que o trabalho junto aos necessitados é tarefa nossa aqui, e continua no plano dos desencarnados, sendo parte integrante da nossa evolução espiritual.

Evangelho e Ação, p. 3, jan. 1997.

A importância da sintonia vibracional no ambiente

Na reunião pública do dia 22 de outubro de 1998, quinta-feira, pudemos perceber a presença de seis espíritos vestidos como se fossem médicos cirurgiões – dois femininos e quatro masculinos. Com autorização do nosso instrutor Espiritual Calimério, após sair da sala oito, subimos alguns degraus de uma escada. Chegamos a um salão que fica em cima das salas seis, oito e dez, no terceiro andar, no plano espiritual da FEIG. Um desses seis espíritos nos convidou a adentrar uma antessala. Sua voz não nos era estranha. Estavam todos com máscara cirúrgica. Pudemos perceber que nosso perispírito sofria determinadas modificações. Ficamos surpresos, mas permanecemos tranquilos. Nessa antessala, vimos aparelhos eletrônicos que se dispunham em grande painel. E o nosso R. R. nos deixou à vontade. Estávamos ansiosos pela presença do irmão Calimério, mas percebemos que estava há mais ou menos 30m, em outra repartição, porém nos observava a distância. Nesse instante um espírito feminino, pertencente ao grupo já citado, possuidor de elevadas conquistas espirituais e vasto conhecimento científico, aparentando ter por volta de 40 anos, nos disse: "– Meu amigo, às 18h, nas noites de quinta-feira já estamos presentes. Após exteriorizarmos a nossa gratidão, nós nos dedicamos ao preparo quanto aos aproveitamentos possíveis das substâncias encontradas no ambiente da reunião e também às providências quanto ao tumulto do salão, quanto à ansiedade, quanto ao momento do início da reunião. Após avaliação, eu e os demais, aos cinco minutos para as 20h, passamos para esses instrumentos o que vamos registrando, como: no salão – o hino, o valor das preces, as disposições do dirigente da reunião e dos médiuns, a postura dos que estão compondo o semicírculo vibracional atrás da mesa de direção. Catalogamos o hino, a prece, por aparelhos sensíveis – registramos aqui nesse instrumento quan-

to ao comentário do orador primeiro. Extraímos o potencial vibracional da prece e do primeiro comentário, assim como das emoções dos presentes, da movimentação dos trabalhos de socorro pela imposição das mãos. Esse aparelho à esquerda registra a doação dos médiuns respectivamente e do componente espiritual (mentor). Registramos ainda que, após às 21h30min., a captação de vibrações relativa aos assistentes na sua maioria, é um pouco menor.

No painel são registradas as potencialidades (medidas de um a seis) que mostram e neutralizam também as substâncias tóxicas dos obsessores.

O mesmo espírito continuou: – Às 21h30min. na reunião de quinta-feira, as substâncias são levadas para a sala usina, que é o compartimento localizado após essa antessala e que, no momento, nosso amigo não deve entrar.

O espírito feminino, continuando a explicação, colocou-nos que permanecia na antessala e os outros cinco espíritos dentro da sala. "– Como uma usina nuclear, eles selecionam e preparam todos os fluidos, ou seja, dos colaboradores mediúnicos, da tradução das receitas, do setor de passes, dos comentários, das preces, dos hinos, do semicírculo vibracional para a obtenção de todos os recursos que a reunião precisa. E logo após, registramos todos esses dados nesse instrumento, obtendo o somatório do potencial vibracional. Nós somos informados do que podemos dispor do mais alto, bem mais alto, para complementar, para que possamos assistir dentro do nosso propósito, efetivamente, a todos que adentram essa Casa".

O aparelho em frente, transmitia a imagem de um rosto, cujos sinais emitiam mais brilho do que propriamente o formato – uma metamorfose de símbolos. Estava sintonizado com entidade de mais alto, espírito compromissado com a tarefa.

O espírito continuou: – A partir de 21h, se processam os elementos da noite que são utilizados na fluidificação da água e na vibração para se processar os passes. São produzidas também substâncias para neutralizar as vibrações negativas. Os recursos são ainda utilizados após às 21h30min. quando a vibração dos presentes deixa a desejar. Os fluidos excedentes ficam para a próxima reunião e para situações emergenciais.

Os espíritos nos informaram que permitem que até cinco minutos para às 20h, que é o horário marcado para o início das reuniões públicas na Fraternidade, os participantes troquem cumprimentos, conversem e relaxem, momentos em que aproveitam para captar as necessidades de cada um.

Notas da Redação:

Verificamos quão complexa é a preparação das reuniões públicas no plano espiritual e como os espíritos se desdobram para que todos sejam atendidos de acordo com suas necessidades no momento. Todos aqueles que frequentam a Casa fazem parte de um grande processo de fraternidade legítima, em que existe a doação espontânea pela própria vibração.

Observamos a importância do comprometimento com a tarefa, da sintonia vibracional no ambiente, favorecendo a realização plena e satisfatória dos trabalhos durante a reunião.

Evangelho e Ação, p. 3, dez. 1998

Uma semente plantada não se perderá

Na reunião pública do dia 22 de outubro de 1998, quinta-feira, ficamos os médiuns para a tarefa do receituário e orientação. Inicialmente nos é dado separar para os outros médiuns, colaboradores dessa tarefa, os pedidos de receitas e orientações que, em geral, fazem um grande volume.

Quando iniciamos essa atividade, captávamos através da mediunidade de audição, as observações da espiritualidade quanto às receitas a serem distribuídas para os médiuns respectivos. Atualmente, o processo é mais dinâmico. Sentimos pela mediunidade, a vibração de determinados sons, como se eles partissem de dentro de nós mesmos. Nesse momento em que a sintonia com a espiritualidade é quase total, passamos às receitas. É assim que se processa a distribuição. E sempre em seguida ao término desse processo, nos vemos exteriorizados, instante em que passamos a nos identificar com alguns aspectos das atividades espirituais do recinto espiritual da FEIG.

Nessa noite de quinta-feira citada, nos encontrávamos na sala seis, junto ao irmão espiritual Calimério. Registramos, pela movimentação dos espíritos, que estava quase ao término da reunião. O instrutor espiritual Euzébio, quando necessário para prestarmos atenção ao que se passa na reunião no plano físico, liga os instrumentos de som. Passamos então a ouvir parte dos comentários de um dos oradores da noite – o nosso irmão Jarbas – sobre os reflexos dos nossos atos ou das nossas atividades.

E recordamos que, há mais ou menos 15 anos, quando da inauguração da FEIG, necessitávamos de materiais de acabamento, como os vidros das janelas e mesmo as cadeiras, nos dispomos em um grupo de cooperadores para solicitar esses materiais. À tarde, numa quarta-feira, visitamos uma transportadora. Um conhecido colega de

serviço nos recebeu com muita alegria. Frente à nossa solicitação não pôde atender. Fomos no seguinte – outra transportadora. Surpresa! O gerente nos atendeu com grande atenção e nos relatou que foi beneficiado frente a um problema de cirurgia, recebendo passes de uma equipe de visitas no Hospital Felício Rocho. E perguntou-nos se conhecíamos o Sr. Adiraldo Vieira. Focalizamos então que ele fazia parte da Fraternidade. Não só nos atendeu, ajudando-nos com uma valiosa doação, como telefonou para amigos solicitando materiais de construção.

Demandamos para outra empresa de vidros. Chegamos lá às 16h e o diretor foi solícito conosco. Percebemos de pronto a presença de um espírito chamado Rubina, cooperadora da seara espírita, quando encarnada e avó do próprio empresário.

Apresentamos nossa pretensão juntamente com a planta da Casa de Glacus. Precisávamos dos vidros. Falei sobre a FEIG e sobre um dos espíritos que a assistem – Fritz Schein. Ele então falou que sua avó rezava e tinha muita fé no Dr. Fritz. Citou que quando criança teve problemas de saúde. Tinha mais ou menos sete anos de idade. Naquele momento ele se lembrou emocionado da equipe de visitas que foi lhe ministrar passes, atendendo aos pedidos da avó. Levantou-se da mesa e falou: – Recebi muito quando menino. E agora vou arranjar todo o vidro que vocês estão precisando. O empresário contava na época da doação dos vidros, 40 anos de idade. Verificamos que a assistência fraterna veio a surtir efeito 33 anos depois, sob a forma da doação em favor da instituição, que precisava dos vidros. Essas lembranças vieram à tona a partir do comentário do palestrante, que se fez ouvir através de instrumentais, na sala seis do plano espiritual.

Logo após, juntamente com o irmão Calimério, passamos à sala oito, que nos foi aberta pelo instrutor Euzébio. Percebemos dentro da sala outros espíritos abordando assuntos de tarefa.

O irmão Euzébio fez entrar um espírito de uma senhora que se trajava de maneira muito simples. Observação singular: o irmão Euzébio colocou a mão levemente sobre a cabeça de nossa irmã, que então pôde divisar com mais nitidez, devido ao fato de estarmos reencarnados. Ficamos sabendo ser Georgina Araújo. Portava uma roupa simples, apresentava um rosto de formato comprido, cabelo partido ao meio e arrumado e segurava um papel de receituário na mão. O períspirito de nossa irmã irradiava uma suave luz que ultrapassava sua vestimenta. De repente, ela mudou o semblante, o cabelo ficou ligeiramente desalinhado, aparentando uma fisionomia mais cansada e a receita que trazia na mão ficou como um papel surrado amarelecido, e um pouco rasgado.

Ela então disse: – Eu sou a Georgina. Ultimamente tenho estado ao seu lado[34].

Lembramos então, quando a Fraternidade exercia suas atividades no Centro Espírita Amor e Caridade. Em determinada noite, há 21 anos e sete meses atrás, a nossa irmã se aproximou, com a filha do lado e nos disse: – Tirei receita aqui e fui em outra casa espírita tomar os passes, mas não consegui, mostrando-me a receita quase que inutilizada. Respondemos: – A senhora coloca a água na garrafa e bebe a água fluida. E toma a receita. Não deixa de tomar a receita. Na quinta-feira seguinte, uma semana após, ela retornou com uma expressão alegre e nos disse: – Olhe, estou bem melhor. Eu rasguei a receita em pedaços e coloquei dentro do vidro de água e fui tomando.

Ficamos surpresos e admirados. Quisemos esclarecê-la, mas vimos que os espíritos fizeram um sinal para que nos calássemos, recomendando que ela pusesse mais água na garrafa e continuas-

34 Nos dias da tarefa de equipe de visitas aos lares da qual participamos, temos notado e comentado a respeito dessa nossa irmã. Por isso ela tem estado ao nosso lado.

se tomando. Os espíritos nos informaram que a água não estava contaminada, nem a receita. Continuamos vendo-a frequentando as reuniões ainda muitas vezes, vindo de bairro distante. A presença da nossa irmã Georgina naquela sala, com a deferência dos irmãos Calimério e Euzébio, nos fez sentir que, dentro de algum tempo, ela será mentora de equipe de visita aos lares na FEIG.

Na casa espírita, a prece, o orador, versando sobre o Evangelho e sobre o Cristo, os hinos, as vibrações de doação dos presentes, aliadas às vibrações dos espíritos sublimados que cooperam no campo espiritual da Fraternidade, se transformam em substâncias fluídicas medicamentosas em favor das nossas necessidades físicas e espirituais.

Todos são atendidos de acordo com suas necessidades e merecimento no momento, assim como uma semente plantada não se perderá, poderá demorar a dar frutos, mas um dia eles aparecerão.

Evangelho e Ação, p. 3, nov. 1998.

A visita dos americanos[35]

Em 1971 fomos procurados por uma senhora americana, de passagem pelo Brasil, acompanhada por seu filho, rapaz de 17 anos, que na época era toxicômano. Ao olhar para mãe e filho pude notar que o jovem assemelhava-se muito a um índio e a senhora a uma jovem esbelta, trajando-se a rigor da moda do século passado nos Estados Unidos.

À medida que mãe e filho frequentavam as reuniões públicas da nossa Casa, mais claramente eu via o rapaz, de nome Johnny, como um índio. Durante várias vezes notei-o dessa forma.

Na última vez que os vi estava também presente o pai do jovem, senhor muito simpático aparentando uns 48 anos. Ele estava no Brasil para buscar sua esposa e seu filho.

Ao olhá-los assentados lado a lado, percebi claramente o pai como um oficial norte-americano do século passado, o filho como um índio e a senhora uma bela jovem. Vi também que pai e filho possuem grande ligação de encarnação passada.

Depois dessa vez, não voltei a ter notícias dessa família.

Agosto de 1988. A reunião pública prosseguia. Exteriorizei. Imediatamente percebi estar fora do campo espiritual da Fraternidade em meio a um bosque. Notei que um espírito se aproximava. Ele se apresentou com o nome de William Knock, oficial norte-americano do século passado.

Calimério, meu instrutor espiritual, deixou-me à vontade para ouvir o que o espírito tinha a dizer.

35 N.O.: Publicado pela primeira vez na edição de maio/junho de 1989, quando a coluna ainda se chamava Flashes Espirituais

E William disse:

- Johnny já morreu (repetiu a frase por três vezes). Eu fui seu pai em nossa última encarnação. Os amigos do plano espiritual me informaram que meu filho tornou-se toxicômano porque trouxe o seu períspirito ainda impregnado pelo vício de outra encarnação mais remota.

Ele prosseguiu:

- No ano de 1752, eu William, era comandante das forças americanas quando da tomada do Forte Le-Boeuf, situado às margens de um dos afluentes do Rio Potomaqui. As tropas americanas eram auxiliadas por muitos índios. Os índios eram comandados por um outro que fumava grandes charutos sempre que podia. Esse índio foi brutalmente assassinado por mim por descumprir minhas instruções. Esse ato criou graves problemas em minha existência de então.

A oportunidade do reajuste ocorreu em minha última encarnação, quando pude receber o índio por filho.

O espírito nos falou ainda não saber o motivo de sua visita ao Brasil e à nossa Casa espírita. Mas imagina que essa visita possa vir a beneficiá-los de alguma forma.

Quando William terminou de falar, lembrei-me da família que havia nos procurado em 1971, e tudo se encaixou de maneira perfeita para mim.

Evangelho e Ação, p. 3, out. 1998.

22 anos da Fraternidade

Relato feito pelo médium Ênio Wendling, sobre os aspectos espirituais da reunião de aniversário da FEIG, realizada no terceiro domingo, dia 20 de setembro de 1998, através da faculdade mediúnica de vidência.

Mesmo a reunião sendo à tarde, pudemos perceber, ainda do lado de fora, os espíritos já adentrando para a reunião festiva no recinto espiritual da Fraternidade, uns trocando ideias com os outros, como: o irmão Jair e a irmã Ló, o irmão Lídio e a irmã Mary, Mário Veloso, Cerezo e vários outros.

No recinto, quando as crianças entregaram as flores, ficamos surpresos quando vimos que era o irmão Euzébio quem recepcionava os irmãos que chegavam.

Divisamos a irmã Maria da Glória Moura Costa, que, quando encarnada, foi visitada por equipes no lar. Apresentava-se rejuvenescida uns 30 anos, mas ainda permanece com os cabelos brancos.

O irmão Cristóvão Pinto Ribeiro, que está como mentor de equipe de visitas aos lares, também foi chegando.

Junto ao Coral se apresentou o espírito de Antônio Balbino, muito tranquilo e à vontade, com toda a sua característica. Cantava no Coral, quando encarnado.

Através da nossa vidência espiritual, observamos singular presença dos espíritos que traziam a nossa irmã Cleomar, cooperadora da Casa e com pouco tempo de desencarnada, para assistir a reunião comemorativa dos 22 anos da Fraternidade.

Transmitimos essa visão espiritual ao nosso irmão Alfredo, dirigente da solenidade que, logo em seguida, relatou o fato à assistência

festiva. Da mesa de reunião onde nos encontrávamos, vimos ao fundo, na posição em que o Coral executava o hino, uma porta transparente. Além da porta que ainda se encontrava fechada, percebemos uma escadaria com vários degraus. Vimos que os espíritos se posicionavam formando um quadrado à frente da nossa irmã, irradiando uma luz leitosa que a anestesiava e lhe trazia tranquilidade. Na frente e à direita do espírito da nossa irmã Cleomar, vinha o espírito do nosso irmão Joseph Gleber; à esquerda, a nossa Scheilla. Atrás do irmão Joseph, o irmão José Grosso; atrás da irmã Scheilla, à esquerda, vinha o irmão Palminha, por último se posicionava a irmã Cleomar. Quando o irmão Joseph se aproximou da porta, ela se abriu para os lados automaticamente. E surgiu um palanque translúcido, brilhante, porém sólido, sustentado por pilares plasmados pelos espíritos, o qual se situava por cima da assistência e no qual os espíritos puderam transitar sem se misturar com os encarnados.

E surgiu a irmã Cleomar mais nítida, nesse momento passando à frente dos demais espíritos, entrando de mãos dadas com o irmão Joseph e com a irmã Scheilla, com os irmãos José Grosso e Palminha logo atrás. Em seguida, atrás do Palminha, vinha a mãe da Cleomar e atrás do irmão José Grosso, o irmão Otto. Ela pôde ver os familiares e sentir as emoções de maneira controlada. Estava ereta e se movimentava com tranquilidade junto dos espíritos. O irmão Palminha falou: – A bengala foi jogada longe, aqui não há bengala!

Vimos ainda os 264 espíritos das equipes de visitas aos lares, os 101 espíritos do SOS Preces. No salão repleto de assistentes se encontrava outros 700 espíritos responsáveis. Vimos chegar outros espíritos – quase a totalidade dos dirigentes das equipes de visitas e dos demais departamentos. Ficaram visíveis à nossa percepção dezenas de espíritos – ao todo figuram 5000 espíritos cooperadores no campo espiritual da FEIG.

O irmão Cabete estava presente na expectativa de ouvir um hino de sua autoria. Observamos o espírito de Eugênio Monteiro, com sua fisionomia portuguesa, cabelos pretos, partidos ao meio. O espírito, para identificação, se apresentava com seus óculos muito limpos e se preparava para a tarefa psicofônica da tarde, junto do médium Carlos Catão. Vimos os irmãos espirituais Dias da Cruz. O nosso irmão Otto buscando transmitir uma mensagem pela médium Maria Carmem. Vimos que a irmã Joanna de Ângelis orava, pois estava desejando comunicar, para transmitir aos jovens e aos demais, sua página psicofônica evangelizada. E o irmão Joseph permanecia tranquilo, aguardando o momento de comunicar. Tanto a irmã Joanna de Ângelis quanto o irmão Joseph já se encontravam sintonizados com a médium Sumaia. Notamos que, de sua posição por cima da assistência, o irmão Palminha ia e vinha para transmitir seus pensamentos para o médium Sebastião. E em seguida, com naturalidade, vimos a preparação dos espíritos Eric Wagner, Glacus e José Grosso para se comunicarem por nosso intermédio. No plano em que se encontrava em prece, Joanna de Ângelis esboçava sorrisos de felicidade junto às homenagens das crianças, junto a todos e expressava pensamentos de gratidão ao nosso irmão Alfredo.

O que sentimos é que esses espíritos estavam dentro de um programa para se comunicar, através dos médiuns, passando mensagens de congratulações, esperanças e incentivo a todos os presentes e em favor dos cooperadores mais responsáveis.

Gostaríamos de frisar, com referência ao fenômeno intensivo de vidência com relação a irmã Cleomar, que, de fato, a nossa irmã conseguiu, nessa existência, belas conquistas. Assinalamos ainda, a presença de muitos espíritos de familiares dos presentes, que, pela condição festiva da reunião, foram registrados, mas não puderam ser identificados.

Nota de redação:

Verificamos a beleza, a organização e a harmonia dos aspectos espirituais que envolvem uma reunião como essa do presente relato, na qual pudemos assistir as vibrações carinhosas dos amigos espirituais, que se integram ao plano físico, na alegria comemorativa pelos 22 anos de existência da Fraternidade. Pudemos sentir o cuidado, a responsabilidade, o amor desses espíritos iluminados, empenhados na construção dessa obra grandiosa para o aprendizado terreno. As preces, os hinos, os comentários, a presença de familiares desencarnados, favorecem uma sensibilização maior dos encarnados, possibilitando uma troca positiva de energias espirituais. Que possamos agradecer a Jesus pela oportunidade do aprendizado e da convivência com esses seareiros do amor.

Evangelho e Ação, p. 3, set. 1998.

O desencarne de Cleomar

No dia 29 de junho de 1998, segunda-feira, fomos informados por uma cooperadora da Casa de Glacus que a nossa irmã Cleomar não estava se sentido bem e que fora levada para um hospital de Belo Horizonte especializado em coração. A partir dessa notícia procuramos nos manter em contato com familiares e amigos mais próximos da nossa irmã.

Às 23h45min. desse mesmo dia, fizemos uma prece e dissemos para a minha esposa que estávamos perdendo a Cleomar.

O telefone da nossa residência tocou a 0h20min. de terça-feira. Atendemos. Do outro lado da linha, Julieta, falando da casa da Cleomar informou-nos sobre o seu desencarne. Pedimos para falar com o Milton, esposo da Cleomar. Buscamos apoiá-lo falando das conquistas da nossa irmã.

Pela manhã, chegamos ao velório da Cleomar no Cemitério Parque da Colina. Antes de nos dirigirmos ao salão onde ela estava sendo velada, passamos em frente a várias outras salas de velórios. Vimos alguns espíritos e também encarnados, chorando em descontrole, o que infelizmente afligia a vários espíritos recém-desencarnados.

Aproximamo-nos do velório da Cleomar. Ao entrarmos no recinto, ouvimos músicas do CD do Cabete. O ambiente estava sereno. Algumas entidades espirituais se moviam em tarefa de auxílio e higienização do ambiente. Vimos espíritos familiares como D. Maria Martins Fernandes (mãe do Milton), a nossa Scheilla, um espírito jovem ainda, chamado Paulo que nos fez um sinal com a mão direita para que aguardássemos maiores esclarecimentos.

Percebemos o espírito da Cleomar em posição horizontal, envolto em uma cápsula cristalina, pouco acima do seu corpo físico.

O ambiente era de contida emoção por todos os familiares e a tranquilidade pairava no recinto.

O espírito José Grosso se apresentou e passou-nos as seguintes informações: - Às 16h30min., momento da despedida final e da prece, o espírito da Cleomar sairia do estado letárgico e veria sua mãe e sua sogra. Ela seria então conduzida a uma Instituição Espiritual de auxílio chamada Samaritanas do Bem, e às 21h ela seria transferida para a Colônia Nosso Lar.

Retirei-me às 12h20min. altamente reconfortado com essas informações.

Retornei às 16h. Já nesta hora, o número de amigos era muito grande. O ambiente mantinha-se em serenidade. O coral espírita entoava hinos à meia voz, tranquilizando a todos. Em bem poucos velórios pudemos perceber tanta harmonia.

Às 16h30min., hora marcada para o sepultamento, foi solicitado pela família que nosso irmão Alfredo fizesse a prece.

Após a prece foi-nos pedido que relatássemos os aspectos espirituais. Assentamos prontamente. Pudemos então observar mais nitidamente familiares desencarnados da nossa Cleomar junto a ela.

Vimos o Paulo seu genro, a Scheilla, o Joseph Gleber, o José Grosso e o Palminha. O espírito da nossa irmã foi inclinado. Ela nos viu, bem como à sua mãe e à sua sogra e disse: – Uai, o que está acontecendo?.

É certo que ela tenha percebido que algo havia acontecido. Ela sorriu e deitou-se em sua redoma.

O espírito de Joseph Gleber deslocou-se até o coral e disse: – Excelente, estamos juntos dedicada irmã. Ai, então, aduzimos que essa

expressão carinhosa do Joseph se portava ao fato de que no incipiente movimento de fraternidade, numa Instituição de âmbito nacional, a nossa irmã Cleomar, jovem ainda, atuava como secretária dessa Instituição, lá ela recebia as instruções espirituais do Joseph Gleber, incorporado.

Ela conhecia-o tão bem que distinguia todas as suas expressões e reações. Por isso o carinho desse grande Instrutor espiritual.

Percebemos ainda espíritos ligados àquela Instituição como Dr. Lídio, Jair Soares, D. Ló, Cristóvão, D. Laura, Anselmo, Barbosa, Cabete, Ranieri e outros.

Após o término da prece e o fechamento da urna mortuária, ouvimos um pequeno ruído e notamos o seu desligamento total.

Imediatamente vimos a nossa irmã envolta em um lençol creme bem claro. Ela foi conduzida pelas mãos dos amigos espirituais para a Instituição Samaritanas do Bem, próximo à crosta terrestre, sobre a cidade de Belo Horizonte e, às 21h, foi deslocada para a Instituição de refazimento na Colônia Espiritual Nosso Lar, no pavilhão feminino.

Ficamos cientes de que o nosso irmão Hélcio Wendling iria recepcioná-la junto com Cabete, Barbosa, Ranieri, também o casal Juramália.

Após esse encontro, fomos informados de que a nossa irmã Cleomar ficaria três horas numa câmara de refazimento, preparando-se para ficar dois meses em sono reparador, acordando em seguida para a nova situação espiritual em que se encontra e para o convívio com outros espíritos familiares de outras épocas.

E nesses instantes de tanto aprendizado para todos nós, vemos a nossa fé se fortalecendo e o bom ânimo aumentando, pois notamos com clareza a importância da Doutrina Espírita em nossas vidas, bem como a prática de seus ensinamentos, que nos levará certamente a uma passagem mais segura para o nosso adiantamento espiritual.

Evangelho e Ação, p. 6, jul. 1998

Perseverança[36]

Quim, filho de Quincas, reencarnou no interior de São Paulo com uma missão.

Quim teve um filho que é tratado por Quinzinho (neto do Quincas). Quinzinho é o próprio Quincas (avô) reencarnado.

Quincas, o avô, foi sapateiro no princípio do século. Quim, desde a juventude, já apresentava muitos problemas de saúde: tinha asma, bronquite e os médicos constataram problemas no coração. Jovem ainda, já auxiliava o pai na profissão de sapateiro. Tossia muito. Nos dias e noites frios ficava em casa resfriado, com escalda-pés. Na ocasião, os pais já se preocupavam muito com a saúde do filho.

Quim conheceu o Espiritismo na cidade próxima. Leu alguns manuscritos, fato este que deixou seus pais apreensivos, devido ao grande preconceito contra o Espiritismo na época.

Uma das moças do arraial despertou a atenção do Quim – mais perturbação para os pais devido ao seu estado precário de saúde. Médico da cidade dissera que o Quim tinha a saúde abalada. Esse então passou a confiar na Espiritualidade, frequentando as reuniões na casa de D. Zina.

Ficou gostando da moça Leivina. Os pais advertiram que ele não tinha condições para casar devido à saúde. Ficou noivo. "Coitado do Quim!", diziam muitos; "Coitada da Leivina!".

Notícias sobre as tarefas espíritas que chegavam da capital, confortavam o Quim.

36 N.O.: Título original.

Casou-se. “Coitado do Quim!”. Asma, bronquite, chás, escalda-pés.

Nasceu um filho. Perdeu o pai, morreu o Quincas do coração e de tanto trabalhar.

O Quim procurava o médico - tomava os medicamentos, passes espíritas, água fluidificada.

Orava junto aos enfermos da localidade; mesmo em dificuldade de saúde, dava passes - e melhorava. Perseverava.

Morreram alguns irmãos dele, o Quim continuou firme, confiando, consertando sapatos. Comprou um pequeno sítio, fez pequena casa. Vieram outros filhos. Continuava cuidando da saúde, recebendo auxílio do mais alto, ouvindo vozes amigas incentivando: – Persevere!.

Quim sentia que a saúde, mesmo precária, dava condições de frequentar a reunião familiar de D. Zina, já idosa; de realizar as visitas em caravana, ou mesmo sozinho na oração, no passe confortador.

Faleceram outros familiares. Filhos do Quim, ao todo cinco, partiram para o estudo na capital.

Numa manhã, após a oração, tomando chás, bem agasalhado, se preparava para pegar o serviço programando mentalmente a tarefa espírita a realizar-se à noite. Confortou a todos que o consideravam como servo do bem. No momento do chá, sua esposa Leivina disse assim: – Estou sentindo falta de ar. Nunca se queixara de nada, para ajudar o marido. Passou mal e caiu sobre ele, desencarnando em seguida.

A tarefa prosseguiu. Certa idade, certo tempo. O Quim desencarnou, amparado pela presença e mãos generosas da espiritualidade.

Hoje, na espiritualidade, intui, ampara o filho Quinzinho, que deve contar 47 anos. Morando na mesma região do pai, está com núcleo espírita próprio, no qual exerce a tarefa. Quinzinho tem nove filhos. A avó, viva ainda, com idade avançada, agasalha o neto.

O irmão José Grosso interfere, fala aos nossos ouvidos: – O Quim, filho do nosso irmão Quincas, ajuda o seu filho, Quinzinho, que, sendo neto de Quincas, é o próprio Quincas reencarnado. A perseverança nos propósitos do bem é a alavanca do amor que nos mostra o marco para nossa libertação espiritual. O Quim dentro de dois anos irá participar de tarefas definidas nos setores de visita aos enfermos na nossa Fraternidade.

Nota da redação:

Relato simples, interessante, de história ditada ao médium pela espiritualidade, no intuito de exemplificar-nos a perseverança no bem. A nossa determinação nas atividades do Evangelho nos qualifica dentro do amparo maior da espiritualidade.

Evangelho e Ação, p. 3, jun. 1998.

Renascer e aprender

Ao exteriorizarmos na reunião pública do dia 5 de abril de 1998, observados a distância pelo Mentor Calimério, nos dirigimos ao andar térreo da Fraternidade, na sala 109.

Percebemos vibrações tipo ruídos, vindas de alguns encarnados que se encontravam no local. Em meio a essas vibrações, vimos cinco espíritos relativamente jovens que ouviam atentamente ao Mentor Ferens que se encontrava entre eles, demonstrando tranquilidade. Esses espíritos vestiam "training" cinza e notamos serem eles eslavos. Um dos espíritos, de nome Giovanni, olhou-nos, e imediatamente fomos percebidos pelos outros que nos cumprimentaram. Nesse instante o mentor Ferens fez uma sentida prece, e através dela, percebemos que os espíritos ali reunidos reencarnarão em breve no Brasil.

Notamos a chegada do espírito de Hellen Mayer acompanhada pelo espírito de Jovanka. Elas se juntaram ao grupo falando em alemão ou em outra língua eslava.

O ambiente era alegre. Os espíritos cumprimentaram-se, deram as mãos e trocaram afetividades. Ferens falou ao nosso ouvido: – Esses espíritos reencarnarão e serão espíritas dedicados. Percebemos que esses espíritos não nos eram desconhecidos. Recordamos que há 25 anos, numa noite de quarta-feira, recebemos a solicitação de uma jovem senhora para que fizéssemos uma visita a sua casa em caráter de urgência. Atendemos prontamente ao pedido.

Chegando ao endereço indicado, havia grande aglomeração de pessoas e de policiais que se dispunham a interceder com energia ante o quadro estarrecedor: um homem, de nome Kutleza, se encontrava em estado de possessão.

Um espírito necessitado havia se apoderado de suas faculdades mentais, obrigando-o a fazer uso de uma faca, que estava direcionada para a garganta de sua filhinha de 12 anos de idade.

Impulsionados pelos companheiros espirituais, dirigimo-nos com certo destemor para a sala de visitas da casa, atravessamos e chegamos à copa.

Ali, frente a frente com o nosso irmão Kutleza, fitando-o diretamente nos olhos exclamamos com desassombro: – Giovanni, me dê essa faca.

A nossa voz soou imperiosa, devidamente conduzida e modulada pelos Mentores invisíveis, no intuito de desfazer aquela cena tétrica que poderia ter um desfecho dramático.

A nossa exortação enérgica, respaldada pelos Mentores, surtiu efeito imediato. O obsessor (Giovanni) foi devidamente amparado e conduzido a um posto de refazimento e o nosso irmão Kutleza voltou imediatamente ao normal.

E em pranto convulsivo, nos relatou o episódio, dizendo que uma voz falava ao seu ouvido para que ele enfiasse a faca na garganta da criança, todavia outra voz se fazia ouvir no seu íntimo solicitando o contrário.

Asserenada a situação, convidamos o casal para uma visita à casa espírita que frequentávamos. Na noite seguinte, na hora aprazada, eles compareceram à reunião pública, felicitando assim a nossa noite. Nessa mesma noite, enquanto separávamos o receituário, a nossa atenção foi desviada para o nosso irmão Kutleza. Junto a ele vimos 13 espíritos vestindo uniformes de guerra. Desses 13, oito se mostravam mais apagados, deixando-nos ver apenas a sua silhueta. Os outros cinco se mostravam mais visíveis e portavam um certo ar

de rancor. Eles atuavam de forma negativa e hostil contra o nosso irmão Kutleza.

Fomos informados de que esses 13 espíritos, participaram no período da guerra de uma frente de combate eslava e foram eliminados de maneira sumária.

Os cinco espíritos que se mostravam mais nítidos, apesar de massacrados, ainda vivos, foram lançados para dentro d'água aos chutes e pontapés. Eles perceberam esse ato impiedoso e deixaram que se alojassem em seus espíritos a semente de ódio e da revolta, e almejaram a vingança que acreditavam justa e devida.

Esses espíritos, agora já modificados, conversavam com o mentor Ferens no campo espiritual da FEIG e esperavam com alegria e responsabilidade o momento de reencarnarem no Brasil, pois os outros oito espíritos, que se encontravam mais diáfanos naquela ocasião, já se encontravam reencarnados na Europa.

Fechou-se assim esse quadro espiritual, demonstrando-nos a infinita bondade do nosso Pai Maior que sempre nos dá oportunidades de renascer e aprender, quantas vezes forem necessárias, em busca do amor absoluto que nos enriquecerá para sempre.

Evangelho e Ação, p. 3, maio 1998.

No Instituto Chapot Prevóst

Na reunião de 29 de abril de 1997, em exteriorização durante o receituário, o irmão Calimério estava a postos para a tarefa no plano espiritual. Antes das visitas às salas no plano espiritual da FEIG, o irmão Calimério nos disse: – Venha, meu amigo.

Saímos do recinto do salão, nos deslocamos no plano espiritual e chegamos a um jardim. Apesar de ser noite, toda a área tinha uma claridade suave que nos permitia visualizar vasta extensão de onde estávamos.

Vimos então um pavilhão anexo ao Instituto Chapot Prevóst[37], que, como ele, possui no hall de entrada uma escadaria composta de três degraus, cada um com 40 metros de largura. Subimos até o terceiro andar. Esse pavilhão recebe os tarefeiros integrados na seara espírita quando do seu desencarne por processo natural. Agasalha ainda vários espíritos que trabalham no Instituto, dando assistência aos recém-desencarnados ligados de alguma forma aos espíritos cooperadores na seara espírita.

O irmão Weston Wendling, que tem acesso a várias instituições no plano espiritual, nos recebeu – estava a postos.

Vimos então o espírito do Vovô Lemos que nos saudou. Era assim chamado carinhosamente o irmão Raimundo Lemos, que desempenhou a tarefa de dirigente espiritual em núcleo espírita em Manhuaçu, Minas Gerais, por longos anos, e também na chamada Fazenda da Prata, próxima a Manhuaçu, onde veio a falecer. Suas filhas e filhos se encontram também na seara espírita, como médiuns. O

37 Instituição situada no plano espiritual, em um subúrbio da colônia "Nosso Lar" (descrita em livro homônimo pelo espírito André Luiz), destinada a amparar os desencarnados por motivo de câncer.

Vovô Lemos, que estava muito tranquilo, tem o compromisso espiritual primordial no campo espiritual da cidade de Manhuaçu, junto ao núcleo espírita da cidade, ligado à irmã Scheilla. A presença do Vovô Lemos foi devida a nossa visita ao seu filho Ataíde Lemos, que se encontrava em uma das dependências do pavilhão anexo ao Instituto Chapot Prevóst. O irmão Ataíde apresentou-se de paletó e gravata e o Vovô Lemos bem à vontade de manga curta, cada um se trajando de acordo com a personalidade própria. Numa outra seção do Pavilhão, estava o espírito de Adolfo Gleber, que é neto do Vovô Lemos e sobrinho do irmão Ataíde e da D. Ruth Birman, oradora espírita, que de vez em quando fala nas reuniões da FEIG.

Do pavilhão fomos visitar o irmão Sacramento, no Instituto Chapot Prevóst. Caminhamos em direção a ele através de um corredor interno que, em vez de vidros, apresentava uma alameda em forma de caramanchões de flores de mais de 50 metros de extensão, que ligava o pavilhão ao Instituto Chapot Prevóst. No passar, vislumbramos outro caramanchão na área interna anexa. Vovô Lemos nos chamou a atenção para o mesmo. Divisamos o espírito de Sadu Ramar que dava instruções a outros espíritos no local. Então relembrei que o irmão Sadu Ramar sempre fora o mentor das preces das 18h que aconteciam e acontecem ainda na Fazenda da Prata, em Manhuaçu, onde se reuniam Vovô Lemos, demais familiares, visitantes e o pessoal da redondeza.

Ao terminarmos de atravessar o caramanchão, adentramos ao Instituto Chapot Prevóst e ao sermos convidados, entramos em uma das salas. Vimos o nosso irmão Sacramento que estava bem e se refazendo, pois havia desencarnado há apenas três meses. Junto a ele se encontrava o espírito de Maria Lúcia, irmã do Adolfo Gleber, que desencarnou de câncer no intestino na Fazenda da Prata. Cunhado do Ataíde, o irmão Sacramento morava em Brasília, onde era orador espírita. Fazia palestras também em Manhuaçu e algu-

mas vezes na FEIG. Desencarnou em dezembro de 1996, sendo que sua última palestra na Fraternidade havia sido em 28 de novembro de 1996, numa reunião de quinta-feira.

Se fez ouvir o hino das 21h que era entoado no salão da FEIG. Vovô Lemos fez a prece e antes de se despedir, o irmão Sacramento nos disse: – Ô Ênio, você também já veio?

Respondemos, então: – Não, eu estou retornando para a reunião. Não nos assustamos tanto quanto da última vez que ouvimos essa observação.

Retornando ao recinto espiritual da FEIG, fomos conduzidos para a sala dez que modifica a sua estrutura e observamos então, várias outras atividades.

Com referência aos espíritos Vovô Lemos, Ataíde, Lúcia, Gleber, Sacramento, nesta Instituição, recordei-me que, nos anos 50, após a reunião de sexta-feira, no Centro Oriente, fomos convidados pelo irmão Jair Soares a fazer uma visita a um enfermo. Fizemos uma equipe: Jair, Hélcio, José Persilva e Ênio. Fomos a pé até a residência do enfermo. Em frente à mesma, recordamos que em 1934, havíamos morado naquela mesma casa, na Rua Grafito, 39. Fizemos o passe – o enfermo estava muito mal de saúde. Era o nosso irmão Ataíde Lemos. Instado pelo nosso irmão Jair a fazer observações, identificamos o espírito de nosso irmão Chapot Prevóst, médico. Após o nosso pronunciamento, o enfermo falou: – Gente, o Chapot Prevóst é um médico espírita, meu guia, e acabei de ler um livro sobre a vida desse irmão. Esse livro está na minha gaveta.

Pelo relato podemos verificar a continuidade de nossa existência no plano espiritual em toda sua magnitude, assim como perceber a regência superior da vida na organização, nos propósitos, na administração do tempo e das tarefas espirituais.

Agradecemos a Deus pela oportunidade do reencontro, do aprendizado espiritual e pelo reconforto e estímulo proporcionados pela Doutrina Espírita.

Evangelho e Ação, p. 3, abr. 1998.

“O Tuté voltou! O dever cumprido!”

Sábado, 28 de fevereiro de 1998, recebemos a comunicação em Belo Horizonte, de que nosso irmão José Persilva Filho,Tuté, havia desencarnado em Sete Lagoas, Minas Gerais.

Morava em Sete Lagoas há dez anos, pois havia se consorciado em segundo casamento.

O Tuté foi, na tarefa espírita, médium por longo período no grupo da residência do senhor Jair Soares, integrando o grupo que veio a se chamar mais tarde Fraternidade Espírita Irmã Scheilla, incorporando também a suas atividades mediúnicas no Centro Espírita Oriente.

Nessa época, Tuté era casado com sua primeira esposa, Elza, que, com o tempo, integrou-se ao que veio a ser chamado de Coral Scheilla.

Dos seus quatro filhos, três filhas se integraram também à tarefa espírita.

Dedicava-se à visita aos enfermos, à tarefa dos passes nas reuniões e nos lares visitados, às tarefas da psicofonia e da psicografia – página mediúnica e receituário – e à tarefa da campanha do quilo.

E quando em Sete Lagoas, vinha à Belo Horizonte realizar as tarefas de visita aos enfermos e passes nas reuniões.

O sepultamento do nosso irmão se daria no mesmo dia de seu falecimento, às 17h, o que foi alterado devido à outras circunstâncias, passando para domingo, às 9h da manhã.

Familiares e alguns companheiros de início da tarefa espírita se apresentaram.

Tivemos a oportunidade de estarmos presentes no domingo pela manhã. Através dos amigos espirituais, pudemos observar que o espírito do nosso irmão Persilva havia sido totalmente retirado do corpo pela espiritualidade à meia noite do sábado, sem que restasse quaisquer miasmas espirituais. Os espíritos disseram: – O Tuté voltou! O dever cumprido!.

Aproximadamente às 8h30min. falou junto ao corpo do nosso irmão, um representante da Igreja Metodista, ligado à família. No momento da prece, o nosso irmão Jarbas Franco de Paula, lembrou-nos o quanto, da tarefa mediúnica, o nosso irmão realizou, o que emocionou a todos. Colocou que: – Aquelas mãos do médium Tuté que ali jaziam inertes, trabalharam durante muitos anos recebendo mensagens do espírito de Bezerra de Menezes e outras entidades de luz, assim como davam passes restauradores nas reuniões públicas e durante as visitas aos enfermos.

Jarbas também recordou que, quando estava no início da tarefa espírita, recebeu uma mensagem que o marcou muito através do Tuté. E continuou: – Os seus olhos, agora fechados, tiveram a vidência dos espíritos e a convivência com a espiritualidade nas reuniões de efeitos físicos. Os seus pés, muito caminharam, de porta em porta, pedindo na campanha do quilo para os necessitados. Através da fala recebeu espíritos no exercício da mediunidade-amor nas reuniões de desobsessão e, nas reuniões de orientação espiritual, recebia espíritos mentores do Grupo Scheilla.

Pudemos observar, no instante da prece do Jarbas, a presença de espíritos familiares e amigos, entre eles a primeira esposa Elza, um espírito representando Bezerra de Menezes, a mãe do Tuté – Astila, Orlando Costa, José Grosso e Scheilla.

Logo após, seguindo-o o féretro, no momento do sepultamento, já de longe divisamos um coro que fazia ouvir pelos nossos ouvidos

espirituais, composto pelos espíritos de D. Ló, Ana Luíza de Jesus, Elza, Emílio, que formavam um pequeno coral. Cantavam o hino de Bezerra de Menezes. D. Astila recordou então os hinos do Coral Scheilla.

Estavam também presentes 12 espíritos que ontem foram obsessores e que, através da mediunidade do Tuté, foram, dentre o número grande de espíritos, doutrinados nas reuniões.

Ocorrência singular: - Notamos, desde os primeiros instantes, um espírito registrando com uma câmera especial, todos os aspectos do plano espiritual e do plano material que se passavam em torno do corpo do nosso irmão, para logo na primeira oportunidade, mostrar ao espírito de nosso irmão e, certamente ficar gravado nos anais da espiritualidade.

Podemos assinalar que, dentro das suas condições, o nosso irmão realizou bastante em suas tarefas espirituais na presente encarnação.

Que este relato possa nos levar a refletir sobre o quanto é importante a dedicação à tarefa espiritualizante, com amor e desprendimento, disciplina e responsabilidade. E então percebemos a bondade do Pai, que nos ampara sempre, permitindo a oportunidade do reencontro com os amigos nos dois planos da vida, fortalecendo os laços de amor fraternal e preparando-nos para novos caminhos.

Evangelho e Ação, p.3, mar. 1998.

Nova aprendizagem redentora

Na reunião do dia 15 de janeiro de 1998, quinta-feira, nos encontrávamos em exteriorização, durante a tarefa do receituário mediúnico da FEIG.

Após alguns instantes, o recinto espiritual da Casa de Glacus se ampliou.

As costumeiras divisórias deram lugar a um amplo anfiteatro e o espírito de Antônio Loureto Flores, que foi médium da caridade, falava como se fosse o orador da noite.

O auditório espiritual estava atento, quando, num dado momento, observamos singular fato: alguns dos assistentes da reunião pública que se efetuava naquele instante no plano espiritual da FEIG, flutuavam no recinto, assentados também em confortáveis cadeiras espirituais. Se fizeram presentes à palestra espiritual, somando e se destacando dos componentes espirituais que estavam presentes, pelo fato de estarem reencarnados.

O instrutor espiritual Euzébio esclareceu-nos: – Meu amigo, esses irmãos estão bem sintonizados com as vibrações da noite, estão desdobrados em espírito, mesmo assistindo à reunião no plano físico.

Logo após a espiritualidade nos mostrar esse aspecto interessante, o irmão Euzébio nos fez um sinal e avançamos em direção ao instrutor Calimério. Nos deslocamos do ambiente. Descemos numa campina e avistamos uma instituição. Percebemos que, de imediato, nos encontrávamos diante dela. Quando nosso Calimério, adiantando-se, chegou à uma razoável distância, os portões se abriram automaticamente para os lados. Dentro dos portões até os muros, havia um jardim de plantas sem flores, cujo ambiente era envolvido por uma névoa.

Quatro espíritos surgiram, dois femininos e dois masculinos, os quais recepcionaram a equipe visitante.

Adentramos um corredor no térreo. À nossa direita, antes de adentrarmos bem mais ao fundo do corredor, uma jovem trajando um jaleco de enfermeira se apresentou: - Era Anésia. Junto a ela havia um espírito feminino de aspectos espirituais de luz de suave claridade. Era o anjo daquele setor, que nos disse: – Que bom a presença dos nossos irmãos nesse instante! Nos encorajará a todos. Vejam, a nossa Anésia em breve reencarnará e se chamará Anita. Ela relutou bastante com a ideia da reencarnação.

Adentrando na sala dez, vimos nove outros espíritos femininos. – Estas, diz o espírito, reencarnarão compulsoriamente.

Nos dirigimos à sala 11, onde percebemos dez espíritos masculinos.

Os 20 espíritos se reuniram, então, para ouvir a prece feita por Calimério. Do tórax do instrutor saiu intensa luz. Esses espíritos ficaram mais tranquilos e confiantes, pois pudemos perceber que todos reencarnarão com anomalias, as quais daqui a cinco anos se constituirão em um novo tipo de enfermidade. A língua ficará com dificuldade de permanecer dentro da boca, orelhas grandes, sem a função auditiva e terão também oclusão ocular.

O irmão Calimério esclareceu-nos que esses espíritos retornarão com essas condições físicas, por que se descuidaram (fizeram mau uso) desses sentidos físicos.

Antes de se despedir, a instrutora Anália Franco[38] esclareceu que dedicadas mãezinhas, pela misericórdia de Deus agasalharão nos seus corações, essas criaturas.

38 Anália Franco: espírito de luz que supervisiona, além dessa descrita no relato, outras Instituições no campo espiritual do Brasil.

Saímos da instituição em direção ao jardim. Percebemos junto a nós os espíritos de Scheilla, Joseph, Palminha, Eugênio Monteiro e José Grosso. Reunimo-nos em prece.

Logo em seguida, fomos chamados à atenção e percebemos na parte superior do prédio, nas janelas de todo o segundo andar, um volume grande de espíritos, que são assistidos pela instituição para futuras reencarnações, os quais nos olhavam extasiados.

Tão intensa foi a luminosidade emitida pela vibração dos espíritos em prece, que aqueles que ali permaneciam acorreram às janelas, qualificando-os de entidades angélicas, fazendo sinais, ansiosos por se identificar e comunicar.

A irmã Anália Franco esclareceu-nos:– Com a prece, sinal de luz, eles sentem a presença de Deus junto a eles.

Ao nos retirarmos, sustentados pela equipe espiritual, Anália Franco ainda nos disse: – Nós parabenizamos a nossa irmã Miriam pela mensagem do pessegueiro [39]. Temos estado junto a ela nesses conceitos.

Quando retornamos ao recinto, não havia mais o anfiteatro, e sim as divisórias das salas para o atendimento espiritual habitual.

A partir dos conhecimentos advindos deste relato, podemos verificar a lei de causa e efeito em ação e concluir que ninguém vai continuar errando impunemente nem ficará relegado eternamente ao "fogo do inferno". A Justiça Divina age em nosso benefício, nos oferecendo a oportunidade para o resgate regenerador e nova aprendizagem redentora.

Agradecemos a espiritualidade amiga que nos alerta sempre para que nos compenetremos das responsabilidades que nos competem.

Evangelho e Ação, p. 3, fev. 1998.

39 Publicado no jornal Evangelho e Ação do mês de janeiro [N.O.: de 1998].

Comprometidos com o passado[40]

Antes da nossa narrativa, faz-se necessário alguns esclarecimentos a respeito dos espíritos que vão ser aqui enfocados:

Maria Ângela – jovem senhora enferma, visitada por uma equipe da FEIG, durante algum tempo e desencarnada em setembro de 1987.

Neusinha – criança de sete anos também enferma, visitada por outro grupo de cooperadores até o seu desenlace.

Neusa – tia da menina Neusinha, até então completamente desconhecida para nós.

Passemos então ao relato:

Encontrava-me então na tarefa da psicografia no receituário mediúnico quando percebi estar o meu espírito caminhando por larga e brilhante avenida que já nos era familiar.

Apesar do horário, 21h, a claridade nos circundava, fazendo com que em torno parecesse estar brilhando o sol.

Olhamos à nossa direita e pudemos notar que logo após a calçada erguia-se um muro extenso de um metro de altura encimado por mais um metro de cerca viva ou ciprestes.

Observamos que o nosso amigo espiritual Calimério vinha logo atrás de nós em palestra com outro espírito. Vimos a saber mais tarde que o outro espírito se chamava Chapot Prevóst e era médico.

Chegamos em frente a um grande portão prateado que possuía no centro e logo acima uma espécie de globo amparado por duas hastes. Quando o portão se abria, o globo dividia-se ao meio.

40 N.O.: Publicado pela primeira vez na edição de junho/julho/agosto de 1988.

Logo que atravessamos o portão, divisamos a enfermeira Ilka que nos cumprimentou.

Andamos por bem cuidado e lindo jardim, no qual o verde imperava. O jardim possuía uns 20 metros de largura. Ao fundo deparamos com um grande edifício, lembrando os mosteiros do século XVII. Em seu frontispício lemos: "Instituto Chapot Prevóst".

Compunha a entrada do edifício alva e imponente escadaria, composta por três degraus bastante longos, eu diria de 40 metros cada um.

Subimos os degraus e nos deparamos no hall de entrada com um espírito de mulher, trajando túnica amarela, a nos sorrir docemente. Imediatamente reconhecemos nossa amiga Maria Ângela.

O nosso instrutor Calimério se adiantou e disse comprimentando-a: – A nossa irmã vai bem, estou feliz.

Acompanhamos a nossa irmã. Após atravessarmos o hall ela nos falou: – Vou te mostrar uma surpresa.

Acompanhamos a nossa Ângela. Subimos a escadaria para o andar superior. De repente a nossa irmã nos disse chorosa: – Quanta saudade das crianças, sei que meu esposo vai bem. Graças a Deus estou recolhida nessa Casa abençoada.

E segurando-me a mão conduziu-nos ao corredor da esquerda, no segundo andar.

Deparamo-nos então com uma criança que demonstrando conhecer-nos perguntou: – Tio, o senhor aqui?

Não reconheci a garotinha. Imediatamente, Calimério colocou-o a sua mão em minha cabeça, e na presença do Dr. Chapot Prevóst,

da nossa irmã Ângela e da menina recordei toda a cena do nosso encontro com aquela criança.

Seu nome era Neusa. Nós a chamávamos carinhosamente de Neusinha e recordamos do tempo que a visitávamos. A nossa menina havia desencarnado por um processo canceroso no cérebro.

Após esses esclarecimentos Maria Ângela nos apresentou a Sra. Neusa, tia de Neusinha e que também desencarnou vitimada pelo câncer.

Ângela falou-nos de suas lutas, suas descobertas. Disse-nos que agradecia de coração a todos os companheiros que a visitaram com tanto carinho, durante sua enfermidade. Disse-nos também que sabia da grande amizade que todos a dedicaram, criando assim, laços espirituais imorredouros. E demonstrou tranquilidade ao completar: – Já estou sabendo o porquê do meu prematuro desenlace. Nesse instituto todos nós já fomos comprometidos com o passado.

E encorajada pela Sra. Neusa prosseguiu: – A esperança para mim era tudo. Não desconhecia o meu estado de saúde, mesmo dando provas a todo o instante de que eu poderia me recuperar.

Era chegado o momento do término da nossa conversa.

"Tia" Neusa fazia a prece de Caritas e tinha o peito nimbado de luz. A nossa Maria Ângela solfejava o hino da irmã Scheilla.

Não sei como me despedi de todos. No meu retorno ao receituário o nosso instrutor Calimério nos explicava que só nos foi dado registrar esse fato, mas que o instituto abriga ainda mais de 200 criaturas recém desencarnadas pelo processo do câncer.

Evangelho e Ação, p. 3, jan. 1998.

Livro de Irradiações[41]

Sabemos que o instrutor espiritual Venâncio é um espírito de grandes conquistas espirituais, um grande psicólogo espiritual na tarefa do Evangelho.

Temos conhecimento de que iniciou sua tarefa de visitação espiritual aos necessitados encarnados e desencarnados, que constam no Livro de Irradiações[42] na casa espírita, há longos anos, com 18 espíritos – seis masculinos, 11 femininos e ele próprio.

Observamos que essa atividade com o tempo passou a ter como participantes 30 espíritos. Há seis anos o grupo já era composto por 48 espíritos. Atualmente a tarefa é constituída por uma equipe de 100 espíritos.

Na reunião pública de terça-feira, 11 de agosto de 1998, no desdobramento durante a tarefa do receituário mediúnico, estivemos com o instrutor Calimério na sala oito, no campo espiritual da FEIG, em cuja porta constava o número da sala e o nome do assistente espiritual responsável pela mesma. Adentrou na sala oito o instrutor Venâncio. Conversamos. A irmã assistencial Rita abriu a porta para sairmos e disse: –Venha, meu irmão, estão todos esperando. Surpresos, pudemos observar o seguinte fato: saímos da sala oito com os instrutores Calimério e Venâncio e fomos para a sala dez em alguns segundos.

Observamos que para determinados instrutores não há necessidade de referência de números de salas e nem divisórias, pois os mesmos se comunicam pelo pensamento.

---

41 N.O.: Título original.

42 Livro de Irradiações: livro que consta nas casas espiritas, o qual fica sobre a mesa, e no qual as pessoas anotam nomes, com endereços, nomes de pessoas desencarnadas para receberem orações, socorro espiritual.

Como já nos referimos a respeito, a sala dez tem a particularidade de se modificar de tamanho de acordo com a necessidade espiritual do momento. Já a observamos se transformando em pequenos anfiteatros, capelas. No recinto dessa sala de número dez, já se encontravam 100 espíritos, todos assentados, colaboradores da tarefa do Livro de Irradiações. Observamos de pronto, que eram 49 espíritos masculinos e 51 femininos. Estavam presentes os irmãos Calimério, Venâncio, Rita e Eustáquio[43].

O irmão Calimério nos esclareceu: – Como numa orquestra filarmônica, esses espíritos estão atentos a todos os detalhes. Não podemos perder tempo. As criaturas encarnadas no final do milênio parecem sobressaltadas. Para essa época viemos todos.

Os espíritos colaboradores da tarefa do Livro de Irradiações são preparados duas vezes por semana. O instrutor Calimério nos olhou e recordamos de um período no Centro Espírita Oriente, há longos anos: Nos encontrávamos no exercício da mediunidade. Fato ocorrido: durante uma exteriorização em reunião pública, de repente nos vimos no centro da mesa do receituário. Olhamos para trás e pudemos ver a simbiose espírito e médium, e vimos o rosto e a cabeleira do irmão Glacus sobrepostos ao nosso rosto. Vimos o espírito do Calimério pela primeira vez, a cinco metros de distância e, num impulso, atravessamos a mesa e sentimos o abraço acolhedor do hoje irmão Calimério.

Pudemos perceber que as tarefas espirituais num núcleo de tarefas bem orientado não dispensam a perseverança, a dedicação, para que, nesse treinamento, venhamos dar a nossa colaboração em nome da fraternidade, do amor e da caridade em favor do bem.

Evangelho e Ação, p. 3, dez. 1999.

43 Irmão Eustáquio: se refere a Padre Eustáquio, guia espiritual do bairro Padre Eustáquio no qual está situada a FEIG

Recordações de tarefeiros

Exteriorizados durante a tarefa do receituário mediúnico na reunião pública do dia 7 de agosto de 1997, estivemos na sala quatro, no campo espiritual da FEIG, com o instrutor Calimério. Vimos o espírito do médium Peixotinho assinando o livro de atas, como visitante. Observamos que eram 20h45min. Temos observado que, quando a palestra de um orador interessa a determinados espíritos, eles se fazem presentes e assinam a ata. Por isso não estranhei a presença do médium Peixotinho fazendo apontamentos ao tema da palestra proferida pelo orador da noite – Henrique Rodrigues. Vários departamentos no plano espiritual estavam com os seus instrumentos audíveis ligados para que algumas plateias de espíritos, dentro de sua capacidade, pudessem ouvir a palestra da noite.

Pela imposição das mãos do instrutor Calimério em minha direção, recordamos de uma das reuniões de efeitos físicos, no início da década de 50, na residência do Sr. Jair Soares, com a presença do médium Peixotinho, vindo do Rio de Janeiro. Tivemos a orientação da espiritualidade para que a reunião ocorresse em duas fases: de 20h às 22h, utilizando a mediunidade do irmão Peixotinho; de 22h às 24h, através do médium Ênio.

Na primeira fase nos encontrávamos na assistência, pois desejávamos ver o fenômeno. O médium Peixotinho estava num pequeno cômodo, o qual chamávamos de cabine. O nosso irmão Virgílio de Almeida, presente, solicitou ao irmão Jair que o colocasse mais atrás.

De repente, a porta se abriu. O espírito da irmã Scheilla, materializado, se fez presente. Assentou-se na cadeira vazia ao nosso lado. Houve uma pausa. O espírito nos convocou para dentro da cabine. Deitado num leito ao lado do médium Peixotinho, procuramos não

adormecer, pois desejávamos presenciar os fenômenos. O quarto pequeno ficou iluminado. Olhamos para a nossa direita e pudemos ver um espírito tomando forma, a partir do ectoplasma do médium até que se transformou na figura do médico Garcês (nome do nosso irmão Glacus, em sua encarnação na Espanha, por volta do ano de 1500). O espírito ficou assentado junto ao médium Peixotinho que se encontrava deitado, dormindo. Pudemos perceber que o médium estava com certa dificuldade para respirar. O espírito materializado do médico Garcês tirou de debaixo do travesseiro em que o nosso Peixotinho estava deitado, uma bombinha medicinal que este sempre trazia consigo para alívio de seu problema asmático. Colocou a bombinha na garganta do médium e foi aspergindo o líquido que continha em seu interior. Percebemos que o médium teve alívio imediato porque não respirava mais com dificuldade. Em seguida, o espírito abriu a porta e foi conversar com os demais participantes da reunião.

Saudosas recordações que o nosso irmão Peixotinho, quando encarnado, nos proporcionou com a sua maravilhosa mediunidade de efeitos físicos.

Na mesma noite, na sala seis, com Calimério, vimos o irmão Djalma Alvarenga e os irmãos Arlindo e Maria. O irmão Djalma nos disse: – Nós estamos na equipe. O irmão Arlindo aduziu: – Participo da visita aos enfermos juntamente com a Maria.

Coisa extraordinária: surgiu a intuição de que esse era o propósito frente ao médium Peixotinho e frente a essa equipe – recordações de tarefeiros, quando encarnados.

O nosso Djalma, nessa mesma década de 50, apresentou-se no Centro Oriente. De pronto foi convocado para receber aplicações de tratamento nas reuniões na casa do Sr. Jair Soares. Percebemos, pois o mesmo não falava a respeito, que o nosso irmão estava com

um processo de câncer quase terminal. Conviveu conosco ainda por longos nove anos. Nesse período de nossa convivência com irmão Djalma, ele participava de visitas aos enfermos nos lares. Após a reunião de uma quinta-feira, o nosso Djalma nos fez um apelo: se podíamos acompanhá-lo em uma visita no sábado. Aquiescemos prontamente. Às 14h de sábado, pegamos a jardineira para ir ao Hospital de Tuberculosos.

Adentramos ao hospital com o nosso irmão Djalma curvado sob dores, mas feliz na tarefa. No corredor, junto ao quarto, notamos cuidados médicos frente a um paciente. O médico disse: – Vocês vão visitar? Aguardem, pois, o doente acaba de ter uma crise de hemoptise. Após a devida assepsia, entramos no quarto do enfermo que, logo percebemos ser nosso conhecido, o Arlindo Correia da Silva. Aplicamos então o passe espírita. Voltamos no sábado seguinte e ele estava melhor. A sua esposa Maria, nesse dia, estava presente e integrou-se à equipe do passe. Nessa ocasião, recompusemos a amizade com o casal.

Fato surpreendente: oito meses após as visitas de passe, o nosso irmão Arlindo estava completamente curado e passou a cooperar na tarefa do receituário mediúnico, auxiliando o espírito do Glacus. Fez ainda campanha do quilo por longos anos.

Hoje, nosso irmão Peixotinho integra a equipe espiritual da FEIG como mentor da equipe de visitas aos lares, assim como o nosso irmão Djalma Alvarenga. Os nossos irmãos Arlindo e Maria também compõem uma equipe de visitas aos lares e, sendo observados na sala seis, podemos adiantar que muito em breve se integrarão também como mentores de equipes.

O tarefeiro dedicado, quando no plano espiritual, realiza tarefa mais afim, continuando a se emprenhar nas tarefas que mais falaram ao seu coração.

A visita aos enfermos nos lares, além de levar conforto físico e espiritual aos enfermos, traz sempre a oportunidade do aprendizado para os tarefeiros encarnados, como também para os que se encontram no plano espiritual. Assim como também a mediunidade, em suas diversas formas de manifestação, exercida com amor, nos proporciona crescimento, aprendizado espiritual e união de propósitos, dentro dos preceitos da Doutrina dos Espíritos.

Evangelho e Ação, p. 3, nov. 1999.

O perdão que tranquiliza[44]

Reencontrei com alegria quatro espíritos tarefeiros da FEIG. Eles são guardiões e enfermeiros que atuam, principalmente, com os nossos irmãos em desespero que pretendem dar cabo às suas vidas. Têm também um dedicado trabalho junto aos irmãos do SOS Preces. Pude relembrar:

Há muitos anos atrás, ainda me encontrava na tarefa mediúnica no Centro Espírita Oriente, quando vi adentrar o salão de reuniões, quatro crianças carregando uma maca. As crianças eram nordestinas e atendiam pelos nomes de João, Ana, Dica e Silvia. Observei que da boca dos espíritos até o estômago havia um facho de luz.

As crianças caminharam até bem perto da mesa de trabalhos do Centro e, apesar de serem de tamanhos diferentes, a maca que carregavam vinha numa só altura, permitindo que todas elas a segurassem. Nesse instante o mentor Palminha se aproximou deles e falou: – Orem. Eles então em uníssono disseram: – Papai e mamãe, nós lhes perdoamos e que Jesus lhes perdoem também.

Em seguida a maca se abriu e eu pude ver quem eles carregavam. Eram os dois espíritos que haviam sido seus pais na última encarnação. Eles estavam completamente presos um ao outro e se culpavam pelo que haviam feito. Imediatamente os espíritos de Scheilla e José Grosso retiraram os espíritos da mulher e do homem da maca em que se encontravam.

Logo após essa cena, Palminha me informou que os pais haviam dado veneno para as crianças beberem e suicidaram-se em seguida. Eles praticaram esse ato devido à penúria em que viviam e à fome que estavam passando. E se culpavam pelo ato cometido.

44 N.O.: Publicado pela primeira vez na edição de março/abril de 1990.

Palminha explicou ainda, que o perdão das crianças fez com que o facho de luz que saia de suas bocas, se expandisse e atingisse os pais tranquilizando-os um pouco. E foi nesse momento que eles puderam ser ajudados.

Para maior esclarecimento, fui informado de que os pais das crianças renasceriam como xifópagos devido ao ódio que nutriam um pelo outro pelo que fizeram, podendo assim resgatarem o seu passado.

Por isso, ao me reencontrar com os espíritos das crianças, agora já adultos e trabalhando, senti imensa alegria e recompensa pelas cenas vistas há tanto tempo.

Que Jesus nos abençoe!

Nota da redação:

O relato acima nos traz grande aprendizado e nos esclarece sobre a Lei de Causa e Efeito que rege nossa existência.

Podemos observar que assim como o amor une as pessoas, o ódio também une aqueles que precisam aprender a amar. Que por maior que seja nossas dificuldades não devemos buscar resolvê-las através de atos impensados. Tudo tem solução e o tempo opera por todos nós.

Confiemos sempre no amor de Deus e na misericórdia dos grandes amigos espirituais que nos acompanham a caminhada.

Evangelho e Ação, p. 3, set. 1999.

Não importa a crença

Quando duvidares de tudo, até de tuas próprias convicções, e o ceticismo te avassalar a alma, recorre a mim: eu sou a crença que te inunda de luz o entendimento e te habilita para a conquista da felicidade
(Quando... - Rubens Romanelli)

No nosso trabalho diário como representante comercial na área de alimentação, mesmo tendo mais de 70 anos, ainda nos sentimos prestigiados por termos um trabalho.

Em uma das firmas, situadas numa cidade de Minas Gerais, encontramos com cinco gerentes de filiais das quais temos atendido. Sabíamos que eles eram evangélicos e que tinham boas qualidades.

No momento de fazer o levantamento dos pedidos de compra, abrimos a pasta de serviço. Dentro da mesma tinha uma foto grande da frente da FEIG. Uma das gerentes, a "H.", pegou a foto e foi dizendo: – Seu Ênio, essa é a casa do senhor?. Respondemos: – É a Casa em que eu coopero à noite. E ela pegou e leu: – Fraternidade Espírita... e não continuou. Percebemos que houve um certo constrangimento. E nos perguntou: – O senhor é espírita?.

Respondemos: – Já que a Sra. perguntou, nós somos espíritas. E ela se admirou: – O Sr. não é do Cristo, Sr. Ênio?.

O outro gerente, o "I.", também ficou reticencioso. Todos os outros gerentes das outras lojas, o "E.", a "I." e o "M." também ficaram surpresos e disseram que iriam estudar a possibilidade de se fazer os pedidos e depois entrariam em contato: o que não aconteceu.

Periodicamente continuávamos a visitá-los a serviço, porém sem efetuar novamente a venda para eles. Numa dessas oportunidades, próximo do Natal, passamos novamente a vender para eles. Perce-

bemos que havia instruções dos superiores sobre a necessidade de se ter a mercadoria.

Adentramos uma loja. Passamos a anotar os pedidos feitos pela Sra. "H.".

Olhamos para o relógio. Eram 12min. para 12h. Todos os cinco gerentes se encontravam presentes.

Vimos então um interessante fenômeno: surgiu a um metro de distância um objeto semelhante a uma cânula de mais ou menos seis centímetros de comprimento.

Veio no ar flutuando e acoplou-se ao nosso ouvido direito. Paramos a anotação dos pedidos. E ouvimos: – Fala, fala. Eu sou a "Ção" (apelido de Conceição). Fala, eu não estou no "Jardim do Éden e nem esperando o Juízo Final. Eu sou a "Ção. A Izabelinha não está bem. Fala. Nesse instante, ouvi o gerente "I" dizendo: – Seu Ênio, anota o pedido. O Sr. está parado. O que houve? Respondi: – "I.", "H.", quem é Izabelinha? A "Ção" está falando para vocês irem que ela não está bem.

Colocamos que ela disse que não estava no Jardim do Éden nem esperando o Juízo Final. Dizia que só queria ajudar. O "H." disse: – Izabela é minha filha. Deixei com minha mãe. Estava com diarreia e muita febre.

O gerente "E." falou: – O Sr. passou na casa dela? Nós dissemos: – Não, meu caro, nós não precisamos disso. E vamos falar ainda mais.

Mencionamos então um outro fato particular com relação à Izabela. O "I" ficou muito surpreso. O "M." disse: – Não compro de ímpio. Produto de ímpio não entra na minha loja.

Silenciamo-nos. A "H." disse: – "I.", vamos para casa. Nós falamos: –É bom. A esposa do "M" é que acabou coletando os pedidos porque o casal se retirou.

Terminada a visita comercial, nós falamos para a "I.": – O caminhão com a mercadoria chegará na segunda-feira e estarei acompanhando-o. Dito isso, retiramo-nos do recinto.

Na segunda-feira seguinte, quase no mesmo horário, paramos com o caminhão com as mercadorias em frente ao estabelecimento. Todos os cinco gerentes estavam presentes naquela loja. Os pais de Izabelinha vieram nos cumprimentar e foram dizendo: – Sr. Ênio, chegamos em casa de mamãe, a minha menina estava muito mal, muito desidratada, devido à gastroenterite. Foi internada às 15h no hospital. O médico ficou nervoso e nos chamou a atenção severamente.

E todos estavam mais à vontade conosco. E o casal queria uma carta com explicações, as quais não demos naquele momento. E foram dizendo que a Ção tinha morrido, mas antes de ser evangélica tinha sido católica e era madrinha da Izabelinha.

Sempre retorno ao lar às 17h. Num desses dias, quando chegamos, o casal já se encontrava em nossa residência, naturalmente buscando maiores explicações.

Falamos ao casal que a Izabelinha estava no lar deles por desígnios superiores e eles estavam, como pais, também devido a compromissos espirituais. E esclarecemos ainda: – Olha, a menina poderia ter falecido como falecem as crianças no mundo, mas se houve essa interferência em relação à criança, daquele que já ultrapassou os limites da vida física, é porque ela tem uma missão junto a vocês, assim como de realizar em sua vida atual algo mais. Surgiu em favor da menina, espírito que tinha méritos, o socorro espiritual necessário.

Os aspectos espirituais ocorrem quando há uma necessidade maior, espontaneamente, porém dentro de uma educação mediúnica do médium.

Até a data atual, não vimos mais fenômenos como esse com a cânula e nem o espírito da "Ção" (Conceição). Os espíritos não esclareceram o porquê da cânula, mas sabemos que foi um meio de comunicação espiritual dentro daquela situação de trabalho profissional.

Esse relato só vem a confirmar que a espiritualidade maior utiliza de todos os recursos em favor das pessoas bem-intencionadas, não importando a crença. É o amor pelo amor.

Evangelho e Ação, p. 3, ago. 1999.

Ajuda por coletividade

Na reunião do dia 22 de abril de 1999, quinta-feira, após estarmos exteriorizados, adentramos na sala quatro do plano espiritual da FEIG. Esclarecemos que a espiritualidade tem nos mostrado várias salas enumeradas e específicas para cada tarefa no plano espiritual da FEIG.

Dentro da referida sala, acompanhados do nosso instrutor espiritual Calimério, vimos reunidos alguns espíritos conhecidos. Em dado instante, após os cumprimentos, se distinguiram o instrutor espiritual Ferens (Francisco), Antal (Antônio) Bodolay e Antal Schober.

O irmão Schober falou-nos: – Transmita à minha Erzsi os meus cumprimentos e lembranças e o meu agradecimento pela convivência no lar.

A um sinal do instrutor Ferens, o irmão Bodolay aproximou-se de onde estávamos e falou: – Ô Ênio, eu estou bem, cumpri a missão. Olha, o Emeric (Américo) achou muito bonita a Via Expressa. Ficou admirado!. Informamos que o irmão citado foi industrial e a sua indústria se situava nessa avenida em Belo Horizonte.

Os espíritos Emeric e Bodolay mandaram felicitações ao irmão Vilmos.

O irmão Schober colocou: – Sei que estou aqui porque o Bodolay e também a minha esposa falavam muito para mim quando encarnado, sobre o espiritismo.

Todos os espíritos se encontram ajudando a Casa de Glacus.

O irmão Bodolay nos dirigiu a palavra: – Dê o meu abraço a Magri (Margarida). Visite a minha casa". E perguntou sobre o livro que havia escrito e pesquisado durante anos.

A essa referência do livro, o instrutor Calimério disse-nos para que transmitíssemos a ele que estava tudo bem. O irmão Bodolay acrescentou: – O livro é coisa do meu coração.

O irmão Emeric, que demonstrava tranquilidade, colocou-nos de sua grande boa vontade na cooperação que vem dando no campo espiritual da Fraternidade. Após falar isso, se expressou dessa forma: – Quero ajudar muito, nasci na Hungria.

Esclarecemos que todos esses espíritos citados: Ferens, Bodolay, Schober, Emeric, são de origem húngara.

O irmão Emeric continuou: – Lá perto, assistimos a um grande conflito. O mentor Ferens não o convocou para ajudar no plano espiritual dessa região, embora ele assim o quisesse. O amigo espiritual Ferens lhe fez um sinal e o irmão Emeric pediu-lhe desculpas. O instrutor Ferens me esclareceu: – Trata-se de um conflito grave, mas regional. Percebemos tratar-se do Kosovo. Observamos também que todos os espíritos bem-intencionados estão dentro de uma disciplina diretiva do plano espiritual superior.

O guia espiritual Ferens colocou: – A condição espiritual do mundo ainda nos oferece situações de agressões e 'os homens lutam como feras' (trecho do hino Fim dos Tempos, de João Cabete).

Todos esses espíritos ficaram de pé. Sentimos que nosso irmão Ferens se preparava para um agradecimento. Fez uma oração no idioma pátrio-húngaro – a qual entendemos bem em português. Citava, além do agradecimento, um apelo à Jesus para que os homens não lutassem como feras. Nesse instante, o quadro desapareceu à nossa percepção e já nos vimos na sala oito.

Divisamos um espírito feminino, agradável, que foi dizendo: – Eu, Ênio, sou a Otaísa. E estou integrando às tarefas com o Rubens

(Romanelli) na Fraternidade. E de todo o seu espírito saiu suave luminosidade e um leve perfume.

Informamos que a nossa irmã foi esposa do irmão espiritual Rubens Romanelli.

Ambos, juntamente com a filhinha, desencarnaram em um acidente automobilístico. Romanelli e Otaísa são espíritos afins na tarefa espiritual.

Saindo da sala oito, passando no corredor, o instrutor Calimério falou-nos: – Na sala seis se encontram reunidos alguns irmãos por afinidade de raças. E um espírito de nome Erca Haloon abriu a porta. O irmão Calimério nos mostrou a sala, na qual observamos alguns espíritos israelitas e cumprimentou: – Shalon. E pudemos ver dois espíritos conhecidos: Klinkliewnisk e Sisenmisc.

Antes de retornar, pelo sinal do irmão Calimério ainda pudemos pensar: a organização espiritual busca ajudar por coletividades, núcleos de mesma origem, com espírito cristão.

Evangelho e Ação, p. 3, jul. 1999.

Nosso mentor Glacus[45]

Referência: Palestra proferida pelo irmão Omar Ganem na reunião de Convívio Espiritual do terceiro domingo, dia 18 de abril de 1999, realizada na Fundação Espírita Irmão Glacus cujo tema foi o mentor Glacus e o que ele representa para a FEIG e para cada um de nós nos aspectos morais e espirituais.

Na reunião de terceiro domingo, convidado para fazer um pequeno comentário na primeira parte da reunião, o irmão Omar Ganem, tarefeiro da casa, falou com propriedade a respeito do mentor da nossa FEIG.

Após a palavra dos espíritos, através dos médiuns presentes e quase ao término da reunião, solicitamos ao nosso irmão Edgar Souza, que presidia a reunião, que nos permitisse tecer algumas considerações. Passamos a relatar o fato ocorrido em relação ao mentor Glacus[46].

Em janeiro de 1948, numa quinta-feira, no meu lar, acordamos às 4h da manhã. Estava escuro o quarto. Fez-se uma claridade e a porta se abriu. A claridade ficou mais intensa e foi se aproximando. Junto a ela, um espírito se fez presente – era o nosso irmão espiritual José Grosso. Rosto caboclo, cujos olhos foram se formando. Ele disse: – Eu sou folha caída – vento do norte. Irmão Ênio, estamos diante do instrutor espiritual, irmão Glacus Flamínius. Nesse instante, o irmão José Grosso desapareceu de minha visão. Daquela claridade se projetou uma mão, que pousou sobre a minha cabeça e

45 N.O.: Título original.
46 O médium Ênio Wendling fez esse relato desperto, recordando...

então adormecemos. Às 5h da manhã, fomos acordados pelo nosso pai para o serviço. Então, recordamo-nos do fenômeno ocorrido. Aquela luz espiritual era o mentor ligado a nós, irmão Glacus.

Na residência do Sr. Jair Soares, numa das reuniões de nosso desenvolvimento espiritual, falamos para o Jair, da nossa visão espiritual com o irmão José Grosso e o instrutor Glacus.

Noutra oportunidade, o Sr. Jair falou que queria conversar conosco:
– Meu filho, refleti muito. Esse Glacus faz sentido, não é? Já tenho orientações mediúnicas a respeito.

Fomos convocados pelo nosso irmão Jair para uma pequena reunião sobre a psicografia do receituário, juntamente com ele e D. Ló. Fizemos a prece. Percebemos sobre a mesa, papéis e um lápis. Notamos ainda numa das folhas de papel, nome, endereço, solicitando orientação.

Após o término da reunião, já despertos do fenômeno mediúnico, o nosso irmão Jair mostrou-nos, então, a primeira receita do irmão Glacus, que foi para a nossa irmã Zizi, sua cunhada. E estava assinado "Glacus".

Esclarecemos: naquela noite do fenômeno de vidência no Nosso Lar, recordamos que entre 1h e 3h da manhã, o nosso espírito foi levado ao plano espiritual e que lá havíamos assumido, junto ao irmão Glacus, a responsabilidade também do compromisso com o receituário mediúnico, assim como o compromisso de não falhar.

Tivemos conhecimento do espírito Glacus, encarnado como médico em Roma, no ano de 79 d.C.; bem como em outra encarnação também como médico com nome de Garcês, na Espanha, de 1521 a 1531, onde atuei como seu auxiliar.

O nosso Glacus, pela sua dedicação e responsabilidade como mentor espiritual da nossa Fraternidade, granjeia grande simpatia e respeito.

É o "nosso Mentor".

Tem permanecido, desde essa época, na tarefa do receituário-amor, nas mensagens, nas orientações em reuniões de Consultas Espirituais, desde o Centro Espírita Oriente, até na atualidade, na Fraternidade Espírita que tem o seu nome.

Evangelho e Ação, p. 3, jun. 1999.

Reencontros além da vida[47]

Na reunião do dia 29 de abril de 1999, quinta-feira, após estarmos exteriorizados no campo espiritual da Fraternidade, nos encontramos em frente à sala seis, que é uma das salas que se modificam em formato e extensão, de acordo com as necessidades. A uma solicitação do instrutor Calimério, adentramos. E para surpresa nossa, vimos o espírito de Othon Moreira, que nos cumprimentou: – Ô Ênio, meu primo. Agora me encontro junto desses companheiros, cooperando aqui. Nos encontrávamos ainda surpresos, porquanto o Othon, da nossa família, desencarnara há mais de 40 anos. O nosso irmão Calimério estava bem à vontade e demonstrava felicidade pela participação inicial do irmão Othon. Junto do nosso irmão recordamos: início de 1939, em visita à cidade de Santo Hipólito, Minas Gerais, em férias, ficamos retidos por três meses devido às fortes chuvas que inundaram os rios, provocando enchentes que isolaram a cidade. Junto aos primos, o Othon se destacava, pois se dispunha muito a rezar e sua mãe, nossa tia, comentava que ele tinha vocação para o sacerdócio. Recordamos ainda do seguinte fato: ao adentrarmos no quarto do Othon, nós o encontramos ajoelhado, rezando o terço e pudemos ver que debaixo dos seus joelhos tinha grãos de milho. Ao vê-lo distraído, pisamos fortemente os seus pés. O Othon permaneceu rezando e nem se mexeu. Percebemos, junto dele, o espírito de uma mulher ruiva, que sorria. Levamos um susto e desatamos a chorar. Fora do quarto, ao contar o sucedido, nossa mãe nos repreendeu duramente.

Passaram-se os anos e vimos a saber que o nosso irmão se casou, vindo mais tarde a falecer em Belo Horizonte por problema renal.

Pela sua religiosidade, o nosso irmão Othon já se encontra na tarefa no plano espiritual, o que muito nos alegrou.

47 N.O.: Título original.

De imediato a essas observações, passamos à sala oito. Lá se encontravam em preces alguns espíritos mentores como Joanna de Ângelis, Meimei e Scheilla. Junto a essas entidades nos encontrávamos tranquilos. Em dado momento, próximo a esses espíritos, se destacou um espírito de irmã de caridade, com a fisionomia morena, rosto ovalado, tipo mexicano. Ela sorriu com tranquilidade, até com reconhecimento. De repente, a sua fisionomia, assim como a sua estatura, foram se transformando. Sua expressão se alterou.

Vimos que havia falhas de dentes, possuía cicatrizes e calosidade em todo o rosto. E então a reconhecemos de imediato. Passamos a recordar: há 40 anos atrás, na tarefa de equipe de visita aos lares, fomos visitar uma família no bairro São Geraldo, cujo local, na época, era de difícil acesso. Fomos recebidos por um casal de fisionomia sofrida. Adentramos a sala. Falamos a que vínhamos e fomos conduzidos a um quarto, no qual não havia móveis e sim, um acolchoado em toda a extensão do piso do quarto. Pudemos ver quatro moças filhas do casal, todas com problemas neurológicos, os quais começavam sempre a partir dos 13 anos.

O quadro era de grave obsessão e reajuste, levando a desequilíbrios neurológicos. Faziam o tratamento médico, mas sem grandes resultados. Portadoras de deficiências físicas e mentais, apresentavam, apesar de todo o cuidado dos pais, hematomas e machucados no corpo. A casa era simples, porém sempre limpa e bem arrumada.

A equipe se dispôs à prece, à leitura do livro "Vinha de Luz" do "Evangelho Segundo o Espiritismo" e depois, ao passe, em favor das quatro irmãs simultaneamente.

Continuamos as visitas, que eram feitas aos sábados, por longo período.

Na segunda visita aproximando-nos do lar, pudemos ver um espírito obsessor brincalhão, que aproveitava a penúria das irmãs,

assentado na escada do alpendre encerado de vermelhão. Ao nos ver, correu para dentro da casa. Ao adentrarmos, pudemos ouvir: – Olha a turma que quer atrapalhar a nossa confusão! (linguagem do espírito). Mas a presença dos espíritos amigos, como José Grosso, Palminha e com o tempo, também a irmã Scheilla, o lar das irmãs foi se tranquilizando mais e, algumas delas, em momentos de lucidez começaram a ajudar nas leituras.

Após algum tempo de visita àquele lar, num determinado sábado, após o passe, a mais velha das quatro irmãs, começou a falar em castelhano fluente, ante a nossa admiração, pois tinham todas elas dificuldades para falar, além do raciocínio deficiente. Passou a dizer: – Não é um espírito que está se comunicando. Sou eu mesma que, no Equador, na cidade de Quenca, fui diretora de um convento e era muito severa. Procurava castigar todas as pessoas do convento e até mesmo ao derredor, àquelas que não traziam agrados suficientes, pois sempre exigia que se fizessem doações. Sou eu mesma, eu vivi lá como irmã de caridade, diretora intransigente, o que me causa hoje esta prova.

Em seguida, retornou ao normal, voltando a falar com o raciocínio obliterado. Era o espírito dela relembrando. Com o passar do tempo já não ouvíamos mais as conversações dos espíritos tão necessitados no lar. Deixamos de fazer as visitas quando venceu o período dos passes, de acordo com as orientações espirituais.

Recordamos que há 30 anos atrás, os pais foram ao Centro Espírita Oriente, levando as quatro irmãs, arrumadinhas, duas andando com certa facilidade. Foi algo que emocionou a todos. Após essas recordações, olhamos para a nossa irmã na sala oito que, sorrindo, voltou à personalidade de irmã de caridade, dizendo-nos: – O Cristo de Deus abençoe a todos que nos visitaram. A nossa irmã Joanna de Ângelis se fez ouvir: – A nossa amiga é uma serva de

Jesus. Colabora nas atas das reuniões dos jovens da nossa Mocidade Espírita Joanna de Ângelis. O irmão Calimério esclareceu-nos: – Temos vários cooperadores na tarefa precípua de confeccionar as atas dos vários setores das atividades do nosso campo de ação na Fraternidade.

A irmã Meimei colocou: – Os jovens da Mocidade Espírita Joanna de Ângelis não falharão. Essa frase soou como uma prece na sala oito. O irmão Calimério passou a nos dizer: – Os jovens que palestraram hoje falaram ao coração de todos nós.

O irmão José Grosso aludiu então à importância da visita aos lares: – A tarefa da visita que nos enseja o convívio de perto aos enfermos é gratificante e está inserida no Evangelho.

O quadro desapareceu e acordamos na reunião.

Como podemos observar, todos os atos que praticamos na nossa vida, bons ou não, ficam registrados no nosso campo espiritual e, um dia, com certeza encontraremos essas pessoas que passaram pelo nosso caminho. Plantemos então, com urgência, sementes de amor, caridade, solidariedade, fraternidade, para com todos que cruzem os nossos destinos.

Evangelho e Ação, p. 3, maio 1999.

José dos Lotes

Na reunião de quinta-feira, 18 de fevereiro de 1999, durante a tarefa do receituário da noite, de imediato, nos vimos de frente ao instrutor Calimério que nos convidou a entrar em uma das salas que se situam no plano espiritual da FEIG – a de número oito – sala esta, em que assuntos são abordados em equipe pelos espíritos, para estudo e aprendizado.

Vários espíritos já se encontravam presentes. Pudemos ver o espírito do irmão Uruguaiano. Frente às nossas percepções, tivemos a oportunidade de ver esse espírito se apresentar com as características físicas pertinentes às suas últimas encarnações, ou seja: como Montezuma, no México; em seguida como Uruguaiano, no Uruguai ou República Cisplatina; e, na mais recente, como Aarão Reis, um dos idealizadores e construtores de Belo Horizonte. Como se identifica mais com a sua encarnação no Uruguai, continua mantendo o nome de Uruguaiano. Sempre foi intitulado guia espiritual do Centro Espírita Oriente, casa que teve suas atividades iniciadas, como instituição, na década de 20, na Rua Garbo e Rua Hermílio Alves, no Bairro de Santa Teresa.

O espírito de Aarão Reis foi convocado a fazer com que se estabelecesse uma casa espírita, uma sede, na capital, pois se percebia a necessidade de assistência ao grande número de espíritos no plano espiritual da cidade, necessitados de amparo, socorro e muito amor.

Na década de 30 é que o Centro Espírita Oriente, com sede na Rua Aquiles Lobo, se firmou como um dos pilares espirituais da cidade.

Estavam também presentes na sala oito – o espírito do Jorge Miguel - Jorge "Turco", José Xavier e "Vovô Ziviani".

Jorge "Turco" era um médium com grande potencialidade mediúnica, que cooperou em favor da caridade na Casa. José Xavier, assim como "Vovô Ziviani", foi dirigente do Centro Espírita Oriente por longo período, dando a sua cooperação nas reuniões públicas.

Junto a esses espíritos mencionados, começou a se delinear uma nuvem leitosa. O instrutor Calimério colocou a mão sobre a nossa cabeça e com a percepção mais dilatada, vimos aquela nuvem de ectoplasma se adensando, formando uma claridade. Dentro da nuvem se apresentou um rosto de um jovem que foi levado àquela sala, durante o período do sono. Distinguimos até os olhos dele, que eram claros, rosto nítido. Frente à nossa admiração, o instrutor Calimério esclareceu-nos: – Observe, este é um espírito que se encontra encarnado. São 21h10min. O espírito desse jovem dorme em um acampamento dos chamados "sem terra". Prepara-se para ser um dos líderes do movimento, porém sob uma nova ótica, numa condição mais amena. O instrutor Calimério continuou: – Está exaurido do trabalho no campo, por isto está dormindo cedo. Esse é o espírito do irmão "José dos Lotes", que, na sua última encarnação, impulsionado pelas intuições do espírito de Aarão Reis, doou o terreno onde ainda hoje é a sede do Centro Espírita Oriente.

"José dos Lotes" era possuidor de muitos lotes em Belo Horizonte e, intuído pela espiritualidade, doou ainda outros terrenos para a construção de várias instituições de amparo cristão. O irmão Calimério colocou-nos ainda: – O Jorge veio para prestigiar, está observando e sabendo valorizar hoje o gesto do Cel. José Francisco de Macedo – o "José dos Lotes".

Antes de se desfazer a personagem foram chegando na sala os espíritos de D. Ernesta com seu marido, o irmão José Rocco, colaborador da Casa, D. Maria da Conceição Wendling e D. Izabel, as quais foram dedicadas médiuns no Centro Espírita Oriente. O irmão

"José dos Lotes", agora reencarnado, está amparado pelo espírito de Aarão Reis (Uruguaiano).

Independente da crença, toda boa ação sempre reverte em nosso próprio benefício. A espiritualidade está sempre atenta, nos acompanhando e nos intuindo, para que possamos aproveitar o máximo dentro das possibilidades de nossa encarnação para realizarmos o bem.

Evangelho e Ação, p. 3, abr. 1999

A sobrevivência do espírito

Exteriorizados na reunião de quinta-feira, 29 de outubro de 1998, veio até nós um espírito conhecido – Almir – que nos cumprimentou e esclareceu: "– Tomamos conhecimento que o Henrique Zarnovski iria fazer a palestra desta noite e então, solicitamos licença das nossas tarefas. Dentro da tolerância da espiritualidade, quando autorizados, podemos estar presentes em algumas de suas palestras".

Temos conhecimento de que foi por intermédio do irmão Almir, quando encarnado, que o Henrique foi para a Doutrina Espírita. O espírito do Almir continuou esclarecendo: – Em uma encarnação distante, em que éramos de origem hebraica, Henrique, na ocasião, foi um filho querido.

Logo após, nos vimos dentro da sala oito, juntamente com os instrutores Euzébio e Calimério. Notamos outros espíritos, alguns em conversação sobre as tarefas da noite, quando nos despertou a atenção a chegada de visitantes espirituais. O instrutor Euzébio cumprimentou um a um: irmão Padre Eustáquio, que se encontrava muito suave; Padre Vítor, com sua singular batina, de cujas partes mais rôtas saía suave luminosidade. Chegou um padre alto, forte, claro – Frei Henrique – que o instrutor Calimério complementou com o sobrenome Cioli. E à sua direita o Frei Humberto, também alto, claro, que os espíritos focalizaram com o sobrenome de Bisstol. O irmão Calimério esclareceu que um era de Firenza (Florença) e outro de Gênova. Ambos vieram da Itália e se afinizaram no Brasil, vindo a pertencer à matriz de Buenópolis, Minas Gerais. Conhecemos o Padre Henrique em 1933, nesta cidade, quando éramos criança. Lembramo-nos de que ele era muito severo. Nós adentrávamos na casa paroquial e ele ficava bravo.

Vimos também adentrando na sala oito, dois espíritos que se juntaram a esses sacerdotes: o primeiro, à direita do Frei Humberto era chamado Elias "Turco" e logo após, o Jorge "Turco".

Numa oportunidade, nesse mesmo ano de 1933, havíamos saído da igreja, quando paramos de repente. Na esquina de uma avenida existia um casarão. Era a casa do Sr. Elias "Turco" Observamos as portas e as janelas se fechando no princípio da noite. Percebemos que alguém semelhante ao meu avô, de blusa de pijama vermelho, atravessou a janela. Ficamos paralisados. Quando conseguimos nos movimentar, colocamos o ouvido na janela, ouvimos vozes e vimos que algo transcendental se passava ali. Fomos correndo para casa. Lembramo-nos de que falamos para nossa mãe algo a respeito da alimentação do Frei Henrique e também a respeito do nosso avô atravessando a janela da casa do Sr. Elias "Turco" Ela nos repreendeu e então percebemos que naquela casa havia ocorrido uma reunião de fundo religioso que nós não podíamos compreender. Mais tarde, ficamos sabendo tratar-se de uma reunião mediúnica drusa, pois o Sr. Elias professava a religião drusa (os drusos aceitam a reencarnação, são espiritualistas). Observamos nessa noite a intranquilidade de nossa mãe. Horas depois, o próprio Sr. Elias "Turco" compareceu à nossa casa e falou-nos que o Salvador – nosso avô – estava muito doente em Corinto, Minas Gerais, e que seu espírito, durante o sono, havia se comunicado nessa reunião. No dia seguinte, nossa mãe foi a Corinto e confirmou o fato, inclusive a vestimenta usada naquela noite por ele. Já era a mediunidade se apresentando.

Após esse relato feito na reunião pública de quinta-feira, ao término da mesma, fomos procurados por um casal e uma moça que frequentava às reuniões havia pouco tempo.

O senhor nos disse que estava ali pela primeira vez e que era neto do Elias "Turco" e que seu pai, filho do Elias "Turco", em homena-

gem ao seu avô e ao Frei Humberto, o havia batizado com o nome de Elias Humberto.

O Jorge "Turco" foi médium aqui em Belo Horizonte por longos anos no Centro Oriente e, certamente por afinidade da descendência árabe, ele e o "Elias Turco" se encontram juntos no plano espiritual.

Registramos que o espírito do Padre Eustáquio tem um carinho muito grande pelo bairro que tem o seu nome, que é um bairro calmo, muito bem assistido espiritualmente, com duas igrejas católicas e várias instituições religiosas.

Esse relato que a espiritualidade está abordando vem nos mostrar a realidade da sobrevivência do espírito após a morte física.

Nota da redação:

Almir, quando encarnado, ao apresentar complicados problemas orgânicos, foi paciente do médico Henrique Zarnovski.

Evangelho e Ação, p. 3, mar. 1999.

Intencionados na prática do bem

Na reunião de quinta-feira, sete de janeiro 1999, na tarefa da psicografia do receituário mediúnico, de pronto nos vimos exteriorizados no campo espiritual da FEIG.

Convidados pelo instrutor Calimério, adentramos uma ampla sala iluminada. A sala ficou mais clara e no centro da sala se encontrava o espírito de Pedro Ziviani. Despertou-nos a atenção um fato singular. Nessa mesma sala, mais ao fundo, havia pouca iluminação e, na penumbra, pudemos ver espíritos femininos que demonstravam muita ansiedade. Em dado momento, na parte iluminada da sala, o irmão Pedro Ziviani foi se deslocando do piso espiritual, como se volitasse em pé e foi subindo como se fosse uma fonte de água luminosa até o teto da sala. Ficamos admirados! E pudemos ver que as nossas irmãs, na continuação da sala, ficaram deslumbradas e dois outros espíritos se ajoelharam. Todos recém-desencarnados. Observamos que o espírito de uma das senhoras estava com o ventre muito dilatado. Ela também ficou extasiada com o fenômeno.

Foi quando o irmão Calimério nos disse: – Só observe. Esta cena é para dilatar conhecimentos a respeito de fenômenos espirituais.

Nossa observação: Essas condições espirituais do nosso Pedro Ziviani são advindas de que, na sua última existência, nos seus 86 anos, foi fiel, muito sincero e dedicado à Doutrina. Espírito forte, mas na tarefa abria o coração.

Após essa cena espiritual, nos vimos na sala nove. Essa sala faz parte do conjunto de salas da administração situadas no plano espiritual da FEIG.

Identificamos vários instrutores espirituais da tarefa diretiva da Casa de Glacus, tais como Fritz Schein, Scheilla, Joseph, Otto, Ferens.

Junto a esses espíritos tinha um outro espírito que nos informaram se chamar Dr. Wenner, cientista. A espiritualidade permitiu a livre manifestação do espírito visitante, que expôs as suas preocupações. O espírito do Dr. Fritz Schein esclareceu-nos: – Escuta! Precisamos de apoio!.

Sentimos que havia uma ligação forte entre esses instrutores espirituais presentes com o espírito do Dr. Wenner. O espírito via a todos e começou a dialogar com o instrutor Fritz Schein. Passamos a ouvi-lo: – Fui físico, não sei porque não me gastei, pois sou a mesma personalidade há mais de 100 anos e não acredito em Jesus Cristo. Abordou assuntos que o torturavam: – Seu Cristo, que é essa criatura tão falada pelos milênios, por que não identificou para a humanidade os micróbios, as bactérias, coisas também essenciais para a manutenção da vida e só Pasteur veio esclarecer as consequências médicas muitos séculos depois? Por que há 2000 anos não esclareceu os aspectos da alma e do espírito e todos os porquês que buscamos hoje?.

O irmão Calimério falou: – Pronto! Terminamos!.

Nos gestos dos espíritos junto a esse irmão, pudemos observar o envolvimento de seus corações no amparo eficaz. Aos olhos espirituais do Dr. Wenner, a sala nove se assemelhava às salas em que eles, no passado, trocavam ideias sobre variados assuntos que empolgavam seus espíritos.

O Dr. Wenner então desmaiou e foi levado às instalações espirituais de refazimento.

O que pudemos sentir é que esse espírito, que demonstra ser ateu, possui volume considerável de outras conquistas espirituais e, com o espírito do Dr. Fritz Schein, em pouco tempo deverá estar cooperando junto a esses espíritos afins.

Esse fato acontecido no plano espiritual e que os espíritos permitiram que nos fosse transmitido, nos mostra que, mesmo aqueles que não são religiosos, não acreditam em Deus, mas são intencionados na prática do bem, do "amor ao próximo", recebem, quando desencarnados, o amparo e carinho dos amigos espirituais.

"A misericórdia de Deus é infinita e a fraternidade é o amor que se expande".

Evangelho e Ação, p. 3, fev. 1999.

Médicos pedem para acompanhar passes no hospital

Na reunião de 12 de novembro de 1998, quinta-feira, exteriorizados durante a tarefa do receituário, nos encontramos na sala oito, no campo espiritual da FEIG, na qual adentraram dois espíritos – Alaíde e Ulisses.

Conhecemos a Dra. Alaíde quando jovem. Formou-se em Medicina em Belo Horizonte e retornou à sua cidade natal, Teresina, Piauí. Lá casou-se com Dr. Ulisses, médico diretor de hospital na cidade.

Juntamente com alguns espíritos, se encontrava o casal que nos cumprimentou. Ela disse: – Que bom! Estamos na tarefa aqui na Fraternidade. Nos reunimos com esses benfeitores. Estamos dando a nossa cooperação. Olha, o Ulisses estudou em Recife e já naquela época se preocupava escondido com as comunicações dos mortos.

Na reunião do dia três de dezembro de 1998 voltei a vê-los. "Nossa tarefa é a do atendimento aos enfermos que se encontram em hospitais e cujo o estado inspira cuidados e, principalmente, quando em favor dos mesmos, familiares, entes queridos ou irmãos fraternos se preocupam com eles e solicitam ajuda".

Ouvindo essa narrativa, recordei que alguns anos atrás, juntamente com a equipe de visita aos enfermos da qual fazia parte na época, fomos visitar uma pessoa gravemente enferma da cidade de Nova Lima, Minas Gerais, no Hospital Belo Horizonte, quarta-feira à tarde.

O caso era muito grave. Antes de adentrarmos no quarto, aguardamos um instante, pois a equipe médica estava junto ao enfermo. Nos identificamos. Médicos e enfermeiros perceberam que éramos de equipe espírita. Alguns enfermeiros ficaram no quarto e um mé-

dico solicitou se poderia permanecer. Ministramos o passe no enfermo, deixando um copo de água fluidificada. O médico, após o passe, perguntou se tínhamos visto alguma coisa perto dele ou do enfermo. Respondemos: – Vimos o espírito do José Grosso e do Palminha, ambos originários da região Nordeste. Não sabemos por que razão, na hora do passe vimos dois espíritos, Dra. Alaíde e Dr. Ulisses. A Dra. Alaíde de Teresina, disse: – O caso é muito delicado. Ambos mandaram abraços para todos vocês.

Após esse nosso relato, o médico colocou: – O Dr. Ulisses foi meu professor no Piauí, em Teresina. E a Dra. Alaíde foi também aluna do Dr. Ulisses e se casaram.

O médico ficou abismado e compareceu a nossa residência e à Fraternidade. Ele não sabia que os dois haviam desencarnado.

O casal está atualmente integrado às tarefas no plano espiritual da Fraternidade. O espírito de Alaíde falou do contentamento deles, pois seu pai, Elesbão e sua mãe Júlia estão em tarefas espirituais em lares de enfermos católicos, mas continua próxima deles. Muito feliz por ver sobrinhos diretos dela participando das tarefas dessa Fraternidade do nosso instrutor Glacus.

Agradecemos a espiritualidade amiga que está sempre atenta, pronta para ajudar não só a todos que adentram à Fraternidade, mas a todos aqueles que de alguma forma se encontram ligados aos cooperadores e frequentadores da Casa.

Evangelho e Ação, p. 3, jan. 1999.

Vilas espirituais (?): descobrindo e acontecendo[48]

Chegando em casa no dia 24 de julho de 2000, segunda-feira, começando já com as indisposições físicas que nos acometeram nesses últimos três meses, após nos deitarmos, já com o espírito exteriorizado do corpo, pudemos perceber algo interessante, que nos ocorria pela primeira vez: como se o ar se movimentasse em espiral, formando um túnel comprido com a mesma largura em toda a sua extensão. Ao nos aproximarmos, notamos que após o túnel, havia uma claridade suave. A visão sumiu e não percebemos mais nada naquela noite.

No dia seguinte, terça-feira, 25 de julho, em exteriorização durante a tarefa de receituário em reunião pública, pudemos cumprimentar alguns espíritos, Calimério e Euzébio. Vimos o irmão José Grosso que nos fez um sinal para que nos aproximássemos. O instrutor Calimério continuava em sua tarefa missionária. Juntamente com o instrutor José Grosso, nos deslocamos e deparamos novamente com aquele túnel, agora, na nossa percepção, mais amplo e profundo. Na parte de fora, percebemos lugarejos assemelhando-se a uma ou duas vilas. Movimentamo-nos em direção às mesmas e ouvimos do instrutor José Grosso: – Não Ênio, meu irmão, ainda não. Acordamos na reunião, após o receituário mediúnico, com a sensação de que a espiritualidade gostaria de nos mostrar situações.

Com a indisposição na coluna, problemas nevrálgicos agudos, que nos obrigaram a ficar em casa por algum tempo, mesmo em vigília, notávamos que nos dirigíamos em espírito a esse portal em forma de espiral. Incrível!

Com dores acentuadas, fomos nos familiarizando com essa nova experiência. Nos dispusemos a continuar fazendo as visitas em

48 N.O.: Título original.

equipe aos lares. Retornamos também às reuniões públicas na tarefa do receituário, porém ainda em caráter precário, permanecendo até às 21h, às terças e quintas-feiras. Mesmo nesse curto período em exteriorização, nos víamos nessa situação. Nos sentíamos seguros com os cuidados do instrutor espiritual Calimério.

Na reunião de terça-feira, o irmão José Grosso se dispunha à visita "além túnel". Do outro lado do túnel começou a virar uma realidade. Passamos a observar determinados pontos – um ponto – dois pontos – três pontos. Eram vilas espirituais com suas ruas, por volta de cinco casas por quarteirão, todas no estilo nordestino, porém com mais conforto, arborização, filetes de nascentes de água e um número reduzido de habitantes. No meio do aglomerado de árvores bonitas, vimos construções semelhantes a silos, cuja função é guardar determinadas substâncias espirituais para manutenção de vida espiritual naquelas regiões. O irmão José Grosso esclareceu, frente à nossa grande admiração: – Ênio, também aqui no Nordeste, a espiritualidade superior achou por bem a criação de vilas espirituais no acolhimento aos sertanejos que desencarnam cansados e em extrema penúria. Observei ainda: – Que vila gostosa! Pudemos observar ainda uma rua de terra seca e vimos cidadãos espirituais que nos perceberam e acenaram. Acordamos na reunião.

Mesmo em tratamentos médicos e de passes e com o repouso no lar, nos dispusemos a comparecer à reunião de quinta-feira. Exteriorizados, na tarefa do receituário mediúnico, aventuramo-nos para a região a ser visitada com o irmão José Grosso. Antes porém, os instrutores Calimério e Euzébio nos felicitaram desejando belas observações. O irmão Palminha surgiu e nos disse: – Fique atento! E desapareceu. Atravessamos o portal redondo como uma espiral e de imediato pudemos ver: cinco vilas que se encontravam na região do Nordeste. Se distanciavam muito uma da outra, tendo oito a dez mil km de altura. O irmão José Grosso assinalou: – A primeira se encontra na região do Piauí e se chama Boa Esperança; aquela lá

na região de Crateús, Ceará, chama-se Paz e Alegria; a vila sobre a região de Quixeramobim, Ceará, chama-se Paragem Suave; ainda na região do Ceará, está a vila denominada Seara. Regressando da experiência dessa noite, pudemos observar sobre a região de Natal, Pernambuco, outros cinco pontos. Essas vilas espirituais estavam mais distantes e altas, devido ao fato de ficarem acima de grandes metrópoles habitadas. Falamos: – Que maravilha, José Grosso! Fomos informados de que na vila espiritual Boa Esperança vivem dois espíritos que foram irmãos do instrutor José Grosso, quando encarnado no Nordeste do Brasil.

O irmão José Grosso, em outra reunião de terça-feira, na qual permanecemos um pouco mais nas obrigações espirituais, disse-nos assim: – Meu amigo, essas vilas em formação, recebem os espíritos que desencarnaram em extrema necessidade no Nordeste. Foram contemporâneos meus de mais de dois séculos provenientes de países no centro da Europa; muitos foram senhores feudais (grandes proprietários de terra), mandarins (China antiga; altos funcionários públicos), samurais (Japão: guerreiro, membro da casta militar), rajás e marajás (Índia: príncipes). Povoaram a Mesopotâmia (hoje Iraque), Pérsia (hoje Irã) e passaram pelo reajuste sofrendo grandes privações.

Perguntamos: – Todas as reencarnações são abençoadas? Respondeu-nos: – Em princípio, Ênio, meu caro amigo, essa nossa região não é o sorvedouro de sofrimentos. Aqui (no Nordeste) é benção dos céus para nosso aprimoramento e valoroso testemunho de simplicidade, e em grande número, saiba, saímos vitoriosos (da encarnação). E sorriu, ficando todo iluminado. Acordamos na reunião.

Nota da redação:

Esse relato do médium Ênio, só vem demonstrar o que disse Jesus: – Na casa de Meu Pai tem muitas moradas.

Evangelho e Ação, p. 3, nov. 2000.

Socorro Divino

Na reunião do dia três de fevereiro de 2000, quinta-feira, em exteriorização durante a tarefa do receituário mediúnico, vimos vários espíritos conhecidos, mentores da FEIG. Entre as entidades presentes, se destacavam as irmãs Scheilla e Hellen Mayer, que abraçadas, faziam uníssonas, uma prece. Ficaram nimbadas de luz. Quando o instrutor Calimério estendeu a mão sobre nós, vimos uns 80 espíritos que se encontravam sonolentos, em fila indiana, sendo conduzidos para um departamento assistencial no plano espiritual da Casa.

O espírito do irmão Palminha pediu que observássemos: percebemos quando o mentor Glacus, mesmo sintonizado na tarefa do receituário, se descolocou, e juntos fomos a uma região sombria, de grande sofrimento, porém sem uivos sinistros e nem gargalhadas. Vimos significativo número de espíritos que se encontravam como mortos, pois não percebíamos neles nem uma centelha de luz. Estavam deitados, imóveis e completamente encobertos por uma lama. Não eram criaturas com inclinações negativas, mas que deixaram de fazer o bem. Eram espíritos infelizes que tiveram várias reencarnações sem nenhum aproveitamento espiritual. Quando encarnados foram indolentes, ociosos, indiferentes quanto à realidade circundante. Se encontravam naquela região dormindo como mortos, mas sendo impregnados pela lama magnética do plano espiritual para sentirem em seu perispirito as emanações daquele magnetismo, com a finalidade de futuramente reencarnarem valorizando a vida. É a Misericórdia Divina atuando, mesmo para aqueles que não valorizam nenhuma das oportunidades de aprendizado.

Pudemos ver que o nosso irmão Glacus avançou. Logo atrás se apresentaram em missão, o irmão Calimério, outros espíritos e nós, no aprendizado. Vimos que pela presença do irmão Glacus, muitos

desses espíritos, tocados pelas irradiações e pelo amor do irmão Glacus, se levantaram. Fizemos intenso silêncio e o irmão Calimério falou sem palavras para nós: – O nosso irmão Glacus tinha conhecimento das solicitações de cooperadores da Casa, espíritas dedicados, em favor de familiares que se encontravam desencarnados e que eram todos aqueles que se levantavam daquela lama, para iniciar o processo de reajuste e futuras encarnações mais úteis.

Aqueles espíritos foram socorridos e trazidos para as dependências espirituais da Fraternidade. Eram exatamente aqueles 80 espíritos, cuja percepção relatamos no início, os quais caminhavam em fila indiana, meio sonâmbulos e, para os quais, os espíritos oravam. Um daqueles espíritos falou, no momento em que a irmã Scheilla orava com a irmã Hellen Mayer: – A prece é caridade, socorro e cura.

Em seguida, o irmão Glacus fez uma prece simples de agradecimento e prontamente retornou à sua tarefa do receituário.

O irmão Palminha esclareceu que: – O irmão Glacus possui bela luminosidade, grande coração, belas virtudes do Evangelho, o que lhe facultou esse socorro.

Nota da redação:

Verificamos através desse relato, que todo esforço sincero na realização do bem e consequente reforma íntima, forma uma rede de vibrações positivas e bênçãos, extensivas não somente aos envolvidos na tarefa, mas aos familiares, entes queridos e todos aqueles que de alguma maneira são ligados ao seu círculo de relações.

Evangelho e Ação, p. 3, ago. 2000.

Bendita evolução[49]

Em exteriorização, durante a tarefa do receituário, na reunião pública de quinta-feira, dia 12 de agosto de 1999, nos encontramos na sala dois, no plano espiritual da FEIG. Vimos um espírito de pigmeu entre os espíritos dos mentores Calimério e José Grosso. Possuía pequena estatura, pele escura, cabelos pretos e grossos parecendo fios de arame, com os seios da face salientes. O espírito do pigmeu sorriu. Se encontrava envolto numa névoa. Os espíritos nos comunicaram que ele se encontra reencarnado, com nove anos de idade, numa aldeia de pigmeus na África, na região da Namíbia. Estava dormindo naquele momento e sonhava.

O irmão Calimério colocou as mãos sobre os nossos ombros e pudemos ver que o espírito irradiava felicidade. Recordamos então de uma noite, em 1948, exatamente à meia-noite, quando nos foi dado perceber um espírito que tinha formas perispirituais diferentes, como transcritas no relato "Vivendo e recomeçando".

Esse espírito, agora, nessa nova experiência, aos nove anos de idade, já é considerado adulto em sua aldeia. Está se preparando para casar daqui a quatro anos. Viverá até os 16 anos.

O irmão José Grosso esclareceu-nos que se trata de um espírito imigrante de um mundo menos evoluído, tendo sido preparado para essa sua primeira reencarnação na Terra.

Nota da redação:

Esse relato nos exemplifica as mutações que o nosso períspirito sofre, através das

49 Veja o relato "Vivendo e recomeçando" para que você possa fazer uma comparação com este relato espiritual e entender como os fatos se complementam. Assim procedendo temos a certeza que haverá um aprendizado maior das implicações das leis reencarnatórias.

muitas reencarnações, no caminho da evolução espiritual. Abaixo citamos trechos da literatura espírita que nos ajudam a esclarecer e melhor assimilar o conteúdo desse relato:

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – p. 55:

São habitados todos os globos que se movem no espaço?

– Sim e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e perfeição. Entretanto, há homens que se têm por espírito muito fortes e que imaginam pertencer a este pequenino globo o privilégio de conter seres racionais. Orgulho e vaidade! Julgam que só para eles criou Deus o Universo.

Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. três:

- Há Muitas Moradas na Casa de Meu pai (S. João, cap. XIV, v. um a três).

A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos.

Evangelho e Ação, p. 3, jul. 2000.

Simbiose e organização espiritual

Na parte inicial das reuniões públicas da FEIG, ao recebermos as receitas solicitadas, passamos a selecioná-las para os médiuns da noite. Esse processo de seleção das receitas é conduzido da seguinte maneira: pela afinidade, com os espíritos, vamos separando-as por intuição e por determinadas sinalizações e características espirituais. Em geral, o nosso irmão Glacus tem o hábito de separar o receituário de crianças de um dia a 12 anos. Atualmente, vem ocorrendo a separação das receitas de crianças de sete a 12 anos para os espíritos de Dias da Cruz (médium Vasco) e Joseph Gleber (médium Sumaia).

Registramos que, quando surgem assuntos mais delicados, o nosso irmão Glacus nos tem intuído a passa-las para determinados médiuns. É dessa forma que, antes do início do receituário, são distribuídas as receitas.

Na reunião de quinta-feira, dia três de fevereiro de 2000, após o início da psicografia na orientação e receituário, nos vimos exteriorizados.

Quando o ambiente da reunião permanece com vibrações favoráveis; quando os médiuns se encontram tranquilos, em sintonia com a espiritualidade; quando as palestras são desenvolvidas dentro de um teor vibracional positivo; nos sentimos, durante a nossa exteriorização no plano espiritual da Fraternidade, uma maior facilidade, tanto nos deslocamentos, quanto na visão espiritual, cujos ambientes se tornam mais nítidos e claros.

Por impulso do campo espiritual da Fraternidade, nos dirigimos em espírito à cabine de passes. Quando adentramos ao seu interior, observamos a existência de duas faixas luminosas em seu campo vibracional: uma bem junto à porta principal da cabine, no lado in-

terno; e a segunda, bem maior e mais larga, assemelhando-se a um arco-íris, porém sem o seu colorido, passando por cima das pessoas assentadas e irradiando substâncias luminosas no tratamento do passe. A cabine de passes vista do plano espiritual, assemelhava-se a uma sala cirúrgica com todos os cuidados de assepsia. Ficamos admirados com o preparo do ambiente e a disciplina naquele ato de bondade e doação daqueles abnegados espíritos.

Percebemos uma grande movimentação de espíritos. Vimos alguns espíritos junto aos encarnados na tarefa do passe, intuindo aos passistas. Pudemos observar também que, quando os médiuns passistas se dispunham ao passe, vibrando intensamente, ficavam envoltos em uma vestimenta espiritual, semelhantes a um jaleco branco de médico, a qual, além de favorecer uma maior assepsia, transmitia a energia da cabine de passes a todos que eram indicados para receber aquele tratamento. Os passistas encarnados recebiam da equipe de espíritos ali presente cuidados não só com relação à vestimenta, mas também relativos à intuição, ao socorro.

Logo a seguir, pudemos observar as atividades dos médiuns junto à mesa, na tarefa da psicografia no receituário e na orientação espiritual. Desejamos ver e então, pudemos nos ver em simbiose com o nosso irmão Glacus.

Continuamos admirados. Da posição em que nos encontrávamos em espírito, pudemos ver o médium Vasco, com o espírito de Dias da Cruz. Junto ao médium Carlos Catão, estava o espírito do irmão Eugênio Monteiro. Junto à médium Sumaia, o espírito do irmão Joseph Gleber. Ficamos maravilhados ao ver a dedicação dos médiuns e a sintonia dos espíritos com os mesmos na tarefa em favor da reunião.

Sobre a mesa onde ficam colocados os recipientes contendo água, trazidos pelos participantes da reunião, notamos intensa luminosi-

dade que envolvia todos os frascos, transmitindo o fluido universal. Observamos que, em alguns recipientes, a água se apresentava com coloração, certamente para tratamento mais adequado. Esclarecemos que esse tratamento de fluidificação da água fica sendo executado durante todo o período da reunião pública.

A seguir, fomos levados pelo instrutor Calimério para outras dependências no plano espiritual da FEIG.

Nota da redação:

Com essas observações permitidas pela espiritualidade superior, no intuito de nos servir como aprendizado, verificamos que, por trás das tarefas realizadas no plano material da Fraternidade, há toda uma organização espiritual complexa, visando a eficiência no tratamento espiritual de acordo com as necessidades apresentadas, demonstrando o carinho e a dedicação desses abençoados mensageiros do plano maior, que estão sempre à postos na tarefa de auxílio ao próximo. Só temos muito a agradecer por estarmos participando da família espírita nessa Casa de amor e fraternidade.

Evangelho e Ação, p. 3, jun. 2000.

Reencontros com Glacus

Em exteriorização, durante a tarefa do receituário mediúnico da reunião pública do dia 31 de agosto de 1999, terça-feira, fomos conduzidos pelo irmão Calimério, amigo espiritual, até a sala oito, no plano espiritual da FEIG.

Adentramos a mesma. Havia uma mesa altamente moderna, de vidro, a qual parecia flutuar, sem pés, mas era estável. À direita da sala, adentrando-a dois metros, havia um móvel de um material semelhante a um granito marrom claro. Nos três lados do móvel haviam três aberturas de mais ou menos 15cm. de diâmetro. Tratava-se de um aparelho espiritual que registrava os assuntos que a espiritualidade julgava necessário.

Juntamente com o irmão Calimério, vimos o instrutor Euzébio, que tem a tarefa de recepcionar os novos tarefeiros no plano espiritual da Casa de Glacus, os quais aportam, ou como futuros cooperadores que vêm se dispor ao trabalho ou como visitantes eventuais, aqueles que desejam conhecer; e ainda como visitantes, que vêm buscar informações sobre as tarefas em geral no campo espiritual da Fraternidade – visitas essas que obedecem a cuidadosa programação.

Logo após, adentrou o instrutor Venâncio. Fomos convidados a nos sentar à mesa, junto com os espíritos Calimério, Euzébio, José Grosso, Venâncio. Nos situamos à direita do instrutor Venâncio e verificamos que a nossa cadeira era diferente, era mais fechada, protegida.

Trata-se de uma proteção e cuidados especiais por estarmos em exteriorização, devido às vibrações da reunião no plano material.

Ao nos sentarmos ao lado do instrutor Venâncio, lembramo-nos que já o conhecíamos de outras situações (outros tempos). O instrutor Venâncio coordena, no plano espiritual da Fraternidade, um

setor de auxílio socorro e tratamento espiritual, ligado ao Livro das Irradiações, designando os espíritos para visitarem os lares assinalados no mesmo. Os participantes das reuniões públicas solicitam aos colaboradores designados na tarefa, ali escreverem o nome e o endereço das pessoas para o socorro espiritual. Muitas vezes também são inscritos pedidos de auxílio espiritual para desencarnados. Lembramo-nos que, inicialmente, os cooperadores espirituais da equipe do instrutor Venâncio se constituíam em 18 espíritos, depois 30, depois 48, e agora são 60, na tarefa do Livro de Irradiações no plano espiritual da FEIG.

A um sinal do irmão Calimério, adentrou à sala o espírito de uma senhora. Pelo aspecto não nos era estranha. A sua presença irradiava simpatia pelos méritos já adquiridos. E foi dizendo: – Venânço, ô Venânço! Isso nos despertou alguma recordação. Trocaram observações. A porta se abriu mais uma vez. Entrou o espírito de Maria Wendling, nossa genitora na presente encarnação, que também sentou-se à mesa. Nos dirigiu a palavra com tratamento familiar: – Eninho, este nosso irmão – sorriu para ele – o instrutor Venâncio, é aquele 'Venanço', o homem da gia, da rã. Ele é o espírito do homem que seu pai levou lá em casa.

Aí nos lembramos: quando criança em tenra idade, muito doente, pele e osso, no interior do estado do Rio de Janeiro, estávamos desenganados pelos médicos. Compareceu à nossa casa, o Sr. "Zé Venanço do campo", levado pelo nosso pai. Ele nos receitou sopa de rã, durante quatro dias, pedindo para que em seguida continuássemos com o mesmo alimento em pedaços. Ele era chamado "Zé Venanço do campo" porque colhia flores, folhas e raízes, e fazia chás medicinais em benefício das pessoas. Na época, afirmou: Esse menino não vai morrer.

Após esse tratamento nos tornamos uma criança sadia e tão forte que ficamos até com dificuldade de andar.

Continuando as reminiscências, fomos vivenciando a época de 79 d.C., quando médico. Fazíamos parte da Organização Médica situada no Campus do Aquilino em Roma, cujo dirigente espiritual chamava-se Vinicius Petronius.

Percebemos que também o irmão Calimério fora da Grécia e Roma, tanto quanto os espíritos de Glacus e Vinicius Petronius. E sentimos que o "Venanço" era o nosso diretor da Organização naquela época que, cansado de mando, pediu para ter reencarnações nas quais pudesse servir com humildade. E, nessa sua reencarnação como "Venanço", veio em nosso auxílio, porque sabia que em Roma, tínhamos recebido pessoalmente instruções com planos para eliminar um participante da Organização Médica, o nosso Glacus, pois o mesmo já contrariava normas da mesma, atendendo gratuitamente seus pacientes, fazendo tratamento com a imposição das mãos, era caridoso e praticava os ensinamentos de Jesus.

Sabemos que o nosso irmão Glacus já possuía grandes conquistas interiores de fraternidade e amor, o que não era entendido pela civilização daquela época (79 d.C.).

Naquele momento o instrutor Venâncio fez a seguinte prece:

– Hoje, Jesus, somos teus filhos buscando mais paz, mais amor, mais luz. Pela Tua misericórdia e bondade, encontramo-nos refazendo o mal com o bem, nesta Fraternidade do nosso mentor em Teu coração, Glacus, procurando hoje ainda, Jesus, no trabalho que Teu Evangelho nos ensina, a desfazer a rudeza que morava em nossos corações e nossos espíritos. Somos irmãos do caminho. Abençoa-nos Jesus Amigo, hoje e sempre.

A sala oito se fez em suave neblina e despertamo-nos no corpo da tarefa mediúnica.

Evangelho e Ação, p. 3, abr. 2000.

“Todos somos de Jesus”

Introdução:

A espiritualidade tem nos dado condições de observar espíritos com a tarefa de elaborarem as atas das reuniões públicas da FEIG.

Os colaboradores espirituais ficam atentos quanto aos acontecimentos durante as reuniões públicas, tais como os oradores com suas respectivas palestras, as preces feitas pelos colaboradores da Casa.

Notamos outras entidades fazendo apontamentos sobre o andamento de todas as atividades já programadas com antecedência, assim como fazendo anotações de atividades espirituais de emergência, com amplos aspectos de assistência espiritual, como, por exemplo, espíritos que aportam no plano espiritual da Fraternidade, trazidos por outras entidades, ligadas sempre a colaboradores da Casa, necessitando de socorro espiritual imediato em decorrência de desencarnes prematuros.

Registramos, dentro desses dois níveis de assistência espiritual, a fraternidade, o grande carinho e o calor espiritual do atendimento nessas atividades.

O essencial é o espírito.

Exteriorizado, durante tarefa do receituário mediúnico da reunião pública do dia dez de fevereiro de 2000, quinta-feira, tivemos a oportunidade de ver espíritos tarefeiros, que são responsáveis pelas anotações nas atas, do que se passa nas reuniões no plano dos encarnados. Identificou-se para nós a irmã espiritual Letícia. No

instante em que fazia apontamentos sobre a prece inicial, ela fez um gesto levantando o Livro de Atas e pudemos ver de onde nos achávamos, a frase: "A Fraternidade é recanto de luz". Ela escreveu: "Gostei". Pudemos observar que a frase registrada no livro ficou com uma luminosidade verde-clara, para alegria da nossa irmã Letícia. Essa frase foi parte da composição da prece inicial proferida por uma das cooperadoras da Casa.

Outro colaborador espiritual fazia anotações sobre a palestra do primeiro orador da noite sobre o aproveitamento das coisas em lugar do desperdício no supérfluo. O anotador colocou: "Interessante isso".

Outro espírito fez o apontamento sobre o orador após às 21h, quando este falou sobre a sua alegria no convívio com espíritos como Palminha e José Grosso. Junto a outro espírito que fazia apontamentos de oradores que se referem aos mentores espirituais, ouvindo as falas do orador que agradecia aos irmãos Palminha e José Grosso, lembramo-nos de que, em visita em equipe ao lar do mesmo orador, quando se encontrava enfermo, as suas preces nos falavam ao coração.

Conduzido pelo espírito do nosso irmão Calimério, adentramos à sala seis. Nesta sala, juntamente com o irmão Calimério, o espírito do Padre Vítor e alguns operosos mentores espirituais da Casa, ficamos em frente a uma mesa sobre a qual tinha um espelho de vidro leitoso com 1,70m por 0,80m de largura, funcionando como um vídeo, mostrando uma cena, na qual um aparelho registrava o horário de 15h. Na cena estavam presentes: no centro, estava o espírito do Monsenhor Horta, grande sacerdote da Igreja Católica, trabalhador convicto de sua religião, rigoroso em suas convicções, mostrando-se como em sua última encarnação; à sua esquerda, estava o espírito da irmã Scheilla; à sua direita o espírito do Padre Vítor, da cidade de Passos, Minas Gerais.

O irmão Calimério esclareceu-nos: – Sabemos que o nosso irmão Monsenhor Horta se encontra reencarnado nesta cidade (Belo Horizonte). O fato registrado no vídeo aconteceu às 15h, pois como espírito reencarnado, ele se encontra com nove meses de idade e, no momento registrado no relógio, estava dormindo no seu novo e aconchegante lar. Vai viver como um espírita atuante por já ser um espírito de luz.

Diante do vídeo e com as vibrações da sala seis, percebemos que o espírito da nossa Irmã Dulce, se sentia feliz com a reencarnação do antigo sacerdote.

Quando terminamos o receituário, já despertos, ao fazer o relato dos acontecimentos no plano espiritual, passamos a fazer ligeiras observações a respeito desses irmãos espirituais.

Temos mentores que em nome do Cristo nos amparam. Referimo-nos aos espíritos do simplesmente "Palminha", mentor espiritual que há mais de 50 anos tem nos dado instruções dentro da sua alegria e brincadeiras fraternas, juntamente com o simplesmente "José Grosso", com sua palavra amiga, cheia de bondade e grandes conquistas no campo do sentimento. Convivemos com esses espíritos desde 1947. Todos grandes espíritos e simples. Citamos ainda o médium Francisco Xavier, simplesmente "Chico". Referimo-nos também à nossa simplesmente "Irmã Dulce", que tivemos a felicidade de conhecer em Salvador – Bahia, juntamente com o Coral Scheilla. Na oportunidade, o Coral cantou o hino "irmã Ló", que com carinho, fez a substituição da palavra "Ló" por "Dulce", para homenageá-la. Mesmo sabendo que se tratava de um coral espírita, a Irmã Dulce mencionou sua alegria e colocou: – Todos somos de Jesus. Mesmo no leito, debilitada, ela agradecida, solicitou mais hinos para sua grande alegria e felicidade. E ainda nos pediu que visitássemos a sua casa – o Hospital Santo Antônio que faz atendimentos aos enfermos carentes e se situava no outro lado da rua. Na visita àquele hospital, assinalamos grande número de pacientes

possuidores de deficiência mental, os quais percebemos serem reencarnações de espíritos que, no passado, falharam na divulgação do Evangelho do Cristo.

O espírito da nossa Irmã Dulce interferiu, auxiliando na reencarnação do espírito missionário que é o Monsenhor Horta. Durante o relato na reunião de quinta-feira, chegamos a focalizar, com a ajuda dos espíritos, quatro estrofes, parte da prece que o Monsenhor Horta fazia, quando encarnado, cujo texto integral registramos a seguir, com as estrofes citadas na reunião, em negrito:

Oração
Monsenhor Horta

"Pai Nosso, que está nos Céus,
Na luz dos sóis infinitos,
Pai de todos os aflitos
Deste mundo de escarcéus.

Santificado Senhor,
Seja o Teu nome sublime,
Que em todo o Universo exprime
Concórdia, ternura e amor.

Venha ao nosso coração
O teu reino de bondade,
De paz e de caridade
Na estrada da redenção

Cumpra-se o Teu mandamento
Que não vacila e nem erra
Nos céus, como em toda Terra
De luta e de sofrimento.

Evita-nos todo o mal,
Dá-nos o pão do caminho
Feito da luz, no carinho do pão espiritual

Perdoa-nos, Meu Senhor.
Os débitos tenebrosos,
De passados escabrosos,
De iniquidade e de dor.

Auxilia-nos também,
Nos sentimentos cristãos,
A amar nossos irmãos
Que vivem longe do bem.

Com a proteção de Jesus
Livra a nossa alma do erro,
Sobre o mundo de desterro,
Diante da Vossa Luz".

Evangelho e Ação, p. 3, fev./mar. 2000.

O reencontro da família Wendling

Na reunião pública de quinta-feira, 27 de setembro de 2001, exteriorizado durante a tarefa do receituário mediúnico, de pronto deparei com o espírito do instrutor Calimério. Fiquei atendo às suas orientações. Ele me disse: "– Dirija-se à sala seis". Senti um impulso e eu mesmo abri a porta. Entretanto, fiquei admirado, pois não divisei a nossa irmã espiritual Rita, que sempre se dispõe a essa gentileza. Já no recinto, pude observar modificações na disposição da sala. Com a anuência do irmão Calimério, que não estava presente no recinto, mas que sempre fica muito ligado a mim pela vibração, fiquei tranquilo. Vi uma mesa transversal à porta. Entrei à direita no interior da sala e me postei em uma das extremidades da mesa. Em dado instante, na cabeceira da mesa à minha frente, foi surgindo uma nuvem tênue, a qual foi clareando, o que ocorreu em volta de toda a mesa. Na nuvem tênue pude identificar o espírito da minha mãe, Maria Wendling. Estava serena, feliz. Em seguida, fui identificando, a contar da esquerda da minha mãe, na lateral, os meus irmãos, Paulo, Hélio e Herbert; na cabeceira, próximos a mim, os irmãos Ivan e Werley; continuando na lateral esquerda, os irmãos Hélcio e Weston. Mais ao fundo de ampla sala, percebi quatros espíritos que tinham laços vibracionais de grande amizade com os presentes. Em dado instante, notei a emoção de minha mãe, pois seus olhos estavam cheios de lágrimas. Pude perceber que dois dos irmãos – Ivan e Werley – não notaram de pronto a minha presença. Meu irmão Hélcio, que exerceu a mediunidade durante toda a sua existência, me viu. Vi o espírito do meu irmão Weston, que aparentava ter por volta de 40 anos, o qual também me viu.

Nesse momento, minha mãe fez uma prece. Em seguida, olhou para o Weston e, com lágrimas nos olhos, disse: – Meu filho, você está tão bonito!

O irmão Calimério, de onde se encontrava, esclareceu-me que minha mãe estava já saudosa, antevendo a reencarnação do seu filho Weston.

Weston, vendo a emoção de sua mãe, disse: – Minha mãe, estava previsto que eu reencarnaria após 35 anos do meu desencarne. Já fiquei aqui 18 anos a mais. Já tem 53 anos que estou aqui, portanto, seja feita a vontade de Deus.

Meu irmão Hélcio brincou: – Ênio, você acha que vai ficar muito tempo aí? Nada respondi.

Vendo os familiares já desencarnados reunidos, recordei que meu irmão Weston, hoje mentor espiritual nas tarefas da Fraternidade, após alguns anos de desencarnado, enviou através da psicografia, um bilhete de incentivo aos irmãos, que dizia:

– Manos queridos, ficarei feliz aqui na espiritualidade, que é a realidade maior, se, além dos três irmãos integrantes na tarefa espírita, uma a mais se integrar nas tarefas. Ficarei imensamente agradecido à Deus.

Weston percebeu meu pensamento e disse para o Paulo: – Paulo, na Fraternidade, cooperando nas tarefas estão seus filhos e netos. O Hélio também. E ainda outros familiares.

Em dado momento, adentrou a sala a irmã espiritual Rita, que, dirigindo-se a mim, solicitou que estendesse as minhas mãos sobre a cabeça do Ivan e Werley. Nesse instante, eles, que ainda não tinham percebido a minha presença, me viram de pronto.

Werley disse: – Ivan, olha o Eninho aí. Alegres, eles se levantaram e nos abraçamos com emoção. Nesse instante, todos os outros se levantaram, deram-se as mãos. Weston então fez a prece de gratidão a Deus e todos se emocionaram.

O irmão Calimério fez um sinal e então eu voltei ao recinto da reunião, feliz pelo reencontro.

Nota da redação:

Vimos, pelo relato acima, como é consoladora a Doutrina Espírita, que nos permite o reencontro com aqueles que amamos após o desencarne.

Evangelho e Ação, p. 3, dez. 2001.

Orientação para o bem

Na reunião pública do dia quatro de abril de 2000, numa quinta-feira, durante a tarefa do receituário mediúnico, nosso espírito se exteriorizou, adentrando o plano espiritual da FEIG. Na sala seis, vimos um espírito de uma mulher de mais ou menos 46 anos de porte bonito e que irradiava muita simpatia. De repente, ela foi se modificando e se apresentou como uma jovem de 17 anos. Ela nos disse: – Eu sou Elizabeth Santos, Ênio, meu irmão, você me visitou em minha casa na Rua Olegário Maciel. Logo após sua visita eu desencarnei. Tinha 17 anos. Continuou: – Quando você estiver com o Edson, fale a ele sobre mim. Diga a ele que é bom retornar à tarefa da mediunidade, pois já se passaram longos anos dessa oportunidade que ele deve recuperar. Já lhe passei, através da mediunidade, uma linda mensagem de conforto.

Tornou a repetir: – Ênio, quando estiver com o Edson mande o meu recado.

Esses aspectos espirituais que acontecem, sempre têm uma finalidade e permissão da espiritualidade.

A nossa irmãzinha Elizabeth Santos é hoje mentora espiritual do Núcleo Elizabeth Santos instituído em Belo Horizonte.

É importante observarmos que, após o desencarne, continuamos em sintonia com aqueles que amamos, pois "aonde está o tesouro, está o coração".

Os espíritos sempre nos alertam para a necessidade do trabalho no bem, no intuito de orientar-nos no caminho da elevação espiritual.

Evangelho e Ação, p. 3, nov. 2001.

25 anos da Fraternidade

Relato da Reunião de Terceiro Domingo, comemorativa dos 25 anos de aniversário da Casa de Glacus.

No sábado, pela manhã, em visita à FEIG, e também à noite, em casa, registramos, pela vidência, a movimentação dos espíritos com relação à solenidade comemorativa dos 25 anos da FEIG, que se realizaria no domingo, 16 de setembro de 2001. Dentro desse clima, aguardamos o momento da reunião.

Chegamos à sede da FEIG às 15h30min., em ponto. Adentramos na nossa Casa. Cumprimentos e muita alegria. Subimos ao salão que já se encontrava repleto (em torno de 600 pessoas encarnadas). Pudemos ver espíritos que recepcionavam outros espíritos. Dentro do clima festivo, vislumbramos os mentores espirituais como José Grosso, Palminha e outros.

Percebemos o interesse dos espíritos em que fosse projetado mais uma vez o filme realizado sobre as atividades da Casa. Levamos ao conhecimento do dirigente que presidiria a reunião daquela tarde – o irmão Omar Ganem, que tomou as providências.

Foi composta a mesa e o semicírculo atrás da mesma com os elementos da diretoria dos departamentos e de todos os setores da FEIG.

Iniciou-se a reunião. Os hinos e a prece proferida pela irmã Wanda. Dilataram-se as potencialidades de nossa vidência espiritual. Vislumbramos a presença de um número grande de espíritos. Registramos a presença de todos os cooperadores espirituais de todas as atividades da FEIG.

Foram feitas palestras, no plano material, sobre a história da Fraternidade pelos irmãos Neiry, Ladimir e Marcelo. É interessante acres-

centar que, durante esses momentos, os espíritos estavam liberados de suas tarefas específicas, se confraternizando entre si.

Antes da segunda parte, da comunicação dos espíritos, aos nossos olhos foram surgindo flores espirituais por toda a assistência, de todos os matizes. Pudemos ver sobre a mesa uma corbelha de flores espirituais virada para a assistência, na qual estava escrita em caracteres luminosos azulados a sigla FEIG.

A um sinal, os espíritos foram formando junto à assistência a expressão "25 anos". Nesse momento, em todo o recinto espiritual se fez uma claridade mais intensa e o mesmo se transformou num anfiteatro, para comportar toda a assistência dos espíritos e dos encarnados presentes. O algarismo "dois" foi formado pelos mentores espirituais; o algarismo "cinco" pelos coordenadores espirituais; e a palavra "anos" pelos tarefeiros espirituais. No conjunto desses espíritos divisamos uma suave luminosidade prateada.

Antes da palavra da espiritualidade, quando se fez mais um hino e a prece proferida pela irmã Silvia, observamos o espírito do nosso irmão Cabete junto ao coral. Eram 17h. Pudemos ver que espíritos mentores se movimentavam junto aos médiuns. Percebemos, junto à nós, nossos irmãos espirituais Eric Wagner, Glacus, José Grosso. Junto ao médium Catão se destacava o mentor espiritual Eugênio Monteiro; junto ao médium Sebastião, o espírito do nosso irmão Palminha; junto ao médium Vasco, o espírito do seu pai, Vasco Araújo. Pudemos ver ainda os espíritos da irmã Scheilla e do irmão Joseph Gleber, bem juntos à mesa, os quais, em dado instante, se pronunciaram para a assistência espiritual.

Após a incorporação dos médiuns, antes de desaparecer todo o cenário espiritual aos nossos olhos, pudemos ver no recinto da reunião, à direita de quem entra no salão, uma réplica espiritual com contornos luminosos da sede da Fraternidade e, do lado esquerdo,

a réplica espiritual com contornos luminosos dos quatro prédios da Fundação Espírita Irmão Glacus.

Ainda, no momento do hino e da prece final proferida pela irmã Nazaré, foi solicitado pela espiritualidade que ficássemos todos de pé e de mãos dadas. As vibrações estavam extraordinárias. O recinto se dilatou mais ainda, porque toda a espiritualidade também estava de mãos dadas, se misturando aos encarnados.

As flores espirituais, trazidas por assistentes e tarefeiros espirituais responsáveis pela ornamentação do ambiente, ao final da reunião pública, foram distribuídas entre os espíritos.

E, no plano material, efusivos abraços, esperanças renovadas para os próximos anos junto à tarefa...

Evangelho e Ação, p. 3, out. 2001.

A inteligência a serviço do amor

Exteriorizados na reunião pública de quinta-feira, de cinco de agosto de 1999, durante a tarefa do receituário mediúnico, com o instrutor Calimério, que nos acolhe no mundo espiritual, adentramos a sala seis, situada no plano espiritual da FEIG. De um lado ficam as salas pares; de outro, as salas ímpares. Esta sala se dilatou. Registramos um número acentuado de espíritos "perturbados", ligados a tarefeiros e assistentes que frequentam a Fraternidade e que, de alguma forma, cooperam na vibração amiga, ensejando à espiritualidade superior trazê-los ao ambiente espiritual da Casa. Por isso a sala seis se ampliou num pequeno anfiteatro. Pudemos observar, de pronto, a nossa irmã Rita, um espírito jovem que se apresenta com mais ou menos 19 anos, morena, que, no momento da prece, junto aos espíritos acolhidos, ficou nimbada de luz.

Pudemos perceber que as vibrações espirituais da Casa de Glacus, pela presença de belos e veneráveis espíritos, como a nossa irmã Rita, trazem não só amparo, mas benefícios a criaturas como essas na sala seis.

Depois de alguns minutos, a sala voltou ao normal. Em seguida, o irmão Calimério nos mostrou uma escada de alguns degraus, situada num vão entre as salas seis e oito e nos instruiu que a subíssemos. A irmã Rita abriu uma porta e nos vimos num outro amplo salão, sobreposto às salas seis e oito. Vimos três espíritos amigos: o Prof. Rubens Romanelli, o médico Fidélis Chamone Jorge e o Prof. Mesquita de Carvalho. Estas criaturas espirituais quando encarnadas, se destacaram em suas profissões. O nosso irmão Fidélis Chamone Jorge fazia apontamentos sobre o orador da noite, cuja palestra era sobre o livro Evolução em Dois Mundos, do espírito de André Luiz. O irmão Fidélis nos segurou pelo braço esquerdo. Pudemos perceber que o espírito do nosso irmão, desencarnado há pouco tempo, estava bem. Ele nos disse: – Ênio, estamos reunidos

com o nosso mestre (Prof. Romanelli) e o nosso grande professor (Prof. Mesquita). Nos identificamos pelas nossas afinidades de conhecimentos. Lembro-me da prece do nosso grande Emmanuel. Vimos o nosso irmão Rubens Romanelli fechar os olhos e inspirado, proferir essa linda prece de Emmanuel:

Senhor Jesus, vimos de longe para agradecer-Te a bondade. Viajantes do tempo, procedemos de Tebas, da Babilônia, de Heliópolis, de Atenas, de Esparta, de Roma...

Tantas vezes respiramos na grandeza terrestre!...

Petrificamos na ilusão, povoamos palácios de orgulho, castelos de soberba, casas solarengas da vaidade e dominamos cruelmente os fracos, desconhecendo a bênção do amor...

Reunidos aqui, hoje, em nosso pouso de fraternidade e oração, rogamos-Te força para converter a existência em colaboração contigo!

Nós que temos guerreado e ferido a outrem, imploramos-Te, agora, recursos para guerrear as nossas fraquezas e ferir de rijo, nossas antigas viciações, a fim de que nos transformemos, afinal, em teus servos...

Ajuda-nos a regenerar os corações pela Tua Doutrina de Luz, para que estejamos conscientes de nosso mandato. Para isso, porém, Senhor, faze-nos pequeninos, simples e humildes...

Oleiro Divino, toma em tuas mãos o barro de nossas possibilidades singelas e plasma a nossa individualidade nova, ao calor de Tua inspiração, para que, como a fonte, possamos estender sem alarde os dons de Tua misericórdia, na gleba de ação em que nos convidas a servir.

Sem Tuas mãos, estaremos relegados às nossas próprias deficiências; sem Teu amor, peregrinaremos, abandonados à miséria de nós mesmos...

Mestre, cujos ouvidos vigilantes escutam no grande silêncio e cujo coração pulsa, invariável, em todas as necessidades e esperanças, dores e alegrias da Terra, nós Te agradecemos pelo muito que nos tem dado e, ainda uma vez, suplicamos-Te acréscimo de força para que não estejamos distraídos...

Senhor, cumpra-se em nós a Tua vontade e que a nossa vida seja, enfim, colocada a Teu serviço. Agora e sempre...

(Oração no Templo Espírita, do livro Luz da Oração, psicografado por Francisco Cândido Xavier).

Durante a prece, verificamos que desses irmãos saíam substâncias medicamentosas em favor de espíritos necessitados, que se encontravam em outras dependências espirituais da Fraternidade. Pudemos perceber que estavam presentes espíritos que não souberam usar bem a inteligência, publicando obras que prejudicaram a muitos, o que motivou a presença e as vibrações desses espíritos intelectualizados.

Nesse momento, aproximou-se o irmão espiritual João Cabete, que disse: – Diga ao Jarbas que também pude observar sua palestra da terça-feira anterior, sobre a devastação da natureza. Diga também que o lugar em que estou é lindo mesmo. Começou a chorar. – Por misericórdia de Deus, estou num lugar gostosíssimo. No bosque em que estou, estão as sementes novas de plantas extraordinárias que substituirão as matas devastadas e curarão muitas doenças.

A um sinal do Prof. Rubens Romanelli, aproximou-se de nós o irmão Calimério nos convidando a retornar ao corpo físico.

Evangelho e Ação, p. 3, set. 2001.

Disciplina e operosidade

Na reunião pública do dia 17 de maio de 2001, quinta-feira, da FEIG, ao terminarmos a tarefa do receituário mediúnico, despertos, ficamos a ouvir o último orador, nosso irmão Jarbas Franco de Paula, que, de pronto, nos dirigiu uma pergunta sobre os diversos tipos de mediunidade.

Após o término da palestra, fazendo o relato espiritual de nossa exteriorização durante essa reunião pública, comunicamos ao irmão Jarbas que o espírito do irmão Ranieri o estava intuindo na sua explanação. Informamos que, ainda exteriorizados, observávamos o primeiro orador, o irmão Gilson, sendo intuído pelo espírito do irmão Dias da Cruz que, quando encarnado, foi médico homeopata, especialidade também do orador citado. Interessante: pudemos observar, em sequência, uma nossa irmã também oradora, Maria Luiza, que falou sob a intuição da irmã espiritual Joanna de Ângelis.

Esclarecemos que os oradores, em geral, são capacitados em conhecimento doutrinário e realizam estudos pertinentes ao assunto; porém, quando em palestra no núcleo espírita, recebem o carinho e a intuição dos mentores espirituais.

Quando estamos exteriorizados, os espíritos nos têm proporcionado ficar mais à vontade na observação de muitos detalhes, para nosso aprendizado. Assim, quanto aos oradores da Casa de Glacus, temos notado a movimentação de recursos espirituais e dos próprios mentores da instituição, pois relatamos ainda que já observamos a irmã oradora Giselma falar inspirada pelo espírito de Miramês e, também intuindo-se, o espírito de João Nunes Maia; junto à irmã Ruth Birman, nossa irmã espiritual Maria Dolores. E assim se processa junto aos demais oradores da Casa.

Temos registrado que os espíritos mentores, no recinto da nossa Fraternidade, ficam atentos e mais sensíveis quando os oradores transmitem seus conhecimentos e permanecem no recinto até o final da reunião. Esses oradores recebem o carinho e o respeito da espiritualidade, o que também acontece com os oradores que se retiram por necessidade e motivos justos. Temos observado que, quando os oradores se retiram após a sua palavra, passando somente a sua mensagem, a espiritualidade lamenta.

O que pudemos alcançar é que, na casa espírita bem orientada, a espiritualidade prima pela disciplina e operosidade, e espera que todos nós, cooperadores, sejamos também disciplinados e operosos.

Evangelho e Ação, p. 3, ago. 2001.

O amparo da espiritualidade amiga

De quarta (14 de fevereiro de 2001) para quinta-feira tivemos um sonho. No sonho de aspectos espirituais estávamos em visita a algum lugar. Próximo, uma voz nos disse: – Ô Marcelo, ô Marcelo. Ênio, você está aí? Eu preciso de vocês. Eu sou o Eustáquio, sou o "Tatu". Olha, lembra de mim, reza por mim. Fato interessante: aquela voz nos era conhecida. Era o Eustáquio, apelidado de "Tatu".

Logo ao amanhecer de quinta-feira (15 de fevereiro de 2001), ligamos para o nosso irmão Marcelo Guimarães e lhe relatamos o sonho que havíamos tido.

À noite, na reunião pública de quinta-feira, exteriorizados durante a tarefa do receituário mediúnico, fomos levados pelos nossos irmãos José Grosso e Palminha.

Vimos um grande prédio. Com o auxílio dos amigos espirituais, nos aproximamos. Aquela região não estava tão iluminada, mas era o Núcleo Assistencial Hugo Werneck. Adentramos o recinto com os irmãos José Grosso e Palminha. Subimos as escadas para o andar superior. Algo nos movia para o corredor à direita. Entramos no segundo quarto. O irmão José Grosso ficou de pronto junto ao leito. A enfermeira Ercília estava junto à cabeceira do nosso irmão.

O irmão José Grosso e a nossa irmã fizeram uma prece. O nosso Eustáquio abriu os olhos e disse-nos: – Ênio, eu sonhei com você e o Marcelo. Manda um abraço para ele. Você também já veio? O irmão Eustáquio continuou: – Eu não fiz nada pela nossa Fraternidade e estou aqui amparado.

O irmão José Grosso informou-nos: – O irmão Eustáquio está sob o nosso amparo.

Percebemos que a assistência que o irmão vem recebendo se deve ao muito que ele fez de coração, nas tarefas da FEIG, doando, por longos anos, alimentos que beneficiaram a muitos necessitados na Sopa Fraterna Irmão José Grosso, além de sua participação em outros eventos da Fraternidade.

Quando doamos com o coração, somos mais amparados pela espiritualidade amiga.

Evangelho e Ação, p. 3, jul. 2001.

O passe na cabine e nos lares

Na reunião de 15 de março de 2001, quinta-feira, vimos a nossa irmã Silvia, tarefeira na Casa, sair apressadamente da cabine de passes, dirigindo-se ao salão de reuniões públicas, com o intuito de fazer os apontamentos sobre o relato espiritual da noite. Fato interessante pudemos perceber que a nossa irmã ainda trajava o jaleco feito de substâncias esterilizantes, utilizado pela espiritualidade nos passistas, durante a tarefa de passe. Essas substâncias protegem tanto ao passista quanto aquele que recebe o passe. Enquanto a irmã Silvia iniciava as anotações, o jaleco foi sendo retirado pela espiritualidade, ainda na assistência da reunião pública.

Passemos ao relato dessa reunião pública. Exteriorizados, no plano espiritual da FEIG, nos vimos em uma sala ainda desconhecida por nós, localizada acima de outras já conhecidas e relatadas, numerada como seis, oito e dez. Ficamos à vontade. Estávamos sós. Diante de uma porta de vidro, adentramos. Vimos grandes mesas quadradas, também de vidro, com numerosos vasos de lindas flores quintessênciadas. A sala se assemelhava a uma floricultura. Ficamos admirados. Voltamo-nos para o outro lado e, de repente, pudemos ouvir e ver espíritos femininos e masculinos numa alegria incontida e grande felicidade. Os espíritos presentes recebiam flores da irmã Angélica que, quando encarnada, havia sido irmã de caridade. O nosso instrutor espiritual Calimério, sintonizado conosco a distância, nos esclareceu que aqueles espíritos estavam sendo homenageados pela irmã Angélica, ao término de vários cursos que lhes foram ministrados, tais como: curso sobre passe restaurador, junto aos passistas da Casa; curso de auxiliares nas equipes de visitas aos lares, sob a responsabilidade do mentor da equipe; curso sobre a assistência socorrista a espíritos em vários setores da Fraternidade; curso sobre como lidar com espíritos recém-desencarnados, a maioria

em acidentes de trânsito. Percebemos que se tratava de cursos orientados para tarefas específicas da FEIG, cujos participantes possuíam idade entre 19 e 39 anos.

Após aquela alegria contagiante, durante a distribuição das flores, vimos a nossa irmã Angélica fazer uma comovente prece de agradecimentos à Jesus, no que foi acompanhada pelos jovens em silêncio. Distinguimos, junto à nossa irmã, que presidia a tarefa, a presença de oito espíritos que haviam sido os instrutores espirituais dos cursos.

Por orientação espiritual, nos dirigimos em seguida para a sala seis. Vimos o espírito do nosso irmão Ricardo, antigo cooperador quando encarnado, participante da equipe de visita aos lares do nosso irmão Giro[50]. Levantou-se tranquilo e falou: – Ênio, eu sou o Ricardo. Têm dois meses que me convocaram para a tarefa. Transmita ao Giro que as visitas que fiz me capacitaram e me deram condições de receber muito amparo. É tão gostosa a tarefa de visita! Dê o meu abraço ao Giro!

Passados alguns instantes, entrou na sala o casal de espíritos, D. Olívia e Sr. Dirceu Prado[51]. D. Olívia esclareceu: – O nosso Dirceu veio fazer uma visita para nós. Ele espera daqui a alguns anos cooperar aqui na Fraternidade, pois ainda se encontra em adaptação no mundo espiritual. O Sr. Dirceu respondeu: – É, deveras, tenho que aprender muito ainda.

Na sala seis ouvíamos, através de sofisticados aparelhos espirituais, juntamente com os irmãos Ricardo e Dirceu, a palestra do orador da noite, Vinicius, na reunião pública.

---

50 Giro Takahaschi: cooperador da FEIG e componente de equipe de visitas.
51 D. Olívia, quando encarnada, cooperou no Centro Espírita Manoel Felipe Santiado, na Rua Leopoldina, nº 685, no Bairro Santo Antônio, em Belo Horizonte.

Em dado momento, o instrutor Calimério nos convidou a retornar, pois a tarefa do receituário mediúnico, no plano material, estava terminada.

Verificamos o carinho e o cuidado da espiritualidade com todos os tarefeiros e com as tarefas em si, buscando sempre realizar o melhor em favor dos necessitados.

Evangelho e Ação, p. 3, maio 2001

As reuniões de materialização e efeitos físicos[52]

Em meados de 1940, iniciamos nosso desenvolvimento mediúnico no campo de materialização e efeitos físicos nas reuniões realizadas na casa do nosso irmão Jair Soares. Convivemos nessas reuniões com nossos irmãos Jair Soares, Ranieri, D. Ló. Conhecemos os médiuns Efigênia França, Amauri, Levy Guerra, D. Zizi Guerra (esposa do Levy Guerra e irmã de D. Ló). Continuamos nas reuniões. Os médiuns mudaram com o tempo, surgiram outros, como nosso irmão Carvalho, irmão José Persilva. Perseveramos no desenvolvimento mediúnico para o receituário, com o irmão Glacus e nas reuniões de efeitos físicos.

No ano de 1948, começaram a desabrochar com grande intensidade, os fenômenos de materialização e efeitos físicos, através da nossa mediunidade. Os espíritos já conhecidos como irmão Joseph, irmã Scheilla, irmão José Grosso, irmão Palminha, começaram a se materializar no propósito da materialização-amor, em favor dos enfermos. Grande alegria, grande felicidade, fraternidade espontânea, esperanças renovadas.

Companheiros de outros grupos passaram a visitar as reuniões na casa do irmão Jair. Nesse período, formaram-se Grupos de Fraternidade no Brasil. Reuniões seguras, sérias, disciplinadas, sob a direção do nosso irmão Jair Soares. Recordamos: chegamos a viajar em visita a outros Grupos de Fraternidade como Grupo Joseph Gleber, de São João da Boa Vista; Grupo José Grosso, de Águas da Prata; Grupo Flácus, de Pinhal; reuniões em Guaratinguetá; Caratinga; reuniões de efeitos físicos no Grupo Aniceto, de Goiânia; Grupo Rochester, de Cataguases; Grupo de Sagre, de São Paulo.

52 N.O.: Título original.

Durante 20 anos essas reuniões se realizaram na casa do irmão Jair, todas as terças e sábados de cada mês. A partir daí as reuniões se deslocaram para a Casa Espírita André Luiz, no bairro Santa Efigênia. As reuniões se realizavam com dedicados colaboradores e continuada disciplina. Registramos, após 28 anos de participação nas reuniões de materialização e efeitos físicos, que essas reuniões, além do tratamento físico e espiritual de grande número de enfermos, proporcionaram, ainda, a criação de aproximadamente 100 grupos de Fraternidade no Brasil.

Notificamos, ainda, que, após o período em que ficávamos exteriorizados durante as reuniões mediúnicas, ao readquirirmos a consciência, nos recordávamos sempre de um sonho, no qual íamos para longe. O país parecia ser a Irlanda e nos víamos andando suavemente, com muita tranquilidade, nas plantações de linho (semente de linhaça). Havia apenas uma árvore diferente do restante da vegetação, sob a qual nos encontrávamos sempre com a mesma pessoa, "Johnny". Ele nos informava que estava nas cercanias de Londres, participando de reunião de materialização e efeitos físicos como médium, na qual eram feitas experiências com ele, e ainda nos colocava que era um médium remunerado. Ficava admirado! Durante todos esses anos, esse fato era a única recordação que tínhamos, após a exteriorização nas reuniões mediúnicas de efeitos físicos.

Após esse período, iniciamos as tarefas mediúnicas no grupo que viria a se chamar, em breve, Fraternidade Espírita Irmão Glacus. A Fraternidade cresceu, junto com inúmeras tarefas, inclusive as reuniões de materialização e efeitos físicos realizadas uma vez por mês (no último sábado).

Agora no dia três de março de 2001, data em que aconteceu uma reunião de materialização e efeitos físicos na FEIG, a qual havia sido marcada para 24 de fevereiro de 2001 e precisou ser adiada.

Durante a reunião, no plano material se fazem preces, comentários evangélicos leves e hinos vibracionais.

Na hora marcada, os assistentes e médiuns já se encontravam em seus devidos lugares. Logo que adentramos na cabine, nos acomodamos. Dormimos. Sentimos mãos amigas nos levantando o espírito, nos retirando do corpo. Fato extraordinário! Diante dos irmãos Calimério e Euzébio, pela primeira vez percebendo todos os fatos ocorridos durante a reunião de materialização e efeitos físicos. A cabine se encontrava numa luminosidade amarelada. Vimos também a ante-cabine com a mesma claridade. Vimos os médiuns Vasco, Giro Takahaschi , todos com uma tênue claridade. O médium Catão estava ausente nessa reunião. A uma indicação do instrutor Calimério ficamos em pé na altura da ante-cabine. Percebemos que algo transparente nos circundava do chão ao teto, como uma redoma. Dos cantos da sala saíam substâncias magnéticas que faziam a esterilização do ambiente, semelhantes a pequenas bolhas de ar, as quais jorravam durante toda a reunião.

Ficamos admirados quando vimos que uma proteção transparente de tênue luz amarelada envolvia toda a assistência, os enfermos e o restante dos médiuns, Luíza Nery, Sumaia e Leir. De onde nos encontrávamos, ficamos neutros, só observando. Pudemos ver ainda que, até o meio do recinto do salão de reuniões públicas da Fraternidade, se encontrava sob a luz amarelada.

Após alguns instantes, vimos o espírito do irmão Palminha, transparente (sem consistência). Passou a se envolver com uma substancia ectoplasmática, que saía dos médiuns tendo nas suas mãos algo condensado. Notamos muito mais nítido o irmão Eric Wagner, alto, claro, ampla testa, olhos bem claros, cabelos ralos na totalidade da cabeça. Entrou, atravessou a proteção e foi junto à assistência. Quando o irmão Eric Wagner dirigiu a palavra aos assistentes, materializado, nós nos sentimos de uma certa forma dentro de uma neutralidade,

porém, ao mesmo tempo, fazendo parte do espírito. Assim se processou também, com o espírito que veio logo após, o irmão Glacus. Sentimos muita tranquilidade, uma sensação de felicidade.

Após a palavra dessas duas entidades, a luz amarelada se tornou mais brilhante em todos os recintos espirituais. Em cada recinto havia uma espécie de grade luminosa para proteção do ambiente. Vimos, nesse instante, uma das salas na parte espiritual da fraternidade, situada no salão de reuniões públicas. Vimos os espíritos do irmão Jair (estava feliz), Ranieri, Cabete, Barbosa, Hélcio Wendling, assentados em cômodas poltronas individuais. Estavam todos concentrados e em prece.

De onde nos encontrávamos, pudemos ver os espíritos dos irmãos Scheilla, Joseph, Hellen Mayer, José Grosso, todos de mãos estendidas sobre o nosso corpo, que estava em posição horizontal. Retiravam substâncias ectoplasmáticas. Vimos que o espírito de Fritz Schein se envolvia em substâncias retiradas da cabine. Conversou com a nossa irmã Hellen Mayer. O irmão Palminha, bem envolvido naquelas substâncias, fez um sinal e adentrou a sala da assistência. Ao transpor a proteção transparente de cor amarelada, fez um barulho surdo. Tinha nas mãos um aparelho mais condensado. Interessante: a luz amarelada mudava de coloração a cada movimento do irmão Palminha. Percebemos que o aparelho retirava fluidos magnéticos dos assistentes, sendo que a oscilação de luz decorria do fato de que o irmão Palminha, com seu jeito alegre, deixava os participantes mais à vontade. Depois vimos o irmão José Grosso e os outros espíritos na cabine. A irmã Hellen Mayer colocou as mãos sobre os vidros com água dos enfermos para fluidificar. Próximas aos vidros estavam as flores, das quais se emanavam fluidos que se misturavam com as demais substâncias espirituais. Sentimos que esses espíritos se concentraram no nosso corpo, retirando mais substâncias espirituais para serem aliadas às substâncias recolhidas pelo irmão Palminha através do aparelho. O tempo não nos incomodava. Percebemos que nosso irmão Fritz Schein se fazia mais

visível com muitos instrumentos espirituais. Iniciou o tratamento nos enfermos, que, normalmente são levados à cabine. Quando terminou, o irmão Fritz, informou, através da dirigente, que iria na assistência fazer um tratamento direto no irmão Rolleman porque o mesmo não poderia andar e solicitou a todos da assistência que mantivessem os olhos fechados, explicando que seria para resguardar os olhos dos mesmos quanto à radioatividade que seria usada no enfermo. De onde nos encontrávamos, percebemos que, ao atravessar a proteção, o irmão Fritz estava trajado com uma roupagem leve, porém semelhante às usadas pelos astronautas. É bom informar que essa vestimenta usada pelo espírito é necessária para resguardar os médiuns do contato direto da assistência. Apesar da solicitação do irmão Fritz de fechar os olhos, notamos que foram colocadas vendas de substância espiritual sobre os olhos de todos os participantes.

Passados alguns instantes, vimos que as duas cabines e também o local aonde se encontravam os outros médiuns e parte do salão de reuniões públicas se tornaram um só recinto. A cor amarelada se fez mais suave. Os espíritos formaram um semicírculo nessa área e oraram a Jesus em agradecimento, num simples "Pai Nosso".

Simultaneamente, faziam os hinos e a prece de agradecimento na assistência. Com o término da reunião, o material ectoplasmático que envolvia o nosso espírito desapareceu. Os irmãos Calimério e Euzébio nos fizeram acordar e, quando despertos, junto à assistência, relatamos tudo isso.

Observação:

As reuniões de efeitos físicos e materialização são realizadas em amplas salas situadas ao fundo do salão das reuniões públicas.

Evangelho e Ação, p. 3, abr. 2001.

Aparelhos no campo espiritual da FEIG

No dia 15 de fevereiro de 2001, quinta-feira, exteriorizados durante a tarefa do receituário mediúnico, de pronto nos encontramos na sala dois. Vimos espíritos que quando encarnados os conhecíamos. Vimos os espíritos dos irmãos Cabete, Ranieri, Jair Soares, Welson Barbosa, nosso irmão Benedito, de Águas da Prata, e o irmão Romanelli.

No recinto da sala dois havia um número grande de poltronas. Todos estavam sentados. Algo inesperado – o irmão Ranieri, de repente, se levantou e disse assim: – Estou cansado, vou beber água. No impulso do seu desejo, o irmão Ranieri se levantou, dirigindo-se a um canto da parede daquela sala, no qual surgiu uma abertura com um recipiente em forma de cone. Em seguida, o irmão Ranieri pegou um copo ao lado do recipiente, apertou um dispositivo e encheu o copo com água cristalina. Tomou e disse: – Agora sim, estou revigorado. Percebemos que o nosso irmão Ranieri se encontrava na sala dois para se refazer do esforço despendido, através da conversa com espíritos amigos e do líquido composto por substâncias revigorantes que tomou, pois havia estado numa sala reservada, ministrando cursos para estimular espíritos em vias de se reencarnarem. O clima com aqueles espíritos era de muita naturalidade. Curiosamente, avançamo-nos na direção do local onde estava o recipiente. Chegamos a passar as mãos. As paredes estavam lisas, não mais percebíamos a presença do recipiente.

Logo após, passamos à sala seis. A um gesto do Calimério, nós abrimos a porta e adentramos a sala, nos deparando com dois espíritos – nossa irmã Nair, desencarnada há algum tempo e já participando em equipe espiritual da Fraternidade. Ela foi dizendo: – Olha o meu Alberto, como está todo bonito! Ele já se encontra na tarefa aqui na Fraternidade. Fiquei surpreso, pois o nosso irmão Alberto

Mizrahy desencarnara há bem pouco tempo, mas, intuitivamente, fomos esclarecidos de que ele tinha sido dedicado na tarefa cristã espírita até o fim, na sua tarefa precípua no Hospital Espírita André Luiz. Faleceu com 85 anos. A alusão de sua esposa a sua beleza, foi porque no seu estado atual, se apresenta com o perispírito mais jovem e com a vestimenta espiritual impecavelmente branca, como era de seu hábito.

– –

Reportamo-nos às narrativas espirituais da quinta-feira, de primeiro de março de 2001, novamente exteriorizados na tarefa do receituário mediúnico.

Nos encontramos novamente em frente à sala dois. Entramos ao primeiro sinal do nosso irmão Calimério. Notamos que nas mesmas poltronas da referência anterior se encontravam de novo os espíritos dos irmãos Ranieri, Cabete, Welson Barbosa, Romanelli, Jair Soares, Hélcio Wendling. Cumprimentei-os um a um. Nos sentimos revigorados, dispostos. Tivemos a sensação de leveza e bem-estar.

De repente, nos vimos em outra sala no recinto espiritual da FEIG, até então desconhecida por nós. A sala era ampla, e com uma mesa grande de vidro translúcido com dez cadeiras de cor rosa em seu redor e várias poltronas individuais também da mesma cor distribuídas pela sala.

O irmão Calimério nos convidou a assentar. Nesse instante, vimos espírito de Lísias (do Livro Nosso Lar, do espírito de André Luiz), que pôs um aparelho sobre a mesa, o qual tinha o formato de uma caixa constituída de uma substância transparente, de aproximadamente 80 cm de altura, por 80 cm de largura e por 42 cm de espessura.

Sintonizou-o e logo focalizou uma imagem nítida do que acontecia em outra localidade. Apareceu uma avenida, cujo subsolo irradiava luz clara, como se fosse dia. Vimos portões e grades, cujo estilo arquitetônico se assemelhava ao de três séculos atrás. Observamos uma construção enorme, cujo estilo remontava à mesma época. No portal estava escrito "Solar da Irmã Rita". Ainda pudemos ver, através do aparelho, várias dependências internas do prédio e, numa delas, verificamos sete espíritos, alguns deles conhecidos.

O irmão Lísias falou: – Energias daqui dessa Casa (se referindo à FEIG) estão sendo conduzidas para essas criaturas, as quais se encontram todas assistidas pelo bem que fizeram na Terra.

Nesse instante, perguntamos ao irmão Calimério: – O que podemos fazer para ajuda-los? Ele nos respondeu: – Fixe na memória. Em seguida, continuou esclarecendo que esses espíritos estão amparados na hoje "Metrópole Nosso Lar", para readquirirem o equilíbrio psíquico. Esclareceu também que os espíritos não precisam se deslocar para ver e ajudar a distância, se utilizando, pois, de aparelhos sofisticados e ainda desconhecidos dos encarnados, que facilitam a tarefa de amparo espiritual.

A espiritualidade, com esses dois relatos, quer nos dar a conhecer que nas dependências e salas espirituais da FEIG já existem instrumentos e aparelhos de amplos recursos que são por ela utilizados em favor dos necessitados.

Evangelho e Ação, p. 3, mar. 2001.

Mensagem do Hélcio

Na reunião pública do dia 18 de janeiro de 2001, quinta-feira, durante a tarefa do receituário mediúnico, estivemos exteriorizados fora do campo espiritual da FEIG. Nos dirigimos a um lugar já conhecido.

Nos aproximamos do Instituto da Luz que se situa dentro da Colônia Espiritual Nosso Lar. Subimos as escadas celeremente. Adentramos num amplo salão. Adiantamo-nos e, de pronto, vimos o espírito do nosso irmão João Cabete. Os instrutores espirituais Calimério e Euzébio estavam presentes, porém notamos que ficaram mais distantes, pois tinham tarefas espirituais definidas nesse Instituto.

Vimos o espírito do Welson Barbosa. Junto ao nosso irmão, se encontrava um espírito de uma senhora que não nos era estranha. O irmão Welson se encaminhou em nossa direção e nos apresentou sua mãe, D. Cacilda.

Ao vê-la, rememoramos uma ocasião, no início do Movimento da Fraternidade, em que participávamos de uma reunião de confraternização na Casa Espírita André Luiz, na qual comemorávamos a inauguração do seu primeiro pavimento. Estavam presentes vários irmãos visitantes e, entre eles, o irmão Welson Barbosa, da cidade de São João da Boa Vista, no estado de São Paulo. Após a reunião, ficamos sabendo que sua mãe, D. Cacilda, havia se comunicado através de nossa mediunidade. Ela havia falecido quando seu filho Welson contava 11 anos de idade.

Após esses instantes de recordações, identificamos, no fundo do salão, o espírito do nosso irmão Hélcio Wendling. O espírito do irmão João Cabete, disse-nos: – Está vendo? O nosso irmão Hélcio

é merecedor de nosso carinho e respeito. Dia 21 de janeiro de 2001 fará quatro anos de convivência conosco.

Esses espíritos se ausentaram do salão e então nosso irmão espiritual José Grosso falou-nos: – Olha, o Hélcio não sabe, mas se houver condições mediúnicas favoráveis, no dia 21 de janeiro de 2001, reunião de terceiro domingo do mês, ele fará sua primeira comunicação.

No dia 21 de janeiro, domingo, quatro anos do desencarne do irmão Hélcio, estávamos a postos para a tarefa do intercâmbio espiritual no recinto da Fundação Espírita Irmão Glacus, cujo salão estava repleto. No momento da palavra da espiritualidade, sentimos, de pronto, a presença do nosso mentor José Grosso. Notamos que o espírito do nosso irmão se curvava junto a nós e ficamos com a sensação de que ele iria se comunicar, Percebemos então, algo singular: no espaço entre nós e o irmão José Grosso se encontrava um espírito.

De repente, sentimos que o irmão José Grosso se deslocou para o lado esquerdo, ao mesmo tempo em que o espírito (do Hélcio) se posicionava e se produziu, nessa simbiose, a mensagem do nosso Hélcio.

Nota da redação:

É com muito carinho que a redação do Evangelho e Ação publica a mensagem do nosso querido e saudoso médium:

Oh! gente. Voltei. O pessoal está todo aí.

Aprontaram-me uma[53]. Eu voltei porque estou fazendo um colosso de anos que não

53 Ficamos sabendo pela espiritualidade que nosso irmão Hélcio não sabia que iria se comunicar.

via, a minha vista, vocês daí, e eles me aprontaram, dizendo que eu estaria no terceiro domingo, dia 21, depois de quatro anos, como diz o nosso Palminha, que estiquei as canelas. Não sei como me misturei e emborquei no Ênio, José Grosso disse que eu podia falar o que quisesse, mas com freio da língua.

Estou consciente, estou muito feliz. E encontro-me revigorado neste mundo extraordinário que estou me identificando mesmo, pois já o conheço há milênios, desde que acordei para o entendimento e a inteligência.

Hoje estou dentro de um mundo novo. Voltei após quatro anos, estou revigorado, estou feliz, estou num mundo novo.

Tenho estudado muito, tenho tido lazer.

Tenho me encontrado com familiares.

O Otto[54] é pai, o irmão Otto é um anjo espiritual não desfazendo dos demais. Tenho ido a passeios, localidades. Vejo coisas boas.

Não tenho tido a "loura suada"[55], mas tenho tido aulas suadas. Fiz a minha parte, fiz o que podia, vivi na mediunidade com respeito, dentro do que podia, do que eu tive, auxiliado pelos espíritos.

Hoje retorno junto a vocês na simplicidade, mas com luz. Luz com sentimento de fraternidade. Luz mais amor, luz do incentivo. Estou feliz retornando ao Glacus, retornando a vocês. Os outros aqui mandam um grande abraço. O aprendizado está sendo muito bom. Não sei mais o que fazer, o que falar, mas sei que estou despertando a atenção por estar dentro de um contexto diferente, estou falando com a voz do Ênio, falei do meu coração. Vale a pena o médium ser médium, melindres é grande bobagem, grande bobagem da gente. Os que vieram dirigir, continuem dirigindo, cessado o período, retornar a outras tarefas, essa é a minha visão. Eu poderia ter dado mais, junto à família, junto aos meus irmãos, aos meus companheiros, na responsabilidade do Centro Oriente e na responsabilidade de nosso irmão Glacus, que hoje conheço pessoalmente, melhor que através da vidência de ontem. Valeu a pena uma existência de naturais lutas e dificuldades. Minha mãe vai bem, meus irmãos desencarnados vão bem, os mais chegados vão bem. Estou hoje aqui no salão do Glacus, na Fundação. Nunca esperava que viesse aqui a comunicar. Felizmente não é reunião de

54 Otto foi espírito "receitista" que trabalhou durante longos anos com o nosso Hélcio no receituário mediúnico e amigo.
55 Nosso irmão Hélcio nunca escondeu que tomava moderadamente sua cervejinha, a qual ele chamava de "loura suada".

desobsessão, nem de espíritos tão sofredores, é de espírito amigo. Muito obrigado. A mesa está cheia de corações dedicados. Continuem, continuem. Estou sabendo que o Chiquinho[56] está dirigindo reunião, que coisa boa. Os sobrinhos estão mais despertados, isso me revigora o espírito a continuar caminhando. A vocês amigos, ao Otto querido, o nosso grande e carinhoso abraço. É isso que sei falar. Falei até demais. Muito obrigado.

Eu sou assim mesmo. Que ninguém fique aí rezando para mim, pedindo socorro, pois ainda não tenho condições. Aqui tem muita disciplina, pede para o Hélcio, mas é outro espírito que atende. É disciplina mesmo, é luz, é entendimento, mas muita disciplina.

Muita gente faz petitório, enche a cabeça do José Grosso, do Palminha, estou falando por mim, pois tenho aprendido na escola daqui. O convívio aqui é extraordinário, algumas vezes dei passeios, como se fossem estudos, na extraordinária metrópole espiritual de Nosso Lar, onde certamente aportarão vocês, virão para cá.

Após quatro anos, retornei para viver com os irmãos na minha tarefa, outra coisa não sei fazer, não me dou muitas aulas, porque não quero, eu quero é doar meu coração, minha intuição naquilo que possa fazer aí no nosso Glacus, na nossa Fraternidade Espírita Irmão Glacus, junto com todos vocês.

Deus pague a todos vocês.

Do irmão, Hélcio.

Evangelho e Ação, p. 3, fev. 2001.

56 Chiquinho, apelido carinhoso do seu irmão Vicente, que recentemente assumiu mais uma tarefa, a de dirigir reuniões públicas.

O desencarne de Terezinha Maia

No dia 29 de junho de 2000, quinta-feira, desencarnou uma dedicada irmã, ativa colaboradora da FEIG e, ainda, componente do Coral da Fraternidade – Terezinha Maia.

O seu esposo, Aurides, também componente do Coral, estava na reunião pública de quinta-feira em sua tarefa. No decorrer da reunião, recebeu a notícia de que sua esposa havia permanecido em casa, devido a uma indisposição, estava passando mal, vindo a desencarnar.

Indo ao velório no dia seguinte, nos encontramos com os cooperadores da Fraternidade e familiares do casal. O Coral da Fraternidade estava presente e entoava os hinos. O esposo Aurides estava cantando no Coral, emocionado.

Sentimos a vibração do ambiente e o equilíbrio da família nas emoções.

Na terça-feira seguinte, quando adentramos no recinto da Fraternidade, nos encontramos com o irmão Aurides, que, se dirigindo a nós, solicitou-nos alguma notícia de sua falecida esposa. Pedimos que aguardasse a próxima reunião quando falaríamos a respeito.

No dia seis de julho, na reunião pública de quinta-feira, quando já fazia uma semana do desencarne da nossa irmã, passamos então a relatar, após o receituário mediúnico, os aspectos espirituais observados.

Estava no velório, ao lado do irmão Vieira, que nos solicitou para fazer uma prece, ouvindo o nosso irmão Aurides cantar junto ao Coral, emocionado. Foi se destacando à nossa frente, à esquerda, o espírito do irmão José Grosso, que levantou o braço esquerdo, o

qual ficou brilhante de luz. Ele disse com simplicidade sem elogios: – A nossa irmã Terezinha se encontra em nossas mãos.

Nesse momento, as mãos do irmão José Grosso se mostraram nimbadas de luz e nos falou bem mais audível: – Comunique aos familiares que o espírito da nossa irmã ficará dois meses dormindo um sono reparador e terá sonhos felizes como: visitando o lar, fazendo alguma tarefa no lar, ouvindo e conversando com familiares, etc. Não vai vivenciar as angústias e saudades naturais da sua falta no lar. Quando acordar, a sua filha Lígia[57], já desencarnada, estará ao seu lado, assim como seus entes mais queridos e também a nossa irmã Cleomar.

Para nossa surpresa, fiquei sabendo que as nossas irmãs, Cleomar, desencarnada há pouco tempo, e Terezinha tinham grandes afinidades.

O nosso irmão José Grosso observou, ainda, que "toda a medicação que a irmã Terezinha vinha tomando estava correta". E desapareceu. Em seguida, vimos o nosso irmão Palminha, que nos informou para nossas reflexões: – Irmão Ênio, o dia do 'Juízo Final' é diferenciado para muitos irmãos. Para uns, dura anos, séculos; o da nossa irmã Terezinha será só de 60 dias.

É interessante acrescentar que, quando nos encontramos com nosso irmão Aurides, na Fraternidade, na primeira terça-feira após o desencarne da nossa irmã, este nos confidenciou a sua preocupação com a medicação que a esposa estava tomando, cujo relato, feito na quinta-feira seguinte, esclareceu e tranquilizou a todos.

É sempre bom observar, nesses relatos, a atenção especial e o carinho que a espiritualidade concede àqueles que se dedicam à tarefa

57 Ligia foi jornalista e desencarnou em acidente de carro, sempre enviava notícias suas e do plano espiritual através da psicografia. Essas mensagens alegravam muito seus familiares.

cristã. Abençoadas são as mãos que doam, como podemos verificar no texto abaixo:

Pensa no bem

Pensa no bem. E auxilia sempre.

O pessimismo alheio talvez interfira, tentando furtar-te a confiança.

Sim. É possível que a tua dádiva não seja utilizada tão nobremente quanto seria de desejar.

De outras vezes o teu gesto espontâneo de cooperação e bondade, provavelmente não tenha sido interpretado na altura que lhe imprimiste.

Entretanto, auxiliando aos outros, perante as Leis de Deus, ninguém conseguirá alterar o benefício que fizeste a ti mesmo.

(Emmanuel – Pronto Socorro – psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier).

Evangelho e Ação, p. 3, jan. 2001.

O reencontro com o Lucas

Em uma das reuniões da FEIG, retornando às tarefas, devido a ajustes de saúde, nos dispomos ao receituário mediúnico.

Durante o período em que nos encontrávamos em exteriorização, nos encontramos com vários amigos espirituais, como o Sr. Jair Soares, a irmã Ló e o irmão Antônio Machado. Junto a nós, identificamos o nosso instrutor espiritual Calimério, acompanhado do instrutor espiritual Euzébio. Estávamos, nesse instante, na sala seis, situada no plano espiritual da Fraternidade, com os outros amigos espirituais, entre os quais, os que tinham autorização para iniciarem suas tarefas às 20h30min., e que, neste momento assinavam a ata de presença à reunião. Após a prece singela, mas muito sentida, feita pelo instrutor Calimério demandamos a uma instituição espiritual, fora do campo espiritual da Fraternidade.

Passados alguns instantes, nos encontramos no Instituto Chapot Prevóst , instituição no plano espiritual com atividades de refazimento espiritual, já nossa conhecida.

O irmão Desidérium, um espírito com responsabilidades definidas convidou-nos a entrar. Interessante registrar que avançamos no vasto salão, acompanhados de vários espíritos, que conosco andavam lentamente. Subimos a escadaria à nossa direita, com largos degraus e chegando no primeiro pavimento, adentramos no corredor.

Ouvíamos músicas semelhantes aos hinos do irmão João Cabete, compositor de hinos espíritas, quando encarnado e, em conjunto, caminhávamos rumo a um objetivo para nós, pessoalmente, até então desconhecido.

Paramos em frente ao apartamento de número 206 e divisamos, junto à porta já aberta, a nossa irmã Clandira. O primeiro a en-

trar no quarto foi o instrutor Calimério seguido pelos irmãos José Grosso e Palminha e, então, entramos.

Foi quando percebemos que estávamos em visita ao nosso irmão Lucas Nunes, dedicado tarefeiro da Casa de Glacus, desencarnado recentemente.

Observamos que o instrutor Calimério colocou sua mão, levemente, sobre a cabeça do irmão Lucas. De imediato, ele nos percebeu. Admirado e emocionado, disse-nos: – Oi chefe[58], você veio me visitar?

Respondemos-lhe: – Sim, viemos visitar você. E ele nos perguntou: – Mas, e a reunião? Fizemos os esclarecimentos e então o irmão Lucas continuou: – Estou esperando para conversar com alguém encarnado. Deixe-me falar. A coisa é muito bonita. Aqui tudo é diferente. Se eu ficasse mais tempo lá, eu iria trabalhar mais, porque eu não fiz nada...

A narrativa dele soava como uma prece vinda do coração. E complementou: – Foi difícil. Valeu, vale muito. Que coisa! Que realidade extraordinária!

Nesse momento, a irmã Clandira estendeu as mãos; ele deitou-se. Todos presentes impuseram as mãos para o passe restaurador. Durante esses instantes, passaram na mente do irmão Lucas as imagens de sua esposa, filhos, genros, noras e os netos. Mentalmente ele fazia um agradecimento pela convivência com os familiares. Lágrimas de saudade caíam de seus olhos.

O irmão Calimério fez uma prece em que pudemos anotar algumas frases: "Senhor, continue pela Tua misericórdia assistindo este

58 Termo que o irmão Lucas sempre usava quando se dirigia ao médium Ênio Wendling

servo amigo que há pouco retornou das experiências terrestres. E reunidos em Teu nome desejamos doar a nossa solidariedade e o nosso coração ao amigo vitorioso. Que o nosso irmão Lucas, encontrando guarida neste educandário espiritual de refazimento, se fortaleça, com o auxílio dos diletos amigos que operam em Teu nome Senhor, nos vastos campos da espiritualidade maior. Proporcione Jesus a nós outros que, da nossa esfera, estimulamos, não só o amigo, mas os cooperados sinceros da nossa Fraternidade, que tão bem realizam a tarefa do amor, e que o companheiro presente buscou vivenciar. Paz a ele. Obrigado Senhor".

O irmão Lucas adormeceu.

Evangelho e Ação, p. 3, dez. 2002.

A Justiça Divina

Hoje, retornei mentalmente há um ano atrás, 24 de janeiro de 1994, quando, exteriorizado em reunião pública na FEIG, fui conduzido à sala sete, no campo espiritual.

Dentro da sala, para minha surpresa, uma porta se abriu para uma espécie de laboratório, com mesas ao fundo, frascos, tubos, cristais e outros apetrechos. Três espíritos trabalhavam no laboratório: Fritz Schein, Otto Franz e Karl (sobre quem falarei aqui em outra oportunidade). Nosso irmão Karl tinha um "fio perispiritual", pois era encarnado em desligamento. Observava a cena, quando entraram no salão Hellen Mayer e Ferens.

Percebi que aqueles espíritos haviam sido cientistas em encarnações anteriores e continuavam a exercer atividades científicas no plano espiritual.

Helen se fez ouvir: – Desculpem-me pelo pequeno atraso (senti que os demais estavam cientes). Venho de uma reunião, onde o venerável Adolpho Bezerra de Menezes fez uma palestra sobre o tema "Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho.

Os três se voltaram para ela, que prosseguiu: – Dentro em breve, se iniciará um período de maior tranquilidade, em relação às dificuldades econômicas, políticas e sociais do povo brasileiro. Ele fez referência à "dívida cármica" para com negros e escravos e à Guerra do Paraguai. Essa dívida está acabando. Faltam poucos anos.

Volto ao dia de hoje, 24 de janeiro. Com a permissão de amigos espirituais, estive na sala cinco.

Vi a querida mentora Joanna de Ângelis, mentora de nossa Mocidade Espírita, que veio nos cumprimentar suavemente. Ao beijar sua

mão, senti meu perispírito se modificar, assumindo a forma que tivera no México, quando encarnado como espanhol. Soube de alguma forma que conhecera nossa amiga naquela encarnação. O espírito do Uruguaiano estava na sala. Lembrei-me da primeira vez que o vi, em 1939, no Centro Oriente, onde fui levado pela minha mãe quando estava com problemas ligados à mediunidade não orientada. Em certo momento naquela reunião, Uruguaiano incorporou-se à médium Dona Ernesta, transmitindo-nos a seguinte mensagem: – Fui Montezuma, no México. Fui também conhecido como Uruguaiano, na região Cisplatina, hoje Uruguai. Observava Uruguaiano, na sala cinco, quando, de repente, sua aparência modificou-se para Aarão Reis, fundador de Belo Horizonte. Sabemos que o nosso irmão continua sendo guia espiritual no Centro Oriente.

Ainda na sala cinco, reconheci com surpresa um espírito japonês chamado Uemoto. Vira-o pela última vez há cerca de 38 anos. Parecendo-me algo fatigado, ele nos disse: – Felizmente, a nossa tarefa foi bem realizada e sucedida. Depois eu contarei sobre a tragédia no meu país (terremoto em Kobe e outras cidades). Contarei também sobre as tragédias de Hiroshima e Nagasaki.

Uemoto nos informou rapidamente que, no terremoto japonês, desencarnaram criaturas que haviam ocupado toda a orla marítima da China, por mais de 30 anos, na virada do século, levando devastação e dor.

Eram japoneses que cumpriam "ordens de seus superiores".

Constatamos, assim, uma vez mais, queridos leitores, que existe uma Justiça Divina a coordenar os acontecimentos em todos os planos da Criação, em nível individual e coletivo. Não existe acaso. O futuro é a consequência lógica de nossas ações no passado e presente. Saibamos construí-lo hoje e sempre.

Evangelho e Ação, p. 3, out. 2002.

Irmão Jucai

Nos momentos de exteriorização, durante as tarefas mediúnicas na FEIG, temos observado o espírito do nosso irmão Jucai. O nosso irmão Francisco Cândido Xavier - Chico Xavier, quando em Pedro Leopoldo, chegou a fazer referência ao nosso irmão Jucai[59].

O nosso irmão tem como tarefa específica na Casa de Glacus administrar o passe restaurador nos espíritos necessitados, que são retirados de alguns irmãos encarnados que adentram à Fraternidade em busca de tratamento espiritual.

Percebemos que esses espíritos são retirados daqueles assistentes mais frequentes às reuniões e que estejam sofrendo influências espirituais.

Existem equipes espirituais especializadas no socorro e amparo a essas entidades.

Há uns 30 anos atrás, quando em outra casa espírita, chegamos a ver o nosso irmão Jucai como um índio, coberto com uma veste de penas das aves das matas.

Nos contatos espirituais mais recentes, notamos que o nosso irmão, já com belas conquistas espirituais, se apresenta com as feições mais suaves e o perispírito de uma pessoa comum, trajando atualmente calça e blusão no estilo safari.

Nós o temos visto numa sala ampla na parte térrea do plano espiritual da Fraternidade, na qual se dá o tratamento a que ele se dedica.

59 Relato do Chico Xavier a respeito do Jucai.

Nota da redação:

Numa ocasião, ao se iniciar os trabalhos da noite numa reunião no Centro Espírita Luiz Gonzaga, em Pedro Leopoldo, o guia espiritual do Chico, Emmanuel, se apresenta e lhe disse: – Chico, hoje o nosso irmão Jucai vai ajudar na tarefa dos passes.

Após esse diálogo, o Chico, exteriorizado, durante a sua tarefa da psicografia, viu chegar, na reunião, o espírito de um índio, o Jucai. Troncudo, braços grossos, pescoço rígido. Incorporou-se na médium. Uma senhora adentrou a cabine de passes e o espírito incorporado na médium lhe pergunta: – Que houve minha irmã? – Ah, eu brigo muito com meu marido. Então, vim para receber o passe. Aí o Chico viu, horrorizado: a médium incorporada pelo espírito do índio deu duas pancadas com a mão fechada na cabeça da solicitante do passe. Depois disse: – Vai em nome de Deus.

No final da reunião, terminada a tarefa da psicografia, o Chico percebeu aquela senhora. Observou que ela passava as mãos na cabeça, consertando os cabelos. Notou então que, entre as pessoas que receberam o passe, muitas repetiam o mesmo gesto. Esse acontecimento inédito se deu pelo fato daquelas pessoas buscarem o passe frequentemente sem apresentarem nenhuma renovação em suas atitudes.

Observamos que é importante procurarmos ajuda, rezarmos com fé, mas é necessário que busquemos nos renovar intimamente, melhorando as nossas atitudes, no esforço de deixar para trás o "homem velho" e fazer surgir o "homem novo".

Evangelho e Ação, p. 3, ago. 2002.

O campo de ação das reuniões de efeitos físicos

Temos muitos apontamentos para os relatos. Iremos fazer hoje um dos mais recentes. Após termos sido submetidos a uma cirurgia nas pernas, os espíritos orientaram, através da Reunião de Consultas Espirituais (RCE) que, no momento da reunião de efeitos físicos, a ser realizada na FEIG, no sábado, dia 30 de março de 2002, permanecêssemos no lar para receber o tratamento espiritual.

Na hora marcada, ou seja, de 20h às 21h15min., nos recolhemos ao leito, com um copo de água para ser fluidificada, seguindo as instruções do mentor espiritual Glacus. Colocamos um CD com os hinos espíritas de João Cabete[60] para preparação do ambiente.

De imediato, na penumbra do quarto, percebemos a presença de vários espíritos, todos nossos conhecidos quando encarnados. Foram passando dos dois lados do leito lentamente, como se estivessem deslizando.

A nossa direita, identificamos alguns espíritos que nos olharam e falaram conosco, como irmão Jair Soares, irmã Ló e os irmãos Ranieri, João Cabete, Barbosa. Revendo esses companheiros, dentro daquela vibração, nos sentimos intensamente como se estivéssemos novamente naqueles momentos daquelas extraordinárias reuniões, na residência do Sr. Jair Soares, na Rua Paraisópolis, 658, no bairro de Santa Teresa.

É interessante acrescentarmos que não percebemos os espíritos mentores da Fraternidade, pois se encontravam em atividade na reunião de efeitos físicos, que naquela noite lá se realizava.

60 João Cabete foi o músico da espiritualidade, compositor de hinos que são entoados nas casas espíritas de todo o Brasil, trazendo elevadas vibrações para as reuniões espíritas.

À nossa esquerda, divisamos vários espíritos desencarnados familiares.

Ainda à direita, após o irmão Barbosa, pudemos ver um espírito, que foi passando e nos disse: – Ênio, que bom revê-lo. Eu sou C. Castro. Nesse momento nos lembramos dele. Mostrou-nos na sua mão direita um aparelho semelhante a um contador Geiger, que fazia um pequeno ruído, emitia luzes em direção ao nosso tórax, as quais se irradiavam para nosso corpo inteiro. O irmão C. nos informou: – Com esse aparelho, eu media a intensidade radioativa nas reuniões de materialização e efeitos físicos que eram realizadas na residência do Sr. Jair Soares.

Voltaram a nossa memória as décadas de 40 e 50, no princípio do Movimento Espírita, quando o irmão C. estava encarnado e fazia experiências científicas sobre os efeitos mediúnicos na reunião de materialização e efeitos físicos, com o consentimento da espiritualidade. Essas reuniões, que assim se denominavam, ocorreram no início no Grupo Scheilla, sendo realizadas durante muitos anos na casa do Sr. Jair, com a presença de vários médiuns, dentre eles o médium Peixotinho, nas quais fenômenos maravilhosos se operavam. Em uma daquelas reuniões, soubemos que o irmão C. havia desencarnado num acidente, numa avenida de Belo Horizonte. O veículo que ele dirigia bateu num poste da rede elétrica e um dos fios de alta tensão chocou-se com o veículo acidentado, vindo a falecer eletrocutado.

Passaram-se anos e nesse nosso encontro, na noite do último sábado de março de 2002, durante o nosso tratamento, o irmão C. comentou que em breve iniciará o seu processo de reencarnação e esclareceu-nos: – Em uma das minhas encarnações, participamos do Parlamento Britânico Inglês. Fui um ardoroso defensor da cadeira elétrica e solicitei esse reajuste pelo qual passei em minha última encarnação, na qual convivemos junto ao Grupo Scheilla.

Após a breve visita desses espíritos, o tratamento espiritual continuou. Percebemos que substâncias fluídicas medicamentosas, vindas da reunião de efeitos físicos na Casa de Glacus, nos envolveram durante todo horário que havia sido determinado.

O presente relato vem nos mostrar que o campo de ação das reuniões de efeitos físicos se estende além das fronteiras da Casa de Glacus. Todos aqueles que são orientados para tratamento espiritual no lar recebem toda a atenção, o carinho e o efetivo auxílio da espiritualidade.

Evangelho e Ação, p. 3, maio 2002.

A tarefa do Livro de Irradiação

Na reunião pública do dia 11 de setembro de 2001, terça-feira, exteriorizados, durante a tarefa do receituário mediúnico, na FEIG, vimos e registramos os espíritos tranquilos, operosos e neutros com relação às preocupações maiores desse dia.

Vimos, num recinto, o instrutor espiritual Euzébio, que, em palestra, incentivava 23 jovens espíritos, dos quais era mentor, quanto às suas futuras reencarnações. Percebemos que, entre esses, 12 espíritos eram femininos e 11 masculinos. Pudemos ouvir suas palavras: – Meus amigos e irmãos, jovens do meu coração. É certo que vocês, por bondade do Senhor, retornarão à esfera carnal. Vocês sabem, pelo muito que estudaram, que a Terra é um planeta de dor e expiação. É possível que tenham, nas novas experiências, sobressaltos, mas, a Misericórdia Divina proporcionará a vocês belas reservas interiores. Confiem.

Um dos espíritos presentes, o jovem Helvécio, que em sua última encarnação foi um político, levantou-se e citou os fatos acontecidos neste dia, na Terra.

O instrutor Euzébio, tranquilizando-os, afirmou que não se preocupassem: – Que as lutas das criaturas pelo bem vencerão. Vamos orar. Informou que o Brasil ainda tem dívidas coletivas pela escravatura e pela guerra do Paraguai.

Pelas vibrações exteriorizadas por esses 23 jovens espíritos, pudemos perceber que a maioria reencarnará em lares espíritas e terão boas condições de êxito, com belas conquistas espirituais.

De pronto, fomos convocados a estar na sala seis, situada no plano espiritual da Fraternidade, para um breve refazimento. Vimos o nobre espírito da irmã Rita, junto ao irmão Ataíde Lemos, que nos

cumprimentou levemente. Pudemos ver que o nosso irmão Ataíde usava um jaleco branco. Disse-nos: – Ênio, eu agora atuo com uma equipe de cinco cooperadores na cabine de passes, intuindo os passistas junto aos enfermos.

Saindo da sala seis, já no corredor, vimos o instrutor espiritual Venâncio, que nos saudou e informou: – Ênio, meu amigo, o nosso departamento, que se iniciou com 18 cooperadores, conta atualmente com 75 elementos.

O departamento citado pelo nosso irmão tem a tarefa precípua do atendimento e assistência espiritual aos nomes que são anotados no dia, no Livro de Irradiações. Este livro, que é colocado sobre a mesa nas reuniões públicas, fica nimbado de luz, porque as pessoas que ali anotam os pedidos o fazem com muita vontade de ajudar e muito sentimento de amor. Esclarecemos que a tarefa desses 75 espíritos é avaliar a necessidade e levar recursos necessários para amparo, socorro e cura aos necessitados encarnados e desencarnados.

Frente ao exposto no relato, podemos ver como são amplos a assistência e os recursos da espiritualidade em nome da Justiça Divina, em favor dos nossos apelos e necessidades espirituais.

Nota da redação:

Ataíde Lemos – originário de Manhuaçu, Minas Gerais, onde teve sua atuação como espírita dedicado e atuante no Centro Espírita da cidade, vindo depois para Belo Horizonte, onde desempenhou tarefas junto ao Grupo Scheilla, no Centro Espírita Oriente.

Evangelho e Ação, p. 3, fev./mar. 2002.

A organização no plano espiritual

Na quinta-feira, sete de junho de 2001, relatamos o que observamos no plano espiritual da FEIG durante a reunião pública da quinta-feira anterior, ou seja, no dia 31 de maio de 2001.

Naquela noite, em exteriorização durante o receituário mediúnico, vivenciamos alguns aspectos espirituais. Novamente, o instrutor espiritual Calimério nos deixou mais à vontade no campo espiritual. De pronto, nos vimos em um corredor que não nos era familiar. Vimos alguns espíritos que passavam silenciosos em grupos de quatro, os quais não me eram desconhecidos. Podemos observar que, nesse novo corredor, abrigam-se espíritos estagiários em variadas tarefas, todos recém-desencarnados. Percebemos que já se encontravam selecionados para, certamente, nos relatarem algo ou, oportunamente, desempenharem alguma tarefa qualificada.

Entre eles se destacou um espírito que nos disse: – Eu sou o Jadir, irmão do Pedro.

Lembramo-nos desse espírito quando encarnado: era muito católico e criatura extraordinária na sua vivência. Enviou lembranças ao Vicente Wendling, nosso irmão. Respondemos: – Jadir, vou transmitir para o Vicente. E ele continuou: – Tenho convivido com alguns espíritos familiares e também os irmãos José Grosso e o Palminha, ótimos 'santos de Deus' aonde estou vivendo.

Avançamos no corredor e identificamos à nossa direita uma nova sala. O espírito de nossa irmã Rita adiantou-se e abriu a porta. Vimos um espírito já nosso conhecido, a nossa irmã Carol, com as mesmas características de quando encarnada: alta, forte, de nacionalidade americana, ainda apresentando sotaque.

Voltou então à nossa mente a primeira vez que a nossa Carol adentrou à Fraternidade. Identificou-se na tarefa, fez parte do Coral Espírita Irmão Glacus.

Carol nos cumprimentou e disse-nos: – Seu Ênio, eu sou a Carol do Raul e nos abraçou emocionada. Estou saudosa dos meus filhos Wellington e Carolina e muito saudosa do Raul. Parou de chorar e fez, como era de seu hábito, a oração do "Pai Nosso" em inglês. O seu tórax ficou todo iluminado. Ainda nos disse: – A mamãe Anne está muito bem, cuidando do meu tio.

Achamos interessante, quando, em dado momento, nos perguntou: – Ênio, você ainda está vivo? Fala para os meus filhos Wellington e Carolina para frequentarem as aulinhas de moral cristã.

Vimos também o espírito de Camile Panachouk, de baixa estatura, contrastando com a altura de seu esposo. Eram de origem polonesa. Ela falou-nos: – Diga à minha filha Iraci que estou muito bem e que a tenho acompanhado no artesanato. Depois irei para outra tarefa.

Assinalamos que não é a primeira vez que vimos o espírito de nossa irmã Camile.

Terminamos esses quadros espirituais.

Mais à vontade, nos vimos em seguida, no corredor já nosso conhecido e nos dirigimos para a sala seis. Adentramos e vimos o espírito de nossa mãe, Maria Wendling, e a perguntamos sobre a situação espiritual dos irmãos Werley e Ivan. Respondeu-nos: – Ênio, tranquilize-se. Eles vão bem. Espíritos bondosos vêm cuidando deles e de todos nós. E fez um sinal com a mão acalmando-nos.

É interessante acrescentarmos que, relatando ao Vicente Wendling, nosso irmão, pelo telefone, quanto ao Jadir, este, surpreso, disse-

-nos que ele e sua esposa Leda, dois dias antes, comentavam sobre a saudade que tinham do Jadir, irmão do Pedro e grande amigo.

Verificamos com esse relato que os espíritos querem nos mostrar a organização do plano espiritual, na qual os espíritos recém-desencarnados que já se encontram em condições de realizarem alguma tarefa são criteriosamente preparados. Que a vida continua e precisamos exercitar "a fé com obras" para alcançarmos a nossa melhoria espiritual.

Agradecemos o carinho e a atenção da espiritualidade amiga não só para com os que se encontram realizando alguma tarefa em favor do próximo, mas também para com seus familiares e amigos, o que nos acalenta os corações e nos enche de esperança.

Evangelho e Ação, p. 3, jan. 2002.

Homenagem ao Cabete

A FEIG realiza todo terceiro domingo de cada mês, uma reunião de Convívio Espiritual, de 16h às 18h, normalmente na Fundação e em datas especiais na sede da Fraternidade.

Na oportunidade, os tarefeiros e todos aqueles que comparecem às reuniões, ouvem as palavras dos mentores da Casa, através dos médiuns.

A reunião de terceiro domingo do mês de abril de 2003, realizada na sede da Fraternidade, apresentou uma programação em homenagem ao irmão João Cabete, autor de aproximadamente 300 hinos espíritas, com grande teor evangélico, cantados em núcleos espíritas em todo o Brasil.

Após a retrospectiva de sua trajetória terrena, acompanhada de suas composições musicais entoadas pelo Coral Espírita Irmão Glacus, fomos convidados para dar um depoimento sobre a nossa convivência e os aspectos espirituais da reunião.

Dentro daquela vibração espiritualizada, pudemos divisar através da mediunidade de vidência, inúmeros espíritos. Chamou-nos a atenção o diálogo entre alguns espíritos presentes. Ouvi o irmão Cabete falar: – Ô Ranieri, olha o que eles aprontaram. Tô sentindo o meu coração bater forte no meu peito. Ranieri falou: – É, Cabete, você porque não viu a luz do seu coração. O irmão Hélcio (que foi médium da Casa) ouviu de longe e disse assim: – Puxa! Não é só o coração não, é todo o corpo espiritual dele. O Jair falou assim: – É, o Cabete foi um missionário. Aqui estamos homenageando-o. E se dirigindo ao irmão Hélcio: – Ô Hélcio, a espiritualidade é a maior riqueza para todos nós. Veja a Ló[61].

61 Irmã Ló: espírito que granjeou na sua última encarnação grandes conquistas espirituais.

Aos nossos olhos foram se apresentando numerosos espíritos amigos, colaboradores fiéis da Doutrina Espírita, com os quais convivemos no Movimento da Fraternidade. Entre eles, vimos o Dr Lídio, de Belo Horizonte; o Travassos, de Campinas; o Ranieri e o Júllio, de Guaratinguetá; Arlanche e Cavalieri, de Pinhal; Barbosa, Afonso Bittar, Simão Bittar e Anôr de São João da Boa Vista; Jerry Labatte, da Fazenda Eureka, na região de Caratinga; Prof. Cícero Pereira, de Belo Horizonte.

Ao lado da irmã Scheilla havia um espírito de luminosidade intensa que veio representando o irmão Estevão, o mesmo do livro Paulo e Estevão.

Divisamos à nossa direita, junto ao Coral Espírita Irmão Glacus, que preenchia as primeiras fileiras, todos os cooperadores espirituais de todas as atividades da Casa de Glacus.

Com muita emoção, pudemos ainda ver e ouvir a nossa irmã Scheilla falar para os espíritos presentes: – O Cabete correspondeu. Vamos fraternalmente homenageá-lo. A irmã Scheilla nos fez um sinal. Solicitamos então, no plano material, que os presentes se levantassem e dessem as mãos durante a prece de encerramento. Simultaneamente, a irmã Scheilla fazia uma linda prece, com a espiritualidade também de mãos dadas.

E os dois planos da vida, naquele momento, prestaram a sua homenagem ao nosso irmão Cabete, com os corações entrelaçados na mesma emoção.

Evangelho e Ação, p. 3, jun. 2003.

Homenagem ao Clovis

Durante a tarefa do receituário mediúnico nas reuniões públicas temos o espírito do nosso irmão de Doutrina, Tenente Clóvis. Colaborador da FEIG, com mais de 90 anos de idade, ainda dirigia reuniões públicas. Ficava muito atento a todos os comentários e detalhes da reunião. Algo que me chamou atenção: o nosso irmão está se apresentando agora mais jovem e com cabelos. Quando encarnado, na velhice, não tinha nem um fio de cabelo.

O nosso irmão participa hoje de um departamento no campo espiritual da Fraternidade e é assistente espiritual do irmão Euzébio.

Durante a reunião pública do dia oito de outubro de 2002, em exteriorização, estivemos com o irmão Calimério. A um sinal dele, adentramos a sala seis, situada no plano espiritual da Casa de Glacus. O Tenente Clóvis estava na sala. Permaneciam juntos a ele os espíritos Venâncio e Calimério. Devido ao fato do nosso irmão ter desencarnado há pouco tempo, esses irmãos têm lhe dado suporte espiritual em sua tarefa.

Ressaltamos que, na sua existência, também participou durante longo período no Grupo Scheilla, dedicando a inúmeras tarefas com assiduidade e responsabilidade, tais como: visitas aos lares e hospitais, Coral Irmã Scheilla, tarefa de passes, dentre outras.

Finalizamos esse relato sobre o irmão Clóvis, citando como forma de homenageá-lo, a legenda que é sempre colocada pelo irmão Eric Wagner nas reuniões, através da psicofonia:

– Descansar não é conquistar.

Evangelho e Ação, p. 3, maio 2003.

A Doutrina Espírita e as coisas da evolução

Na noite do dia 27 de fevereiro de 2003, quinta-feira, logo após exteriorizarmos, identificamos os espíritos dos irmãos Calimério e Euzébio, que já nos aguardavam. Quando nos encontramos em exteriorização sentimos um grande bem-estar. O irmão Euzébio, se referindo ao período em que passamos por uma enfermidade, afirmou que estivera a postos, durante esse reajuste espiritual, juntamente com outros amigos espirituais nos cuidados em prol de nosso restabelecimento.

Naquele instante nos encontrávamos na sala seis. Pudemos através do alto falante, ouvir do orador da noite referências a cidade espiritual "Nosso Lar". Sabemos que na década de 1940, a cidade "Nosso Lar" tinha um número de habitantes em torno de um milhão e duzentos. Atualmente, a cidade apresenta em torno de alguns milhões de habitantes espirituais.

Saindo da sala seis, percebemos que as salas de número dois, quatro, seis, oito e dez se uniram formando um amplo salão. A partir desse momento, não vimos mais os espíritos de Calimério e Euzébio e nem a irmã Rita, a qual sempre nos recepciona no plano espiritual. A nossa irmã Rita é um espírito iluminado, reverenciado pela Igreja Católica. Sabíamos que a nossa irmã se encontrava na sala 11, na tarefa de socorro e prece aos espíritos necessitados que lá se encontram.

O amplo salão referido acima de repente se transformou num pátio repleto de crianças. Vimos então, o espírito da nossa irmã Meimei convidando as crianças para brincar. Entre aquelas crianças, distinguimos o espírito do Valter, nosso colega de infância, no Grupo Escolar Barão de Macaúbas, em Belo Horizonte, no ano de 1937,

que havia desencarnado nesse período. Nesse instante, vimos o irmão Calimério que estendeu a mão sobre nossa cabeça e então pudemos ver o espírito do irmão Valter na sua forma atual, não mais como criança, mas com aparência de adulto e já apresentando conquistas espirituais.

Interessante: nesse momento apresentou-se junto a nós o espírito do irmão Palminha, que nos informou que o espírito do irmão Valter irá reencarnar e terá o nosso sobrenome.

Que bom que a Doutrina Espírita nos mostra as coisas da evolução!

Evangelho e Ação, p. 3, abr. 2003.

O amparo espiritual

Exteriorizado na reunião pública, vi a nossa irmã Rita, que tem grande autoridade pelos méritos espirituais, abriu a porta da sala seis nos convidando a entrar.

Vimos um espírito. Reconhecemos de pronto. Era o André De Lamare. Estava ereto, jovial. E foi dizendo: – Eu vou reencarnar. Adentrou também a sala, o espírito do Fábio Machado, que também foi médium de efeitos físicos.

Lembramos então de uma nossa passagem. Há mais ou menos 50 anos, estávamos visitando a Fazenda Eureka, do irmão Jerry Labatte, sogro do Fábio, no interior de Minas Gerais. Estávamos querendo descansar e, portanto, combinamos faltar a reunião programada para aquela noite. Na ponte da estrada, um espírito chegou para o Fábio e disse: – Volta.

Vimos o irmão espiritual José Grosso que disse: – Vocês vieram para descansar, mas não foi a passeio.

Às 19h estávamos reunidos numa casa de madeira, onde era o paiol da fazenda. Sr. Jerry Labatte, Sr Jair Soares, os empregados da fazenda e pessoas da proximidade, alguns de pés no chão – homens e mulheres sofridos. Iniciou-se a reunião. Estávamos no exercício da mediunidade juntamente com o Fábio. Divisamos a presença do André De Lamare. Olhou-nos, mas não nos viu. O irmão Joseph Gleber ajudou a incorporação para que o espírito pudesse se comunicar. E André foi dizendo: – Morri ontem e fui enterrado hoje. O irmão Joseph Gleber me trouxe aqui.

Durante a sua comunicação, André falou que estava recebendo aquela graça de comunicar, logo em seguida ao seu desencarne, devido aos três meses de dedicação na tarefa de visita aos enfermos

e outras atividades do Centro Oriente, após ter despertado para a Doutrina Espírita nas reuniões da casa do Sr. Jair Soares. Na ocasião deixou de fumar, mas já apresentava grave quadro de enfisema pulmonar. "Avise a minha família que já estou sendo amparado". Agradeceu a todos. E continuou: – Eu dei nesses três meses o primeiro passo. E chorou. Agradeceu, mandou lembranças para a família e se despediu, identificando-se: – André De Lamare.

É bom acrescentar que na época não possuíamos ainda meios de comunicação que possibilitassem rapidez nas notícias. Todos da Fazenda Eureka ainda desconheciam seu desencarne, ocorrido em Belo Horizonte, um dia antes daquela reunião. André era vizinho do Sr. Jair, na Rua Paraisópolis em Santa Tereza.

Estava passando bem quando a caravana seguiu viagem, o que era do conhecimento do Sr. Jair.

Retornando o pensamento à sala seis, após os cumprimentos aos irmãos Fábio e De Lamare nos retiramos do ambiente e, então, o irmão Calimério aduziu: – O De Lamare irá reencarnar na mesma família com problemas respiratórios.

Nesse relato, vimos que quando doamos com amor, mesmo com pouco tempo de dedicação na tarefa, recebemos sempre a assistência dos amigos espirituais. É o que verificamos na palavra de Jesus, no Evangelho segundo São Mateus, cap. 25, versículos 35 a 40: – Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes, nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim [...]. Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos foi a Mim mesmo que o fizestes.

Evangelho e Ação, p. 3, mar. 2003.

Encontros espirituais

Temos alguns quadros interessantes para contar.

A reunião pública transcorria normalmente. Exteriorizei-me e vi imediatamente o nosso instrutor espiritual Calimério, o que me deixou tranquilo.

Vi um corredor, no plano espiritual, de aproximadamente 15 metros de extensão. Segui por ele e entrei numa sala a minha direita. Nessa sala havia uma fila de espíritos sendo atendidos por uma jovem que fazia anotações. Caminhei mais um pouco e aproximei-me do espírito de uma senhora. Ela me disse: – Lá em casa ninguém me ouve. Meu esposo está tão diferente e minhas filhas, nunca as encontro no lar. Ninguém me ouve... Eu vim aqui no Centro em busca de uma orientação. Nesse instante, Calimério pediu-me que não aprofundasse no assunto.

Segui adiante. Pude observar que espíritos tarefeiros da FEIG ligavam aparelhos semelhantes a alto falantes para que todos do plano espiritual pudessem ouvir a música cantada pelo Coral da nossa Casa.

Notei que perto do Coral estavam sete espíritos alemães ladeados por "Euzébio", espírito tarefeiro da Fraternidade. Esses espíritos se encontravam em visita ao Brasil e à nossa FEIG, e ao mesmo tempo estavam sendo preparados para se reencarnarem aqui.

Pude perceber também um espírito nimbado em luz. Esse espírito era de uma jovem de aproximadamente 19 anos, cabelos anelados que se chama Rita. Ao mesmo tempo percebi o espírito do nosso instrutor Venâncio também resplandecendo em luz. Venâncio é o responsável por uma grande equipe de espíritos que trabalham no auxílio aos nomes constantes do Livro de Irradiação.

Divisamos ainda mais alguns espíritos, mas Calimério, bondosamente, avisou que o receituário estava no fim e que precisava voltar.

Evangelho e Ação, p. 3, fev. 2003.

Preparando para a mediunidade

Numa reunião pública de quinta-feira, no mês de dezembro de 2002, exteriorizados durante a tarefa do receituário mediúnico, fomos conduzidos pelo instrutor espiritual Calimério, para além das dependências espirituais da FEIG.

Deslocávamos para uma visita a uma das colônias espirituais. Percebemos que o nosso irmão Glacus precisava de nossa tranquilidade para o perfeito desempenho do receituário. É bom esclarecermos que havíamos saído recentemente de uma cirurgia nos olhos.

A um sinal do nosso irmão Calimério, descemos numa região do Plano Espiritulal, próximo a um vilarejo espiritual. O irmão Calimério fez uma prece breve, mas sentida. Ficamos à vontade. Caminhamos a uma certa distância junto aos irmãos Calimério e Euzébio. O terreno no qual pisávamos assemelhava-se a areia, porém brilhante, que clareava todo o trajeto que percorreríamos, como também, as áreas laterais. À direita da estrada, surgiu um cão que se assemelhava à raça conhecida como pastor alemão. O cão nos chamou a atenção, pois vinha sereno e percebendo a presença dos instrutores Calimério e Euzébio, deu um sinal registrando nossa presença e continuou tranquilamente.

Prosseguimos. Fizemos uma curva à direita e logo percebemos uma residência em estilo colonial com um jardim na frente, cerca e portão de madeira. Possuía uma ampla varanda de madeira.

Próximo ao portão largo, porém baixo, estava um casal nos esperando, irmã Luciana e irmão Leon.

A irmã Luciana nos saudou: – Bem vindos! Todos se cumprimentaram. Não entramos. Fomos convidados a continuar na estrada à direita da casa. Tivemos a impressão que caminhamos mais uns 500 metros.

Chegamos em frente a uma outra residência em estilo antigo, com portão mais alto e mais largo, o qual tinha no alto a inscrição "Solar dos Aprendizes do Amor e da Solidariedade".

Percebendo nosso pensamento, a irmã Luciana nos disse: – Aqui temos os nossos irmãos candidatos ao exercício da mediunidade. Entremos. Abriram-se as portas. Clareou-se o ambiente. Vimos vários colaboradores nessa tarefa, os quais estavam prestes a reencarnar.

Vimos 102 espíritos: 33 espíritos femininos e 69 masculinos. Esses, aos poucos foram saindo da sala, se encaminhando para um salão maior e se assentando. Estavam todos elegantemente trajados.

No salão vimos um piano no qual constava uma marca, a qual nos chamou atenção por ser conhecida aqui na Terra. O irmão Euzébio nos esclareceu: – O fabricante passou também por aqui para o preparo da mediunidade no campo da arte musical, antes de se reencarnar.

Nos sentamos. Percebemos que a cadeira à nossa disposição diferia das outras, fornecendo-nos uma proteção maior, beneficiando-nos com uma maior tranquilidade e bem-estar, proporcionando maior segurança ao espírito do irmão Glacus na tarefa do receituário.

Pudemos notar em muitos dos candidatos à tarefa da mediunidade, grande contentamento e muita esperança na tarefa nova e missionária da mediunidade com Jesus no Brasil. Desses espíritos reconhecemos três que reencarnaram para a tarefa da mediunidade e deixaram de realizar os compromissos assumidos, desencarnando por volta dos anos 50.

Adentrou o salão o espírito de uma senhora de aproximadamente 30 e poucos anos, que se chamava Raquel. Ela se sentou ao piano e executou uma linda música que nos informaram ser a Rapsódia Húngara número três, do compositor Liszt. Enquanto ouvia a música nos re-

cordamos das reuniões de desenvolvimento e efeitos físicos, das quais participamos na residência do Sr. Jair Soares, na rua Paraisópolis, número 658, em Santa Tereza, na década de 40. Em uma delas acordamos assustados durante a reunião tendo o irmão Ranieri ao nosso lado e ainda outros médiuns em desenvolvimento. Notamos que energias ectoplasmáticas saiam do nosso corpo e do piano, mesmo estando fechado, executava a Rapsódia Húngara número três, de Liszt.

Após a audição, nos levantamos e, com a autorização do irmão Calimério, falamos para a assistência composta pelos 102 espíritos: – Eu estou encarnado, sou médium, continuo me desenvolvendo. Não vi o tempo passar, mas sinto que na mediunidade, granjeei a amizade de todos vocês.

Em seguida, vimos o irmão Leon se levantar e se dirigir a uma mesa grande.

Todos ficaram de pé e o irmão Leon fez a prece de agradecimento. Todo o recinto ficou mais claro sem haver lâmpadas.

Percebemos que era 21h15min. Coisa estranha: os irmãos Luciana, Leon e Raquel se movimentaram em nossa direção, nos deram as mãos e então nos deslocamos rapidamente. Nos vimos já dentro da primeira casa citada, que era a residência do casal Luciana e Leon.

A irmã Raquel pegou um buquê de flores e deu para o irmão Calimério. Este fez uma outra pequena rogativa, agradecendo aquele vivenciamento de aprendizado e refazimento. Em seguida, o irmão Calimério nos ofertou o buquê e então ele foi se desmanchando atingindo-nos nos olhos.

Acordamos depois da reunião. A tarefa do receituário mediúnico do irmão Glacus estava terminada.

Evangelho e Ação, p. 3, jan. 2003.

Mais reencontros

Aos terceiros domingos de cada mês, às 16h, acontecem as reuniões de Convívio Espiritual que, na maioria das vezes, são realizadas na Fundação Espírita Irmão Glacus, no Bairro Kennedy, em Contagem, ocasiões essas em que podemos ouvir as palavras dos mentores da Casa através dos médiuns.

Nesse último terceiro domingo, dia 18 de julho de 2004, ao sermos consultados pelo dirigente da reunião se havia algum relato para ser feito dos aspectos espirituais, confirmamos e passamos a relatar para a assistência.

A oradora da tarde foi a nossa irmã Ruth Birman que nos falou durante 45 minutos. Observamos, através da mediunidade da vidência, alguns espíritos. No momento da palestra, vimos três espíritos familiares da nossa irmã Ruth: Vovô Lemos, operoso espírito no campo espiritual da Fraternidade Espírita em Manhuaçu e na Casa de Glacus; nosso irmão Geraldo Prata, conhecido como Gigi; e nosso irmão Henrique Birman, que emocionado, enxugava as lágrimas.

Vimos um espírito feminino envolvendo carinhosamente o nosso irmão Jarbas, que se identificou como Parizina, dizendo ao seu ouvido: – Filho querido! Enviou também seu abraço às suas filhas queridas.

Vimos também junto à família presente o nosso irmão Lucas Nunes, que, quando encarnado, foi operoso cooperador nas tarefas assistenciais da Casa de Glacus. O nosso irmão ficou feliz com a presença dos familiares.

Logo após, percebemos que o irmão Henrique Birman se encontrava sereno, porém, ainda emocionado – relembrava o convívio com a família.

Percebemos uma suave claridade, irradiada pela presença do espírito Kaja Chrisna, mentor da operosa Fraternidade Espírita de Muriaé. Nesse instante, vimos, envolvido por aquela claridade, o espírito de José Leonardo, que, quando encarnado, foi um dos dirigentes da Casa, o qual se encontra bem e operoso. Chorava de emoção ao envolver em abraços a sua esposa Hilda, sua filha Carmem Lúcia e seu genro, presentes à reunião. Quando os espíritos, durante a manifestação mediúnica, se referiram ao Coral e à maestrina, os espíritos João Cabete e Ranieri sorriam muito felizes.

Ainda nos foi permitido ver, pela segunda vez participando da reunião de terceiro domingo, a nossa irmã Augusta, que também nos viu e que estava ao lado das irmãs Cleomar e D. Ló.

Vimos também o espírito de nosso irmão Hélcio, acompanhado do espírito Otto, que foi seu mentor quando encarnado, na tarefa do receituário mediúnico. Vale a pena relembrar que, durante uma reunião pública, em que nos encontrávamos exteriorizados durante o receituário mediúnico, fomos levados pela irmã espiritual Rita na sala de número um do plano espiritual da Fraternidade e vimos, sobre uma mesa, um grande livro em que as páginas passavam lentamente, parando, de repente, em determinada página. Vimos então aproximar um espírito que registrou sua presença no livro de ata assinando Otto Franz Schorr.

A nossa irmã Rita sorriu, nos convidando a retornar.

Os espíritos sempre procuram dar notícias dos tarefeiros da Fraternidade já no plano espiritual, numa maneira carinhosa de nos incentivar, de nos fortalecer o ânimo, mostrando que sempre estão próximos de todos nós.

Evangelho e Ação, p. 5, set. 2004.

O reencontro com Milton Fonseca

Em exteriorização na reunião pública da FEIG, de 14 de agosto de 2001, terça-feira, o nosso irmão Calimério nos levou ao campo espiritual para uma região onde está situado o Instituto Chapot Prevóst.

Nosso irmão Calimério fez apontamentos e foi agendada uma visita a um irmão recém-desencarnado da Fraternidade que lá se encontrava internado.

O Instituto é uma instituição que acolhe irmãos cooperadores cristãos que desencarnam em processo de reajuste forte, com enfermidades mais dolorosas (câncer). Percebemos que o instituto foi constituído no plano espiritual há mais de 100 anos.

Entramos, primeiramente, nos portões, em seguida, passamos por um passeio ladeado por jardins, que levava ao prédio largo, de dois andares, cuja fachada de entrada é composta por três degraus com a largura de mais ou menos 30 metros, seguindo-se ampla escadaria.

Na reunião da quinta-feira seguinte, dia 16 de agosto de 2001, novamente exteriorizados, retornamos ao Instituto. Abriram-se os portais. Subimos as escadas que davam acesso ao segundo pavimento. Entramos em um quarto e vimos o espírito do irmão Milton Fonseca. Percebemos um espírito de nome Narcisa cuidando do irmão Milton[62].

Nos aproximamos do leito. O irmão Calimério ficou ao lado, observando e comentou: – Aqui também são 21h[63]. E proferiu a prece, ficando nesse momento, nimbado de luz.

62 Não se trata da irmã Narcisa, retirada do livro "Nosso Lar".
63 Antigamente, na FEIG, a prece de irradiação era proferida às 21h, hoje acontece às 20h30min.

O nosso irmão Milton, nesta última encarnação, foi militar e dedicado tarefeiro da Casa, desde que a Fraternidade iniciou suas atividades no Centro Espírita Amor e Caridade, permanecendo operoso até seu desencarne.

Nos momentos da prece, ouvimos gritos em sala próxima. A irmã Narcisa nos tranquilizou, informando que se tratava de um espírito chamado Leôncio. Esclareceu-nos: – Leôncio podia ter feito muito. Creio que perdeu oportunidade. Quer voltar à carne. Nossa irmã acrescentou ainda que o irmão Milton Fonseca estava isolado daquelas vibrações.

O irmão Calimério colocou suavemente a mão na nossa cabeça e pudemos então observar que os tumores do cérebro do irmão Milton Fonseca tinham origem: vimos o irmão num período em Roma, como centurião, excedendo-se no uso da autoridade.

Percebemos com esse relato o quanto os nossos processos de reajuste espiritual são amenizados pela Misericórdia Divina, quando nos dispomos a aproveitar a oportunidade de realizar o bem.

Evangelho e Ação, p. 5, jul. 2004.

Reunião de efeitos físicos

Reunião de Efeitos Físicos realizada no último sábado dia 29 maio de 2004.

A Reunião de Efeitos Físicos se realiza todo último sábado do mês.

Participando da reunião como assistente, cheguei à Fraternidade às 19h30min., dirigi-me ao salão de reunião pública onde já se encontravam irmãos que também participariam da reunião. Alguns irmãos foram convidados a ler e comentar obras espíritas, proporcionando o devido preparo que antecede a entrada de todos ao salão onde a reunião acontece. De onde nos encontrávamos pude perceber a movimentação dos espíritos no preparo da sala ampla. Quando fomos convocados a adentrar a sala, cada componente foi ao local onde deveria sentar-se conduzido pela diretora da reunião. Percebi, de pronto que os irmãos enfermos que estavam ali para se tratarem se encontravam já assentados à direita da assistência. Antes de assentar, fui até a cabine dos médiuns, lá se encontravam já deitados os médiuns Giro Takahaschi e Carlos Catão. Emocionei-me. Os demais médiuns auxiliares junto à assistência estavam bem acomodados.

Iniciou-se a reunião com hinos e a prece. Agradeci a Deus mentalmente pela graça de ver a espiritualidade amiga. Nesse instante, comecei a ver a movimentação dos espíritos na cabine. Estavam presentes a nossa irmã Cleomar, que iria ajudar o nosso Fritz, a nossa Scheilla, Hellen Mayer, Eric Wagner, José Grosso, Palminha e, a postos, nosso irmão Joseph Gleber observando. Em dado momento, passei a ver fios que ligavam a cabeça dos médiuns que se encontravam na cabine e os médiuns auxiliares. Substâncias ectoplasmáticas eram retiradas dos médiuns Luiza, Neiry, Soraia, Vinicius, Tânia, Wolney e Ângela. Pude ver junto à assistência dois espíritos conhecidos, nosso Peixotinho e Fábio Machado, que seguravam um pequeno aparelho semelhante a uma geladeira que arma-

zena fluidos vindos desses fios e da assistência em geral, pois todos vibravam intensamente. Pude ver em dado momento, da porta da cabine para a sala, José Grosso e Palminha, estendendo desde o primeiro enfermo ao último da cadeira três faixas largas fluídicas, transparentes, isolando os enfermos dos irmãos assistentes.

Fiquei observando maravilhado. Logo em seguida, vindo da cabine, o nosso irmão Fritz, José Grosso e Palminha deslocaram a parte inicial da faixa de proteção para que o nosso irmão Fritz iniciasse o tratamento nos enfermos.

A primeira irmã a receber aplicação intensa foi a Maísa na região do pescoço. Depois foi a Marta também no pescoço. A seguir a Alice recebeu aplicação nas pernas, joelhos e também na região da cabeça. A nossa irmã Júlia recebeu a aplicação nos rins. Nosso irmão José Maria recebeu como se fosse uma transfusão de sangue. Marilda recebeu aplicação como se fosse laser nos olhos sendo mais intensa no olho esquerdo. Dirceu recebeu aplicação suave longitudinal, dos pés à cabeça. Pudemos ver que o aparelho que o Peixotinho e o Fábio seguravam, armazenava todas as substâncias úteis, tanto para a espiritualidade quanto para os enfermos, energizando as águas que deveriam ser ingeridas por eles. Com permissão, Peixotinho falou para mim assim: – Eu e o Fábio continuamos ajudando na mesma tarefa.

Quando os irmãos cantavam o hino de Bezerra de Menezes, os aparelhos ficaram mais brilhantes e translúcidos. Quando cantaram o hino Pátria, o nosso Fritz ficou contente, virou-se para o nosso Joseph Gleber e se abraçaram. Os nossos irmãos Otto e Eric Wagner também se emocionaram juntamente com a Hellen Mayer e a Cleomar era toda contentamento.

Durante toda a reunião vi a sala clara como se estivesse iluminada. Todo este quadro desapareceu quando nossa irmã Wanda encerrou a reunião.

Evangelho e Ação, p. 5, jun. 2004

Refazimento espiritual

Na reunião pública de quinta-feira, dia 29 de janeiro de 2004, todos estavam a postos para as tarefas: os oradores previamente escalados para as palestras da noite; os médiuns à mesa, dispostos para a atividade de psicografia do receituário e de mensagens; e, ainda, simultaneamente, a tarefa dos passes.

Durante o receituário, como sempre acontece, exteriorizados, nos deparamos com os amigos espirituais e pudemos observar detalhes de aspectos interessantes.

Aproximamos do irmão Calimério que, nos colocando à vontade, pediu que nos dirigíssemos para a sala seis, a nossa irmã espiritual Rita bondosamente pediu que abríssemos a porta. Sorriu. Adentramos à sala e, de imediato, identificamos a presença de dois espíritos femininos que se levantaram e pudemos reconhecê-los: um deles era a nossa irmã Cleomar que foi cooperadora no Grupo Scheilla e depois também na FEIG, sempre dedicada às atividades evangélicas. Reconhecemos também o outro espírito. Era nossa irmã Custódia, conhecida pelo nome de Camponesa, na Casa Espírita André Luiz, onde, por alguns anos, recebeu tratamento espiritual.

As nossas irmãs encontravam-se abraçadas, envoltas em suave claridade. Em frente a elas, sobre a mesa, registramos um vaso com lindas flores coloridas.

Dirigindo-se a nós, a nossa irmã Cleomar falou: – Olha quem está aqui cooperando conosco no trabalho espiritual junto aos obsessores! É a Camponesa que reajustou com a lei e ficou livre dos espíritos obsessores que a perturbavam.

Vale esclarecer que na Casa Espírita André Luiz, durante muitos anos foi desenvolvido um trabalho de internamento de irmãs ob-

sediadas para tratamento espiritual. A nossa irmã Camponesa recebeu, quando encarnada, este tratamento por alguns anos e apresentou grande melhora.

E a irmã Camponesa nos disse: – Estou refeita, meu amigo, para hoje desempenhar algo do bem. O meu passado foi tenebroso e como vivi longe da luz!

As lágrimas de emoção que brotavam dos olhos das nossas irmãs caíam sobre o vaso e davam mais vida àquelas flores.

Nesse momento, movidos pelo espírito de solidariedade, nos demos as mãos e a nossa irmã Cleomar fez a prece em agradecimento, o que encerrou aquele encontro na sala seis.

Como foi bom ver a nossa irmã Camponesa refeita, com saúde e luz espirituais.

Registramos, assim, a importância das Reuniões de Tratamento Espiritual – de evangelho e prece – que refazem os nossos espíritos para continuarmos rumo aos propósitos do Evangelho do Cristo.

Evangelho e Ação, p. 3, mar. 2004.

Na sala 11

No campo espiritual da FEIG entre as várias salas, temos a de número 11, onde são recolhidos espíritos comprometidos com a lei, em forma de ovóides e répteis espirituais, e que são amparados pelas preces de familiares desencarnados com certa conquista espiritual. Trata-se de uma sala hermeticamente fechada e protegida. Oportunamente os espíritos irão nos autorizar a descrever os espíritos que são trazidos para esta sala.

Durante a tarefa do receituário no dia 12 de julho de 2005, quando exteriorizados, fomos levados a esta sala e, antes de lá adentrarmos com os mentores Calimério e Euzébio, vimos a sala dez transformar-se em uma capela. Naquele recinto surgiu um espírito feminino de rara luminosidade e determinação, clareando as regiões do campo espiritual da Fraternidade e cuja vibração penetrava também a sala 11.

Quando Calimério colocou a mão sobre a minha cabeça pude ver que se tratava do espírito Amalia Domingo Soler, médium que psicografou o livro "Memórias de Padre Germano". A nossa irmã, ligada ao nosso Padre Germano, continua no campo espiritual da Espanha e do Brasil e tem o seu espírito voltado, com mensageiros diletos de Jesus, para a tarefa de socorro, caridade e cura em favor de espíritos infelizes.

Evangelho e Ação, p. 7, nov. 2005.

O encontro com Rubens Romanelli

Na reunião de 27 de setembro de 2005, no momento da tarefa do receituário e orientação do nosso irmão Glacus, me vi exteriorizado quando o instrutor espiritual Calimério solicitou que me encaminhasse para a sala quatro (sala esta onde se reúnem vários espíritos da tarefa diretiva da Casa).

Adentrando à sala, vimos o nosso irmão Rubens Romanelli, que quando encarnado foi uma criatura extraordinária e tive a felicidade de conviver com ele, que era uma lição de sabedoria e bondade. Romanelli é o mentor espiritual do Colégio na Fundação, que leva o seu nome. Em outras épocas já tive oportunidade de vê-lo junto aos espíritos Glacus e Scheilla em reuniões específicas de assuntos diretivos, irradiando felicidade e suave energia.

Nesta noite, na sala quatro, o nosso irmão Romanelli colocou a mão direita sobre o meu ombro esquerdo e falou: – Meu caro Ênio[64], sei que nada sei. Vivendo na magnificência de Deus, aonde estou, vejo a Doutrina Espírita brilhando em meu caminho.

Dos lábios, dos olhos – da face do nosso irmão Romanelli – saíram focos de luz. Lágrimas luminosas desceram da sua face.

Foi quando lembrei-me intensamente destas estrofes do poema "Quando":

> [...] E QUANDO, enfim, quiseres saber quem sou, pergunta ao riacho que murmura e ao pássaro que canta, à flor que desabrocha e à estrela que cintila, ao moço que espera e ao velho que recorda. Eu sou a dinâmica da vida e a harmonia da Natureza: chamo-me amor, o remédio para todos os males que te atormentam o espírito.

64 Nota do Ênio: "Sempre tinha este cumprimento para conosco".

Estende-me, pois, a tua mão, ó alma filha de minh'alma, que eu te conduzirei, numa sequência de êxtases e deslumbramentos, às serenas mansões do Infinito, sob a luz brilhante da Eternidade.[65]

Retornando da exteriorização tive a clara intuição de passar o relato do acontecido para a assistência e também as estrofes do poema, o que fiz em duas reuniões seguidas.[66]

Evangelho e Ação, p. 5, out. 2005.

65 Livro O primado do espírito. 3. ed. p. 16.
66 Relatos feitos nas reuniões públicas dos dias 13 e 18 de outubro de 2005.

Culto Cristão no Lar

O Culto Cristão no Lar é uma das muitas atividades indicadas na FEIG, como um momento que reservamos à prece e ao estudo metódico dos ensinamentos de Jesus, em nosso próprio lar. De acordo com as orientações da Casa "o principal objetivo do Culto é o de incentivar o esforço pessoal para uma reforma íntima consciente, através da compreensão da moral cristã para a nossa própria evolução. Porém, outros ganhos são obtidos com a implantação do Culto: saneamento do ambiente espiritual do lar, fortalecimento perante as dificuldades, melhoria no relacionamento familiar, doutrinação e esclarecimento a espíritos desencarnados. Os benefícios do Culto transcendem o ambiente do lar".

Participando de Culto Cristão no Lar semanalmente, tendo registrado a presença dos instrutores espirituais já designados e também espíritos outros levados até lá por estes instrutores para receberem amparo espiritual.

Temos registrado a presença do mentor do culto – irmão Ubirajara; temos tido a grata satisfação de ver o espírito do irmão Sadu Ramar, que tem se apresentado no campo espiritual e, ainda, formando a equipe espiritual, familiares do lar – o nosso irmão Boaretto e a nossa irmã Alpha Boaretto.

Observamos que muitos dos espíritos trazidos a este culto para atendimento são inicialmente percebidos por nós na tarefa de Visitas aos Lares prescritas pela espiritualidade da Casa de Glacus, onde começam a ser atendidos e na oportunidade do Culto Cristão é dada continuidade ao tratamento e ao amparo.

Recentemente, pudemos ver três espíritos que, com a aquiescência da espiritualidade, adentraram à sala. Um deles, chegando junto aos

espíritos instrutores foi dizendo: – Estou respirando melhor; o ar aqui e agora está bem melhor. O outro espírito também comentou: – Já estava cansado de ficar onde estava. Obedecendo a um impulso ambos deram alguns passos para frente e nesse momento começaram a receber passes dos irmãos espirituais Alpha e Sebastião Boaretto.

O terceiro espírito, que era pouco mais jovem que os outros, estava mais tranquilo e percebi que pensava muito na sua mãezinha já desencarnada também.

Após estas percepções se apresentou naquele ambiente um espírito alto, magro, que usava na cabeça algo como se fosse um capuz metálico e trajava uma capa cinza chumbo, o que nos chamou a atenção.

Caminhou para frente, passou pelos dois instrutores – irmãos Ubirajara e Sadu Ramar – e recebeu fluidos que pareciam cair como uma chuva luminosa. Pude observar que, ao contato com aqueles fluidos, esse nosso irmão também lembrou-se de sua mãezinha. Continuou a caminhar adiante, passou entre os espíritos Alpha e Boaretto e sentiu-se ainda mais aliviado; desviou-se para um lado da sala onde se formou uma espécie de túnel de lona. Entendeu que deveria seguir por aquele túnel, mas antes virou-se para os espíritos Ubirajara e Sadu Ramar e perguntou: – Senhores, para onde vão me levar? Onde eu estava me sentia à vontade.

Vale comentar que todos estes espíritos amparados nos eram conhecidos de registros feitos em lares visitados por equipe de Visita aos Lares e Hospitais, composta por participantes daquele culto no lar, tendo sido dado continuidade ao trabalho de amparo espiritual àqueles irmãos.

Registros como este comprovam os objetivos do Culto Cristão no

Lar apresentados pela Casa de Glacus, indo além; demonstram a sua extensão e a relação possível com a Tarefa de Visitas aos lares e hospitais e o bem espiritual gerado ao próprio lar e a espíritos levados até lá para receberem amparo e esclarecimento.

Evangelho e Ação, p. 6, set. 2005.

O entendimento no plano espiritual

Na reunião pública do dia três de maio de 2005, terça-feira, exteriorizado durante o receituário mediúnico, registramos diversos aspectos, entre eles:

Percebemos que o nosso irmão Glacus nos intuindo na separação do receituário[67] para os médiuns colaboradores, como sempre com muito cuidado para atender o que cada um dos solicitantes necessita, naquela noite buscou agilizar o receituário, mesmo na nossa idade avançada, para termos condições de exteriorizados, fazermos com tranquilidade mais registros para relatos futuros.

Outro aspecto percebido naquela noite foi que, como em várias outras oportunidades, registramos a presença de um nosso irmão, espírito operoso na tarefa, em uma das salas no campo espiritual da FEIG. Novamente, naquela noite encontramos na sala de número oito[68] este nosso irmão, o Altair, que desencarnou jovem. Era animado e alegre e pertenceu ao Coral Scheilla no Centro Espírita Oriente. Convivemos com ele, tendo inclusive a oportunidade de visitá-lo em São João del-Rey quando estava enfermo. Naquela ocasião registramos que a doença cardíaca lhe dava um aspecto "azulado" que o acompanhou até o seu desencarne.

Hoje no plano espiritual o Altair se encontra pleno e registrando nossa presença, sorridente disse: – Sr. Ênio, tem um minutinho para mim? Os guias[69] deram permissão. Agora eu sei de tudo quanto à minha desencarnação naquele quadro que presenciou.

67 A separação das receitas entre os médiuns se dá através da intuição do mentor Glacus ao médium Ênio Wendling nas reuniões de terça e quinta-feira.
68 Sala no campo espiritual da FEIG.
69 Altair tinha como hábito se referir aos espíritos mentores como guias.

E passou a nos relatar os aspectos espirituais da grave doença que o acometera: – Na campanha na França de 1914 a 1918, eu, oficial de um país, lançava nas trincheiras bombas de gás mostarda que envenenavam os soldados franceses que ficavam roxos. Lançava aquelas bombas com prazer e meu mal foi este. Então, Sr. Ênio, aquele aspecto da minha pele, quando enfermo, assim se explica. Não há efeito sem causa.

Vale comentar que o nosso irmão Altair durante a enfermidade deu belos testemunhos de confiança na espiritualidade e por isso está hoje muito bem no campo espiritual. E nos lembramos do irmão Chico Xavier que dizia assim: "O mundo é uma escola maravilhosa em que aprendemos as coisas de Jesus. Que continuemos ajustando com a lei".

Também naquela noite encontramos com a Aline, filha de um casal de tarefeiros da Casa de Glacus, recém desencarnada. Registramos que seu espírito se encontra bem, com bastante desenvoltura intelectual. Registrou nossa presença e disse: – Agradeça à mamãe e ao papai pela assistência e paciência e me deu um abraço.

Naquela noite registramos ainda a presença do espírito Cabete. Na Fraternidade temos o Coral que se apresenta nas reuniões públicas nas quintas-feiras, sendo que nos demais dias contamos com tarefeiros que através do teclado trazem a musicalidade.

Quando a música é do Cabete percebemos a alegria e a felicidade desse espírito que estampa na sua fisionomia espiritual grande contentamento. Inúmeros espíritos ficam sensibilizados e aquietados.

E, ainda, quando o Coral canta "Berceuse", "Die Himmel", "Edelweiss", "Hino Pátria" alegra o coração de espíritos como Fritz Schein, Eric Wagner, Scheilla, Joseph, Hellen Mayer e Otto Schorr", que, quando podem, se agregam ao Coral para ouvir músicas de quando encarnados na Alemanha.

Estes registros que tanto nos ensinam também criam oportunidades de compartilharmos os aspectos espirituais que compõem as reuniões públicas da Casa de Glacus.

Evangelho e Ação, p. 5, jul. 2005.

O reencarne de Ady

Na reunião pública do dia dez de maio de 2005, exteriorizado durante o receituário, estivemos na sala oito e percebemos que os espíritos trouxeram a irmã Ady Souza Coutinho. A nossa irmã Ady é mentora da tarefa de costura na Fraternidade e mãe do nosso irmão Adiraldo Vieira, colaborador da nossa Casa.

Notamos a palidez de nossa irmã. O nosso José Grosso disse: – Dentro de 72 horas, nossa irmã será levada ao departamento da reencarnação, da Colônia Espiritual Nosso Lar.

Nossa irmã Ady disse: – Ao meu dileto filho e aos seus descendentes que, por mais de 70 anos, tive, por benção de Deus, a oportunidade de ser guia espiritual da família, tenho a informar que algo estranho está se processando (referindo-se às modificações que estavam ocorrendo no seu perispírito).

O mentor espiritual Calimério esclareceu: – A nossa irmã vai reencarnar.

Hoje, exteriorizado durante a reunião pública, fomos às salas três e seis. Tivemos a sensação que vivia um sonho. Apesar de ser noite, eu via tudo com clareza. Aproximando-nos de um vale ou campina e observamos um grande hospital que parecia ser um templo. Chegamos mais próximos ainda e subimos as escadarias. Adentramos e vimos um anfiteatro enorme com vastos corredores. Espíritos passavam de roupas brancas. Em um dos corredores, o irmão Calimério disse assim: – Eu e nosso irmão Euzébio vamos adentrar à câmara 610. Nosso irmão Ênio aguarde-nos aqui. Estes dois espíritos foram levar a nossa irmã Ady até a câmara 610 para ter seu espírito reduzido para criança. Enquanto eu aguardava por eles, me senti envolvido por uma película azul esbranquiçada que me isolava

e me causava grande bem-estar. Pude divisar, no teto do corredor, muitos filamentos luminosos demonstrando que o Departamento da Reencarnação estava repleto de cooperadores espirituais especializados.

Os nossos irmãos Calimério e Euzébio voltaram da sala 610 felizes porque perceberam que a nossa irmã Ady terá uma reencarnação tranquila, sem problemas graves. O nosso irmão Calimério acrescentou ainda que, em função de nossa irmã estar reencarnando, outras entidades de parentesco com nossa irmã assumirão a tarefa de guia espiritual da família. Vimos nosso irmão José Grosso chegar e dizer: – Dentro de dez dias, a nossa irmã Ady estará com seu perispírito reduzido à condição de feto.

O irmão Calimério acrescentou: – A nossa irmã vai reencarnar em lar de jovens espíritas que já possuem belas bagagens espirituais. O lar será tranquilo.

Nosso Calimério nos envolveu assim como Euzébio e acordamos a tempo de assistir o restante da palestra da noite que era proferida pelo nosso irmão Alan.

Evangelho e Ação, p. 6, jun. 2005.

Encontro com Grolic

Na reunião pública do dia 23 de dezembro de 2003, terça-feira, antes de iniciar o relato espiritual, o nosso irmão Ênio Wendling nos esclareceu dizendo que nós viemos à Casa Espírita para receber o conforto para o nosso espírito, o conforto frente à luta do dia a dia, na oportunidade da reencarnação, pois sabemos que não há efeito sem causa e que a Terra é um planeta de dor e expiação. E completou relembrando Kardec: " Nascer, crescer, morrer e renascer ainda, progredir sempre, essa é a Lei".

O nosso Ênio falou ainda do quanto gosta da prece do Pai nosso de Monsenhor Horta e relembrou uma de suas estrofes: "Com a proteção de Jesus livra nossa alma do erro, neste mundo de desespero distante da Sua luz". Ele lembrou ainda o "Grande número de pessoas que estão na luta e buscam através da mediunidade ser melhores e aprimorar o coração".

Suas palavras foram uma introdução ao relato que ora transcrevemos:

Aos nos exteriorizarmos na noite de hoje, encaminhamo-nos para a sala seis no plano espiritual da Fraternidade, onde encontramos o nosso irmão Joaquim Godoy. O nosso irmão viveu aproximadamente 80 anos, nos quais granjeou belas conquistas espirituais. Ele nos falou emocionado de sua satisfação em ver o seu filho cooperando na FEIG, inclusive estando presente na reunião pública da noite.

Nosso irmão Ênio continuou o relato dizendo: "Encontrei-me também com outro espírito seu nome era Grolic, esse irmão na sua última existência viveu na Croácia e é interessante acrescentar que no momento do nosso encontro ele falava bem o português e ao

seu lado estava o espírito de sua mãe. Observei um fato interessante: ele falava no idioma dela e eu entendia em português. Ela disse: – Meu filho querido! Conheço tanto o meu filho, ele participou da guerra de 1941, na região dos Bálcans, viveu as tristezas e agruras da guerra. Nesse instante essa mãe orou pedindo a Jesus que seu filho reencarnasse no Brasil.

Ao final desse relato o nosso Ênio ainda acrescentou que se estivesse presente na reunião daquela noite algum parente do nosso irmão Grolic, que soubesse que ele estava bem e amparado, e que ainda percebia que ele não demorará a reencarnar.

Nota da redação:

Esses relatos divulgados no Evangelho e Ação contribuem muito para o fortalecimento daqueles que perderam seus entes queridos, pois as notícias de como eles se encontram no mundo dos espíritos traz paz aos corações saudosos.

Tudo isso só é possível pela bela oportunidade da mediunidade alicerçada no Evangelho de Jesus.

Evangelho e Ação, p. 6, maio 2005.

A visita de Bezerra de Menezes

Exteriorizado no campo espiritual da nossa Fraternidade, observamos que os quadros espirituais são extraordinários. A espiritualidade traz recursos por misericórdia de Deus, a todos os necessitados. No campo espiritual da FEIG, o nosso irmão Glacus e a equipe espiritual proporcionam a todos nós que viemos à reunião, amparo e cura.

Fomos cumprimentados pelos veneráveis irmãos espirituais Calimério e Euzébio. O instrutor Euzébio entre suas atribuições, tem a tarefa de recepcionar espíritos em visita à FEIG, sendo que nessas oportunidades, também participam das atividades programadas para aquela noite. O nosso irmão Calimério nos disse: – Meu irmão, observe. E o nosso irmão Euzébio nos explicou: – Meu irmão, hoje será ligado um aparelho, pois o venerável Bezerra de Menezes, através do mesmo, irá falar aos corações de muitos espíritos infelizes.

Ouvimos, após essas observações, uma suave música e uma prece de um dos colaboradores espirituais. O nosso irmão Calimério nos falou: – Vamos modificar através de painéis o ambiente de todo o recinto. Foi nessa hora que as divisórias das salas situadas no plano espiritual da Fraternidade desapareceram, formando um salão enorme como um anfiteatro.

Vimos o salão ficar repleto de espíritos atormentados e necessitados, chegando mesmo alguns a se assentarem no chão, entre as cadeiras. Vimos que um número considerável de espíritos colaboradores da Casa no plano espiritual estavam também atentos. Percebemos suave claridade espiritual em todo o ambiente. Ao fundo e à nossa frente, foi se desenhando uma ampla tela. Todos nós nos aquietamos e os infelizes sentiram crescer dentro deles uma grande esperança. Surgiu na tela a fisionomia do grande missionário Adol-

pho Bezerra de Menezes. Constam em mensagens nos meios espirituais que o nosso venerável Bezerra já possui condições de viver em mundos mais evoluídos, mas pediu à Jesus para ficar no campo espiritual da Terra para, sendo mais útil aprender mais.

Passamos a ouvir a prece proferida com muito sentimento pelo nosso irmão.

"Jesus, nosso Senhor,
Aqui nos encontramos de corações unidos orando ao teu amor.
Auxilia, Mestre querido, a todos nós nesse recinto.
Lá fora, o tumulto e a luta necessária.
Aqui dentro, a fé e a esperança reinam em Teu nome.
Possamos receber aqui nesta Casa as bênçãos e a misericórdia de Deus.
Jesus nos abençoe".

Observamos logo após a prece que os espíritos, divididos em grupos conforme a necessidade espiritual, foram sendo conduzidos para um amplo recinto, onde salões espirituais se formavam, de acordo com as necessidades de cada grupo.

Nosso Glacus, no instante da prece do venerável amigo, estava na simbiose do receituário e pude ver lágrimas de emoção sublimada, resplandecentes, que escorriam em sua face.

Vimos pelo presente relato, como é extraordinário o trabalho da equipe espiritual da Fraternidade, que proporciona a todos aqueles que participam das reuniões, recursos espirituais que provêm da misericórdia de Deus a todos nós.

Evangelho e Ação, p. 3, abr. 2005.

Preparação espiritual para a reencarnação

Em exteriorização durante a tarefa do receituário mediúnico, na reunião pública de terça-feira, dia 26 de agosto de 2003, a um sinal do nosso instrutor espiritual Calimério, pudemos perceber que as salas seis e oito, situadas no plano espiritual da FEIG, se juntaram, formando um amplo salão.

Vimos um número considerável de espíritos que eram conduzidos ao salão pelo mentor Euzébio. O irmão Calimério passou a nos informar que muitos daqueles espíritos quando encarnados eram católicos, outro tanto evangélicos e, muitos outros, espíritas. Todos possuíam conquistas espirituais. Faziam apontamentos sobre as lições da noite. Muitos dos espíritos que ali estavam possuíam alguma ligação com os encarnados que assistiam à reunião.

O irmão Calimério nos disse: – Observe. Esses espíritos vieram para aprender e assimilar, porque quando reencarnarem, viverão a Doutrina Espírita.

O relato acima se refere à preparação espiritual necessária para a reencarnação dos espíritos.

Após a prece do irmão Bezerra de Menezes, que eu não via, mas sabia estar presente, o ambiente ficou com uma suavidade impressionante. Pudemos ver 70 espíritos mentores das equipes de visita da Fraternidade, já por mim conhecidos espiritualmente.

O mentor Calimério falou: – Já é tempo de passar para o papel o retrato falado desses nossos dedicados cooperadores.

Os espíritos orientam sobre a importância de se conhecer a fisionomia dos mentores espirituais para que os tarefeiros fixem a imagem

do espírito, auxiliando na vibração, nos momentos das visitas aos lares e hospitais.

Evangelho e Ação, p. 6, mar. 2005.

Reuniões de trabalho no campo espiritual

Na casa espírita ouvimos as palestras e os espíritos. Existem os médiuns que são utilizados pela espiritualidade de várias maneiras, no auxílio aos necessitados. Durante a tarefa do receituário mediúnico, em exteriorização, percebemos que, entre as salas seis e oito, situadas no plano espiritual da FEIG, de vez em quando, as divisórias desaparecem e se forma uma ampla sala, na qual se abre uma porta que dá acesso a um salão no andar superior. Nesse salão, ao redor de uma grande mesa, se reúnem alguns espíritos para discutirem assuntos relevantes sobre as tarefas diretivas da Fraternidade – da sede e da Fundação, e outros assuntos que temos dificuldade de alcançar e que oportunamente irão nos esclarecer.

Nessa quinta-feira estavam lá reunidos os espíritos de Rubens Romanelli, Ranieri, Newton de Barros, José Brasil, Charles Baudelaire, Fidélis Chamone Jorge, Pedro de Camargo. O salão estava nimbado de luz. O espírito Prof. Rubens Romanelli aproximou-se e nos falou: – Meu caro Ênio. Mais uma vez que prazer em revê-lo. A energia espiritual desse recinto será levada a todos os irmãos que vieram a essa reunião.

À um convite do irmão Calimério, adentramos à sala dez. O irmão Euzébio nos falou: – Observe. Pudemos ver que mais uma vez o recinto da sala dez se assemelhava a uma capela católica do interior. Lembramos então que, no período de Natal, numa quinta-feira, vimos que a sala aumentou de tamanho, se transformando numa capela, quando entraram os amigos espirituais trazendo levas de espíritos católicos que vieram orar, transmitindo esperança aos corações presentes. Nesta quinta-feira de 13 de janeiro de 2005, estivemos novamente no recinto da capela e percebemos a presença dos padres: vimos o Monsenhor Horta, o Padre Vítor, Padre Levi, Monsenhor Bicalho e outros. Pudemos observar que quem presidia

a reunião com os padres era o Padre Eustáquio. Todos esses espíritos de luz beijavam as mãos luminosas do Padre Eustáquio.

Estávamos ainda admirados pela cena, quando o nosso José Grosso nos esclareceu: – O nosso Padre Eustáquio hoje tem a sua personalidade luminosa em todo o Brasil. Durante a sua fala, dos lábios do irmão José Grosso saiam mais luzes.

Esses padres foram missionários na sua tarefa cristã e continuam no plano espiritual trabalhando em favor dos necessitados.

Evangelho e Ação, p. 7, fev. 2005.

30 anos da Fraternidade

No domingo me encontrava bem-disposto. Dirigi-me na hora aprazada, para a reunião que aconteceria às 16h, em comemoração aos 30 anos da FEIG.

Chegando na Fraternidade, imediatamente após descer do carro, cumprimentei alguns irmãos e fui vendo, logo que transpus o portão para adentrar no hall da FEIG, um volume considerável de espíritos. Espíritos da tarefa diretiva, espíritos cooperadores e muitos espíritos familiares dos encarnados presentes.

Fato curioso que tive a oportunidade de registrar é que nosso irmão José Grosso e nossa irmã Meimei ouviam solicitações de mãezinhas desencarnadas querendo saber notícias sobre como iam os filhos encarnados.

Duas, de nome Ruth e Izabel, pediam pelas filhas, para que ficassem e rogavam a Jesus que continuassem nas reuniões, na FEIG.

Outros espíritos que se movimentam pelo bairro foram trazidos até a FEIG para verem o que estava acontecendo, e curiosos adentraram à reunião. Alguns pediam para receber as rosas que estavam sendo entregues na entrada. Quando recebi a minha rosa, um espírito ao meu lado me pediu que a desse para ele. Cheguei a respondê-lo que perfeitamente, e uma senhora, encarnada, do meu lado não entendeu a minha resposta.

Subi para o salão que estava repleto de irmãos convidados – encarnados e desencarnados. Pude ver muitos familiares meus, alguns inclusive que há muito tempo não registrava a presença.

O salão estava repleto de encarnados e também desencarnados. O interessante é que estavam todos acomodados no mesmo espaço

onde estão as cadeiras do salão, mas se justapunham e era fácil distinguir os encarnados dos desencarnados.

Vimos nossa irmã Scheilla colocar sobre a mesa mais flores.

Como em um anfiteatro, registramos que vários espíritos convidados dos espíritos tarefeiros foram acomodados em galerias na parte de cima do salão, e vieram assistir o encontro dos "mortos com os vivos".

Junto à mesa a espiritualidade abraçou, um por um, os médiuns, como se a mesa de madeira não representasse nenhum obstáculo. Olhei e registrei o nosso irmão Glacus cumprimentando pessoalmente, um por um dos convidados e companheiros da primeira hora e demais componentes da corrente – pegou nas mãos de cada um e deu-lhes um beijo na testa. A irmã Scheilla fez o mesmo.

Logo que começaram os hinos, junto ao coral, estavam Cabete, Barbosa e Ranieri e lá permaneceram durante a reunião.

No encerramento da reunião, quando os presentes foram convidados a darem-se as mãos, todos os espíritos presentes – mentores e visitantes fizeram o mesmo.

Muitas flores espirituais coloriam o ambiente e foram distribuídas também aos espíritos desencarnados ali presentes. Estas flores são resultado da manipulação, pelos espíritos mentores, de energias dos encarnados presentes.

O campo espiritual estava festivo pela vibração produzida pela reunião.

Evangelho e Ação, p. 4, dez. 2006.

Pedra fundamental[70]

A Casa de Glacus está ampliando sua sede e fui informado que estava sendo programado um ato simbólico para registrar o início das obras. Recebi a intuição de que a solenidade deveria ser associada a uma reunião de Convívio Espiritual (Terceiro Domingo), que foi atendida prontamente pelo presidente da FEIG, sendo agendada para o dia 20 de agosto de 2006.

Naquele domingo, acordei pela manhã com a certeza de que havia estado, durante o sono, em reunião com equipe de espíritos que foram amigos e procuraram me ajudar frente aos assuntos que me preocupava, certamente. Senti um forte desejo de estar presente à solenidade de lançamento da pedra fundamental que simbolizaria o início das obras de ampliação da estrutura da sede da FEIG.

Quando cheguei lá, próximo às 15h, avistei que alguns dirigentes da Casa já estavam presentes. No centro do terreno, no qual será erguido o anexo da Fraternidade para proporcionar aos cooperadores, visitantes e atendidos mais comodidade, havia sido instalado um tablado e próximo dele registrei a presença de muitos espíritos. Grande contentamento irradiava de todas as fisionomias dos espíritos ali presentes.

Vi que a espiritualidade presente, através dos mentores de todos os departamentos da FEIG, já se posicionava mais ao fundo do terreno, além do tablado.

Convidado a estar no tablado com outros irmãos que se dispuseram ao compromisso de fisicamente erguer a obra, senti que a tarde, ainda que nublada, apresentava-se no campo espiritual mais clara que o normal para aquele horário.

70N.O.: Título original.

O nosso irmão Glacus, o nosso mentor, aproximou-se também do tablado. Uma sensação de tranquilidade tomou conta também de meu espírito.

A solenidade transcorreu com muita emoção. Quando chamado a me pronunciar sobre a trajetória da FEIG, percebi que o espírito Glacus orou aos céus. Estendeu seus braços, como se abraçasse a todos. Percebi o céu ainda mais claro.

Registramos a presença dos mentores espirituais da Casa, entre eles José Grosso, Palminha, Scheilla, Eric Wagner, Otto, Joseph, Fritz Schein, Hellen Mayer, entre outros.

Lembrei naquele instante de uma orientação do nosso irmão Glacus de que gostaria que a Casa fosse construída sóbria, porém confortável. E com grande contentamento vi os companheiros desejosos de que o anexo se estruturasse nestas condições.

Muitos companheiros encarnados chegaram e um considerável número de espíritos, que senti comprometidos com a tarefa do espírito Glacus e com aquele ato simbólico de lançamento da etapa das obras que, naquela tarde, era um outro marco que se efetivava na história da FEIG.

Registrei ainda a presença dos espíritos Prof. Rubens Romanelli, Fidélis Chamone Jorge, Pedro de Camargo, Raphael Ranieri, Cabete, Meimei.

Surpreendeu-me o número elevado de espíritos mentores das tarefas ali presentes e todos irradiavam a alegria que ia nos seus espíritos. Vi a singeleza dos espíritos que já cooperam na tarefa médica, na odontológica, na campanha do quilo, no SOS Preces, entre outros. Registrei também a presença dos espíritos ligados à tarefa da mediunidade de efeitos físicos e das equipes de desenvolvimento dos médiuns que a Casa vem preparando.

Foi lembrada a afirmação do espírito Eric Wagner na ocasião da decisão pela construção da sede da FEIG: – Vocês são um punhado de gente. Trabalhem e construam a sua sede. Fazendo-se um mentor determinante.

Vale lembrar que o espírito Eric Wagner tem desde o princípio, nessa ligação dele junto dos amigos espirituais que compõem a FEIG, demonstrado o vigor no incentivo da ampliação da estrutura para que a espiritualidade tenha maiores condições e recursos para operar a tarefa que os espíritos mentores, a equipe do Glacus, têm e precisam realizar.

Estávamos todos ali, vivenciando o início do processo de dilatação da estrutura da Casa de Glacus.

Fiquei muito emocionado. E registrei o Glacus falando pelo pensamento: – Ênio, meu amigo e irmão, precisamos de conciliação; precisamos de que cada um mostre o que já conquistou no sentimento da fraternidade, da paciência e da tolerância. E duas lágrimas correram pelo seu rosto.

Hinos, preces de agradecimento e toda a espiritualidade presente tornou aquele momento especial. Após o término, todos se dirigiram para o salão da FEIG no qual se realizaria o encontro do terceiro domingo daquele mês.

Evangelho e Ação, p. 4, nov. 2006.

Encontro com Acácia

Hoje, estivemos rapidamente na sala quatro, no campo espiritual da Fraternidade, aonde o meu espírito é levado pelo irmão Calimério ou indicado pelo irmão Euzébio. Lá, nós sempre vemos espíritos, alguns conhecidos, irmãos de tarefa no Brasil, que desempenharam suas tarefas com muito amor.

Nesta noite, nos encontramos com a nossa irmã Acácia. Lágrimas desceram de sua face. Eram lágrimas cristalinas. Pediu-nos que transmitíssemos ao esposo e filhos a alegria por estar no plano espiritual, amparada pelos dedicados mentores espirituais, com saudade ainda dos familiares e entes queridos.

A nossa irmã veio com a família do Rio de Janeiro, adentraram à FEIG onde ela se dedicou à tarefa com muito amor, como se fosse conhecida de todos há mais tempo. Cooperou na evangelização infantil e posteriormente foi dirigente do Centro de Educação Infantil José Grosso (antiga Creche). Desencarnou em setembro de 2004, num acidente automobilístico.

Naquela ocasião, quando chegamos no velório, vimos através da mediunidade de vidência, que o seu espírito já estava fora do corpo, orando e agradecendo à Deus pelo corpo que abrigou o seu espírito nas tarefas, no lar, na Fraternidade, com os filhos e com o esposo.

Hoje, mais uma vez, agradeceu com lágrimas nos olhos e mandou lembranças aos familiares.

A nossa irmã Acácia espiritualmente está muito bem.

Que, com nosso esforço na tarefa, possamos receber de perto, no amanhã, na espiritualidade, o carinho dos espíritos que cooperam na tarefa diretiva desta Casa.

Evangelho e Ação, p. 6, ago. 2006.

O retrato de Léo

Reportamo-nos a uma reunião de quinta-feira, do ano de 1989, por ocasião da primeira apresentação em benefício das obras assistenciais da FEIG, de pintura mediúnica, por meio da médium Marilusa Vasconcelos, realizada no Colégio Tiradentes, no bairro Santa Teresa, em Belo Horizonte.

Já na mesa para o receituário da noite, no momento em que, pela intuição, distribuímos a receita para os médiuns, fomos chamados a atenção para um fato. Vimos, junto à assistência, um jovem desencarnado aparentando 17 anos, entre duas senhoras encarnadas, uma jovem e outra mais idosa. O rapaz, naquele momento, disse-nos: – Eu sou o Léo. Minha mãezinha e minha avó.

Terminada a reunião, após darmos atenção a algumas pessoas, caminhamos no salão de reunião para a saída. Revimos as duas senhoras. Pedimos licença às mesmas e expusemos-lhes: – Olha, o Leo está bem. Estava junto de vocês. A senhora mais idosa disse-nos: É meu neto, é filhinho da minha filha aqui presente.

Na quinta-feira da semana seguinte, as nossas irmãs se encontravam presentes e tivemos a oportunidade de dizer-lhes: – Olha, virá de São Paulo a médium Marilusa, no próximo sábado. Ela estará fazendo a apresentação das pinturas mediúnicas. Não deixem de comparecer.

Na noite da apresentação, antes de adentrarmos o auditório do Colégio Tiradentes, defrontamo-nos com as duas senhoras no hall de entrada. Uma delas foi nos dizendo:

– Léo está aqui? Respondemos: – Temos certeza.

Fato interessante: durante o evento, a filha da médium, que auxiliava no transcorrer dos trabalhos, disse para o público: – Tem um

quadro aqui no qual o Espírito Renoir teve dificuldade de pintar os olhos do moço, ele estava chorando. E então, o Espírito Leonardo da Vinci orientou: – Passe o azul nos olhos e jogue o verde por cima. É o Espírito Danilo que oferece à sua irmã presente – Sandra Freitas.

Logo após, a moça novamente colocou que o espírito Renoir oferecia um retrato de um Espírito feminino para a Patrícia Wendling, que se encontrava ausente na ocasião. O espírito focalizou que o rosto retratado tinha ligações com a Inconfidência Mineira.

Ao término da sessão de pintura mediúnica, na qual os espíritos dos artistas presentes, por meio da médium, realizaram vários trabalhos, cada um registrando o seu estilo em quadros a óleo, giz, gravuras desenhadas, etc. – houve um leilão das obras de arte, em benefício da Fundação Espírita Irmão Glacus.

Antes de sairmos do recinto, a senhora, avó de Léo, nos disse: – É Sr. Ênio, não teve pintura com o meu Léo. Nós simplesmente afirmamos: – Mas ele está presente.

Na reunião pública de terça-feira seguinte ao evento, na FEIG, a mãe do Léo, nos procurou: – Sr. Ênio, o senhor pode me dar atenção? Ontem, na segunda-feira, eu recebi um telefonema. E essa pessoa deseja fazer-me uma visita e me oferecer um presente. Essa pessoa é a atual companheira do meu ex-marido e criou o Léo dos dez anos até o seu falecimento, aos 17 anos. O casal estava presente no evento da médium Marilusa e arrematou vários quadros. Diante do fato exposto, falamos – Minha irmã, receba a visita. Quem sabe é sobre o Léo?

Surpresa agradável para nós: dois dias após, na reunião de quinta-feira, observamos a avó de Léo presente, a mãe do Léo e uma senhora ao lado. Vimos também um senhor moreno com um objeto

grande ao lado. Terminada a reunião, a nossa irmã, mãe do Léo, nos apresentou a outra senhora relativamente jovem. Disse-nos – Sr. Ênio, esta nossa irmã, esteve lá em casa ontem e me presenteou com este quadro. E foi dizendo: – Olhe que maravilha! É o Léo.

O motorista da família segurava o quadro. Pudemos ver: a frente, uma residência na qual se destacava uma janela. Observamos a grade da janela, a janela em si, os vidros claros e amplos, a cortina tênue por dentro e o rosto do Léo, logo após, no meio da sala. Era o mesmo rosto do rapaz que vimos durante a visão mediúnica, no momento de separação das receitas do receituário mediúnico, naquela reunião de quinta-feira. E então falamos: – A senhora é a mãezinha dele, mas em uma parte da vida do Léo esta senhora também o criou. O Léo veio para reunir vocês pelo sentimento. E todas as duas falaram ao mesmo tempo: "Nós hoje somos espíritas".

Esclarecemos que o falecimento do Léo, ainda jovem, estava dentro de um processo de reajuste.

Com esse relato, podemos observar que toda reunião espírita e mediúnica bem orientada, em todos os seus aspectos, nos revela sempre a imortalidade da alma, nos esclarecendo e confortando o coração.

Relato feito pelo médium Ênio Wendling na reunião pública de quinta-feira do dia sete de agosto de 1997, por ocasião do retorno da médium Marilusa Vasconcelos à Belo Horizonte, doando seus trabalhos psicográficos em prol das obras assistenciais da FEIG. A médium paulista se dedica também a psicografia, tendo vários livros espíritas impressos.

Evangelho e Ação, p. 5, jul. 2006.

O acolhimento no plano espiritual

Mediunidade é receber espíritos. Eu sinto que é muito bom e muito importante este intercâmbio. Os médiuns e todos os seres humanos merecem muito carinho, e o médium que recebe apoio e carinho deve, na existência, perseverar na tarefa da mediunidade, em núcleo espírita bem orientado. O médium deve buscar estudar, treinar o amor fraternal e ler as obras espíritas cada vez mais.

Nesta noite de 31 de janeiro de 2006, terça-feira, quando me encontrava separando o receituário para a psicografia da noite, vi pela vidência natural um espírito muito conhecido, nosso irmão João Cabete[71]. Nós conhecemos e convivemos com ele, uma criatura extraordinária! Enquanto nossa irmã Glauria tocava o hino "Fim dos tempos", Cabete se apresentou e afagou-a fraternalmente. Olhou para mim e disse: – Ênio, eu sinto uma grande alegria em vibrar para as criaturas e sentir minha musicalidade.

Começando o receituário, já exteriorizado, fui, por instruções do nosso irmão Calimério, encaminhado para a sala quatro do campo espiritual da FEIG que pouco a pouco se dilatou, ficando maior. É nessa sala que os espíritos mentores de equipes e departamentos se encontram deliberando sobre as tarefas da noite. Já encontrava-me no interior dessa sala, quando a nossa irmã Scheilla adentrou, pedindo licença ao nosso irmão Calimério. Também chegara os espíritos mentores Carlos, Fidélis, Otto Franz, todos comprometidos com o receituário e se encontravam com o espírito de Eugênio Monteiro que lá já estava.

Calimério pôs a mão na minha cabeça e eu vi nosso irmão Glacus psicografando o receituário e dando instruções aos espíritos em favor de todos nós. Logo em seguida, vi uma outra sala que surgiu

71 Autor de vários hinos espíritas, inclusive "Fim dos tempos".

– emergencial, porque a chuva que caía lá fora fez com que espíritos viessem correndo para dentro, para se protegerem dela. Fiquei surpreso e os espíritos mentores demonstraram oportunamente o desejo de esclarecer quanto a este acolhimento. Notei que aqueles espíritos estavam ainda muito ligados à matéria e vendo a mudança do tempo buscaram abrigo.

Nesta mesma noite vi chegar na sala quatro e integrar-se ao grupo de espíritos mentores, o irmão Alberto Mizrahy, bondade em pessoa, hoje integrado aos trabalhos no campo espiritual da Fraternidade.

Todos esses espíritos são mentores que reúnem no seio da Fraternidade para nos darem conforto, fraternidade e amparo e também para os nossos familiares.

Recebemos imensa assistência espiritual, quando adentramos esta Casa, já nos sentimos integrados à espiritualidade. A prece de vocês em favor dos médiuns certamente nos fortalecerá.

Evangelho e Ação, p. 6, jun. 2006.

Ministério do Conhecimento

Todas as noites de terça e quinta-feira, o nosso espírito se exterioriza na hora da simbiose com o irmão Glacus, no receituário amigo. Nessas oportunidades nos relacionamos mais com os amigos espirituais em salas, no plano espiritual da FEIG, sob a supervisão de dois espíritos extraordinários que nos acompanham desde os primórdios do receituário no Centro Espírita Oriente.

Naquela época, saía do receituário e voltava amparado pelas mãos firmes e seguras desses dois espíritos. Um deles segurava com sua mão direita, meu braço esquerdo. O outro segurava meu braço direito. Volitando, vi as luzes da cidade, via o bonde e sentia enorme bem-estar na companhia desses dois amigos espirituais.

Doze anos após o início do receituário, certa noite me vi saindo do corpo e notei que estava no meio da mesa – fiquei surpreso. Olhando para a direita, vi um espírito que me estendeu os braços dizendo: – Venha querido amigo, eu sou o Calimério. Nos abraçamos. Senti imensa simpatia por aquele espírito. Vi também outro espírito que o irmão Calimério nos apresentou dizendo: – Este é o nosso irmão Euzébio. Percebi então que esses dois espíritos eram os mesmos que me acompanhavam nas exteriorizações.

Na reunião do dia 14 de março de 2006, terça-feira, o irmão Calimério nos convidou para ir à sala oito, no plano espiritual da FEIG. Raramente vou a esta sala que irradia suave claridade advinda dos espíritos em suas tarefas de socorro no atendimento a espíritos afins. Foi quando o espírito da irmã Rita[72] abriu a porta dessa sala, minha surpresa foi agradável.

---

72 A irmã Rita tem a tarefa de nos assistir durante a exteriorização, permitindo acesso às salas específicas, de acordo com as instruções do nosso irmão Calimério. É um espírito que tem a tarefa de recepcionar os visitantes às dependências espirituais da Fraternidade. Apresenta-se com aproximadamente 19 anos, morena. Quando em prece permanece nimbada de luz.

Vi um irmão que desencarnou a pouco tempo e que fazia palestras nas casas espíritas e também na FEIG. Este irmão era o Henrique Rodrigues que estava acompanhado pelo seu amigo (também desencarnado) Newton Boechat que foi amigo incansável, grande estudioso da Doutrina Espírita. Palestrante eminente, tinha o dom de falar com simplicidade. Suas palavras cabiam para cada um de nós.

Sentimos que o irmão Henrique Rodrigues está bem. Ele foi orador, palestrante, algumas vezes contestado, mas falava com o coração. Grande amigo de todos nós. O irmão Newton nos falou com emoção que o plano espiritual é uma beleza, extravasando a alegria contida em seu coração. Agradeceu a Deus pela oportunidade de conhecer a Doutrina Espírita e vivenciá-la. O irmão Newton Boechat nos disse ainda que ele, o irmão Rubens Romanelli e o irmão Fidélis Chamone Jorge estavam estudando no Ministério do Conhecimento. Ele quis dizer que, no plano espiritual, existem Ministérios onde os espíritos vão estudar mais, aprender mais para que, ao reencarnarem, possam trazer mais subsídios para o Cristianismo. Deram-se as mãos e o irmão Newton fez uma prece. O irmão Henrique Rodrigues mandou abraços para todos nós.

Evangelho e Ação,p. 5, mar. 2006.

Menino João

Na quinta-feira, dia 18 de outubro de 2007, o orador da noite fazia a sua palestra. Exteriorizado durante a tarefa do receituário mediúnico, percebemos que, tanto no plano espiritual que nos encontrávamos, como na assistência da reunião, se fazia um respeitoso silêncio. Percebemos ainda a movimentação e as atividades dos espíritos colaboradores da noite em favor de todos. Vimos a nossa irmã Rita, que é assistente espiritual junto aos instrutores da Fraternidade, recebendo os colaboradores espirituais em várias tarefas. As vibrações ficaram suaves e substâncias do plano espiritual eram encaminhadas para os setores previamente determinados. Pude ver, com muita alegria, a nossa irmã Rita, naquele instante, se encaminhando ao recinto da reunião com a tarefa missionária da fluidificação das águas, juntamente com mais dois espíritos femininos. Antes de vê-la nimbada de luz, notamos que seu períspirito metamorfoseou-se na enfermeira alemã Érika, que foi convocada para servir na França junto aos feridos, durante a Primeira Guerra Mundial. A nossa irmã abriu os braços e fez uma prece. Neste instante, intensa luminosidade irradiou-se dela, e de onde me encontrava, ainda pude ver que toda aquela bela irradiação caía como chuva cristalina que penetrava em todos os recipientes fechados ou não, com água a ser fluidificada, na estante própria, junto à mesa dos trabalhos da noite.

No momento seguinte, o períspirito da nossa irmã, em mais uma transformação de bondade e luz, se mostrava como irmã Rosália, uma matrona da raça negra, mostrando a sua afeição aos irmãos que viviam na época na região da África, na República dos Camarões (Cameron), onde ela teve a oportunidade de conviver com o nosso irmão, o médico Dr. Schuatzer, ainda na Primeira Guerra Mundial.

Na quinta-feira anterior, dia 11 de outubro de 2007, estava exteriorizado e nosso irmão Calimério nos disse: – Irmão Ênio, tenha a

bondade de dirigir-se à sala seis no campo espiritual. A nossa irmã Rita entrou sorridente e vi um menino de 12 para 13 anos. Nosso irmão Calimério nos informou que nosso irmãozinho João já se encontra reencarnado e após voltar da escola, muito cansado, foi dormir. "Nós o trouxemos à essa reunião por causa da Deuzinha, do Maranhão".

O menino me abraçou e disse: – Eu estou num lar diferente, mas eles são joia. Está reencarnado em Belo Horizonte, numa família espírita.

Anos antes, na fazenda da D. Orlandina, no Maranhão, a Patrícia, sua filha, nossa irmã Neiry e suas duas filhas, na ocasião ainda crianças, fomos a pé para a casa do Seu João, vizinho, num percurso longo. Chegamos e o Seu João cantou umas cantigas religiosas e ficamos na rede. Nessa oportunidade, o espírito de seu filho de 12 para 13 anos entrou, parou na porta, olhou para mim e percebeu que eu o tinha visto. Ele falou: – O senhor está me vendo? Fala para mamãe que estou aqui. E correu até a cozinha, abraçou a mãe e segurou no seu vestido. A mãe começou a chorar e o espírito do menino também. Mostrou para mim a perna onde o bicho bravo mordeu.

E na quinta-feira passada, dia 11 de outubro de 2007, o irmão Calimério falou: O nosso irmãozinho João, com aquela mordida da cobra reajustou com a lei porque, como médico em reencarnação em país da Europa, fazia experimentos científicos com alguns prisioneiros de guerra. Nessa oportunidade está na família espírita já com belas condições de reajustamento para ser um médico dos pobres e do Evangelho.

O irmão Calimério nos fez essa narrativa porque o menino, mesmo falecido daquela forma, já tinha alguma conquista no campo da ciência. De fato, será um médico da ciência, da caridade.

A Doutrina Espírita nos mostra que não há efeito sem causa. Nós, que estamos na oportunidade da reencarnação, frente às lições do evangelho e relatos trazidos da espiritualidade, que nos convida a melhorar, precisamos buscar valorizar a existência com responsabilidade e ter no coração a educação da bondade, da fraternidade, e, se possível, do amor.

Evangelho e Ação, p. 4, dez. 2007.

Encontro com os amigos

A reunião de terceiro domingo de Convívio Espiritual foi realizada no dia 15 de julho de 2007, na Fundação Espírita Irmão Glacus, na qual a espiritualidade se manifesta através de vários médiuns, trazendo mensagens de bom ânimo e propiciando às pessoas a oportunidade de conhecerem a Fundação com sua estrutura de tarefas.

Convidado a fazer um relato espiritual da reunião, através da vidência espiritual, pude perceber o número significativo de instrutores espirituais e espíritos missionários que, juntamente com o irmão Glacus, realizam na Sede, como também na Fundação, o aproveitamento de todos. Espíritos que, com muito carinho, estão a zelar pela Fraternidade. Nessas reuniões, a espiritualidade também tem se comunicado através de outros médiuns em desenvolvimento. Abençoada Casa de Glacus. Fui muito feliz quando, ainda jovem, na minha residência, de madrugada, a copa clareou e vi adentrando no quarto o espírito do irmão Glacus, que me falou: – Eu sou o Glacus Flamínius. Essa oportunidade de tê-lo visto me incentivou a continuar nas reuniões já programadas para o nosso desenvolvimento.

Na reunião que se processou naquele terceiro domingo, vi um espírito que vai reencarnar. Chegou com simplicidade. Lembrei-me de uma quinta-feira, há 42 anos atrás, separando o receituário mediúnico para os médiuns, em reunião pública no Centro Espírita Oriente. Fazia muito frio, quando entrou um nosso irmão vestido com camisa de meia e sandálias Havaianas e se assentou na última fileira. Nesse instante, nosso irmão Glacus deu uma pequena pausa na seleção das receitas e me disse: – Irmão Ênio, observe. Aquele irmão que acaba de entrar é nosso irmão Fabiano. Cuidem bem dele. Ele foi autoridade do Senado Romano e nosso conhecido. Está reencarnado para amparar os seis filhos que tem e não pos-

sui recursos financeiros. Veio para ensinar aos filhos a humildade e a simplicidade. Todos participavam do Senado Romano na época. Após o término da reunião de quinta-feira, me apressei a procurar o irmão Fabiano e falei: – Bibiano, não vá embora. Vamos leva-lo em casa. Recordo ainda que o nosso irmão Machado me abordou fraternalmente com um pequeno embrulho que era um presente que uma jovem estrangeira de mais ou menos 20 anos, de origem húngura, estava nos entregando. Continha um pulôver branco de lã grossa e outras peças de roupa. Logo em seguida, chamei o irmão Bibiano e percebendo que estava com as roupas úmidas devido ao tempo frio, passei então as roupas para ele. E nós, do Centro Espírita Oriente e Grupo Scheilla demos toda a assistência fraternal ao nosso irmão.

Continuando o nosso relato de vidência espiritual que se apresentou durante a reunião de terceiro domingo, vimos o nosso irmão Jacques Aboab, mentor de reunião de desenvolvimento mediúnico e de equipe de visitas da FEIG. Pudemos observar a sua luminosidade, apesar da claridade naquela tarde, pois estava vibrando intensamente. Ele me falou: – Me abraça aqui, meu irmão.

Vi também o irmão Venâncio, que me ajudou quando eu era pequeno e estava com infecção grave. Ele, na época, falou para minha mãe: – Esse filho da senhora não vai morrer porque tem uma obrigação diferente. Eu com minhas ervas, ele com os mortos.

Vi também o irmão Políbio que mandou um abraço para os dois familiares presentes (cunhada e sobrinho) e para sua esposa Braulina.

A nossa irmã Andréia Wendling, tarefeira dedicada na Fraternidade, desencarnada há pouco tempo, com saudades, também me falou: – Tio Ênio, aqui é bem diferente. Estou me acostumando.

Desde os primeiros instantes que me dispus ao desenvolvimento mediúnico, na casa do irmão Jair Soares, temos convivido com espí-

ritos de origem germânica. Espíritos que continuam nos ajudando, hoje na Casa de Glacus, tais como Joseph Gleber, Scheilla, Hellen Mayer, Fritz Schein, bem assim como o nosso José Grosso e o nosso Palminha e um número significativo de outros espíritos que nos amparam em nome do Cristo e à nossa Fraternidade.

Evangelho e Ação, p. 3, set. 2007.

Reencontros para a tarefa

Na reunião pública de quinta-feira, dia três de maio de 2007, me vi exteriorizado. Logo junto a mim pude ver os nossos irmãos espirituais Calimério e Euzébio. O irmão Euzébio tem a tarefa precípua de me aguardar exteriorizado, não deixando acontecer imprevisto algum e ainda de ir me orientando no plano espiritual. E cada vez que me encontro nessa situação, observo mais e aprendo ainda. E o nosso irmão Euzébio, sempre citado, não só tem me acompanhado, quanto sinto que ele tem a tarefa também de receber os espíritos superiores que visitam o campo espiritual da nossa Fraternidade.

Percebi que o nosso irmão Calimério passava instruções para a nossa irmã Rita, que, de imediato, abriu a porta da sala sete. Já dentro da sala, vi três espíritos nossos conhecidos. Eles me viram, sabiam que eu estava lá em espírito e não me cumprimentaram para evitar qualquer interferência. A um sinal do irmão Calimério, o irmão Simão Bittar, que quando encarnado foi colaborador do Grupo da Fraternidade Joseph Gleber, de São João da Boa Vista, São Paulo, dirigiu-me a palavra: – Ênio, eu estou beneficiado, estou feliz, porque fui indicado para mentor da equipe número 78 de visitas aos lares e hospitais. Em seguida, pude ver ainda outro irmão dedicado à tarefa, companheiro nosso desde os primeiros instantes da constituição de nossa Fraternidade, Lucas Nunes, que também disse: – Fui designado como mentor da equipe 79 de visita aos lares. Recordei-me da cooperação do nosso irmão em várias tarefas assistenciais desenvolvidas na Fraternidade, inclusive a de visita aos lares. O terceiro espírito, o irmão Hélcio Wendling, que tinha a mediunidade de vidência e intuição apuradas e atuou na psicografia na tarefa do receituário por longo tempo no Centro Espírita Oriente e Grupo Scheilla e, em seguida, fixou-se nas tarefas mediúnicas na FEIG, por mais de 20 anos, disse-me que está como mentor na equipe número 80 de visitas aos lares. Fiquei emocionado e me di-

rigi aos três irmãos amigos: – Valeu a pena! Eles responderam em uníssono: – E como...

Em seguida, nosso irmão Calimério solicitou-me que me dirigisse à sala oito. Pude ver o nosso irmão Josué Irf. Admirei-me, pois ele desencarnara há pouco tempo. Dedicado nas tarefas do SOS Preces e Visitas aos Lares e Hospitais. Vi também o irmão Djalma Alvarenga, que foi um extraordinário colaborador no Centro Espírita Oriente, nas tarefas como visitas aos lares e hospitais, na farmácia, e várias outras atividades, sendo que em sua enfermidade demorada deu grande testemunho de confiança na espiritualidade e em todas as suas tarefas. Quando nosso irmão desencarnou, no momento do sepultamento, vi o seu espírito ao lado, acompanhando as últimas homenagens com preces, hinos e flores. Ele então se dirigiu a mim: – Eu não mereço tanta bondade. Luzes saíram das suas mãos e do seu tórax. Lágrimas caíram dos seus olhos e o irmão Joseph e a irmã Scheilla o envolveram e o levaram para o plano espiritual.

Após esse reencontro com o nosso irmão Djalma, fui para a sala seis, onde estavam alguns colaboradores da casa já desencarnados. Vi o nosso irmão José Maria Reis que disse: – Os espíritos fizeram tanto por mim! Desencarnei na época certa, meu irmão Ênio." O espírito do Afonso Cangussú falou para o irmão Calimério: – Me dê a oportunidade de fazer um poema. O irmão Calimério respondeu: – Aguardemos. O irmão Gildásio está satisfeito com familiares que estão frequentando a Fraternidade.

Reencontros como esses reafirmam que a dedicação na tarefa nos proporciona essas belezas espirituais.

Evangelho e Ação, p. 3, agosto de 2007

Irmãos colaboradores nas tarefas

Durante a tarefa do receituário mediúnico, exteriorizado, tenho visto um espírito feminino que identifiquei como Liduína, neta da irmã Maria Rothéia, mentora de reunião de educação mediúnica e de reunião de tratamento espiritual. Há poucos dias, exteriorizado, a vi. Ela parou, olhou-me, e vi que os seus olhos brilharam, ela sorriu. A Liduína está tão bonita! E os olhos claros. Fiquei feliz.

Hoje a vi junto à nossa irmã Maria Rothéia e sua filha Angelina. Em determinado momento, aproximou-se dela o espírito do irmão Sebastião Lasnout. Espírita operoso, deficiente visual, gostava de cantar hinos e compunha versões espiritualizadas para as músicas da época. Liduína, que também era deficiente visual quando encarnada, está operosa no plano espiritual da Fraternidade, nas tarefas junto à sua avó.

Ainda na reunião, já desperto, pude ver pela vidência, com muita alegria, outros espíritos que cumprimentavam o orador da noite, o nosso irmão Passini, de Juiz de Fora. Nosso irmão Mescoli abraçava o palestrante. Identifiquei o espírito da irmã Nair, médium de Juiz de Fora. Percebi que continua na tarefa da mediunidade no plano espiritual. E o nosso irmão Garcia, que ao lado dela, estava feliz. É mentor espiritual de tarefa no campo espiritual de Juiz de Fora.

Da boca do irmão Mescoli saíam luzes espirituais. O irmão Garcia era todo uma luminosidade, trajava terno cinza e gravata.

Nesta noite registramos ainda a presença da nossa irmã Cleomar que mandava um abraço e um beijo para o irmão Milton, nesta data em que comemoram o aniversário de seu casamento. Amparada pela irmã Scheilla e Meimei, a nossa irmã Cleomar segurava um bouquê de flores.

Que a FEIG continue granjeando mais irmãos para nos fortalecer na tarefa e oradores para que ouvindo possamos guardar algo.

Reunião pública de quinta-feira, 27 de maio de 2004.

Evangelho e Ação, p. 5, abr. 2007.

O desencarne do irmão Toninho

Logo após o início do receituário, já exteriorizado, o irmão Calimério convidou-nos a visitar as áreas de algumas atividades espirituais no campo espiritual da FEIG.

Na cabine de passes pudemos observar os indicados para receber o passe, bem como instrutores espirituais nessa tarefa salutar.

Admiramos quando, bem junto a mim, pudemos ver o nosso irmão Rubens Maia. Rubens Maia foi um dedicado cooperador nas tarefas do Centro Espírita Oriente. Surpresa agradável. O nosso irmão encontrava-se na tarefa do passe restaurador em favor dos irmãos enfermos e ainda alguns espíritos menos felizes que atuavam perturbando alguns daqueles enfermos e que naquele momento recebiam também o tratamento.

Na mesma cabine de passes, vi, com surpresa o nosso irmão Ranieri e ainda o nosso irmão Afonso Bittar, dedicados cooperadores da tarefa espírita. O irmão Ranieri, com a aquiescência do irmão Calimério, dirigiu-me as seguintes palavras: – Ênio, o Toninho, filho da Mercedes, de Águas da Prata, está presente sob os nossos cuidados. Deve reencarnar numa grande cidade. Ele veio se fortalecer e já está sonolento.

O Ranieri disse assim: – Eu e o Afonso viemos trazê-lo. Vi que das mãos e do tórax do Afonso saíam luzes ao dar passe no Toninho. A irmã Scheilla também estava presente.

Naquele momento passei a recordar algo muito interessante que acontecera com relação ao Toninho. Pela manhã, horário do almoço, mais ou menos 11h30min., me dirigia à minha casa de ônibus para almoçar. Minutos antes de passar pelo Centro Espírita Oriente, eu fiquei sonolento. O ônibus parou no ponto em frente ao Centro Oriente. Acordei. Olhei pela janela do ônibus e a porta grande de

madeira do Centro Oriente se abriu. Vi como nuvens mais sólidas, como se fosse algo descendo como uma grande ave e pousou nos degraus do Centro Oriente. A porta aberta. O irmão José Grosso e o irmão Palminha de um lado, a irmã Scheilla e o irmão Joseph à direita. Antes do ônibus partir abriram uma maca de lona e a água escorria de um lado e de outro e eu pude ver o espírito do irmão Toninho lá dentro. Vi também a cena de um carro que saía da estrada e caía num rio que atravessa a cidade de Águas da Prata. Fiquei preocupado. Chegando em casa relatei à minha senhora. Continuei preocupado. Almocei depressa. Passei na casa da minha mãe em frente e telefonei para o Sr. Jair Soares contando a minha visão espiritual e ele me falou que não tinha recebido recado nenhum de São João da Boa Vista.

Já no trabalho mais ou menos 13h30min. O nosso irmão Jair me telefonou dizendo que o irmão Barbosa telefonara para ele avisando que havia acontecido um acidente de carro em Águas da Prata com o nosso irmão Toninho, filho da irmã Mercedes, que foi uma heroína como mãe e como médium.

O desencarne do irmão Toninho aconteceu faz mais de três décadas e naquela noite de 2003, ele estava se preparando para reencarnar e vai desempenhar a tarefa da mediunidade.

Na casa espírita bem orientada, onde as tarefas são conduzidas com carinho, amor e muita fraternidade, que desempenha a tarefa do esclarecimento, valorizando a todas as orientações dos amigos espirituais que conduzem a casa, através dos médiuns, pode receber relatos de vidências espirituais que nos ensinam e orientam, frente à nossas responsabilidades e compromissos na tarefa da mediunidade amor e da cooperação, da fraternidade legítima.

Reunião pública do dia 29 de abril de 2003.

Evangelho e Ação, p. 3, mar. 2007.

Encontro com Anôr

Hoje, exteriorizado no momento do receituário, encontramos com o nosso irmão Calimério, que nos falou: – Na sala seis, se encontra um velho amigo que foi grande colaborador do Grupo Irmão Joseph Gleber, de São João da Boa Vista, São Paulo, nosso irmão Anôr.

O irmão espiritual Joseph Gleber, nas reuniões do nosso irmão Jair Soares, no bairro de Santa Tereza, em Belo Horizonte, se materializava juntamente com a irmã Scheilla. Foram momentos extraordinários em que os médiuns proporcionavam, pela sua cooperação, a presença desse espírito citado e outros cooperadores espirituais no Grupo Scheilla e na FEIG.

Nosso irmão espiritual Calimério solicitou que entrássemos na sala seis. Deparamos com a nossa irmã Scheilla e nosso irmão Joseph.

Nosso irmão Joseph, falando com um sotaque carregado, pois era alemão, nos mostrou nosso irmão Anôr de Souza.

Anôr nos cumprimentou, nos abraçou e falou: – Já sei que não posso abraçá-lo com aconchego no meu peito[73]. Ênio, meu amigo, vou lhe falar: tive muita dificuldade para desencarnar. Mas, logo após, reencontrei-me aqui com nosso Joseph, com nossa Scheilla, com nosso José Grosso, com nosso Palminha e Eric Wagner. Temos, na Doutrina Espírita, pelas leituras edificantes, a possibilidade de sentir que nosso desencarne pode ser amenizado na hora da nossa despedida, ao término da nossa tarefa, nessa presente existência.

Percebi que Anôr trazia no tórax luz, que me alegrou.

---

73 Quando o espírito de Anôr não pôde me abraçar mais apertado, foi porque me encontrava reencarnado, em processo de exteriorização.

Neste momento, vieram se aproximando do canto da sala seis, Afonso e Simão Bittar, que também foram colaboradores do Grupo Irmão Joseph Gleber de São João. O nosso irmão Simão falou: – Ênio, meu irmão, continue na sua peleja, na tarefa. Que beleza é para aquele que desempenha um minuto de bondade na Terra. Tirou o lenço e enxugou as lágrimas.

A nossa irmã Scheilla fez uma prece a Jesus. A sala seis ficou hoje suavemente clara. Meu espírito exteriorizado estava feliz. Esta realidade que a gente vê é oportunidade dos céus em nosso favor. Continuemos a ler as obras espíritas. Saibam e sintam que um volume de espíritos, desde 1946, está conosco ajudando a todos nós que viemos aqui. Sacrifício abençoado. Que os espíritos desta Casa possam nos fortalecer. Que os espíritos familiares de todos os presentes sejam amparados pela bondade de Deus.

Evangelho e Ação, p. 5, fev. 2007.

Abençoada oportunidade

Espero um dia poder passar com bastante nitidez o encontro, do meu espírito exteriorizado, com amigos cooperadores do campo espiritual da nossa Fraternidade.

Quando exteriorizado na reunião pública do dia 17 de abril de 2006, o dedicado irmão Calimério cumprimentou-me como sempre, com muita alegria, na sala número cinco, do plano espiritual da Fraternidade. Esta sala é da administração – dos diretores espirituais das reuniões públicas – onde fazem avaliações e apontamentos. Todos são operosos.

Pude ver, nessa sala, a irmã Rita que, muitas vezes, me conduz nas dependências do plano espiritual da Casa, de acordo com as orientações do Calimério.

Nosso irmão Calimério levantou-se da cadeira e disse para mim: – Vamos visitar o pavilhão no terceiro andar da nossa Casa. Ele estava alegre, feliz.

Ainda na sala cinco, vi um espírito de uma senhora jovem, nossa irmã Otaísa, que me deu um abraço. Esta nossa irmã foi esposa do professor Rubens Romanelli, mentor do colégio (que tem o nome do seu mentor) na Fundação Espírita Irmão Glacus. Romanelli foi professor de filosofia e de diversos idiomas, inclusive de línguas hoje consideradas mortas. Era uma pessoa simples.

A um sinal da irmã Rita, subimos para o terceiro andar. O salão era pura luz. Pude ver um número elevado de instrutores espirituais que naquele momento, às 21h, estavam reunidos. Frente àquela cena tive vontade de cair de joelhos. Vi irmãos nossos que nesta existência foram operosos e estavam ali reunidos, cheios de luminosidade. Senti o quanto é bom nós nos melhorarmos através dos ensinamentos do Evangelho.

Nesse pavilhão (no terceiro andar), estavam os espíritos que coordenam todas as tarefas da noite. E nosso irmão Calimério fez o seguinte apontamento: – Irmão Ênio, nenhum dos irmãos que adentram esta Casa, vindos com seus familiares, fica sem atenção. O nosso irmão Glacus está sintonizado com esses espíritos operosos.

Experiências como esta confirmam que nenhum de nós deixa de receber quando adentra nesta Casa. Saibam que todos temos o amparo da espiritualidade amiga.

Se puder continuar, continuarei com esses sublimados espíritos. Abençoada oportunidade de estar nesta Casa hoje.

Evangelho e Ação, p. 4, jan. 2007.

O socorro a espíritos durante o Culto no Lar

Mais uma vez, nos encontrávamos reunidos para a realização do culto cristão no lar, nas noites de sexta-feira, quando, através da vidência, se desdobraram aos meus olhos cenas marcantes, o que deve ocorrer em todos os cultos nos lares, bem orientados.

Quase ao término do culto, a dirigente nos convidou a falar algo que eu tivesse observado pela vidência; sei que o guia espiritual desse culto se chama Ubirajara, e que a mais ou menos seis anos se apresenta também o espírito de Sadu Ramar, que fica sempre em meditação. Já pude observar que os espíritos que lá aportam, desencarnados prematuramente, são selecionados em compartimentos da residência, e estou informado de que à meia noite são encaminhados para colônias de recuperação por espíritos colaboradores. Sinto que a maioria desses espíritos é socorrida devido a familiares com grande mérito, que, na espiritualidade ou encarnados, oram intensamente em favor dessas criaturas familiares. No culto, quando em vez, nos visitam espíritos nossos conhecidos, que cooperam na Doutrina Espírita e na solidariedade fraternal.

No último culto, realizado no dia 22 de agosto de 2008, tive a grata satisfação de ver um espírito já conhecido, e sobre o qual já fizemos relatos. Quando cooperávamos no Centro Espírita Oriente, o vimos adentrar o salão. Eu selecionava as receitas para o receituário mediúnico, quando, pela vidência espiritual, pude ver esse espírito que se aproximou da mesa e disse: – Eu me chamo Paulo. Preciso de ajuda. Abriu a camisa e mostrou seu abdômen. Ele dizia: – O sangue não para de sair. Consegui chegar a essa casa. Muitas vezes me vejo no chamado matadouro de animais, atraído pelos fluídos que pairam naquela região. Nosso irmão foi amparado pelo espírito

do nosso irmão José Grosso, que nos informou que a sua mãezinha, com a notícia do seu desencarne, sofreu um infarto, desencarnou e foi amparada pela espiritualidade superior pelos seus méritos. Já no plano espiritual passou a interceder pelo espírito do filho e pôde acolhê-lo no Instituto Chapot Prevóst.

Alguns anos depois, eu já me encontrava na tarefa no receituário mediúnico na FEIG. Exteriorizado, encontrei-me com o nosso amigo espiritual Calimério, um dos obreiros da Casa que me convidou para ir à sala cinco, no plano espiritual da FEIG, e me apresentou um amigo. Que feliz surpresa! Me vi diante do Paulo, disposto, refeito. A irmã Cacilda, sua mãezinha, feliz. Nosso irmão Paulo estava integrado na tarefa de ajudar na segurança espiritual da Casa de Glacus. O irmão Calimério disse-nos: – O Paulo está consciente de que num futuro, num amanhã, ele tem o compromisso, perante a lei, de reajustar quanto àquele ato que lhe tirou a vida, na ocasião, e também fez com que sua mãezinha viesse a desencarnar, antes do tempo previsto.

Naquele culto acima citado, reencontramos o espírito do irmão Paulo que se encontra na tarefa diretiva da Colônia Espiritual "Aldeia Nova", para onde os espíritos que são socorridos nos cultos nos lares bem orientados, são encaminhados pela equipe do nosso irmão Glacus.

O nosso irmão Paulo informou-nos sobre uma colônia espiritual recém-inaugurada chamada "Cristo em Nós" e que atende espíritos que foram espíritas na última encarnação e sobressaíram no silêncio da tarefa.

Mensagens do plano espiritual nos lembram a importância do Culto Cristão no Lar, assim como as obras espíritas falam com muita propriedade e nos convidam a realiza-lo em nossos lares, pois sabem o valor e a grande importância do culto que beneficia a todos

do lar e, como vimos, a outros espíritos, na maioria com grandes dificuldades espirituais.

25 de agosto de 2008

Evangelho e Ação, p. 4, outubro 2008

Reencontro com o Jarbas

Sinto-me satisfeito por estar presente nas reuniões desde que eu tenho vindo à FEIG. Durante as reuniões, é o nosso irmão Calimério que me aguarda no plano espiritual e me dá as instruções necessárias.

Durante a reunião pública de quinta-feira, 12 de junho de 2008, o nosso irmão Calimério nos convidou mais uma vez para irmos à sala dez do campo espiritual da Fraternidade. A sala dez é uma sala interessante: quando necessário, ela se transforma em uma pequena Igreja do interior. Na noite do dia 12 de junho, os nossos irmãos Calimério e Euzébio fizeram com que eu a observasse mais minuciosamente. Nesse ambiente, estivemos com o Padre Lenz novamente, ele está com a estrutura espiritual mais remoçada, ereto. Ele se dirigiu a mim e disse: – Ênio, aqui está o nosso irmão Benjamim (que foi nessa última existência pai do nosso irmão Jarbas Franco de Paula). Pude observar que chegava nesse instante, com autorização da espiritualidade superior, a nossa irmã Parizina. Ela foi mãe do nosso irmão Jarbas. Algo me chamou a atenção: a nossa irmã, que quando encarnada tinha graves problemas auditivos, se apresentava mais feliz, ela me disse: – Oh, Ênio, hoje eu escuto muito bem. Quando eu estava aí, eu não escutava nada. Foram minhas orações a Deus, com meus padres e meus terços.

De repente a sala dez inundou-se de uma luz suave e eu fiquei no meio entre Calimério e Euzébio. A um sinal do instrutor Euzébio, nos movimentamos em conjunto, lentamente, e então nos encontramos fora do recinto espiritual da Fraternidade.

Eu, exteriorizado, juntamente com esses mentores, alçamos vôo, e eu pude perceber a paisagem tranquila abaixo de nós.

Em dado momento, parecia que tínhamos pousado em um vasto alpendre de um grande hospital, e que surpresa! Vimos que o nosso irmão Jarbas estava de jaleco de enfermeiro ou médico, dando

passes em doentes espirituais que estavam abrigados no instituto (hospital no plano espiritual). No Instituto Chapot Prevóst ficam internados espíritos que desencarnaram rápido e de doenças graves. Muitos espíritos ali acolhidos não têm ainda algum mérito, mas contam com os seus familiares encarnados e desencarnados que já possuem méritos e que oram por eles.

O nosso irmão Calimério nos falou nesse instante: – O nosso irmão Jarbas se dispôs a iniciar pequenas tarefas espirituais, valorizando as bênçãos do amparo que recebia na instituição em que se refazia dos anos da sua última reencarnação aqui na Terra.

Quando o nosso irmão Jarbas me viu, ele sabia que não podia me abraçar. Veio também o nosso irmão Hélcio Wendling que ficou na tarefa da mediunidade mais de 30 anos.

Mais uma vez nos deslocamos, sempre com a orientação diretiva do nosso irmão Calimério que nos informou: – Já estamos chegando na colônia em que nosso irmão Jarbas está abrigado. E o nosso irmão Jarbas me confidenciou: – Ênio, estou liberto enfim. O irmão Calimério continuou: – O aprendizado e o aproveitamento foram excelentes. Oremos.

Pousamos como se fosse em um campo aberto, sob o luar, e o nosso irmão Calimério exteriorizou uma prece acompanhada de um hino cantado pelo irmão Euzébio. Eu senti o meu espírito se elevando.

Não existe privilégio algum dos espíritos para comigo, o que existe é a bondade dos espíritos nos mostrando os aspectos espirituais.

Percebi que todos nós, sob as bênçãos do plano em que nos achávamos, agradecíamos a Jesus com todo sentimento.

Acordei na reunião.

Evangelho e Ação, p. 3, ago. 2008.

O início do receituário mediúnico

Em 1946, passei a frequentar, novamente, as reuniões públicas do Centro Espírita Oriente. Com a minha assiduidade às reuniões de sexta-feira, dirigida pelo Jair Soares, passei a ver com nitidez os espíritos chamados "Mentores da Casa". Não demorou muito e o Jair me convidou para sentar na cadeira, ao lado dele, e a partir daí passei a receber entidades que davam orientações (isto eu percebia, pois, o Jair não me falava o que acontecia).

Numa oportunidade, o nosso irmão Jair me convidou para participar das reuniões de desenvolvimento mediúnico na casa dele, onde funcionava o Grupo Scheilla. O Ranieri também participava e ficava ao meu lado, conversando com os espíritos Oscar Wilde, Charles Baudelaire e outros. Numa noite, chegando para a reunião, o Jair me disse: – Ênio, os espíritos orientaram para você, eu e a Ló ficarmos numa reunião à parte, no barracão dos fundos. Assim foi feito e num outro dia Jair colocou papéis em branco na minha frente, e o irmão Glacus prescreveu duas receitas mediúnicas e assinou-as.

Começava, assim, o receituário mediúnico!

27 de agosto de 2007.

Evangelho e Ação, p. 3, nov. 2009.

O trabalho espiritual na reunião de efeitos físicos

Relato espiritual sobre a reunião de efeitos físicos realizada na FEIG no dia 23 de outubro de 2009.

Esta reunião tem como objetivo o tratamento espiritual em favor de irmãos indicados pelo nosso irmão Glacus, através do receituário mediúnico. São convocados médiuns ostensivos e vibracionais. No plano espiritual, uma equipe de espíritos especializados, cooperam para a realização do atendimento através de recursos oriundos do plano espiritual. A reunião estava prevista para sexta-feira, dia 23 de outubro de 2009, na FEIG, às 20h.

"Naquele dia, às 11h30min., estávamos em nossa casa, quando percebemos a chegada dos espíritos Zacarias, Antenor Diniz, Hélcio Wendling e Leopoldo Meyer, dirigente desta equipe que iria participar da reunião, ajudando na vibração do ambiente. Os espíritos nos informaram sobre os preparativos e como se processaria a reunião e que já estavam se dirigindo para o campo espiritual da Fraternidade. No horário previsto, foi iniciada a tarefa. Já em exteriorização, vimos uma sala simples e uma mesa comprida e algumas presenças que nos surpreenderam, como o irmão Hebert Wendling, que estava agradecido pela oportunidade de colaborar com os espíritos presentes na conexão com os médiuns. Vimos luzes que se metamorfoseavam e faziam todos se sentirem à vontade. Neste instante pudemos ver dois espíritos que adentraram por uma porta lateral, sem dizerem uma palavra: o Helvécio, aparentando mais ou menos 35 anos, e o Afonso Cangussú. Após a prece do nosso irmão Ranieri, com a aquiescência de espíritos superiores que vieram para a reunião, os dois colaboradores receberam um instrumento com o aspecto de um pergaminho de mais ou menos 60 cm por 40 cm que tinha uma substância de cor preta como se fosse um carbono espiritual, o qual desenrolaram e

começaram a passar nas paredes da sala, retirando os miasmas espirituais, o que trouxe tranquilidade para todos.

Iniciou-se então o processo da reunião em favor da enferma que se encontrava repousando na cama de tratamento, tranquila. A cama da enferma ficou iluminada. Antes de deixarmos o ambiente, sentimos que todos os colaboradores médiuns sentiam um grande bem-estar e foram se exteriorizando e se encaminhando para ouvir instruções em salas mais acima, no plano espiritual. Percebemos que quem controlava o pavilhão superior era o professor Rubens Romanelli, que tem uma certa ascendência no campo espiritual da Fraternidade. Notamos que o nosso irmão Eugênio Monteiro estava muito feliz por ter sido indicado pelo Professor Rubens Romanelli para dar continuidade nesta reunião.

Os espíritos superiores presentes, comprometidos com a reunião, estavam com grande satisfação, pois algo de relevante tinha sido iniciado, em favor da enferma, e que, havendo disciplina, outros processos iriam se desenvolver.

Para alegria nossa, bem junto aonde se situava a cabine em que nos encontrávamos, o Professor Rubens Romanelli, a um sinal de um instrutor espiritual, fez a prece de agradecimento ao Divino Amigo, Mestre e Senhor Jesus.

Pudemos identificar outros espíritos presentes: nossos irmãos Fritz Schein, Eric Wagner (mentor da reunião), José Pereira dos Santos, Jarbas Franco de Paula, Jacques Aboab, Afonso Cangussú, Ranieri (dirigente espiritual da reunião), Maria Wendling, Peixotinho, Hellen Mayer, Hélcio Wendling, Prof. Rubens Romanelli, Eugênio Monteiro, Jerry Labatte, Afonso Bittar."

30 de novembro de 2009 – segunda-feira – FEIG.

Evangelho e Ação, p. 6, fev. 2010.

O amparo na recuperação do Ênio

Estava em casa com fortes dores no tórax do lado direito, dores que já sentia há algum tempo. Levantei-me da poltrona e fui até a janela. Via somente os vidros, pois a janela estava fechada.

Estava preocupado, pois sentia que poderia deixar de fazer as tarefas por causa destas dores e precisava comparecer às visitas aos lares. O tempo estava muito frio.

Nesse momento, senti que algo se apresentava para mim, pois passei a sentir a presença dos espíritos se aproximando, envolvendo e trazendo lenitivo em meu favor.

Aproximei mais da janela e fiquei como se estivesse meio alheio frente ao movimento da espiritualidade. De repente me tranquilizei e busquei fazer uma prece simples. Vi junto a mim alguns espíritos e senti um bem-estar maior. Fiz uma prece e fiquei muito tranquilo. Pude então ver e mesmo sentir espíritos amigos. Ainda em prece, senti um grande reconforto. Percebi duas mãos que procuravam meus ombros. Identifiquei este espírito: era Sebastião Boaretto. Belas lembranças surgiram. Percebi que deveria permanecer imóvel; um espírito se aproximou com um recipiente na mão esquerda, que continha um tipo de pomada medicamentosa. Sr. Boaretto então retirou a pomada com as duas mãos, esfregando-as uma na outra, e eu, atento à prece para colaborar com a espiritualidade.

O irmão Boaretto passava a pomada do ombro para baixo até a cintura. Pelo vidro da janela via a fisionomia do Sr. Boaretto e as mãos iluminadas! Ele distribuía a pomada no meu corpo como se fizesse uma massagem. Havia no quarto um silêncio agradável.

Ouvi risos, percebi que eram dos irmãos Palminha e José Grosso. Olhando fixamente ainda a vidraça, pude ver a alegria destes ir-

mãos, quando o irmão Hélcio pediu licença para fazer uma prece. A resposta foi luzes na minha cabeça e algo foi surgindo e fortalecendo meu espírito.

De repente o quarto foi clareando e eu não sentia mais dor, somente paz.

A um sinal do irmão José Grosso, o irmão Antenor Diniz fez uma prece. Mais afastado, tentei olhar para trás.

A voz disse assim: – Permaneça olhando pela vidraça. Os irmãos José Grosso, Palminha, Antenor e Persilva oravam em silêncio. O irmão Boaretto disse assim: – Estou me sentindo muito bem. O nosso irmão Ênio deve melhorar.

Poucos minutos após já não sentia as fortes dores e percebi que estas preces em conjunto dos espíritos me ajudaram intensamente.

Hélcio foi solicitado a fazer a prece final pelo irmão Boaretto que disse: – Irmão Ênio, todos nós já nos encontramos no quadro de irmãos trabalhadores de Jesus.

Surgiu um clarão. Alguns espíritos se aglomeraram no quarto ordenadamente. O irmão Boaretto me mostrou as mãos que brilhavam intensamente e falou: – O tratamento terminou. Graças a Deus!

Aí chorei de emoção...

1º de junho de 2010, quarta-feira

Evangelho e Ação, p. 6, jan. 2011.

O encontro com Lelete

Após o receituário do dia quatro de novembro de 2008, retornando da exteriorização, registrei que a palestra da noite relatava histórias sobre o nosso Chico Xavier. Prontamente relembrei do nosso convívio e do quanto foi bom para o meu espírito. Convivemos com pessoas na tarefa espírita e aprendemos muito com elas – eu particularmente.

Convidado para relatar os acontecimentos de quando exteriorizado naquela noite, compartilhei sobre as "aulas de Evangelho" para os espíritos que reingressam ao plano espiritual. Nestas aulas eles se dedicam a adquirir conhecimentos novos para reforçar o propósito de iluminação para futuros retornos, com mais bagagem e desenvolvimento espiritual. Encontrei com o Geusepe, um dos alunos destas aulas, que disse: – Perdi duas existências... Perdi o tempo de duas existências para que eu pudesse avançar mais.

Neste momento, os irmãos Calimério e Euzébio sugeriram que eu me dirigisse à sala oito, no plano espiritual da Fraternidade, e então, observei que havia muitas novas salas devido à ampliação das instalações da Fraternidade recém-inauguradas no plano físico[74].

Chegando à sala oito vi que vários espíritos sorriam e encontrei o irmão Ranieri numa suave e instrutiva luminosidade que banhou meus olhos e meu espírito. Junto a ele estava o espírito Lelete. Ranieri, ao registrar a minha presença, disse: – Ênio, olha como a Lelete está bonita!

Ela me cumprimentou e disse: – Achei que você já estivesse aqui, Ênio.

74 Em 2008 foi inaugurado um anexo de quatro andares na sede da FEIG, no bairro Padre Eustáquio.

A irmã Lelete estava lendo e escrevendo. Ranieri continuou: – A Lelete, por ter vindo antes do tempo, não perdeu as lições. Aceitou a tarefa de higienizadora aqui no plano espiritual; é uma zeladora. Com este gesto dela estou muito feliz. Quando encarnada ela fazia trabalhos de pintura lindos....

Ranieri abraçou Lelete. Os irmãos Calimério, Euzébio e Rita também me abraçaram. Fluídos e luzes foram emanados fortalecendo a todos.

Saímos todos da sala oito e percebi que as salas quatro, seis e dez estavam iluminadas. Chamou a minha atenção o fato de a sala dez estar iluminada e com o formato de uma igrejinha do interior – forma esta plasmada pela mente de espíritos superiores. Estava repleta de espíritos que lá rezavam o terço católico.

Neste momento foram chegando o Padre Levi com o Padre Targino e o pai do nosso irmão Jarbas. Padre Levi chegou perto de nós e disse: – Nunca pensei em ir para o céu. Só queria ajudar.

Belas experiências como estas nos mostram a Misericórdia Divina metamorfoseando espaços de acordo com as necessidades e crenças de cada um.

Naquela mesma noite recebi a informação de que o Padre Targino e o Padre Levi se encontram em outras instâncias espirituais e que, naquele dia, à meia-noite, sairiam em visita a enfermos.

Todos se despediram. Ranieri e Lelete também. A intensidade da luz foi diminuindo até que despertei da exteriorização e passei a ouvir a palestra sobre o Chico.

Evangelho e Ação, p. 4, out. 2013.

O mergulho para o socorro

Estava na Reunião de Efeitos Físicos no último sábado de setembro de 2013, na FEIG. A reunião começou e, já exteriorizado, percebi que caminhava de braços dados com a irmã Scheilla e com o irmão Eric Wagner, tendo à frente o irmão José Grosso. Estávamos em uma estrada com muito verde, quando avistamos um rio de grande beleza e que me parecia familiar.

Era uma região bela, cheia de vegetação e uma ótima sensação de bem-estar pela pureza do ar tomou conta de mim. Percebi muitas flores, plantas diferentes e a presença de animais, pássaros que ali se movimentavam numa leveza interessante e emitiam sons serenos.

Quando alcançamos a margem do rio, permaneceu comigo apenas o irmão José Grosso e dois outros espíritos, de aproximadamente 40 anos, que já estavam lá e pareciam nos aguardar. Assim orientaram: "Tenha coragem de descer ao fundo do rio. Mergulhe e retire um espírito que está no fundo."

Naquele momento a preocupação que me veio foi a de retornar molhado para casa.

Mergulhei... Simultaneamente recebia orientações daqueles dois espíritos sobre como proceder para a retirada daquele espírito, segurando a sua cabeça com as duas mãos.

Foi quando percebi que no fundo daquele rio havia um carro que caíra com uma pessoa que desencarnara e seu espírito ainda estava ali. Aproximei e retirei o espírito conforme as orientações recebidas.

Ao retornar à margem, os dois espíritos que me orientaram estavam com uma maca na qual o "socorrido" foi colocado. Foi quando es-

cutei sem conseguir identificar quem falava: – Meu filho! Graças a Deus!

Os dois espíritos socorristas me olharam, piscaram ternamente como em agradecimento e indicaram, com um sinal, que eu permanecesse em silêncio.

Ao sair da água senti novamente a sensação de bem-estar ao respirar aquele ar puro. Acordei na reunião e percebi que não estava molhado. Porém, aquela sensação de contato intenso com a água me acompanhou após ter retornado para a minha casa naquela noite.

Sentimos uma imensa gratidão a Deus, ao nosso irmão Glacus e a todos os espíritos mentores que nos proporcionam oportunidades como esta de servir em nome de Jesus.

21 de outubro de 2013

Evangelho e Ação, p. 4, jan. 2014.

O tempo passa

Meus irmãos, aqui na nossa Fraternidade Espírita Irmão Glacus o tempo passa.

As tarefas que realizamos nos fazem tão bem que nem vemos o tempo passar.

Os Superiores Amigos Espirituais nos mostram o porquê de estarem aqui e o que fazem em nosso favor.

Estão no socorro aos espíritos sofredores que aqui aportam.

Nos levam aos departamentos onde há só dores.

Aqui os departamentos espirituais funcionam como hospitais e também amparam os espíritos familiares daqueles que adentram a FEIG.

A Casa se transforma em um grande hospital.

Espíritos menos felizes aqui se encontram e recebem a bênção da luz.

A água fluidificada fica limbada de luz e dilata as nossas possibilidades mediúnicas.

A bondade dos amigos superiores chamados "Mentores" nos intui e ajuda sempre.

Na semana passada pude cumprimentar o Jacques Aboab, ele me deu um abraço tão forte, fiquei com uma sensação tão boa, que passei a respeitar ainda mais este espírito.

Encontrei ainda oito dos meus irmãos que já partiram e que estão na tarefa no plano espiritual. Abraçamo-nos.

Que a nossa Fraternidade Espírita Irmão Glacus possa continuar nos ajudando. Nosso Glacus está sempre presente, ele tem uma luminosidade perene e suave.

Somos ajudados noite e dia, nos 365 dias no ano.

Com a autoridade que essa Casa tem, ela emana sempre imenso amor.

9 de fevereiro de 2010

Evangelho e Ação, p. 3, dez. 2013.

Índice

Este índice foi elaborado para facilitar a identificação das pessoas e instituições citadas nos relatos de Ênio Wendling. Listados em ordem alfabética esses nomes aparecem exatamente como foram citados pelo médium. Assim é preciso consultar, por exemplo, João e João da Silva, pois esta pessoa pode ter sido citada somente pelo primeiro nome em alguns relatos e pelo nome completo em outros. É possível ainda que o João citado em algum relato, não seja exatamente o João da Silva de outros, porque nem sempre foi possível realizar este controle onomástico. Não nos arriscamos, portanto, indicar remissivas ou outras relações possíveis entre os nomes, essa tarefa só poderia ser executada de maneira efetiva pelo próprio Sr. Ênio.

Aarão Reis, 136, 221, 222, 223, 286
Abdul Simas, 62, 162
Acácia, 340
Acácio, 45, 46, 47
Acassio Cassiofi, 36
Acrísio, 109
Aderbal Ramos, 38,62
Adiraldo Vieira, 58, 167, 325
Adolfo Gleber, 187
Adolpho Bezerra de Menezes, 285, 330
Ady, 58, 325, 326
Ady Souza Coutinho, 325
Afonso, 42, 355, 328, 361
Afonso Bittar, 37, 42, 298, 358, 371
Afonso Cangussú, 355, 370, 371
Alaíde, 230, 231
Alan, 326
Alaor, 41
Alarico, 60
Alberto, 16
Alberto Mizrahy, 273, 345
Alcione, 58, 59,75
Alencar, 143
Alexandre, 43
Alexandre Ver, 90
Alfredo, 97, 172, 174, 177
Alice, 45, 313
Aline, 323
Almir, 224, 226
Alpha, 320
Alpha Boaretto, 89, 319
Altair, 322, 323, 77,78

Alzira, 103, 104, 105, 133, 140
Amadeu, 62
Amalia Domingo Soler, 149, 316
Amauri, 133, 267
Américo, 211
Ana, 45, 205
Ana Luíza, 103, 104, 105
Ana Luíza de Jesus, 192
Anália Franco, 194, 195
André, 121, 122
André De Lamare, 302, 303
André Luiz, 85, 107, 119, 126, 131, 132, 147, 186, 257, 273
Andréia Wendling, 352
Anésia, 194
Ângela, 197, 198, 312
Angélica, 264, 265
Angelina, 62, 356
Anne, 295
Anôr, 298, 360
Anôr de Souza, 360
Anselmo , 27, 178
Antal, 211
Antal Bodolay, 211
Antal Schober, 211
Antenor, 373
Antenor Diniz, 370, 373
Antonieta, 155
Antônio, 94, 95, 96, 211
Antônio Balbino, 168
Antônio Cavalieri, 36, 193
Antônio Flores, 136
Antônio Loureto Flores, 193, 136
Antônio Machado, 282
Antônio Vasconcelos, 36
Antunes, 112
Araci, 128
Araújo, 56
Arlanche, 75, 298, 42
Arlindo, 86, 87, 202, 203
Arlindo Correia da Silva, 203
Astila, 191, 192
Ataíde, 187, 188
Ataíde Lemos, 187,188, 292, 293,
Átila, 97
Atílio, 54
Augusta, 53, 309
Augusta Lemos, 80
Augusto, 56
Augusto Santos, 66
Aurides, 279, 280
Aurora, 62,63
Aurora Izabel, 63
Ballesteros, 87
Barão de Chantal, 123, 127
Barbosa, 140, 178, 270, 289, 290, 298, 336, 359
Baronesa de Chantal, 123, 127
Bayard, 74
Benedito, 272
Benjamim, 367
Bezerra, 330
Bezerra de Menezes, 85, 106, 115, 136, 191, 192, 285, 313, 329, 330, 331

Bibiano, 352
Boaretto, 372, 373, 319, 320
Bodolay, 211, 212
Braulina, 352
Bruno, 36
Bulhões, 154, 155
C., 290
C. Castro, 290
Cabete, 81, 106, 107, 140, 160, 161, 174, 176, 178, 212, 255, 259, 270, 272, 273, 275, 282, 289, 297, 298, 309, 323, 336, 338, 344
Cacilda, 57, 64, 65, 275,365
Cacilda França, 57
Cairbar Schutel, 75
Calimério, 18, 19, 20, 23, 25, 26, 27, 34, 41, 44, 49, 57, 58, 60, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 87, 88, 92, 93, 99, 100, 101, 103, 106, 107, 110, 111, 112, 114, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 137, 138, 139, 143, 145, 146, 148, 150, 151, 153, 163, 166, 167, 169, 170, 183, 186, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 211, 212, 213, 217, 220, 221, 222, 224, 227, 228, 232, 233, 235, 236, 237, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 250, 251, 252, 257, 259, 264, 266, 269, 271, 272, 273, 274, 275, 282, 283, 294, 299, 300, 301, 303, 304, 305, 307, 310, 311, 314, 316, 317, 325, 326, 329, 331, 333, 340, 344, 346, 348, 349, 354, 355, 358, 360, 362, 363, 365, 367, 368, 374, 375
Camile, 295
Camile Panachouk, 295
Camilo Flamarion, 24
Camponesa, 43, 314, 315
Campos Vergal, 43
Ção, 208, 209, 210
Carlinhos, 28
Carlos, 344
Carlos Catão, 174, 240, 312,
Carlota, 153, 154, 155
Carmem Cinira, 145, 147
Carmem Lúcia, 309
Carmensita, 51, 53
Carol, 294, 295
Carolina, 295
Carvalho, 267
Casa Espírita André Luiz, 44, 131, 268, 275, 314
Catão, 174, 240, 255, 269, 312,
Cavalieri 36, 42, 75, 298
Cel. José Francisco de Macedo, 222
Célia Travassos, 135, 136
Centro de Educação Infantil José Grosso, 340
Centro Espírita Amor e Caridade, 18, 136, 145, 168, 311
Centro Espírita Felipe Santiago, 87
Centro Espírita Luiz Gonzaga, 288
Centro Espírita Manoel Felipe Santiado, 265
Centro Espírita Oriente, 15, 56, 98, 109, 131, 136, 150, 153, 161, 190, 200, 205, 216, 219, 221, 222, 293, 322, 346, 351, 352, 354, 355, 358, 364, 369

Centro Oriente, 11, 46, 47, 49, 62, 64, 131, 151, 188, 202, 226, 277, 286, 286, 303, 358, 359
Cerezo, 172
Chapot Prevóst, 64, 70, 186, 187, 188, 196, 197, 282, 310, 365, 368
Charles Baudelaire, 133, 333, 369
Chico, 59, 84, 85, 106, 288, 375
Chico Xavier, 80, 84, 106, 119, 125, 126, 127, 130, 137, 147, 160, 287, 323, 374
Chiquinho, 278
Cícero Pereira, 298
Cidade da Fraternidade, 28, 29
Cidão, 84
Clandira, 282, 283
Cláudio, 16
Cleomar, 44, 172, 173, 174, 176, 177,178, 280, 309, 312, 313, 314, 315, 356
Clotildes, 15, 17
Clóvis, 299
Colégio da Fundação Espírita Irmão Glacus, 98, 111
Colônia Alvorada Nova, 122
Colônia Espírita Santa Izabel, 43
Colônia Espiritual Aldeia Nova, 365
Conceição, 208
Congregação da Visitação de Maria, 123
Conrado, 21
Coral da Fraternidade, 160, 279
Coral Espírita Irmão Glacus, 295, 297, 298
Coral Irmã Scheilla, 299
Coral Scheilla, 77, 134, 190, 192, 247, 322
Cornélio Pires, 161
Creche Irmã Meimei, 34
Cristo em Nós, 365
Cristo Horta, 90
Cristóvão, 27, 178,
Cristóvão Pinto Ribeiro, 172
Cruzado do Bem, 66
Custódia, 43, 44, 314
Danilo, 342
De Lamare, 302, 303
Desidérium, 282
Deumitina, 141, 142
Deumitina Baumgratz, 141, 142
Deuzinha, 349
Diana Dias Souza, 15
Dias da Cruz, 174, 239, 240, 260,
Dica, 205
Dimitri, 121, 122
Dirceu, 86, 87, 265, 313
Dirceu Prado, 265
Dirceu Prado Moreira, 86
Dito, 29, 30,
Djalma, 202, 203, 355
Djalma Alvarenga, 161, 202, 355
Dulmar, 130
E., 207, 208
Edgar Souza, 214
Edith Horta, 28
Edson, 253

Efigênia França, 267, 132
Elesbão, 231
Elias, 225
Elias "Turco", 225, 226
Elias Humberto, 226
Elizabete, 66
Elizabeth, 100, 101
Elizabeth Santos, 253
Elvira, 28, 29, 30, 132
Elvira Soares, 157
Elza, 190, 191, 192
Emeric, 211, 212
Emílio, 192
Emmanuel, 84, 85, 137, 258, 281, 288,
Ênio, 11, 12, 13, 18, 23, 27, 30, 60, 62, 65, 74, 77, 82, 87, 92, 98, 110, 114, 116, 117, 128, 129, 136, 138, 139, 142, 158, 188, 201, 207, 208, 209, 211, 212, 214, 217, 232, 233, 234, 251, 253, 257, 262, 265, 277, 280, 290, 293, 295, 317, 323, 325, 327, 328, 333, 339, 342, 343, 344, 348, 352, 354, 355, 358, 360, 361, 363, 368, 369, 372, 373, 374, 380
Ênio Wendling, 11, 12,15, 18, 23, 126, 133, 136, 172, 214, 283, 322, 327, 343, 367, 380
Erca Haloon, 213
Ercília, 262
Eric Wagner, 24, 174, 255, 269, 299, 312, 313, 323, 338, 339, 360, 371, 376
Érika, 348
Ernesta, 222, 286,
Ernesto, 21, 22
Erzsi, 211
Estevão, 298
Eugênio Monteiro, 161, 174, 195, 204, 255, 344, 371
Eurípedes, 84
Eurípedes Barsanulfo, 23, 73
Eustáquio, 200, 262
Euzébio, 25, 27, 49, 88, 100, 101, 107, 110, 111, 117, 138, 139, 148, 166, 167, 168, 169, 172, 193, 224, 232, 233, 242, 269, 271, 275, 282, 292, 299, 300, 304, 305, 306, 316, 325, 326, 329, 331, 333, 340, 346, 354, 367, 368, 374, 375
Evangelina, 89, 90
Fabiano, 351, 352,
Fábio, 158, 302, 303, 313
Fábio Machado, 126, 129, 157, 302, 312
Fazenda da Prata, 186, 187
Fazenda Eureka, 298, 302, 303
Felipe Santiago, 87
Ferens, 24, 97, 183, 185, 211, 212, 227, 285
Fernando, 69, 70
Fidélis, 257, 344
Fidélis Chamone Jorge, 257, 333, 338, 347
Flamínius Crasso, 18, 19, 20
Francisco, 42, 52, 59, 95, 96, 112, 211
Francisco Cândido Xavier, 12, 259, 281, 287
Francisco de Salles, 123, 127
Francisco Fiorentino, 58
Francisco Lins Peixoto, 125
Francisco Xavier, 59, 247

Fraternidade Espírita Irmã Scheilla, 190
Fraternidade Espírita Irmão Glacus, 11, 14, 23, 98, 268, 278, 378, 379
Fraternidade Henrique Diniz, 34
Frei Henrique, 224, 225
Frei Humberto, 224, 225, 226
Fritz, 21, 22, 49, 50, 72, 159, 167, 271, 312, 313
Fritz Schein, 71, 106, 159, 167, 227, 228, 270, 285, 323, 338, 353, 371
Fundação Espírita Irmão Glacus, 98, 111, 214, 256, 276, 308, 342, 351, 362,
G., 145, 146
Garcês, 202, 215
Garcia, 41, 75, 356,
Gastão, 70, 74,
General K, 78
Georgina Araújo, 168
Geraldo, 44
Geraldo Apolinário, 32
Geraldo Prata, 308
Geraldo Rabelo, 44
Geusepe, 374
Gigi, 308
Gildásio, 355
Gilson, 260
Giovanni, 183, 184,
Giro, 265
Giro Takahaschi, 265, 269, 312,
Giselma, 260
Glacus, 12, 15, 32, 35, 49, 50, 56, 58, 59, 65, 69, 71, 74, 75, 76, 82, 85, 87, 88, 97, 98, 101, 106, 114, 115, 117, 122, 148, 156, 160, 161, 162, 167, 174, 176, 193, 200, 202, 203, 211, 214, 215, 216, 227, 231, 235, 236, 239, 240, 242, 244, 254, 255, 257, 260, 267, 270, 277, 278, 283, 287, 289, 291, 298, 299, 305, 306, 307, 308, 317, 319, 321, 322, 323, 324, 329, 330, 336, 337, 338, 339, 344, 346, 351, 353, 363, 365, 369, 370, 377, 379
Glacus Flamínius, 214, 351
Glauria, 344
Glória, 109, 110
Gonzales, 46
Grolic, 327, 328
Grupo Aniceto, 267
Grupo Batuíra, 41, 59
Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla 27
Grupo da Fraternidade João Ramalho, 162
Grupo da Fraternidade Joseph Gleber, 354
Grupo de Sagre, 267
Grupo Espírita Joseph Gleber, 162
Grupo Flácus, 36, 267
Grupo Irmã Scheilla, 126
Grupo Irmão Batuíra, 59
Grupo Irmão Joseph Gleber, 360, 361
Grupo Irmão Otto, 59
Grupo João Ramalho, 36,41
Grupo José Grosso, 267
Grupo Joseph Gleber, 267
Grupo Rochester, 267
Grupo Scheilla, 27, 28, 41, 57, 131, 132, 157, 159, 191, 290, 293, 299, 314, 352, 354, 360, 369

Guilherme, 22
Guilherme Frederico, 22
H., 207, 208,
Hans, 21, 22
Hebert, 22
Hebert Wendling, 359, 370
Hélcio, 62, 139, 140, 188, 250, 251, 271, 271, 276, 277, 278, 297, 309, 373
Hélcio Wendling, 38, 139, 140, 178, 270, 273, 275, 354, 368, 370, 371
Helen, 285
Hélio, 250, 251
Hellen Mayer, 24, 42, 50, 98, 183, 235, 236, 270, 285, 312, 313, 323, 338, 353, 371
Helvécio , 292, 370
Henrique, 80, 224,
Henrique Birman, 308
Henrique Rodrigues, 201, 347
Henrique Zarnovski, 224, 226
Herbert, 21,22, 250
Hilarina Travassos, 135
Hilda, 309
Hospital Carlos Chagas, 107
Hospital de Tuberculosos, 203
Hospital Espírita André Luiz, 131, 273
I., 208
Idígoras, 46
Ilka, 17, 197
Instituto Chapot Prevóst, 64, 186, 187, 197, 282, 310, 365, 368
Instituto da Luz, 275
Iraci, 295
Irmã Dulce, 247, 248
Ismael, 101
Ivan, 250, 251, 295
Ivan Prieto, 66
Izabel, 63, 222, 335,
Izabelinha, 208, 209
J. S., 82
Jacques Aboab, 352, 371, 378
Jadir, 89, 294, 295, 296,
Jair, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 142, 158, 159, 172, 188, 215, 267, 268, 270, 297, 303, 359, 369, 201
Jair Soares, 15, 36, 38, 54, 62, 66, 126, 132, 157, 178, 188, 190, 201, 202, 215, 267, 272, 273, 282, 289, 290, 302, 303, 307, 352, 359, 360, 369
Januária, 59
Jarbas, 27, 34, 60, 109, 119, 166, 191, 259, 260, 308, 367, 368, 375
Jarbas Franco de Paula, 43, 191, 260, 367, 371
Jatir, 42, 117
Jean Michel, 150, 151, 152
Jean Michel Borgot, 150, 152
Jerônimo de Mendonça, 115
Jerônimo Mendonça, 106, 115
Jerônimo, o Bobo, 19, 20
Jerry Labatte, 298, 302, 371
Jesiel, 34
Jesus, 16, 22, 33, 39, 50, 61, 62, 70, 72, 74, 76, 77, 80, 81, 87, 90, 100, 105, 108, 114, 115, 117, 118, 122, 132,

139, 141, 149, 175, 205, 206, 212, 220, 228, 234, 244, 245, 247, 249, 258, 265, 271, 284, 303, 306, 316, 319, 323, 327, 328, 330, 335, 361, 368, 371, 373, 377
Joana, 124
Joana de Chantal, 123, 124
Joana Francisca Frémiot, 123
Joanna de Ângelis, 112, 174, 218, 219, 220, 260, 285
João, 205, 344, 348, 349
João Cabete, 81, 106, 160, 212, 259, 275, 282, 289, 297, 309
João Nunes Maia, 260
João Pipoca, 43
Joaquim Godoy, 327
Joaquim Portugal, 41
Johnny, 170, 268
Jorge, 143, 222
Jorge "Turco", 221, 225, 226
Jorge Braga, 143
Jorge Miguel, 221, 222
José Afonso, 37
José Brasil, 333
José Cristo Horta, 134
José dos Lotes, 221, 222, 223
José Grosso, 17, 37, 46, 48, 60, 75, 92, 98, 122, 130, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 143, 153, 154, 155, 159, 173, 174, 177, 182, 191, 195, 205, 214, 215, 219, 220, 231, 232, 233, 234, 237, 242, 246, 247, 254, 255, 262, 263, 267, 270, 276, 277, 278, 279, 280, 283, 294, 302, 312, 313, 325, 326, 334, 335, 338, 340, 353, 359, 360, 365, 372, 373, 376
José Leonardo, 309
José Luiz Ribeiro, 34
José Maria, 313
José Maria Reis, 355
José Pereira dos Santos, 371
José Persilva, 188, 267
José Persilva Filho, 133, 190
José Rocco, 222
José Travassos, 36, 75
José Xavier, 221, 222
Josefa, 47
Joseph, 97, 129, 139, 173, 174, 178, 195, 227, 267, 270, 323, 338, 359, 360
Joseph Gleber, 31, 32, 41, 97, 106, 127, 131, 132, 139, 159, 162, 173, 177, 178, 239, 240, 255, 302, 312, 313, 353, 354, 355, 360, 361
Josias, 68
Josué Irf, 355
Jovanka, 183
Juanito Queiroga, 51
Jucai, 59, 287, 288
Judite, 56
Júlia, 231, 313
Juliana, 112
Julieta, 176
Júllio, 36, 42, 298
Juramália, 178
Kaja Chrisna, 309
Kardec, 238, 327
Karina, 71, 72

Karl, 285
Klinkliewnisk, 93, 213
Kutleza, 183, 184, 185
Ladimir, 254
Laís, 44
Lambari, 82
Laura, 90, 134, 135, 178
Laura Cristo Horta, 134
Leda, 296
Leir, 269
Leivina, 180, 181
Lelete, 374, 375
Léo, 341, 342, 343
Leon, 305, 307
Leonardo, 112
Leonardo Baumgratz, 141, 142
Leonardo da Vinci, 342
Leonardo Pôncios, 112
Leôncio, 311
Leopoldo, 21, 22, 127, 287
Leopoldo Meyer, 370
Letícia, 245, 246
Levy Guerra, 133, 267
Lídio, 172, 178, 298,
Lídio Diniz, 42
Liduína, 356
Lígia, 280
Lila, 37
Lísias, 273, 274
Liszt, 130, 306, 307
Ló, 17, 125, 127, 128, 129, 131, 132,142, 130, 157, 159, 172, 178, 192, 215, 247, 267, 282, 289, 297, 309, 369
Ló de Barros Soares, 125
Lola, 121
Lourdes, 43, 44
Lucas, 282, 283, 284
Lucas Nunes, 282, 308, 354
Lúcia, 45, 46, 188
Luciana, 305, 306, 307
Luiz Sobreira, 41, 75
Luiza, 56, 260, 312
Luíza Nery, 269
M., 207, 208
M. S., 82
Machado, 352
Magri, 211
Maísa, 313
Manoel Tibúrcio, 106, 115
Marcelo, 254, 262
Marcelo Guimarães, 262
Margarida, 211
Maria, 27, 30, 52, 123, 141, 202, 203, 313
Maria Ângela, 196, 197, 198
Maria Carlota, 153, 154, 155
Maria Carmem, 174
Maria da Conceição Wendling, 222
Maria da Glória Moura Costa, 172
Maria Dolores, 80, 146, 260
Maria João de Deus, 85
Maria José, 52, 53
Maria Lúcia, 187
Maria Luiza, 260
Maria Martins Fernandes, 176
Maria Rothéia, 62, 356

Maria Vieira, 56
Maria Wendling, 103, 105, 135, 136, 243, 250, 295, 371
Mariangela, 64
Mariinha, 104, 140
Marilda, 313
Marilusa, 341, 342
Marilusa Vasconcelos, 341, 343
Mário Veloso, 172
Mariquinha, 62
Marise, 135
Marta, 313
Mary, 172
Meimei, 34, 134, 146, 218, 220, 300, 335, 338, 356
Mercedes, 358, 359
Mescoli, 356
Mesquita, 258
Mesquita de Carvalho, 257
Mickiko Onada Kachisaburu, 151
Mil Réis, 28
Milton, 176, 310, 311, 356
Milton Fonseca, 310, 311
Miramês, 260
Miriam, 86, 87, 195
Mocidade Espírita, 285
Mocidade Espírita Joanna de Ângelis, 220
Mocidade Espírita Maria João de Deus, 98
Monsenhor Bicalho, 333
Monsenhor Horta, 160, 246, 247, 248, 327, 333
Montezuma, 221, 286
Mozart, 74
N., 145,146
Nair, 75, 272, 356
Naná, 56
Narcisa, 310, 311
Nazaré, 256
Neiry, 254, 312, 349
Neusa, 196, 198
Neusinha, 196, 198
Newton, 347
Newton Boechat, 347
Newton de Barros, 146, 333
Nhazinha, 52, 53
Nida, 27
Nilo, 82,83
Nosso Lar, 57, 107, 119, 120, 177, 178, 186, 215, 273, 274, 275, 278, 300, 310, 325
Núcleo Assistencial Hugo Werneck, 262
Núcleo Elizabeth Santos, 253
Numa Tarquínius, 19
Nuncíata, 36
Olívia, 87, 265
Omar, 117
Omar Ganem, 214, 254
Organização Social Cristã André Luiz, 42, 132
Orlandina, 349
Orlando, 36, 62
Orlando Brito, 41, 162
Orlando Costa, 41, 191
Orlando Rios, 75

Orlando Riso, 41, 58, 59
Ormindo, 43
Oscar Wilde, 133, 369
Osiris, 16
Osmar Assad, 27
Otaísa, 212, 213, 362
Othon, 217
Othon Moreira, 217
Otto, 59, 137, 139, 140, 173, 174 227, 277, 278, 309, 313, 338
Otto Franz, 285, 344
Otto Franz Schorr, 38, 309
Otto Schorr, 323
Padre Eustáquio, 224, 226, 334, 374
Padre Germano, 148, 149, 316
Padre Henrique, 224
Padre João de Dom Bosco, 155
Padre Lenz, 367
Padre Levi, 333, 375
Padre Targino, 375
Padre Vicente de Paulo, 124, 127
Padre Vítor, 224, 246, 333
Palminha, 75, 82, 98, 129, 131, 133, 134, 138, 159, 173, 174, 177, 195, 205, 206, 219, 231, 233, 235, 236, 246, 247, 254, 255, 262, 267, 269, 270, 277, 278, 280, 283, 294, 301, 312, 313, 338, 353, 359, 360, 372, 373
Palmira,121
Parizina, 308, 367
Passini, 356
Patrícia, 349
Patrícia Wendling, 342
Patrocínio, 112
Paulo, 64, 65, 140, 176, 177, 250, 251, 364, 365
Pedro, 294, 296
Pedro Alcântara, 112
Pedro Braichi, 150
Pedro de Camargo, 333, 338
Pedro Ziviani, 227
Peixotinho, 125, 126, 127, 128, 130, 157, 158, 201, 202, 203, 290, 312, 313, 371
Persilva, 143, 191, 373
Petrônio, 59
Políbio, 352
Pompílio Severus, 19
Ponciana Sorriento, 112
Pristila, 51, 53
Prontocor, 17
Publius Lentulus, 84
Quim, 180, 181, 182
Quincas, 180, 181, 182
Quinto Varros, 19, 20,
Quinzinho, 180, 182
R. R., 163
Raimundo Lemos, 186
Ranieri, 125, 126, 128, 132, 140, 154, 158, 178, 260, 267, 270, 272, 273, 289, 297, 298, 307, 309, 333, 336, 358, 369, 370, 371, 374, 375
Raphael Ranieri, 338
Raquel, 306, 307
Raul, 295
Renoir, 342
Ricardo, 265

Rita, 25, 71, 80, 87, 103, 117, 199, 200, 250, 251, 257, 274, 292, 294, 300, 302, 304, 309, 314, 346, 348, 354, 362, 375

Rita de Cássia, 57, 71, 73

Rodrigo, 89

Rogério, 15, 16, 89

Rolleman, 271

Romanelli, 23, 98, 110, 160, 207, 213, 257, 258, 259, 272, 273, 317, 333, 338, 347, 362, 371

Rosa, 36, 52, 53

Rosália, 348

Rosinha, 37

Rubens, 74

Rubens Maia, 358

Rubens Romanelli 23, 98, 110, 160, 207, 212, 213, 257, 258, 259, 317, 333, 338, 347, 362, 371

Rubina, 167

Ruth, 80, 81, 308, 335

Ruth Birman, 80,187, 260, 308

S. João, 238

S. Z., 93, 94, 95, 96

Sacramento, 187, 188

Sadu, 34

Sadu Ramar, 34, 122, 187, 319, 320, 364

Salvador 52, 53, 225

Samaritanas do Bem, 177, 178

Sandra Freitas, 342

Santa Joana de Chantal, 123

Santos, 66

São Francisco de Salles, 123, 127

São Vicente de Paulo, 124, 127

Scemisch, 93

Scheilla, 41, 80, 97, 98, 106, 107, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 139, 143, 145, 147, 157, 159, 173, 176, 177, 187, 190, 191, 195, 198, 201, 205, 218, 219, 227, 235, 236, 246, 255, 267, 270, 298, 312, 317, 323, 336, 338, 344, 353, 355, 356, 358, 359, 360, 361, 376

Schober, 211, 212

Schuatzer, 348

Sebastião, 86, 174, 255

Sebastião Boaretto, 320, 372

Sebastiao Lasnout, 68, 161, 356

Sérgio, 16

Sheilla, 17

Silvia, 205, 255, 264

Simão, 37, 361

Simão Bittar, 42, 298, 354, 361

Sisenmisc, 213

Solar da Irmã Rita , 274

Solar dos Aprendizes do Amor e da Solidariedade, 306

Sóler, 149

Soraia, 312

Soreano, 49,5

Sumaia, 174, 239, 240, 269

Tânia, 312

Tatu, 262

Tenda do Silêncio, 90

Tenente Clóvis, 299

Tereza, 69, 70

Terezinha, 280
Terezinha Flores, 75
Terezinha Maia, 279
Thaís, 44
Tobias, 15
Toni, 36
Toninho, 358, 359
Travassos, 42, 298,
Tuté, 133, 190, 191, 192
Ubirajara, 319, 320, 364
Uemoto, 158, 286
Ulisses, 230, 231
Uruguaiano, 136, 221, 223, 286
Valadão, 90
Valter, 300,301
Vanessa, 160
Vasco, 239, 240, 255, 269
Vasco Araújo, 255
Venâncio, 26, 141, 153, 155, 199, 200, 242, 243, 244, 293, 299, 304, 352
Ver, 89
Veraldino, 74
Vicente, 278, 294
Vicente Wendling, 294, 295
Victor Hugo, 114
Vieira, 279
Vilmos, 211
Vinicius, 265, 312
Vinicius Lúcius, 20
Vinicius Petronius , 244
Virgílio de Almeida, 130, 201
Vita, 51, 52
Vitória, 51, 52, 53
Vovô Lemos, 186,187, 188, 308
Vovô Ziviani, 221, 222
Wanda, 42, 117, 254, 313
Wellington, 295
Welson,,275
Welson Barbosa, 272, 273, 275
Wenner, 228
Werley, 65, 250,251, 295
Weston, 21, 22, 140, 250, 251
Weston Wendling, 21, 22, 186
William, 171
William Knock, 170
Wolney, 312
X, 94
Yoquim, 21,22
Zacarias, 107, 108, 370
Zacarias de Castro, 107
Zilda Gama, 114
Zina, 180, 181
Zizi, 133, 215
Zizi Guerra, 267
Zózimo, 36

FRATERNIDADE ESPÍRITA IRMÃO GLACUS